



SALLY ROONEY

AUTORA DE *PESSOAS NORMAIS*



BELO MUNDO, ONDE VOCÊ ESTÁ



COMPANHIA DAS LETRAS





SALLY ROONEY

Belo mundo, onde você está

Tradução

Débora Landsberg



Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
Epígrafe

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Quando escrevo algo, frequentemente penso que aquilo é muito importante e que sou uma grande escritora. Acho que acontece com todos. Mas há um cantinho da minha alma onde sempre sei muito bem o que sou, isto é, uma pequena, pequena escritora. Juro que sei. Mas não me importa muito.

Natalia Ginzburg

1

Uma mulher estava sentada no bar do hotel, olhando a porta. Sua aparência era elegante e asseada: blusa branca, o cabelo louro enfiado atrás das orelhas. Ela deu uma olhada na tela do celular, que mostrava um aplicativo de mensagens, e tornou a fitar a porta. Era fim de março, o bar estava sossegado, e, do lado de fora da janela, à sua direita, o sol começava a se pôr sobre o Atlântico. Eram sete horas e quatro minutos, e depois cinco, seis minutos. Por alguns instantes e aparentemente sem nenhum interesse, ela examinou as unhas. Às sete e oito, um homem entrou porta adentro. Era franzino e tinha o cabelo escuro, o rosto estreito. Ele olhou ao redor, analisando a fisionomia dos outros clientes, e então pegou o celular e verificou a tela. A mulher junto à janela o notou, mas, além de observar, não fez nenhum esforço a mais para chamar sua atenção. Pareciam ser mais ou menos da mesma idade, ter vinte e tantos ou trinta e poucos anos. Ela deixou que ele ficasse de pé ali até vê-la e se aproximar.

Você é a Alice?, ele perguntou.

Eu mesma, ela respondeu.

Ah, eu sou o Felix. Desculpa o atraso.

Em tom amável, ela disse: Não tem problema. Ele perguntou o que ela queria beber e depois foi ao balcão fazer o pedido. A garçonete quis saber como ele estava, e ele respondeu: Legal, e você? Pediu uma vodca com tônica e um copo de cerveja. Em vez de levar a garrafa de água tônica para a

mesa, ele a esvaziou no copo com um movimento ágil e ensaiado do punho. A mulher à mesa batucou os dedos no porta-copos, esperando. Transparecia ter ficado mais alerta e animada desde que o homem chegara. Ela olhou para fora, em direção ao pôr do sol, como se fosse de seu interesse, embora não tivesse prestado nenhuma atenção nele antes. Quando o homem voltou e pôs as bebidas na mesa, uma gota de cerveja transbordou, e ela a observou cair ligeiramente pela lateral do copo.

Você estava falando que acabou de se mudar pra cá, ele disse. É isso mesmo?

Ela fez que sim, deu um gole na bebida, lambeu o lábio superior.

Por que foi que você fez isso?, ele perguntou.

Como assim?

É que não é muito comum as pessoas se mudarem pra cá. O mais normal é que elas se mudem daqui. Você não está aqui por causa de trabalho, né?

Ah. Não, não exatamente.

Um olhar rápido entre eles pareceu confirmar que ele esperava uma explicação mais detalhada. A expressão dela vacilou, como se tentasse tomar uma decisão, e então deu um sorrisinho informal, quase conspiratório.

Bom, eu já estava querendo me mudar para outro lugar, ela contou, e aí ouvi falar de uma casa que fica na entrada da cidade — uma amiga minha conhece os donos. Parece que eles estão tentando vender há séculos e acabou que resolveram procurar alguém para morar nela enquanto não conseguiam. Em todo caso, achei que seria legal morar perto do mar. Acho que foi uma atitude meio impulsiva, na verdade. Então... Mas a história toda é essa, não tive nenhuma outra razão.

Ele bebia e a escutava. Ao final de seus comentários, ela pareceu ter ficado um pouco nervosa, o que se revelava na respiração curta e na expressão meio

autodepreciativa. Ele assistiu impassível a essa performance e em seguida pôs seu copo na mesa.

Entendi, ele disse. E antes você estava em Dublin, não é?

Em vários lugares. Passei um tempo em Nova York. Sou de Dublin, acho que já te falei. Mas estava morando em Nova York até o ano passado.

E o que é que você vai fazer agora que está aqui? Procurar um emprego ou coisa assim?

Ela fez uma pausa. Ele sorriu e se recostou na cadeira, ainda olhando para ela.

Desculpa fazer tanta pergunta, ele disse. Acho que ainda não entendi qual é a história toda.

Não, não tem problema. Mas não sou muito boa em dar respostas, como você está vendo.

Você trabalha em quê, então? Essa é a minha última pergunta.

Ela retribuiu o sorriso dele, dessa vez tensa. Sou escritora, ela declarou. Por que não me conta o que você faz?

Ah, não é tão incomum assim. Queria saber sobre o que você escreve, mas não vou perguntar. Eu trabalho em um depósito, fora da cidade.

Fazendo o quê?

Bom, fazendo o quê, ele repetiu, em tom filosófico. Catando as encomendas das prateleiras e botando tudo em um carrinho e depois levando as coisas para serem embrulhadas. Nada muito empolgante.

Então você não gosta?

Nossa, não, ele reagiu. Eu odeio aquela porra. Mas não me pagariam para fazer uma coisa de que eu gostasse, né? É esse o ponto do trabalho, se fosse bom, você faria ele de graça.

Ela sorriu e disse que era verdade. Do lado de fora da janela, o céu escurecia e as luzes do estacionamento cheio de trailers se acendiam: o brilho

frio pungente dos postes de iluminação e as luzes amarelas mais cálidas nas janelas. A garçonete que ficava atrás do balcão do bar tinha saído para esfregar as mesas vazias com um pano. A mulher chamada Alice a observou por alguns segundos e depois voltou seu olhar para o homem.

Então, como é que as pessoas se divertem por aqui?, ela indagou.

Que nem em qualquer outro lugar. Tem uns pubs por aí. Tem uma boate lá em Ballina, que fica a uns vinte minutos de carro. E a gente tem uns parques de diversão também, claro, mas são mais para crianças. Imagino que você ainda não tenha nenhum amigo por aqui, certo?

Acho que você é a primeira pessoa com quem converso desde que me mudei.

Ele levantou as sobrancelhas. Você é tímida?, ele questionou.

Me diz você.

Eles se entreolharam. Ela agora já não parecia mais nervosa, mas um pouco distante, enquanto os olhos dele percorriam o rosto dela, como se tentassem juntar alguma coisa. Por fim, passado um ou dois segundos, ele não aparentava ter concluído que fora bem-sucedido.

Acho que talvez seja, ele disse.

Ela perguntou onde ele morava, e ele explicou que dividia o aluguel de uma casa com amigos ali perto. Olhando pela janela, acrescentou que o terreno era quase visível dali onde estavam, logo depois do estacionamento. Ele se inclinou sobre a mesa para mostrar, mas em seguida declarou que estava escuro demais. De qualquer forma, é daquele lado lá, ele disse. Ao se inclinar mais um pouco, seus olhares se cruzaram. Ela baixou os olhos para o colo, e, voltando a se sentar na cadeira, ele conteve um sorriso. Ela quis saber se os pais dele ainda moravam na cidade. Ele disse que a mãe falecera no ano anterior e que o pai estava “só Deus sabe onde”.

Quer dizer, para falar a verdade, ele deve estar em algum canto de Galway, ele acrescentou. Ele não vai aparecer na Argentina nem nada assim. Mas faz anos que não vejo ele.

Sinto muito pela sua mãe, ela disse.

É. Valeu.

Eu também não vejo o meu pai faz um tempo. Ele... não é muito confiável.

Felix ergueu os olhos do copo. Ah?, ele exclamou. Ele bebe, é?

Uhum. E ele... Ele inventa histórias, sabe?

Felix assentiu. Eu achava que esse fosse o seu trabalho, ele disse.

Ela ficou visivelmente corada diante do comentário, o que pareceu pegá-lo de surpresa e até mesmo assustá-lo. Muito engraçado, ela disse. Bom, quer tomar outra?

Depois da segunda, tomaram a terceira. Ele perguntou se ela tinha irmãos, e ela contou que tinha um, mais novo. Ele falou que também tinha um. Ao final da terceira bebida, o rosto de Alice estava rosado e os olhos, vidrados e brilhantes. Felix continuava exatamente como entrou no bar, sem qualquer mudança de postura ou tom. Mas, enquanto o olhar dela percorria cada vez mais o local, exprimindo um interesse difuso pelo ambiente, a atenção que ele prestava a ela havia se tornado mais vigilante e compenetrada. Ela chacoalhou o gelo no copo vazio, distraída.

Você gostaria de conhecer a minha casa?, ela indagou. Estava querendo exhibir ela, mas não conheço ninguém para convidar. Quer dizer, eu vou convidar os meus amigos, óbvio. Mas eles estão espalhados por aí.

Por Nova York.

Por Dublin, a maioria.

Onde é que fica a casa?, ele perguntou. Dá para ir andando?

Sem sombra de dúvida. Na verdade, a gente vai ter que andar. Não sei dirigir, você sabe?

No momento, não. Não me arriscaria, pelo menos. Mas eu tenho carteira, sim.

Tem, ela murmurou. Que romântico. Você vai querer mais uma ou podemos ir?

Ele franziu as sobrancelhas diante da pergunta, ou do fraseado da pergunta, ou do uso da palavra “romântico”. Ela revirava a bolsa sem levantar a cabeça.

É, vamos lá, por que não, ele disse.

Ela se levantou e começou a vestir o agasalho, um casaco impermeável bege com uma fileira de botões. Ficou observando-a dobrar uma manga para deixá-la igual à outra. De pé, ele era só um pouquinho mais alto que ela.

Fica muito longe?, ele perguntou.

Ela lhe deu um sorriso brincalhão. Mudou de ideia?, ela questionou. Se você ficar cansado de andar, é só me abandonar e dar meia-volta, estou acostumada. Digo, com a caminhada. Não com ser abandonada. Pode ser que eu também esteja acostumada com isso, mas não confesso esse tipo de coisa a estranhos.

Ele não respondeu ao comentário, apenas assentiu com uma expressão paciente, ligeiramente séria, como se esse aspecto da personalidade dela, a tendência a ser “espiritiosa” e verborrágica, fosse, depois de uma ou duas horas de conversa, uma característica que tivesse percebido e decidido ignorar. Ele deu boa-noite à garçonete quando estavam saindo. Alice ficou impressionada com isso, e olhou por cima do ombro para espiar a mulher outra vez. Lá fora, na calçada, ela perguntou se ele a conhecia. Atrás deles, a maré quebrava fazendo um ruído baixo, reconfortante, e o ar estava frio.

A moça que trabalha aí?, questionou Felix. Conheço ela, sim. Sinead. Por quê?

Ela vai ficar se perguntando o que você estava fazendo lá, de papo comigo.

Em tom monocórdio, Felix retrucou: Eu diria que ela tem uma ideia. Aonde a gente está indo?

Alice enfiou as mãos no bolso do casaco e começou a andar morro acima. Parecia ter reconhecido uma espécie de provocação ou até mesmo de repúdio no tom dele, e, em vez de se intimidar, era como se isso tivesse reforçado sua determinação.

Por quê, você sempre se encontra com mulheres lá?, ela perguntou.

Ele tinha que acelerar o passo para acompanhar o ritmo dela. Que pergunta esquisita, ele retrucou.

É? Acho que eu sou uma pessoa esquisita.

É da sua conta se me encontro com pessoas lá?, ele perguntou.

Nada que te diga respeito é da minha conta, naturalmente. Foi só curiosidade.

Ele pareceu ponderar e, enquanto isso, repetiu com uma voz mais baixa, mas menos segura: É, porque não entendo como isso seria da sua conta. Uns instantes depois, acrescentou: Foi você quem sugeriu o hotel. Só pra você saber, não tenho o hábito de ir lá. Então não, não me encontro com as pessoas lá tanto assim. O.k.?

O.k., tudo bem. Minha curiosidade foi despertada pelo seu comentário de que a moça do bar “fazia ideia” do que a gente estava fazendo lá.

Bom, eu tenho certeza de que ela percebeu que a gente estava num encontro, ele afirmou. Foi isso o que eu quis dizer.

Apesar de Alice não ter olhado na direção dele, seu rosto começou a demonstrar um pouco mais de deleite do que antes, ou um tipo diferente de deleite. Você não se importa se as pessoas que te conhecem te vejam saindo com estranhas?, ela questionou.

Você quer dizer por ser esquisito ou sei lá o quê? Não me incomoda muito, não.

No resto da caminhada até a casa de Alice, pela rua costeira, eles entabularam uma conversa sobre a vida social de Felix, ou melhor, Alice fez uma série de perguntas sobre o assunto, a que ele ponderou e respondeu, ambos falando mais alto do que antes devido ao barulho do mar. Ele não demonstrou surpresa diante das questões dela e as respondeu de bom grado, mas sem entrar em muitos detalhes ou oferecer quaisquer informações além das que eram claramente solicitadas. Ele disse que socializava sobretudo com as pessoas que conhecera na escola e as do trabalho. Os dois círculos se entrecruzavam um pouco, mas não muito. Em contrapartida, ele não perguntou nada a ela, talvez desestimulado pelas réplicas acanhadas que ela dera às perguntas que ele fizera mais cedo, ou talvez não mais interessado.

É aqui, ela anunciou, por fim.

Onde?

Ela abriu um portãozinho branco e disse: Aqui. Ele parou de andar e olhou para a casa, situada depois de um gramado que formava uma rampa. Nenhuma das janelas estava iluminada, e não era possível ver grandes detalhes da fachada, mas a expressão dele indicava que sabia onde estavam.

Você mora no presbitério?, ele exclamou.

Ah, eu não imaginei que você conhecesse. Eu teria te contado no bar, não estava fazendo mistério.

Ela segurava o portão para ele, e, com os olhos ainda no vulto da casa, que se assomava sobre eles, de frente para o mar, ele a seguiu. Ao redor deles, o gramado escuro farfalhava com o vento. Ela subiu com passos leves e revirou a bolsa à procura das chaves da casa. O barulho delas vinha de algum canto da bolsa, mas ela não conseguia achá-las. Ele ficou parado ali, calado. Ela se desculpou pela demora e ligou a lanterna do celular, iluminando o interior da

bolsa e jogando também uma luz fria e cinza nos degraus da entrada da casa. Ele estava com as mãos no bolso. Achei, ela anunciou. Então destrancou a porta.

Lá dentro, havia um corredor amplo com azulejos vermelhos e pretos. Uma luminária de vidro marmorizado pendia do teto, e uma mesa longa e estreita junto à parede exibia uma lontra esculpida em madeira. Ela largou as chaves na mesa e deu uma rápida olhada no espelho escuro, sujo da parede.

Você está alugando a casa sozinha?, ele perguntou.

Eu sei, ela disse. É enorme, óbvio. E estou gastando milhões para deixar aquecida. Mas é legal, não é? E não me cobram nada de aluguel. Vamos na cozinha? Vou ligar o aquecedor.

Ele a seguiu por um corredor rumo à cozinha espaçosa, com armários presos a uma das paredes e uma mesa de jantar do outro lado. Sobre a pia havia uma janela que dava para o quintal. Ele ficou no limiar da porta, enquanto ela buscava algo em um dos armários. Olhou na direção dele.

Você pode se sentar se quiser, ofereceu. Ou pode continuar de pé se preferir assim. Quer uma taça de vinho? É a única coisa que eu tenho em casa, em termos de bebida. Mas primeiro vou tomar um copo d'água.

Que tipo de coisa você escreve? Se você é mesmo escritora.

Ela se virou, perplexa. Se eu sou?, ela repetiu. Você por acaso acha que eu estava mentindo? Eu teria inventado coisa melhor se estivesse. Sou romancista. Escrevo livros.

E você não ganha dinheiro fazendo isso, ganha?

Como se percebesse um novo sentido nessa questão, ela olhou para ele outra vez e voltou a servir a água. Ganho, sim, ela disse. Ele continuou a observando e depois se sentou à mesa. As cadeiras eram acolchoadas com almofadas de burel enrugado. Tudo parecia muito limpo. Ele esfregou o

tampo liso da mesa com a ponta do indicador. Ela pôs um copo d'água na frente dele e se sentou em uma das cadeiras.

Você já tinha estado aqui?, ela perguntou. Você reconheceu a casa.

Não, só conheço por ter crescido na cidade. Nunca soube quem morava aqui.

Eu também mal conheço. Um casal mais velho. A mulher é artista, acho.

Ele assentiu e ficou calado.

Te mostro a casa, se você quiser, ela acrescentou.

Ele continuou sem dizer nada e dessa vez nem sequer assentiu. Ela não se incomodou com isso; parecia confirmar uma desconfiança que vinha acalentando, e, quando voltou a falar, foi no mesmo tom seco, quase sarcástico.

Você deve achar que eu sou louca de morar aqui sozinha, ela concluiu.

De graça?, ele respondeu. Porra, você seria louca se não morasse. Ele bocejou sem inibição e olhou pela janela, ou melhor, para a janela, já que estava escuro lá fora e a vidraça apenas refletia o interior da cozinha. Quantos quartos tem aqui, só por curiosidade?, ele perguntou.

Quatro.

Onde fica o seu?

Em resposta a essa pergunta abrupta, ela a princípio não mexeu os olhos, continuando atenta ao próprio copo por alguns segundos antes de fitar os olhos dele. Lá em cima, ela declarou. Todos ficam lá em cima. Quer que eu te mostre?

Por que não?, ele disse.

Levantaram-se da mesa. No patamar do segundo andar, havia um tapete turco com franja cinza. Alice empurrou a porta de seu quarto e acendeu uma luminária de chão. À esquerda, havia uma cama de casal ampla. As tábuas do assoalho eram simples, e, junto a uma parede, ficava uma lareira feita de

azulejos cor de jade. À direita, uma janela de caixilho grande dava para o mar, para a escuridão. Felix foi até a janela e se curvou em direção à vidraça, fazendo com que sua sombra escurecesse o clarão da luz refletida.

A vista daqui deve ser ótima de dia, comentou Felix.

Alice ainda estava parada à porta. É, é linda, ela respondeu. Melhor ainda de tardinha, na verdade.

Ele deu as costas para a janela, lançando seu olhar avaliativo para os outros detalhes do quarto, enquanto Alice o observava.

Muito legal, ele concluiu. O quarto é muito legal. Você vai escrever um livro enquanto estiver aqui?

Acho que vou tentar.

E os seus livros são sobre o quê?

Ah, sei lá, ela disse. Pessoas.

É meio vago. Sobre que tipo de pessoas você escreve? Pessoas feito você?

Ela o olhou com calma, como se para lhe dizer alguma coisa: que entendia o jogo dele, talvez, e que até deixaria que ele o vencesse, contanto que ele fosse agradável ao jogá-lo.

Que tipo de pessoa você acha que eu sou?, ela questionou.

Algo na frieza tranquila do semblante dela pareceu abalá-lo, e ele deu uma risada rápida, esganiçada. Ora, ora, ele disse. Te conheci umas horas atrás, ainda não cheguei a uma conclusão sobre você.

Espero que você me informe quando chegar.

Talvez.

Por alguns segundos ela continuou ali no quarto, imóvel, enquanto ele perambulava um pouco e fingia olhar os objetos. Os dois souberam, nesse momento, o que estava para acontecer, embora nenhum deles fosse capaz de explicar exatamente como ficara sabendo. Ela aguardava com uma atitude imparcial, enquanto ele continuava a observar ao redor, até que, por fim,

talvez sem mais energia para adiar o que era inevitável, ele agradeceu e foi embora. Ela o acompanhou escada abaixo — até parte da escada. Ela estava parada no degrau quando ele saiu porta afora. Era uma daquelas coisas. Depois, os dois se sentiram mal, nenhum deles com muita certeza de por que a noite resultara em tamanho fracasso no fim das contas. Parada ali na escada, sozinha, ela olhou para trás, para o patamar do segundo andar. Siga seus olhos agora e repare na porta do quarto aberta, uma fresta de parede branca visível através dos balaústres do corrimão.

2

Querida Eileen. Esperei tanto tempo para você responder ao meu último e-mail que estou mesmo — imagine só! — escrevendo outro antes de receber a sua resposta. Em minha defesa, reuni bastante material agora e, se eu esperar mais, vou começar a me esquecer das coisas. Você deve saber que a nossa correspondência é meu jeito de me agarrar à vida, fazer anotações sobre ela e assim preservar alguma parte da minha — de resto quase inútil, ou até completamente inútil — existência neste planeta que se degenera rapidamente... Incluo este parágrafo principalmente para deixá-la com sensação de culpa por não ter me respondido antes, e assim conseguir uma resposta mais rápida desta vez. Em todo caso, o que é que você anda fazendo que não pode me mandar e-mail? Não fala que está trabalhando.

Estou enlouquecendo pensando no aluguel que você paga em Dublin. Você sabia que agora está mais caro aí do que em Paris? E, me perdoe, mas Paris tem o que falta a Dublin. Um dos problemas é que Dublin é, e falo literal e topograficamente, plana — então, tudo precisa acontecer em um único plano. Outras cidades têm redes de metrô, que dão profundidade, e montes íngremes e arranha-céus que dão altura, mas Dublin só tem prédios baixinhos, cinzentos, e bondes que passam ao lado das ruas. E não tem pátios ou terraços com jardins como nas cidades continentais, que pelo menos rompem a superfície — se não verticalmente, então conceitualmente. Você já tinha pensado dessa forma? Mesmo que não, talvez você já tenha reparado nisso

em um nível subconsciente. Em Dublin, é difícil chegar lá no alto ou lá embaixo; é difícil se perder ou perder os outros, ou ganhar um senso de perspectiva. Você talvez ache que é um jeito democrático de organizar uma cidade — para que tudo aconteça cara a cara, quer dizer, em pé de igualdade. É verdade, ninguém está olhando para vocês do alto. Mas isso dá ao céu uma situação de domínio absoluto. Em nenhum lugar, o céu sofre uma interrupção significativa ou é dividido pelo que quer que seja. Talvez você mencione o Spire, e eu admito que o Spire é, de qualquer forma, a interrupção mais estreita possível, e pende como uma fita métrica para demonstrar o tamanho diminuto de todos os outros edifícios ao redor. O efeito total do céu faz mal às pessoas de lá. Nada nunca interfere para obstruir aquela coisa da nossa visão. É como um *memento mori*. Gostaria que alguém fizesse um buraco nele para você.

Ultimamente tenho pensado na política da direita (não temos todos?) e como foi que esse conservadorismo (a força social) passou a ser associado ao voraz capitalismo de mercado. A ligação não é óbvia, pelo menos para mim, já que os mercados não preservam nada, e sim ingerem todos os aspectos do quadro social existente e os expõem, destituídos de sentido e memória, como transações. O que pode haver de “conservador” nesse processo? Mas também me impressiona que a ideia de “conservadorismo” seja falsa em si mesma, pois nada pode ser conservado tal como é — digo, o tempo só se move em uma direção. Essa ideia é tão básica que, a primeira vez que pensei nela, me senti genial e depois fiquei me perguntando se eu era uma idiota. Mas faz algum sentido para você? Não temos como conservar nada, em especial as relações sociais, sem alterar sua natureza, retendo uma parte de sua interação com o tempo de forma artificial. Olhe só o que os conservadores fazem do meio ambiente: a ideia deles é extrair, saquear e destruir, “porque é o que a gente sempre fez” — mas é justamente devido a esse fato que a terra com a

qual fazemos isso já não é mais a mesma. Imagino que você ache isso tudo extremamente rudimentar ou talvez ache até que sou não dialética. Mas foram só pensamentos abstratos que tive, que precisei anotar, e dos quais você acabou sendo (de bom ou mau grado) a receptora.

Fui à lojinha hoje comprar alguma coisa para almoçar, e de repente tive uma sensação estranhíssima — uma consciência espontânea da improbabilidade desta vida. Quer dizer, pensei em todo o resto da população humana — da qual a maioria vive no que você e eu consideramos uma pobreza abjeta — que nunca viu ou entrou em uma loja dessas. E isso, isso, é o que o trabalho deles todos sustenta! Esse estilo de vida, para gente como nós! Todas essas diversas marcas de refrigerante em garrafas plásticas, e todas essas ofertas de almoço embalado, e doces em sacos lacrados, e docinhos assados na loja — é isso, o auge de todo o trabalho do mundo, de toda a queima de combustíveis fósseis e de toda a labuta extenuante nos cafezais e nas plantações de cana-de-açúcar. Tudo por isso! Essa lojinha de conveniência! Senti tontura pensando nisso. Eu realmente passei mal. Era como se de repente me lembrasse de que minha vida era ela toda parte de um programa de televisão — e todos os dias pessoas morriam fazendo o programa; morriam pisoteadas das formas mais horríveis, crianças, mulheres, e só para eu poder escolher entre várias opções de almoço, todas embaladas em diversas camadas de plástico descartável. Foi pra isso que eles morreram — era esse o grande experimento. Pensei que fosse vomitar. É claro, uma sensação dessa não tem como perdurar. Talvez tenha me sentido mal pelo resto do dia, ou mesmo pelo resto da semana — e daí? Ainda tenho que comprar meu almoço. E, caso você esteja preocupada comigo, vou te assegurar, comprei mesmo o almoço.

Vou dar agora notícias sobre minha vida rural e depois me despeço. A casa é de uma enormidade caótica, como se tivesse o hábito de produzir ambientes

novos, ainda não vistos, de forma espontânea. Também é fria e, em alguns cantos, é úmida. Moro a vinte minutos de caminhada até a loja supracitada e tenho a impressão de que passo boa parte do meu tempo indo e voltando de lá para comprar coisas de que me esqueci na última ida. É provável que isso seja ótimo para formar caráter, e que da próxima vez que nos encontrarmos eu já tenha uma personalidade incrível. Uns dez dias atrás, saí com uma pessoa que trabalhava em um depósito de remessas e ele me detestou completamente. Para ser justa comigo (sempre sou), acho que a esta altura já esqueci como me portar no convívio social. Tenho pavor de imaginar que caras fiz na tentativa de parecer o tipo de pessoa que vive interagindo com outras. Até mesmo ao escrever este e-mail me sinto meio vaga e fragmentada. Rilke tem um poema que termina assim: “Quem está sozinho, vai ficá-lo ainda mais./ Insone, há de ler, escrever cartas torrenciais/ e correr as aleias num inquieto ir e vir/ enquanto o vento carrega as folhas outonais”. Não seria capaz de inventar uma descrição melhor da minha atual situação, mas é abril, e o vento não está carregando as folhas. Perdoe a “carta torrencial”, portanto. Espero que você venha me ver. Muito, muito, muito amor sempre, Alice.

3

Ao meio-dia e vinte de uma tarde de quarta-feira, uma mulher estava sentada atrás de uma mesa em um escritório compartilhado no centro da cidade de Dublin, rolando a tela para analisar um documento de texto. Tinha o cabelo bem escuro, preso de qualquer jeito com uma presilha tartaruga, e usava um suéter cinza enfiado na calça cigarette preta. Movimentando o scroll macio e engordurado do mouse, ela examinava o arquivo, os olhos saltando de uma coluna estreita de texto para outra, e de vez em quando parava, clicava e inseria ou deletava caracteres. O mais comum era inserir dois pontos-finais no nome “wh Auden” para padronizar a grafia como “W.H. Auden”. Ao chegar ao fim do documento, ela abriu o comando “localizar”, selecionou a opção de diferenciar maiúsculas e minúsculas, e procurou: “wh”. Não obteve nenhuma correspondência. Rolou o scroll de volta para o início do texto, palavras e parágrafos voando tão rápido que pareciam quase ilegíveis, e então, aparentemente satisfeita, salvou o trabalho e fechou o arquivo.

A uma hora ela avisou aos colegas que ia almoçar, e eles lhe sorriram e acenaram detrás dos monitores. Vestindo um casaco, ela foi a uma cafeteria perto do escritório e se sentou a uma mesa perto da janela, onde comeu um sanduíche com uma mão e, com ajuda da outra, lia um exemplar do romance *Os irmãos Karamázov*. De vez em quando, deixava o livro sobre a mesa, limpava as mãos e a boca com um guardanapo de papel, espiava ao redor

como se para verificar se alguém estava olhando para ela, e depois retomava a leitura. Às vinte para as duas, ela ergueu os olhos e viu um louro alto entrar na cafeteria. Usava terno e gravata, um cordão de plástico no pescoço, e falava ao celular. É, ele disse, me falaram que seria na terça-feira, mas vou ligar e conferir pra você. Ao ver a mulher sentada junto à janela, o semblante dele mudou, e às pressas ele levantou a mão desocupada, articulando com a boca Ei. Ao celular, continuou: Não acho que você recebeu a cópia desse, não. Fitando a mulher, apontou para o celular com impaciência e fez um gesto de quem fala com a mão. Ela sorriu, mexendo no canto de uma página do livro. Certo, certo, disse o homem. Escuta, na verdade eu não estou no escritório agora, mas faço isso quando eu voltar. É. Bom, bom, foi bom falar com você.

O homem encerrou a ligação e foi até a mesa dela. Olhando-o de cima a baixo, ela comentou: Ah, Simon, você está com um jeito tão importante que fico com medo de você ser assassinado. Ele pegou o cordão e o examinou com um olhar crítico. É esse troço aqui, ele retrucou. Faz eu me sentir como se merecesse ser. Posso te pagar um café? Ela disse que ia voltar ao trabalho. Bom, ele respondeu, posso te pagar um café para viagem e te acompanhar até lá? Quero sua opinião sobre uma coisa. Ela fechou o livro e respondeu que sim. Enquanto ele ia ao balcão, ela se levantou e limpou as migalhas de sanduíche que tinham caído no colo. Ele pediu dois cafés, um pingado e um preto, e pôs algumas moedas no jarro de gorjetas. A mulher se aproximou dele, tirando a presilha do cabelo e prendeu-o outra vez. Como foi a prova de roupa da Lola, afinal de contas?, o homem perguntou. A mulher ergueu a cabeça, fitou os olhos dele e soltou um ruído estranho, abafado. Ah, tudo bem, ela disse. Você sabe que a minha mãe está na cidade, e vamos todas nos encontrar amanhã para procurar nossas roupas para o casamento.

Ele deu um sorriso suave, observando o avanço do preparo dos cafés atrás do balcão. Que engraçado, ele mencionou, outro dia eu tive um sonho ruim em que você se casava.

O que é que tinha de ruim?

Você estava se casando com outro, não comigo.

A mulher riu. Você fala desse jeito com as mulheres do seu trabalho?, ela questionou.

Ele se virou para ela, sorridente, e respondeu: Claro que não, eu teria um problema sério. E com toda a razão. Não, eu nunca flerto com ninguém do trabalho. No máximo, tentam flertar comigo.

Imagino que sejam todas de meia-idade e que você queira se casar com as filhas delas.

Não tenho como concordar com essa imagem cultural negativa que se faz em torno das mulheres de meia-idade. De todas as faixas etárias, acho que é a que eu mais gosto.

Qual é o problema das mulheres novas?

Elas são um pouquinho...

Ele gesticulou, mexendo a mão no ar de um lado para o outro para indicar fricção, incerteza, química sexual, indecisão, ou talvez mediocridade.

Suas namoradas nunca são de meia-idade, a mulher observou.

E eu também não sou, por enquanto, obrigado.

Na saída da cafeteria, o homem segurou a porta para que a mulher passasse, o que ela fez sem lhe agradecer. O que é que você queria me perguntar?, ela indagou. Acompanhando-a na caminhada rumo ao escritório dela, ele disse que queria um conselho a respeito de uma situação que surgira entre dois amigos dele, que a mulher parecia conhecer de nome. Os amigos dividiam um apartamento, e então se envolveram em uma espécie de relacionamento sexual ambíguo. Passado um tempo, o amigo começou a sair

com outra pessoa, e agora a amiga, que continuava solteira, queria sair do apartamento, mas não tinha dinheiro nem lugar para onde ir. Na verdade, é mais uma questão sentimental do que uma questão de moradia, a mulher constatou. O homem concordou, mas acrescentou: Mesmo assim, acho que provavelmente é melhor para ela se mudar. Parece que ela escuta eles transando de noite, então não é uma boa. A essa altura, tinham chegado à entrada do prédio. Você podia emprestar dinheiro para ela, a mulher sugeriu. O homem respondeu que já tinha oferecido, mas que ela recusou. O que era um alívio, na verdade, ele completou, porque meu instinto diz para não me envolver muito. A mulher perguntou como o amigo tinha se justificado, e o homem respondeu que o amigo tinha a sensação de que não estava fazendo nada errado, que a relação anterior chegara ao fim naturalmente e o que ele deveria fazer, continuar solteiro para sempre? A mulher fez uma careta e disse: Nossa, é, ela precisa mesmo sair do apartamento. Vou ficar de olho. Permaneceram na entrada um pouco mais. O meu convite de casamento chegou, aliás, o homem comentou.

Ah, sim, ela disse. Foi esta semana.

Você sabia que iam me deixar levar acompanhante?

Ela o olhou como que para se certificar de que ele estava brincando, e então ergueu as sobrancelhas. Que bom, ela disse. Não me deixaram, mas, tendo em conta a situação, imagino que fosse ser indelicado.

Quer que eu vá sozinho como um gesto de solidariedade?

Após uma pausa, ela questionou: Por quê, tem alguém que você esteja pensando em levar?

Bom, acho que a menina com quem estou saindo. Se não fizer diferença para você.

Ela disse: Hmm. Então acrescentou: Espero que você queira dizer “mulher”.

Ele sorriu. Ah, vamos ser mais simpáticos, ele disse.

Você fica me chamando de menina pelas costas?

Claro que não. Não te chamo de nada. Sempre que mencionam seu nome, eu fico atrapalhado e saio de perto.

Desconsiderando o comentário, a mulher perguntou: Quando foi que você conheceu ela?

Ah, sei lá. Faz umas seis semanas.

Não é mais uma mulher escandinava de vinte e dois anos, é?

Não, ela não é escandinava, ele respondeu.

Com uma expressão exageradamente saturada, a mulher jogou o copo de café na lixeira que ficava na porta do escritório. Observando-a, o homem acrescentou: Posso ir sozinho se você preferir. Podemos trocar olhares no salão.

Nossa, você dá a impressão de que estou desesperada, ela apontou.

Meu Deus, não foi essa a minha intenção.

Ela passou alguns segundos calada, parada, olhando o tráfego. Em seguida, disse alto: Ela estava linda na prova. A Lola. Você perguntou.

Ainda de olho nela, ele afirmou: Eu imagino.

Obrigada pelo café.

Obrigado pelo conselho.

Durante o resto da tarde, no escritório, a mulher trabalhou no mesmo programa de edição de texto, abrindo arquivos novos, mexendo em apóstrofes e deletando vírgulas. Depois de fechar um documento e antes de abrir outro, tinha o hábito de verificar suas redes sociais. Sua expressão, sua postura, não mudava de acordo com as informações que via nelas: uma notícia sobre um desastre natural horrível, a fotografia do amado bichinho de estimação de alguém, uma jornalista mulher falando de ameaças de morte, uma piada rebuscada que exigia conhecimento de várias outras piadas da

internet para se tornar vagamente compreensível, uma condenação veemente da supremacia branca, um tuíte patrocinado fazendo propaganda de um suplemento vitamínico para mulheres grávidas. Nada mudou em sua relação extrínseca com o mundo que possibilitasse a um observador determinar o que ela sentia quanto ao que via. Em seguida, depois de certo tempo, sem nenhum gatilho aparente, fechava o navegador e reabria o editor de texto. Vez por outra, um dos colegas intervinha com uma pergunta relacionada ao trabalho, e ela respondia, ou alguém dividia uma anedota engraçada com os colegas e todos riam, mas de modo geral o serviço seguia em silêncio.

Às cinco e trinta e cinco da tarde, a mulher tirou o casaco do gancho e deu tchau aos colegas que ainda estavam no escritório. Desenrolou os fones do celular, os plugou, e desceu pela Kildare Street rumo à Nassau Street, depois dobrou à esquerda, andando em zigue-zague na direção oeste. Depois de vinte e oito minutos de caminhada, parou em um condomínio recém-construído à beira do rio e entrou, subindo dois lances de escada e destrancando a porta branca lascada. Ninguém mais estava em casa, mas a disposição e a decoração insinuavam que não era a única habitante. Uma salinha escura, com uma janela acortinada de frente para o rio, dava para uma cozinha com fogão, frigobar e pia. Ela pegou uma tigela coberta com plástico-filme no frigobar. Descartou-o e a pôs no micro-ondas.

Depois de comer, foi para o quarto. Pela janela, a rua lá embaixo era visível, assim como a lenta ondulação do rio. Tirou o casaco e os sapatos; tirou a presilha do cabelo e fechou a cortina, fina e amarela, com estampa de retângulos verdes. Ela se despiu do suéter e se contorceu para tirar a calça, deixando as duas peças amassadas no chão, a textura da calça um pouco brilhosa. Em seguida, pegou um moletom de algodão e uma calça legging cinza. O cabelo, escuro e solto sobre os ombros, parecia limpo e um pouco ressecado. Enfiou-se na cama e pegou o notebook. Passou um tempo olhando

o site de vários jornais, vez por outra abrindo e lendo até a metade longas matérias sobre as eleições no exterior. Seu semblante estava abatido e cansado. Do corredor externo, duas outras pessoas entravam no apartamento, conversando sobre pedir o jantar. Passaram pelo quarto dela, as sombras por um instante visíveis pela fresta sob a porta, e então foram para a cozinha. Abrindo uma janela anônima no notebook, a mulher acessou o site de uma rede social e digitou as palavras “aidan lavelle” na caixa de pesquisa. Uma lista de resultados apareceu e, sem olhar para as outras alternativas, ela clicou no terceiro link. Um novo perfil se abriu na tela, exibindo o nome “Aidan Lavelle” sob a foto da cabeça e dos ombros de um homem de costas. O cabelo dele era volumoso e escuro, e ele usava uma jaqueta jeans. Debaixo da foto, lia-se a legenda: garoto triste da cidade. proprietário de um cérebro normal. me procure no soundcloud. A atualização mais recente dele, postada três horas antes, era a imagem de um pombo na sarjeta com a cabeça enterrada em um pacote de batatinhas jogado fora. Na legenda, lia-se: mesma coisa. O post tinha 127 curtidas. No quarto, encostada na cabeceira da cama desarrumada, a mulher clicou na publicação, e os comentários apareceram. Uma réplica, de uma usuária de nome Actual Death Girl, dizia: parece você e tal. A conta de Aidan Lavelle havia respondido: tem razão, uma beleza louca. A Actual Death Girl curtira essa resposta. A mulher do notebook clicou no perfil da Actual Death Girl. Depois de passar trinta e seis minutos olhando diversos perfis de rede social conectados ao de Aidan Lavelle, a mulher fechou o notebook e se deitou na cama.

A esta altura, já passava das oito horas da noite. Com a cabeça no travesseiro, a mulher apoiou o punho na testa. Usava uma pulseira fina de ouro, que cintilava um pouco sob a luz do abajur. Seu nome era Eileen Lydon. Tinha vinte e nove anos. O pai, Pat, administrava uma fazenda no condado de Galway, e a mãe, Mary, era professora de geografia. Tinha uma

irmã, Lola, que era três anos mais velha do que ela. Quando criança, Lola era forte, corajosa, travessa; já Eileen era ansiosa e vivia doente. Passavam as férias escolares juntas, criando elaborados jogos narrativos em que assumiam o papel de irmãs humanas que ganhavam acesso a mundos mágicos, Lola improvisando os principais acontecimentos do enredo e Eileen embarcando junto. Quando podiam, jovens primos, vizinhos e filhos dos amigos da família eram recrutados para representar o papel de personagens coadjuvantes, inclusive, vez por outra, um garoto chamado Simon Costigan, que era cinco anos mais velho que Eileen e morava do outro lado do rio, onde antigamente ficava a mansão senhorial da região. Era um menino extremamente bem-educado que estava sempre de roupas limpas e agradecendo aos adultos. Sofria de epilepsia e às vezes precisava ir ao hospital, uma vez até de ambulância. Sempre que Lola ou Eileen eram malcriadas, a mãe, Mary, perguntava por que elas não podiam ser mais parecidas com Simon Costigan, que não só se comportava bem como tinha também a dignidade de “não reclamar nunca”. À medida que foram crescendo, as irmãs pararam de incluir Simon e qualquer outra criança nos jogos e migraram para os ambientes fechados, rabiscando mapas fictícios em papel de carta, inventando alfabetos cifrados e gravando fitas. Os pais encaravam essas atividades com uma tranquila falta de curiosidade, felizes de fornecer papel, canetas e fitas virgens, mas sem interesse de ouvir o que fosse sobre os habitantes imaginários de países fictícios.

Aos doze anos, Lola foi de uma escolinha primária da região a um convento só para meninas na cidade grande mais próxima. Eileen, que sempre fora quietinha na escola, tornava-se cada vez mais introvertida. A professora disse a seus pais que ela era superdotada e por isso era levada a uma sala especial duas vezes por semana, onde recebia aulas extras de literatura e matemática. No convento, Lola fez novas amigas, que começaram

a frequentar a fazenda, chegando às vezes a dormir lá. Uma vez, de brincadeira, trancaram Eileen no banheiro do segundo andar por vinte minutos. Depois disso, o pai, Pat, disse que as amigas de Lola não poderiam mais visitá-los, e Lola disse que era culpa de Eileen. Quando Eileen fez doze anos, também foi mandada para a escola de Lola, que se dividia em vários prédios e edifícios pré-fabricados, com um total de seiscentas alunas. As colegas, em sua maioria, moravam na cidade e se conheciam da escola primária, carregando consigo relações e lealdades prévias, das quais ela não fazia parte. Lola e suas amigas já tinham idade suficiente para ir almoçar fora, enquanto Eileen se sentava sozinha no refeitório, descascando o papel alumínio dos sanduíches embrulhados em casa. No segundo ano, uma das outras meninas da classe chegou por trás dela e despejou uma garrafa de água em sua cabeça, cumprindo uma aposta. A vice-diretora da escola obrigou a menina a escrever uma carta pedindo desculpas a Eileen. Em casa, Lola declarou que aquilo jamais teria acontecido se Eileen não fizesse papel de louca, e Eileen respondeu: não é atuação.

No verão em que completou quinze anos, Simon, o filho dos vizinhos, foi até a fazenda para ajudar o pai dela. Tinha vinte anos e estudava filosofia em Oxford. Lola acabara de terminar a escola e quase nunca estava em casa, mas, quando Simon ficava para o jantar, ela voltava cedo e chegava a trocar de moletom caso estivesse sujo. Na escola, Lola tinha sempre evitado Eileen, mas na presença de Simon começou a agir como uma irmã mais velha carinhosa e generosa, mexendo no cabelo e nas roupas de Eileen, tratando-a como uma menina bem mais nova. Simon não a acompanhava nesse comportamento. Seu jeito com Eileen era simpático e respeitoso. Prestava atenção quando ela falava, mesmo quando Lola tentava falar mais alto, e, com um olhar tranquilo para Eileen, ele fazia comentários tais como: Ah, que coisa mais interessante. Em agosto ela passou a acordar cedo e ficar na janela

do quarto de olho na bicicleta dele, e ao vislumbrá-la ela corria escada abaixo, encontrando-o quando ele entrava pela porta dos fundos. Enquanto ele esquentava a chaleira ou lavava as mãos, ela lhe fazia perguntas sobre livros, sobre os estudos dele na faculdade, sobre a vida dele na Inglaterra. Uma vez perguntou se ele ainda tinha convulsões, e ele sorriu e disse que não, que isso tinha ficado no passado, estava surpreso por ela ainda se lembrar. Conversavam um pouco, uns dez ou vinte minutos, e depois ele saía pela fazenda, e ela voltava para o quarto e se deitava na cama. Em certas manhãs, estava feliz, corada, os olhos brilhantes, e em outras ela chorava. Lola disse a Mary, mãe delas, que aquilo precisava parar. É uma obsessão, ela declarou. É constrangedor. A essa altura, Lola já ficara sabendo pelas amigas que Simon ia à missa no domingo, embora os pais dele não fossem, e ela já não voltava para jantar em casa quando ele estava lá. Mary passou a se sentar na cozinha de manhã, onde tomava o café da manhã e lia o jornal. Eileen descia mesmo assim, e Simon a cumprimentava da forma simpática de sempre, mas as réplicas dela eram mal-humoradas, e ela logo se recolhia ao quarto. Na noite da véspera de sua volta à Inglaterra, ele foi até lá para se despedir, e Eileen se escondeu no quarto e se recusou a descer. Ele subiu para vê-la, e ela chutou uma cadeira e falou que ele era a única pessoa com quem ela podia conversar. Na minha vida, a única, ela confessou. E não me deixam nem conversar com você, e agora você está indo embora. Eu queria morrer. Ele estava parado com a porta entreaberta às suas costas. Em voz baixa, ele disse: Eileen, não fala assim. Vai ficar tudo bem, eu juro. Você e eu vamos ser amigos pelo resto da nossa vida.

Aos dezoito, Eileen foi para a universidade em Dublin estudar inglês. No primeiro ano, ela fez amizade com uma garota chamada Alice Kelleher, e no ano seguinte elas passaram a dividir um apartamento. Alice falava alto, usava roupas de segunda mão que lhe caíam mal e parecia achar tudo hilário. O pai

dela era um mecânico automotivo que bebia, e ela teve uma infância desordenada. Não foi fácil para ela fazer amigos entre os colegas de classe, e tinha enfrentado um processo disciplinar sem muita relevância por ter chamado um professor de “porco fascista”. Eileen terminara a faculdade lendo pacientemente todos os textos recomendados, apresentando todos os projetos no prazo e se preparando bem para as provas. Recebeu quase todos os prêmios acadêmicos para os quais se qualificava e chegou a vencer um prêmio nacional de ensaios. Criou um círculo social, ia a boates, rejeitava as investidas de vários amigos, voltava para casa depois, e comia torradas com Alice na sala de estar. Alice dizia que Eileen era um gênio e uma joia rara, e que mesmo quem a estimava de verdade não a estimava o bastante. Eileen dizia que Alice era uma iconoclasta e uma pessoa genuinamente original, e que estava à frente de seu tempo. Lola estudava em outra faculdade em outra parte da cidade e nunca via Eileen, a não ser por acaso, na rua. Quando Eileen estava no segundo ano, Simon se mudou para Dublin para estudar e se especializar em direito. Uma noite, Eileen o convidou ao apartamento para apresentá-lo a Alice, e ele levou uma caixa de chocolates caros e uma garrafa de vinho branco. Alice foi extremamente rude com ele a noite inteira, chamou suas crenças religiosas de “diabólicas” e também disse que o relógio que ele usava no pulso era feio. Por alguma razão, Simon parecia achar esse comportamento divertido e até encantador. Depois disso, ele volta e meia ia ao apartamento, ficando de costas para o aquecedor, discutindo sobre Deus com Alice e criticando em tom alegre a pouca habilidade que tinham para os serviços domésticos. Ele disse que “viviam na miséria”. Às vezes ele chegava a lavar a louça antes de ir embora. Uma noite, quando Alice não estava em casa, Eileen perguntou se ele tinha namorada, e ele riu e disse: Por que é que você está perguntando? Sou um velho sábio, lembra? Eileen estava deitada

no sofá e, sem levantar a cabeça, atirou uma almofada nele, que a pegou com as mãos. Só velho mesmo, ela rebateu. Não é sábio.

Quando Eileen tinha vinte anos, ela transou pela primeira vez, com um homem que conheceu pela internet. Depois, voltou andando sozinha da casa dele para o apartamento. Era tarde, quase duas da madrugada, e as ruas estavam desertas. Quando chegou em casa, Alice estava sentada no sofá digitando alguma coisa no notebook. Eileen se curvou no umbral da porta da sala e disse alto: Bom, foi bem esquisito. Alice parou de digitar. Quê, você dormiu com ele?, ela indagou. Eileen esfregava o braço com a palma da mão. Ele pediu para eu não tirar a roupa, ela contou. Tipo, durante a coisa toda. Alice a fitava. Onde é que você acha essa gente?, ela questionou. Olhando para o chão, Eileen encolheu os ombros. Alice se levantou do sofá. Não fica mal, ela disse. Não tem importância. Não foi nada. Daqui a duas semanas você já vai ter se esquecido. Eileen deitou a cabeça no ombrinho de Alice. Dando tapinhas nas costas dela, Alice disse em tom suave: Você não é que nem eu. Você vai ter uma vida feliz. Simon estava morando em Paris naquele verão, trabalhando para um grupo voltado à emergência climática. Eileen foi visitá-lo, foi a primeira vez que viajou de avião sozinha. Ele foi buscá-la no aeroporto, e pegaram o trem para a cidade. Naquela noite tomaram uma garrafa de vinho no apartamento dele, e ela lhe contou a história de como havia perdido a virgindade. Ele riu e pediu desculpas por rir. Estavam deitados na cama do quarto dele. Passado um tempo, Eileen disse: Eu ia te perguntar como foi que você perdeu a virgindade. Mas, pelo que eu sei, você ainda não perdeu. Ele sorriu. Não, eu já perdi, ele declarou. Por alguns segundos, ela ficou quieta, com o rosto voltado para o teto, respirando. Mesmo você sendo católico, ela comentou. Estavam próximos, os ombros quase encostados. Isso, ele respondeu. O que Santo Agostinho diz? Senhor, dá-me castidade, mas não agora.

Depois de se formar, Eileen começou um mestrado em literatura irlandesa, e Alice arrumou emprego em uma cafeteria e começou a escrever um romance. Ainda estavam morando juntas, e às vezes, de noite, Alice lia em voz alta as piadas boas do manuscrito, enquanto Eileen fazia o jantar. Sentada à mesa da cozinha, afastando o cabelo da testa, Alice dizia: Escuta essa. Sabe o protagonista que eu te falei? Bom, ele recebe uma mensagem da personagem da irmã. Em Paris, Simon fora morar com a namorada, uma francesa chamada Natalie. Depois de terminar o mestrado, Eileen arrumou emprego em uma livraria, empurrando carrinhos carregados pela loja para descarregá-los e botar adesivos com os preços em cada um dos exemplares dos romances best-sellers. A essa altura, a fazenda estava dando problemas financeiros aos pais. Nas visitas de Eileen, o pai, Pat, ficava emburrado e inquieto, andando de um lado para o outro da casa em horários estranhos, ligando e desligando as coisas. Durante o jantar, ele mal falava, e era normal se retirar da mesa antes que todo mundo acabasse de comer. Na sala de estar, uma noite, quando estavam a sós, Mary disse que alguma coisa tinha que mudar. Não dá pra continuar assim, ela declarou. Com um semblante preocupado, Eileen perguntou se ela estava falando da situação financeira ou do casamento. Mary virou a palma das mãos para cima, a expressão exausta, aparentando ter mais idade do que tinha de fato. Tudo, ela disse. Sei lá. Você chega em casa reclamando do seu emprego, reclamando da sua vida. E a minha vida? Quem é que está cuidando de mim? Eileen tinha vinte e três anos na época e a mãe cinquenta e um. Eileen encostou a ponta dos dedos em uma das pálpebras por um instante, e disse: Você não está reclamando da sua vida comigo agora? Mary caiu no choro. Eileen ficou observando-a, incomodada, e prosseguiu: Eu me importo se você está infeliz, só não sei o que você quer que eu faça. A mãe tampava o rosto, aos soluços. O que foi que eu fiz de errado?, ela questionou. Como foi que eu criei filhas tão

egoístas? Eileen se recostou no sofá como se ponderasse bem a questão. Que resultado você queria?, ela perguntou. Não posso te dar dinheiro. Não posso voltar no tempo e te fazer se casar com outro homem. Você quer que eu te escute reclamando disso? Posso escutar. Estou ouvindo. Mas não sei direito por que você acha que a sua infelicidade é mais importante do que a minha. Mary saiu da sala.

Quando elas tinham vinte e quatro anos, Alice assinou um contrato de publicação nos Estados Unidos no valor de duzentos e cinquenta mil dólares. Disse que ninguém no mercado editorial entendia de dinheiro, e que se eram idiotas o bastante para lhe dar essa quantia, ela era gananciosa o bastante para aceitar. Eileen estava namorando um doutorando chamado Kevin, e graças a ele achou um emprego mal pago, mas interessante como assistente editorial de uma revista literária. No início ela só fazia preparação de texto, mas alguns meses depois deixaram que ela comesse a encomendar textos novos, e no fim do ano o editor a convidou a colaborar com seu próprio trabalho. Eileen disse que pensaria nisso. Lola trabalhava em uma firma de consultoria administrativa e tinha um namorado chamado Matthew. Ela convidou Eileen para jantar com eles na cidade. Em uma noite de quinta-feira, depois do trabalho, os três esperaram quarenta e cinco minutos em uma rua cada vez mais escura e fria para ocupar uma mesa em uma nova hamburgueria que Lola queria muito conhecer. Quando os hambúrgueres chegaram, tinham um sabor comum. Lola perguntou a Eileen quais eram seus planos profissionais, e Eileen declarou que estava feliz na revista. É, por enquanto, disse Lola. Mas e depois? Eileen respondeu que não sabia. Lola deu um sorriso e disse: Um dia você vai ter que viver no mundo real. Naquela noite, Eileen voltou a pé para o apartamento e se deparou com Alice no sofá, trabalhando no livro. Alice, ela questionou, eu vou ter que viver no mundo real um dia? Sem

erguer os olhos, Alice deu uma risadinha debochada e respondeu: Claro que não, de jeito nenhum. Quem foi que falou isso?

No setembro seguinte, Eileen soube pela mãe que Simon e Natalie haviam rompido. Fazia quatro anos que estavam juntos. Eileen contou a Alice que imaginava que se casariam. Eu sempre achei que eles fossem se casar, ela dizia. E Alice retrucou: É, você já falou. Eileen mandou um e-mail a Simon perguntando como ele estava, e ele respondeu: Imagino que você não esteja vindo a Paris em breve, certo? Eu queria muito te ver. No Halloween, ela foi passar uns dias com ele. Nessa época, ele tinha trinta anos e ela, vinte e cinco. Iam juntos a museus durante a tarde e conversavam de arte e política. Sempre que ela lhe perguntava sobre Natalie, ele reagia de forma leviana, com descrição, e mudava de assunto. Uma vez, quando estavam sentados no Musée d'Orsay, Eileen disse a ele: Você sabe tudo de mim, e eu não sei nada de você. Com um sorriso sofrido, ele respondeu: Ih, você está falando que nem a Natalie. Então riu e se desculpou. Foi a única vez que mencionou o nome dela. De manhã ele fazia café e de noite Eileen dormia na cama dele. Depois que faziam amor, ele gostava de ficar bastante tempo abraçado a ela. No dia em que voltou a Dublin, ela terminou com o namorado. Só teve notícias de Simon outra vez quando ele foi à casa da família dela no Natal para tomar uma taça de conhaque e admirar a árvore.

O livro de Alice foi publicado na primavera seguinte. O lançamento foi cercado de muita atenção da imprensa, em geral positiva, no começo, e depois algumas matérias negativas em reação à positividade bajuladora da cobertura inicial. No verão, em uma festa no apartamento de Ciara, amiga delas, Eileen conheceu um homem chamado Aidan. Tinha cabelo preto volumoso e usava calça de linho e tênis sujos. Acabaram juntos na cozinha até tarde da noite, conversando sobre a infância. Na minha família, a gente simplesmente não discute as coisas, Aidan declarou. Tudo fica abaixo da

superfície, nada vem à tona. Posso encher a sua taça? Eileen ficou observando-o botar mais uma dose de vinho tinto na taça. Na minha família, também não discutimos nada, ela contou. Acho que às vezes tentamos, mas não sabemos como fazer isso. No fim da noite, Eileen e Aidan voltaram para casa a pé, indo na mesma direção, e ele fez um desvio para levá-la até a porta do apartamento. Se cuida, ele disse, ao se despedirem. Alguns dias depois, se encontraram para tomar um drinque, só os dois. Ele era músico e engenheiro de som. Conversou com ela sobre o trabalho, sobre os colegas de apartamento, sobre a relação que tinha com a mãe, sobre diversas coisas que adorava e detestava. Enquanto batiam papo, Eileen ria bastante e parecia animada, tocando na própria boca, inclinando-se para a frente. Depois que ela chegou em casa naquela noite, Aidan enviou uma mensagem que dizia: você é tão boa ouvinte! uau! e eu falo demais, desculpa. podemos sair de novo?

Foram tomar mais um drinque na semana seguinte, e depois mais um. O apartamento de Aidan tinha um monte de cabos pretos emaranhados, espalhados pelo chão, e a cama se resumia a um colchão. No outono, foram passar uns dias em Florença e caminharam pelo frescor da catedral. Uma noite, quando ela fez um comentário espirituoso durante o jantar, ele riu tanto que teve que enxugar os olhos com o guardanapo roxo. Ele disse que a amava. Tudo na vida é de uma beleza incrível, Eileen escreveu em uma mensagem para Alice. Nem acredito que é possível ser tão feliz. Simon se mudou para Dublin na mesma época, para trabalhar como conselheiro de políticas públicas de um grupo de parlamentares de esquerda. Eileen o via no ônibus de vez em quando, ou atravessando a rua, ele com o braço em volta de uma mulher bonita ou outra. Antes do Natal, Eileen e Aidan foram morar juntos. Ele carregou as caixas de livros dela no porta-malas do carro e disse, orgulhoso: O peso do seu cérebro. Alice foi à festa de open house deles, derrubou uma garrafa de vodca nos azulejos da cozinha, contou uma

longuíssima anedota sobre os anos de faculdade que só Eileen e ela acharam minimamente engraçada, e depois voltou para casa. De modo geral, as outras pessoas da festa eram amigos de Aidan. Depois, bêbada, Eileen disse a Aidan: Por que é que eu não tenho amigos? Eu tenho dois, mas eles são esquisitos. E os outros estão mais para conhecidos. Ele passou a mão no cabelo dela e declarou: Você tem a mim.

Ao longo dos três anos seguintes, Eileen e Aidan moraram em um apartamento quarto e sala no sul do centro da cidade, baixando filmes estrangeiros piratas, discutindo como dividir o aluguel, revezando-se na hora de cozinhar e lavar a louça. Lola e Matthew ficaram noivos. Alice ganhou um prêmio literário lucrativo, mudou-se para Nova York e começou a mandar e-mails para Eileen em horários estranhos do dia e da noite. Depois parou totalmente de mandar e-mails, apagou os perfis nas redes sociais, ignorava as mensagens de Eileen. Em dezembro, Simon ligou para Eileen uma noite e contou que Alice voltara para Dublin e tinha sido internada em um hospital psiquiátrico. Eileen estava sentada no sofá, o celular contra a orelha, enquanto Aidan estava diante da pia, enxaguando um prato debaixo da água. Depois que ela e Simon terminaram a conversa, ela continuou ali ao celular, sem dizer nada, e ele não disse nada, ambos calados. Certo, ele disse, por fim. Vou te deixar em paz. Umas semanas mais tarde, Eileen e Aidan romperam. Ele contou que tinha muita coisa acontecendo e que ambos precisavam de espaço. Foi morar com os pais, e ela se mudou para um apartamento de dois quartos com um casal na área decadente do norte da cidade. Lola e Matthew resolveram fazer um casamento pequeno no verão. Simon continuou respondendo a suas mensagens prontamente, levando Eileen para almoçar de vez em quando, guardando segredo da vida pessoal dele. Era abril e vários dos amigos de Eileen tinham acabado de ir embora ou estavam em vias de ir embora de Dublin. Ela tinha ido às festas de despedida, usando seu vestido

verde-escuro de botões, ou o vestido amarelo com o cinto que combinava. Nas salas de estar com pé-direito baixo e luminárias de papel, as pessoas conversavam com ela sobre o mercado imobiliário. Minha irmã vai se casar em junho, ela contava. Que máximo, eles respondiam. Você deve estar explodindo de alegria por ela. É, engraçado, Eileen dizia. Não estou.

4

Alice, acho que já vivenciei a sensação que você teve na loja de conveniência. Para mim é como olhar para baixo e me ver pela primeira vez em cima de uma plataforma minúscula a uma altura vertiginosa, e as únicas coisas que escoram meu peso são a penúria e a degradação de quase todos que existem na terra. E eu sempre acabo concluindo: nem queria estar aqui em cima. Não preciso de todas essas roupas baratas e comidas importadas, e embalagens de plástico, eu nem acho que elas melhorem a minha vida. Só criam desperdício e me deixam infeliz de qualquer jeito. (Não que eu esteja comparando minha insatisfação à penúria de povos oprimidos de verdade, só quero dizer que o estilo de vida que essas coisas sustentam para nós não é sequer satisfatório, na minha opinião.) As pessoas acham que o socialismo é sustentado pela força — a expropriação forçada da propriedade —, mas eu queria que simplesmente reconhecessem que o capitalismo também é sustentado por essa mesma força na direção contrária, a proteção forçada da organização de bens já existentes. Sei que você sabe disso. Detesto travar os mesmos debates inúmeras vezes com os princípios fundamentais errados.

Também ando pensando no tempo e no conservadorismo político, mas de outra forma. No momento acho que é justo dizer que estamos vivendo uma época de crise histórica, e essa ideia parece ser aceita por boa parte da população. Quero dizer que os sintomas aparentes da crise, por exemplo, grandes mudanças imprevisíveis na política eleitoral, são em grande medida

reconhecidos como um fenômeno anormal. Até certo ponto, acho que mesmo alguns dos sintomas estruturais mais “abafados”, como o afogamento massivo de refugiados e os desastres climáticos frequentes, desencadeados pela mudança climática, estão começando a ser percebidos como manifestações de uma crise política. E creio que estudos demonstrem que nos últimos dois anos as pessoas têm passado muito mais tempo lendo jornais e se inteirando das últimas notícias. Virou algo normal na minha vida, por exemplo, mandar mensagens como esta: tillerson fora do governo hahaha. Acabo de pensar que, na verdade, não deveria ser normal mandar mensagens desse tipo. Em todo caso, como resultado, cada dia se tornou uma unidade de informações nova e única, interrompendo e substituindo o mundo informacional do dia anterior. E fico me perguntando (talvez você diga que seja irrelevante) o que tudo isso significa para a cultura e as artes. Digo: estamos acostumados a nos envolver com obras culturais situadas “no presente”. Mas esse sentido de presente contínuo já não é uma característica da nossa vida. O presente se tornou descontínuo. Todo dia, até mesmo cada hora do dia, substitui e torna irrelevante o momento anterior, e os acontecimentos da nossa vida só fazem sentido em relação à timeline sempre em atualização dos jornais. Então, quando vemos os personagens dos filmes se sentarem à mesa de jantar ou passearem de carro, planejando assassinatos ou tristes por causa de seus casos amorosos, é natural que a gente queira saber o momento exato em que estão fazendo essas coisas no que diz respeito aos eventos históricos cataclísmicos que estruturam nosso senso de realidade atual. Já não existe ambiente neutro. Só existe a timeline. Realmente não sei se isso vai dar origem a novas formas nas artes ou se vai significar o seu fim, pelo menos do jeito que as conhecemos.

Seu parágrafo sobre o tempo também me lembrou de uma coisa que li online há pouco tempo. Parece que no fim da Idade do Bronze, que começou

mais ou menos mil e quinhentos anos antes da era cristã, a região do Mediterrâneo Oriental se caracterizava por um sistema de governos palacianos centralizados, que redistribuíam dinheiro e bens por meio de economias municipais complexas e especializadas. Li sobre isso na Wikipédia. As rotas comerciais eram muito desenvolvidas nessa época, e as línguas escritas surgiram. Artigos de luxo caros eram produzidos e negociados a longas distâncias — nos anos 1980, foi descoberto um único navio naufragado da época perto da costa da Turquia que transportava joias egípcias, cerâmicas gregas, madeira de lei do Sudão, marfim, romãs e cobre irlandeses. Por fim, aproximadamente entre 1225 e 1150 a.C., durante um período de setenta e cinco anos, a civilização entrou em colapso. As grandes cidades do Mediterrâneo Oriental foram destruídas ou abandonadas. A alfabetização praticamente se extinguiu, e sistemas de escrita inteiros se perderam. Ninguém sabe ao certo por que isso aconteceu, aliás. A Wikipédia sugere uma teoria chamada de “colapso sistêmico generalizado”, por meio do qual “centralização, especialização, complexidade e estrutura política desequilibrada” tornavam a civilização do fim da Idade do Bronze especialmente vulnerável à queda. Outra das teorias é intitulada simplesmente: “Mudança climática”. Acho que isso coloca nossa civilização atual sob uma luz meio agourenta, não acha? O colapso sistêmico generalizado não é algo que eu considerava uma possibilidade antes. É claro, no meu cérebro sei que tudo o que dizemos a nós mesmos sobre a humanidade é mentira. Mas imagine ter que descobrir isso na vida real.

Mudando de assunto, e mudando tanto que na verdade dou um giro brusco de noventa graus em relação ao último parágrafo, você pensa no seu relógio biológico? Não que eu queira dizer que deva pensar, só fico me perguntando se você pensa. Ainda somos novas, é claro. Mas a verdade é que a grande maioria das mulheres ao longo da história da humanidade já tinha vários

filhos ao chegar à nossa idade, não é? Acho que não existe uma maneira boa de verificar. Nem tenho certeza se quero ter filhos, agora que parei para pensar. Você quer? Ou talvez você não saiba nem se quer nem se não quer. Quando eu era adolescente, achava que preferia morrer a ser mãe, e, na casa dos vinte anos, presumia vagamente que acabaria acontecendo mais cedo ou mais tarde, e, agora que estou prestes a completar trinta anos, começo a pensar: Bem... Não tem ninguém fazendo fila para me ajudar a cumprir essa função biológica, nem preciso dizer. E também tenho uma desconfiança esquisita e totalmente inexplicável de que talvez eu não seja fértil. Não tenho motivos médicos para pensar assim. Falei disso com o Simon faz pouco tempo, enquanto reclamava das minhas várias outras angústias medicinais infundadas, e ele disse que não acreditava que eu precisasse me preocupar com essa, porque na opinião dele tenho “cara de fértil”. Passei um dia rindo disso. Na verdade, estou rindo disso escrevendo este e-mail para você. Em todo caso, estou curiosa para saber o que você acha. Tendo em conta o colapso civilizatório iminente, talvez você considere filhos fora de cogitação.

Pode ser que eu esteja pensando nisso tudo agora porque outro dia vi o Aidan na rua, por acaso, e tive um infarto e morri na mesma hora. Desde que o vi, cada hora foi pior do que a anterior. Ou será que a dor que sinto agora é tão intensa que transcende minha capacidade de reconstruir a dor que senti naquele momento? Parece que o sofrimento lembrado nunca é pior do que o sofrimento presente, ainda que na verdade tenha sido muito pior — não conseguimos nos lembrar do quanto foi pior porque a lembrança é mais fraca do que a vivência. Vai ver que é por isso que as pessoas de meia-idade sempre acham que seus pensamentos e sentimentos são mais importantes que os dos jovens, porque só conseguem ter uma vaga recordação dos sentimentos da juventude e permitem que suas vivências atuais dominem a perspectiva de vida que têm. No entanto, minha intuição é de que realmente

me sinto pior agora, dois dias depois de ver o Aidan, do que no momento em que o vi. Sei que o que houve entre nós foi só um acontecimento e não uma alegoria — só uma coisa que aconteceu, ou uma coisa que ele fez, e não uma manifestação inevitável do meu fracasso na vida de modo geral. Mas, quando o vi, foi como passar por tudo de novo. E Alice, eu me sinto um fracasso, sim, e de certo modo minha vida realmente é um nada, e pouquíssimas pessoas ligam para o que acontece nela. Às vezes é muito difícil entender o sentido da existência quando as coisas da vida que considero significativas acabam não significando nada, e as pessoas que deveriam me amar não amam. Estou com lágrimas nos olhos só de digitar este e-mail idiota, e já tive quase seis meses para superar. Estou começando a questionar se isso nunca vai acontecer. Vai ver que certos tipos de dor, em fases da vida de formação, ficam gravados para sempre no senso de identidade da pessoa. Como o fato de eu só ter perdido a virgindade aos vinte e de ter sido tão doloroso e esquisito e ruim, e desde então sempre me sentir exatamente o tipo de pessoa com quem isso aconteceria, embora não me sentisse assim antes. E agora me acho o tipo de pessoa cujo companheiro de vida se desapaixonaria depois de alguns anos, e não consigo encontrar um jeito de deixar de ser esse tipo de pessoa.

Você está trabalhando em algo novo aí no meio do nada? Ou só saindo com garotos recalcitrantes da cidade? Estou com saudades! Com todo o meu amor. E.

No corredor das geladeiras da loja de conveniência, Felix olhava uma seleção de pratos congelados com um semblante ligeiramente desconcentrado. Eram três da tarde de uma quinta-feira, e lâmpadas brancas zumbiam no teto. As portas da loja se abriam, mas ele nem olhava ao redor. Botou um congelado de volta na prateleira e pegou o celular. Não havia nenhuma notificação nova. Inexpressivo, ele guardou o aparelho no bolso, pegou uma caixa de plástico da prateleira, como que ao acaso, foi até o caixa e pagou. Quase na saída da loja, em frente ao balcão de frutas frescas, ele ficou paralisado. Alice estava ali, olhando as maçãs, levantando-as uma depois da outra e examinando-as à procura de defeitos. Ao reconhecê-la, ele adotou uma postura um pouco diferente, mais ereta. De início, não era claro se ia cumprimentá-la ou apenas sair sem dar oi — ele mesmo parecia não saber. Segurando o congelado em uma mão, ele o tamborilava na lateral da perna, distraído. Então, talvez por tê-lo ouvido ou só por ter tomado ciência de sua presença com a visão periférica, ela se virou e o notou, e na mesma hora enfiou o cabelo atrás das orelhas.

Ei, você, ela disse.

Ei. Como tem passado?

Estou bem, obrigada.

Já fez algum amigo?, ele perguntou.

Nem de longe.

Ele sorriu, batucou o congelado na perna outra vez, e olhou na direção da saída. Nossa, ele disse. O que é que a gente vai fazer com você? Você vai ficar louca se continuar sozinha lá em cima.

Ah, eu já estou, ela retrucou. Mas pode ser que eu já estivesse antes de vir pra cá.

Louca, você? Você me parece bastante normal.

Essa palavra não é das que mais ouço quando falam de mim, mas valeu.

Eles ficaram ali, se encarando, até ela baixar os olhos e voltar a tocar no cabelo. Ele olhou de novo para a saída por cima do ombro, em seguida se voltou para ela outra vez. Era difícil saber se ele estava desfrutando do incômodo que ela sentia ou se simplesmente estava se apiedando dela. Da parte dela, ela parecia se sentir obrigada a continuar parada ali enquanto ele quisesse bater papo.

Você desistiu daquele velho aplicativo de encontros, então?, ele perguntou.

Com um sorriso, fitando os olhos dele, ela respondeu: Desisti, a última tentativa não me inspirou muita confiança, se você não se incomoda que eu diga.

Eu te desanimei totalmente a procurar homem?

Ah, não só homem. Pessoas de todos os gêneros.

Ele riu e disse: Não achava que eu tivesse sido tão ruim assim.

Não, você não foi. Mas eu fui.

Ah, você foi legal.

Ele franziu a testa na direção dos legumes frescos antes de voltar a falar. Ela parecia mais à vontade agora, e o observava com uma atitude neutra.

Você podia dar uma passada lá em casa esta noite se estiver a fim de conhecer gente, ele convidou. Uma parte do pessoal do trabalho vai estar lá.

Você vai dar uma festa?

Ele fez uma careta. Sei lá, ele comentou. Quer dizer, vai ter gente lá, então. Uma festa ou como você queira chamar, é. Mas não é nada grande.

Ela assentiu, mexendo a boca sem mostrar os dentes. Parece legal, ela disse. Você vai ter que me lembrar onde é que você mora.

Eu jogo no Google Maps se você tiver, ele sugeriu.

Ela tirou o celular do bolso e abriu o aplicativo. Entregando o aparelho, ela questionou: Você está de folga hoje?

Ele digitou o endereço na barra de pesquisa sem erguer os olhos. Estou, ele respondeu. Me deram uns turnos bem aleatórios esta semana. Ele devolveu o aparelho para lhe mostrar o endereço: Ocean Rise, 16. A tela exibia uma rede de ruas brancas em um fundo cinza, ao lado de uma área azul que representava o mar. Às vezes eles mal precisam que a gente dê as caras, ele acrescentou. E tem semanas em que você tem que estar lá todo dia. Fico louco de raiva. Ele olhou de novo para o caixa, agora parecendo ter mudado de humor. Eu te vejo hoje à noite, né?, ele perguntou.

Se você tem certeza de que quer que eu vá, ela respondeu.

A decisão é sua. Eu ficaria meio doido se ficasse lá o dia inteiro sozinho. Mas vai que você gosta.

Não, na verdade não gosto. Eu quero ir, obrigada por ter me convidado.

É, bom, nada de mais, ele disse. Vai ter pouca gente lá, de qualquer forma. Até mais tarde, então, se cuida.

Sem fazer contato visual com ela outra vez, ele se virou e foi embora da loja. Ela olhou de novo para a caixa de maçãs frescas e, como se agora tivesse a sensação de que seria impróprio continuar a examinar seus detalhes, como se o processo todo de procurar machucados na superfície externa da fruta tivesse se tornado ridículo e até mesmo vexaminoso, ela pegou uma e se dirigiu ao corredor das geladeiras.

Ocean Rise, 16, era uma casa semigeminada, com a metade esquerda saliente da fachada feita de tijolinhos vermelhos, e a metade direita pintada de branco. Uma mureta separava a entrada de concreto da entrada do vizinho. As cortinas estavam fechadas na janela que dava para a rua, mas as luzes estavam acesas lá dentro. Alice ficou parada na porta, com as mesmas roupas que estava usando mais cedo. Tinha passado pó no rosto, o que fazia sua pele parecer seca, e segurava uma garrafa de vinho tinto na mão esquerda. Tocou a campainha e aguardou. Uns segundos depois, uma mulher mais ou menos de sua idade abriu a porta. Atrás dela, o corredor estava iluminado e barulhento.

Oi, disse Alice. O Felix mora aqui?

Mora, sim. Entra.

A mulher esperou que ela passasse e fechou a porta. Trazia na mão uma caneca lascada que parecia conter coca. Meu nome é Danielle, ela anunciou. Os meninos estão ali. Na cozinha, no fim do corredor, seis homens e duas mulheres estavam sentados em poses diversas em torno da mesa. Felix estava diante da bancada, ao lado da torradeira, bebendo direto da lata. Não se levantou quando viu Alice entrar, apenas acenou com a cabeça para ela. Ela seguiu Danielle pelo cômodo, em direção à geladeira, perto de onde ele estava sentado.

Ei, ele disse.

Oi, respondeu Alice.

Duas das pessoas daquele ambiente haviam se virado para olhá-la, já os outros continuaram a conversar. Danielle perguntou a Alice se ela queria uma taça para o vinho, e Alice disse que sim. Enquanto procurava nos armários, Danielle perguntou: Então, de onde vocês se conhecem?

Nos conhecemos no Tinder, explicou Felix.

Danielle se levantou, segurando uma taça de vinho limpa. E foi este o encontro que vocês marcaram?, ela perguntou. Que romântico.

Nós já tentamos sair, ele disse. Ela falou que desistiu dos homens pelo resto da vida.

Alice tentou cruzar o olhar com Felix, talvez para lhe sorrir, mostrando que ela achava o comentário divertido, mas ele não a encarava.

Eu não culpo ela, declarou Danielle.

Botando sua garrafa na bancada, Alice olhou a coleção de cds guardados em uma prateleira da cozinha. Muitos álbuns, ela disse.

É, são meus, Felix respondeu.

Ela passou o dedo pela lombada das caixinhas de plástico, puxando um pouco uma delas, que ficou pendendo feito uma língua. Nesse momento, Danielle já conversava com uma mulher sentada à mesa da cozinha, e outro homem se aproximou para abrir a geladeira. Apontando na direção dela, ele perguntou a Felix: Quem é essa?

Essa é a Alice, disse Felix. Ela é romancista.

Quem é romancista?, Danielle quis saber.

Essa moça aqui, indicou Felix. Ela vive de escrever livros. Ou é o que ela diz.

Qual é o seu nome?, o homem perguntou. Vou procurar no Google.

Alice assistiu a toda essa situação se desenrolar com um semblante de indiferença forçada. Alice Kelleher, ela disse.

Felix a observava. O homem se sentou em uma cadeira vaga e começou a digitar no celular. Alice tomava vinho e percorria o cômodo com o olhar, como se desinteressada. Curvado sobre o celular, o homem anunciou: Aqui, ela é famosa. Alice não reagiu, não retribuiu o olhar de Felix. Danielle se abaixou sobre a tela para olhar. Olha só, ela disse. Ela tem página na

Wikipédia e tudo. Felix deslizou da bancada e tirou o aparelho da mão do amigo. Ele riu, mas seu deleite não parecia completamente sincero.

Obra literária, ele leu em voz alta. Adaptações. Vida pessoal.

Essa parte deve ser curta, disse Alice.

Por que você não me contou que era famosa?, ele questionou.

Em um tom de voz entediado, quase desdenhoso, ela respondeu: Eu te falei que era escritora.

Ele sorriu para ela. Vou dar uma dica pra próxima vez que você sair com alguém, ele disse. Mencione durante a conversa que você é uma celebridade.

Obrigada pelo conselho amoroso que eu não pedi. Vou fazer questão de desconsiderar.

Que foi? Você ficou irritada porque a gente te achou na internet?

Claro que não, ela afirmou, eu te falei o meu nome. Não precisava ter falado.

Por alguns segundos, ele continuou olhando para ela e depois fez que não com a cabeça e disse: Você é estranha.

Ela riu e devolveu: Que perspicaz. Por que você não escreve isso na minha página na Wikipédia?

Danielle também riu nessa hora. Um pouco de cor havia tomado o rosto de Felix. Ele desviou os olhos de Alice e disse: Qualquer um pode ter. Você mesma deve ter escrito a sua.

Como se estivesse começando a se divertir, Alice reagiu: Não, só os livros.

Você deve se achar muito especial, ele retrucou.

Por que é que você está tão nervosinho?, perguntou Danielle.

Não estou, Felix se justificou. Ele devolveu o celular ao amigo e depois ficou de pé, encostado na geladeira, de braços cruzados. Alice estava escorada na bancada, perto dele. Danielle olhou para Alice e ergueu as sobrancelhas, mas então retomou a conversa de antes. Uma das outras

mulheres botou música para tocar, e alguns dos homens do outro lado da cozinha caíram na risada por algum motivo. Alice disse a Felix: Se você quiser que eu vá embora, eu vou.

Quem foi que disse que eu quero que você vá embora?, ele indagou.

Um novo grupo entrou no ambiente e o tornou ainda mais barulhento. Ninguém em especial se aproximou para falar com Alice ou com Felix, e ambos permaneceram perto da geladeira, calados. Se essa experiência estava sendo muito dolorosa para algum deles, suas feições não transpareciam, mas segundos depois Felix se espreguiçou e disse: Não gosto de fumar em ambiente fechado. Quer sair para fumar? Aí você conhece o nosso cachorro. Alice fez que sim, sem dizer nada, e o seguiu até a porta dos fundos rumo ao quintal, levando a taça de vinho.

Felix fechou a porta de correr e atravessou o gramado até uma casinha de madeira com telhado improvisado de encerado. Um springer spaniel logo saltou do outro lado do jardim para encontrá-lo, espirrou de alegria, pôs as patas da frente nas pernas de Felix e soltou um único ganido. Essa é a Sabrina, ele apresentou. Não é nossa de verdade, o pessoal que morava aqui antes deixou ela pra trás. Em geral, sou eu que dou a comida dela hoje em dia, então ela é muito minha fã. Alice disse que era evidente. A gente não deixa ela aqui fora normalmente, ele explicou. Só quando tem visita. Ela vai entrar de novo quando todo mundo for pra casa. Alice perguntou se ela dormia na cama dele, e Felix riu. Ela tenta, ele contou. Mas ela sabe que não pode. Ele coçou as orelhas da cachorra e falou com carinho: Bobinha. Se voltando para Alice, acrescentou: Ela é uma idiota, aliás. Muito burrinha. Você fuma? Alice tremia, e os pelos da parte do punho que estava para fora da manga se arrepiaram, mas ela aceitou um cigarro e ficou em pé ali, fumando, enquanto Felix acendia o cigarro dele. Ele deu uma tragada, expirou no ar límpido da noite e olhou para a casa. A casa estava iluminada, e

seus amigos falavam e gesticulavam. Ao redor do retângulo amarelo das portas do pátio, havia a escuridão do lugar, o gramado, o vácuo negro do céu.

A Dani é legal, ele disse.

É, concordou Alice. Ela parece ser.

É. A gente saía.

Ah? Por muito tempo, ou...?

Ele deu de ombros e respondeu: Mais ou menos um ano. Sei lá... mais de um ano, na verdade. Em todo caso, isso foi há séculos, agora somos bons amigos.

Você ainda gosta dela?

Ele olhou para a casa como se ter um vislumbre de Danielle fosse ajudá-lo a resolver a questão na própria cabeça. Ela está com outro, de todo jeito, ele declarou.

Amigo seu?

Eu conheço ele, sim. Ele não veio hoje, talvez você encontre com ele outra hora.

Ele deu as costas para a casa e bateu as cinzas do cigarro, fazendo algumas fagulhas acesas caírem devagar através do ar escuro. A cachorra passou pela casinha saltitando, depois correu em círculos várias vezes.

Para falar a verdade, se ela me ouvisse agora, falaria pra você que fui eu quem ferrou com tudo, Felix acrescentou.

O que foi que você fez?

Ah, eu fui frio com ela, ao que parece. Segundo ela, de qualquer forma. Pode perguntar pra ela se quiser.

Alice sorriu e disse: Você gostaria que eu perguntasse pra ela?

Nossa, não, não por mim. Eu já ouvi o bastante na época. Não choro até hoje por causa disso, não se preocupe.

Você chorou por causa disso na época?

Bom, não literalmente, ele disse. Foi isso o que você quis dizer? Eu não chorei de verdade, mas, tipo, eu fiquei puto, sim.

Você chora às vezes?

Ele deu uma risada curta e respondeu: Não. Você chora?

Ah, sempre.

É?, ele questionou. O que te faz chorar?

Qualquer coisa, na verdade. Acho que eu sou muito infeliz.

Ele olhou para ela: É sério?, ele insistiu. Por quê?

Nada específico. É só como eu me sinto. Acho minha vida difícil.

Depois de uma pausa, ele olhou para o cigarro e disse: Acho que não sei da história toda da sua mudança pra cá.

A história não é muito boa, ela disse. Eu tive uma crise nervosa. Passei umas semanas no hospital e me mudei pra cá quando saí. Mas não é um mistério — assim, não teve um motivo para eu ter a crise, simplesmente tive. E não é segredo, todo mundo sabe.

Felix parecia estar ruminando essa nova informação. Está na sua página da Wikipédia?, ele perguntou.

Não, quero dizer que todo mundo na minha vida sabe. Não o mundo inteiro.

E qual foi o motivo da crise?

Nenhum.

O.k., mas o que você quer dizer quando fala que teve uma crise? Tipo, o que foi que aconteceu?

Ela expirou um jato de fumaça pelo canto da boca. Me senti totalmente fora de controle, ela explicou. Eu sentia muita raiva e frustração o tempo todo. Não tinha domínio de mim mesma, não conseguia viver normalmente. Não consigo explicar nada além disso.

Justo.

Eles se calaram. Alice tomou o último gole de vinho da taça, esmagou o cigarro com o pé e cruzou os braços sobre o peito. Felix estava distraído e continuou fumando devagar, como se tivesse se esquecido de que ela estava ali. Ele pigarreou e disse: Me senti meio assim depois que a minha mãe morreu. Ano passado. Comecei a pensar qual a porra do sentido da vida, sabe? Não dá pra dizer que existe alguma coisa no fim dela. Não que eu quisesse mesmo morrer nem nada, mas na maior parte do tempo eu estava pouco me fodendo se estava vivo. Não sei se dá pra chamar de crise nervosa. Eu passei uns meses em que realmente não dava a mínima para as coisas — me levantar e ir trabalhar, e tal. A verdade é que perdi o emprego que eu tinha na época, por isso que agora estou no depósito. É. Então eu meio que entendo o que você está falando sobre a crise. É óbvio que a experiência foi diferente no meu caso, mas entendo do que você está falando, é.

Alice disse mais uma vez que sentia muito pela perda, e ele aceitou suas condolências.

Vou a Roma na semana que vem, ela anunciou. Porque a tradução do meu livro para o italiano vai ser lançada. Será que você gostaria de vir comigo?

Ele não demonstrou surpresa com o convite. Apagou o cigarro esfregando a ponta acesa na parede da casinha com várias pancadinhas. A cachorra soltou mais um ganido, do outro lado do jardim.

Não tenho dinheiro, Felix disse.

Bom, eu posso pagar tudo. Sou rica e famosa, lembra?

O comentário suscitou um sorrisinho. Você é estranha, ele respondeu. Não retiro o que eu disse. Quanto tempo você vai ficar fora?

Eu chego quarta e volto para casa segunda de manhã. Mas a gente pode ficar mais se você quiser.

Ele riu. Puta que pariu, ele exclamou.

Você já foi a Roma?

Não.

Então eu acho que você devia vir, ela afirmou. Acho que ia gostar.

Como é que você sabe do que eu ia gostar?

Eles se entreolharam. Estava escuro demais para que colhessem muitas informações do semblante um do outro e, no entanto, continuavam se encarando, sem desviar o olhar, como se esse ato fosse mais importante do que aquilo que poderiam ver.

Eu não sei, ela disse. Eu só acho.

Por fim, ele lhe deu as costas. Está bem, ele afirmou. Eu vou.

6

Todos os dias me pergunto por que minha vida tomou esse rumo. É inacreditável que eu tenha que aguentar essas coisas — ter matérias escritas a meu respeito, ver minhas fotos na internet e ler comentários sobre mim. Colocando nessas palavras, eu penso: É só isso? E daí? Mas a verdade é que, apesar de não ser nada, isso me deixa péssima, e não quero viver esse tipo de vida. Quando ofereci o primeiro livro, só queria ganhar dinheiro suficiente para terminar o segundo. Nunca aleguei ser uma pessoa psicologicamente robusta, capaz de suportar vastas investigações públicas sobre minha personalidade e formação. As pessoas que ficam famosas de propósito — estou falando de gente que, depois de ter um gostinho da fama, quer cada vez mais — sofrem, e acredito nisso de todo o coração, de doenças psicológicas graves. O fato de ficarmos expostos a essas pessoas em todos os cantos da nossa cultura, como se não fossem normais, e sim cativantes e invejáveis, é um indício do grau de nossa doença social deformadora. Há algo de errado com elas, e, quando as olhamos e aprendemos com elas, alguma coisa errada também acontece conosco.

O que é a relação do autor famoso com seus livros famosos, em todo caso? Se eu fosse mal-educada e desagradável no âmbito pessoal e falasse com um sotaque irritante, o que na minha opinião é provavelmente uma verdade, isso teria algo a ver com os meus romances? Claro que não. A obra seria a mesma, não outra. E o que os livros ganham sendo atrelados a mim, meu

rosto, meus maneirismos, em todas as suas especificidades desmoralizantes? Nada. Então por que, por que isso é feito assim? A quais interesses isso serve? Isso me deixa péssima, me afasta da única coisa na minha vida que tem algum sentido, não contribui em nada para o interesse geral, sacia somente as curiosidades mais baixas e mais lascivas, e serve para organizar o discurso literário unicamente em torno da figura imperiosa do “autor”, cujas idiossincrasias e estilo de vida precisam ser esmiuçados em detalhes escabrosos sem motivo nenhum. Não paro de me deparar com essa pessoa, que sou eu mesma, e a detesto com todas as minhas forças. Detesto seu jeito de se expressar, detesto sua aparência e detesto suas opiniões sobre tudo. E, no entanto, quando os outros leem sobre ela, acreditam que ela sou eu. Encarar esse fato me dá a sensação de que já estou morta.

Claro que não posso reclamar, porque todo mundo vive me dizendo para “curtir”. O que é que essa gente sabe? Não estiveram lá, eu fiz tudo sozinha. O.k., foi uma experiência banal à sua própria maneira, e ela vai se dissipar daqui a uns meses ou anos e ninguém vai sequer se lembrar de mim, graças a Deus. Porém eu tive que tê-la, tive que enfrentá-la sozinha, sem ninguém que me ensinasse como fazer isso, e me levou a me odiar numa medida quase insuportável. O que quer que eu saiba fazer, qualquer talento insignificante que eu possa ter, as pessoas esperam simplesmente que eu o venda — e falo literalmente, vender por dinheiro, até eu ter muito dinheiro e não me restar talento. E então é isso, estou acabada, e a próxima escritora vistosa de vinte e cinco anos com uma crise psicológica iminente aparece. Se cruzei com alguém autêntico no caminho, ele estava tão bem disfarçado na multidão de ególatras sanguinários que não o reconheci. As únicas pessoas autênticas que acho que conheço são você e o Simon — e, a esta altura, você pode olhar para mim com dó. Não com amor ou amizade, mas apenas dó, como se eu

fosse uma semimorta deitada à beira da estrada e a coisa mais bondosa que se pudesse fazer fosse acabar logo com o meu tormento.

Depois do seu e-mail sobre o colapso da Idade do Bronze, fiquei muito intrigada com a ideia de que sistemas de escrita pudessem “se perder”. A verdade é que não entendi direito o que isso queria dizer, então fui pesquisar e acabei lendo muito sobre algo chamado Linear B. Você já sabe tudo sobre esse assunto? Basicamente, por volta do ano 1900, uma equipe de escavadores britânicos encontrou em Creta um depósito de tábuas de argila antigas em uma banheira de terracota. As tábuas eram entalhadas com sinais silábicos de uma língua desconhecida e pareciam datar mais ou menos de 1400 a.C. No decorrer do início do século xx, pesquisadores de estudos clássicos e linguistas tentaram decifrar as marcas, conhecidas como Linear B, sem sucesso. Embora os sinais fossem organizados como uma escrita, ninguém conseguia descobrir que língua eles transcreviam. A maioria dos acadêmicos sugeria a hipótese de que fosse uma língua perdida da cultura minoica em Creta, da qual não sobraram descendentes no mundo moderno. Em 1936, aos oitenta e cinco anos, o arqueólogo Arthur Evans deu uma palestra sobre as tábuas em Londres, à qual compareceu um menino de catorze anos chamado Michael Ventris. Antes da eclosão da Segunda Guerra, um novo depósito de tábuas foi achado e fotografado — dessa vez na Grécia continental. Porém nenhuma tentativa de traduzir a escrita ou identificar qual era a língua foi bem-sucedida. Enquanto isso, Michael Ventris crescia e estudava arquitetura, e durante a guerra foi recrutado para servir na Força Aérea Britânica. Não havia recebido nenhuma formação formal em linguística ou em línguas clássicas, mas nunca se esqueceu da palestra de Arthur Evans sobre a Linear B. Após a guerra, Ventris voltou à Inglaterra e passou a comparar as fotografias das tábuas recém-descobertas da Grécia continental com as inscrições nas velhas tábuas de Creta. Percebeu que certos

símbolos nas de Creta não eram reproduzidos em nenhuma das amostras de Pilos. Imaginou que esses sinais pudessem representar nomes de lugares da ilha. Partindo dessa teoria, descobriu como decifrá-los — revelando que a Linear B era, na verdade, uma forma primitiva de escrita do grego antigo. O trabalho de Ventris não só demonstrou que o grego era a língua da cultura micênica, mas também ofereceu evidências do grego antigo que precederam as amostras mais remotas em centenas de anos. Depois da descoberta, Ventris e o acadêmico de estudos clássicos e linguista John Chadwick escreveram juntos um livro sobre a tradução dos sinais, intitulado *Documents in Mycenaean Greek* [documentos do grego micênico]. Semanas antes do lançamento do livro, em 1956, Ventris bateu o carro em uma caminhonete estacionada e morreu. Tinha trinta e quatro anos.

Resumi a história aqui em um formato dramático adequado. Vários outros classicistas se envolveram, inclusive uma professora americana chamada Alice Kober, que deu grandes contribuições à interpretação da Linear B e morreu de câncer aos quarenta e três anos. As páginas da Wikipédia sobre Ventris, Linear B, Arthur Evans, Alice Kober, John Chadwick e a Civilização Micênica são um tanto desorganizadas, e algumas chegam a dar versões diferentes do mesmo acontecimento. Evans tinha oitenta e quatro ou oitenta e cinco anos quando Ventris assistiu à sua palestra? E Ventris realmente descobriu a Linear B nesse dia ou já ouvira falar nisso? Sua morte é descrita do jeito mais sucinto e enigmático: a Wikipédia diz que ele morreu “na mesma hora” após uma “colisão com uma caminhonete estacionada durante a madrugada” e que o legista deu o veredicto de morte acidental. Ultimamente tenho pensado no mundo antigo voltando para nós, emergindo através de estranhas frestas no tempo, através da velocidade colossal e do desperdício e do ateísmo do século xx, pelas mãos e pelos olhos de Alice Kober, uma

fumante inveterada que morreu aos quarenta e três anos, e Michael Ventris, morto em um acidente de carro aos trinta e quatro.

De qualquer forma, isso só quer dizer que, na Idade do Bronze, uma sofisticada escrita silábica foi elaborada para representar a língua grega, e então, durante o colapso do qual você me falou, todo esse conhecimento foi destruído. Sistemas de escrita posteriores, feitos para representar o grego, não têm nenhuma relação com a Linear B. As pessoas que os criaram e usaram não faziam ideia de que a Linear B havia sequer existido. O insuportável é que, quando foram entalhadas, as marcas tinham um significado para quem as escrevia e para quem as lia, e mesmo assim, por milhares de anos, não significaram nada, nada, nada — porque a conexão foi rompida, a história havia parado. E então o século xx sacudiu o relógio e fez a história acontecer de novo. Mas não podem fazer isso de outro modo também?

Sinto muito por você ter ficado tão mal depois de cruzar com o Aidan. Esse sentimento é, sem dúvida, totalmente normal. Mas, como sua melhor amiga, que te ama muito e deseja o que há de melhor para você em todos os setores da vida, seria irritante da minha parte ressaltar que vocês não eram de fato felizes juntos? Sei que foi ele quem decidiu terminar, e também que deve ser doloroso e frustrante, não estou tentando convencê-la a não se sentir mal. Só estou dizendo que acho que, no fundo, você sabe que a relação não era muito boa. Você falou comigo várias vezes que queria terminar e não sabia como. Digo isso apenas porque não quero que você comece a acreditar agora que o Aidan era sua alma gêmea ou que você jamais vai conseguir ser feliz sem ele. Você entrou em um namoro longo que não deu certo quando estava com vinte e poucos anos. Isso não quer dizer que Deus te destinou a uma vida de fracassos e sofrimentos. Eu tive um namoro longo com meus vinte e poucos anos, e ele não deu certo, lembra? E o Simon e a Natalie ficaram quase cinco anos juntos antes de romper. Você acha que ele é um fracasso, ou

que eu sou? Hmm. Bom, pensando melhor agora, talvez nós três sejamos. Mas, se é assim, prefiro ser um fracasso a ser um sucesso.

Não, nunca penso no meu relógio biológico. Sinto que minha fertilidade provavelmente vai me assombrar por mais uma década, mais ou menos — minha mãe tinha quarenta e dois quando teve o Keith. Mas não quero particularmente ter filho. Não sabia que você queria. Mesmo neste mundo? Achar alguém que engravide você não vai ser problema se for o caso. Como o Simon diz, você tem cara de ser fértil. Os homens adoram. Por fim: você ainda está planejando vir me ver? Vou logo avisando que semana que vem estarei em Roma, mas devo voltar para casa na semana seguinte. Fiz um amigo aqui que chama Felix (de verdade). E, se você acredita nisso, vai ter que acreditar também que ele vai comigo para Roma. Não, não sei explicar por que, então não me pergunte. Simplesmente me passou pela cabeça, não seria divertido convidá-lo? E parece ter passado pela cabeça dele que seria divertido dizer sim. Tenho certeza de que ele me acha totalmente excêntrica, mas também sabe que se deu bem porque eu vou pagar as passagens dele. Quero que você o conheça! Mais uma razão para você me visitar quando eu voltar. Vem, por favor? Com todo o meu amor, sempre.

Na mesma noite de quinta-feira, Eileen foi a um recital de poesia oferecido pela revista onde trabalhava. O local era um centro de artes ao norte do centro da cidade. Antes do evento, Eileen se sentou atrás de uma mesinha para vender exemplares da edição mais nova da revista, enquanto as pessoas perambulavam à sua frente, segurando taças de vinho e evitando contato visual. De vez em quando, alguém lhe perguntava onde ficava o banheiro, e ela dava as diretrizes sempre no mesmo tom de voz e com os mesmos gestos. Logo antes de o recital começar, um homem idoso se curvou sobre a mesa para dizer que ela tinha “olhos de poeta”. Eileen deu um sorriso reticente e, talvez fingindo que não o escutara, disse que achava que o evento já ia começar lá dentro. Depois que a leitura de fato teve início, ela trancou a caixa de dinheiro, pegou uma taça de vinho da mesa no fundo de onde estava e entrou no salão. Vinte ou vinte e cinco pessoas estavam sentadas lá dentro, deixando as primeiras duas fileiras vazias. O editor da revista estava de pé no atril apresentando a primeira leitora. Uma mulher da idade de Eileen, que trabalhava naquele local e cujo nome era Paula, passou da cadeira do corredor para a seguinte para que Eileen se sentasse a seu lado. Vendeu quantos exemplares?, ela cochichou. Dois, disse Eileen. Achei que a gente ia conseguir o terceiro quando vi o senhorzinho se aproximar, mas ele só queria elogiar meus olhos. Paula abafou uma risadinha. Noite de dia útil bem gasta, ela disse. Pelo menos agora sei que meus olhos são bonitos, comentou Eileen.

O evento apresentou cinco poetas, agrupados, no geral, em torno do tema “crise”. Dois leram poemas que tratavam de crises pessoais, como perda e doença, e outro abordou tópicos relativos ao extremismo político. Um rapaz de óculos recitou poesias tão abstratas e metrificadas que não ficou clara qualquer relação com o tema da crise, enquanto a última leitora, uma mulher de vestido preto longo, falou por dez minutos sobre as dificuldades de achar uma editora e só teve tempo de ler um poema, um soneto rimado. Eileen fez uma anotação no celular que dizia: a lua em junho da colher reflua. Mostrou a nota a Paula, que deu um sorriso vago e voltou a prestar atenção à leitura. Eileen deletou a anotação. Após o recital, pegou outra taça de vinho e tornou a se sentar atrás da mesa. O homem idoso se aproximou dela outra vez e declarou: Você deveria estar lá em cima. Eileen assentiu, simpática. Tenho certeza, ele acrescentou. Você tem talento. Hmm, soltou Eileen. Ele foi embora sem comprar a revista.

Depois do evento, Eileen e alguns dos outros organizadores e dos funcionários do local saíram para beber em um bar dos arredores. Eileen e Paula se sentaram juntas de novo, Paula tomando uma gim tônica, servida em uma enorme taça em forma de aquário, com uma fatia grande de toranja, e Eileen, uísque com gelo. Conversavam sobre “piores términos”. Paula descrevia o prolongado período final de um namoro de dois anos, durante o qual ela e a ex-namorada viviam se embebedando e mandando mensagens uma para a outra, o que sempre acabava em “ou uma briga enorme ou em sexo”. Eileen deu um gole grande na bebida. Que horror, ela disse. Mas, por outro lado, pelo menos vocês ainda transavam, entende? O namoro não estava totalmente morto. Se o Aidan me mandasse uma mensagem bêbado, tudo bem, talvez acabássemos brigando. Mas pelo menos eu teria a sensação de que ele se lembra de quem eu sou. Paula declarou que tinha certeza de que ele se lembrava, já que tinham passado anos morando juntos. Com uma

espécie de careta sorridente, Eileen respondeu: É isso o que me mata. Passei metade da casa dos meus vinte anos com ele e, no fim das contas, ele ficou de saco cheio de mim. Porque foi isso o que aconteceu. Deixei ele entediado. Acho que isso revela alguma coisa a meu respeito, não é? Tem que revelar. Franzindo a testa, Paula retrucou: Não, não revela. Eileen soltou uma risada envergonhada e forçada, e apertou o braço de Paula. Desculpa, ela disse. Deixa eu pedir outro drinque pra você.

Às onze horas, Eileen já estava deitada de lado na cama, sozinha, encolhida, a maquiagem um pouco borrada debaixo dos cílios. Semicerrando os olhos para enxergar a tela do celular, ela tocou no ícone de uma rede social. O aplicativo se abriu e exibiu o símbolo que indicava que estava carregando. Eileen passava o polegar pela tela, esperando a página carregar, e, de repente, como se por impulso, fechou o aplicativo. Navegou até os contatos, escolheu o listado como “Simon” e tocou no botão de ligar. Depois de três toques, ele atendeu e disse: Alô?

Oi, sou eu, ela disse. Está sozinho?

Do outro lado da linha, Simon estava sentado na cama de um quarto de hotel. À direita havia uma janela coberta por cortinas grossas creme, e, de frente para a cama, uma tevê enorme presa à parede. Ele estava recostado na cabeceira, as pernas esticadas, cruzadas nos tornozelos, e o notebook aberto no colo. Estou sozinho, ele afirmou, sim. Você sabe que estou em Londres, né? Está tudo bem?

Ih, eu me esqueci. É uma hora ruim pra conversar? Posso desligar.

Não, não é uma hora ruim. Você não teve aquele negócio de poesia hoje?

Eileen lhe contou sobre o evento. Ela fez a piada da “lua em junho”, e ele deu uma risada simpática. E tivemos um poema sobre o Trump, ela disse. Simon declarou que a ideia o fazia desejar seriamente o abraço da morte. Ela perguntou pela conferência que ele estava acompanhando em Londres, e ele

descreveu em detalhes a “sessão de conversas” intitulada “Além da ue: o futuro internacional da Grã-Bretanha”. Eram só quatro caras de meia-idade de óculos idênticos, Simon explicou. Pareciam versões photoshopadas uns dos outros. Foi surreal. Eileen perguntou o que ele estava fazendo naquele momento, e ele respondeu que estava terminando uma coisa do trabalho. Ela se virou de costas e ficou olhando o tênue desenho alfinetado do mofo no teto.

Não faz bem pra sua saúde trabalhar até tão tarde, ela disse. Onde você está? No quarto do hotel?

Isso, ele confirmou. Sentado na cama.

Ela puxou os joelhos para conseguir apoiar a sola dos pés no colchão, as pernas formando uma tenda debaixo da colcha. Sabe do que é que você precisa, Simon? Você precisa de uma esposinha. Não é? Uma esposinha que chegue pra você à meia-noite, ponha a mão no seu ombro e diga, pronto, agora chega, está muito tarde pra você ficar trabalhando. Vamos dormir um pouco.

Simon trocou o celular de orelha e disse: Você está pintando um retrato irresistível.

A sua namorada não pode te acompanhar em viagens a trabalho?

Ela não é minha namorada, ele afirmou. É só uma pessoa com quem estou saindo.

Não entendo essa distinção. Qual é a diferença entre uma namorada e alguém com quem você está saindo?

Não estamos em um relacionamento fechado.

Eileen esfregou um dos olhos com a mão livre, transferindo parte da maquiagem preta para a mão e para a lateral acima da maçã do rosto. Então você também está transando com outra pessoa, é isso?, ela perguntou.

Não estou, não. Mas acredito que ela esteja.

Eileen deixou a mão cair. Ela está?, ela exclamou. Meu Deus. Qual é o nível de beleza do outro cara?

Parecendo achar o comentário divertido, ele respondeu: Não faço ideia. Por que a pergunta?

É que, se ele for menos bonito que você, pra que se dar ao trabalho? E, se ele for tão bonito quanto você... Bom, acho que eu gostaria de conhecer a moça e cumprimentar ela.

E se ele for mais bonito do que eu?

Faça-me o favor. É impossível.

Ele se ajeitou contra a cabeceira. Por que eu sou lindo de doer?, ele quis saber.

É.

Eu sei, mas fala.

Rindo, ela disse: Porque você é lindo de doer.

Eileen, obrigado. Que gentileza a sua. Você também não é de se jogar fora.

Ela acomodou a cabeça no travesseiro. Recebi um e-mail da Alice hoje, ela declarou.

Que bom. Como é que ela está?

Ela contou que não é nada demais o Aidan ter terminado comigo porque a gente já não estava muito feliz juntos mesmo.

Simon se calou, como se esperasse ela continuar, e então perguntou: Ela falou isso mesmo?

Sem rodeios.

E o que é que você acha?

Eileen soltou um suspiro e respondeu: Deixa pra lá.

Não me parece uma coisa muito delicada de dizer.

De olhos fechados, ela disse: Você vive defendendo ela.

Acabei de dizer que ela foi indelicada.

Mas você acha que ela tem razão.

Ele franzia a testa, mexendo na caneta com o logotipo do hotel que estava na mesa de cabeceira. Não, ele disse. Eu acho que ele não estava à sua altura, mas aí é diferente. Ela falou mesmo que não é nada demais?

Na prática, sim. E você sabia que ela vai a Roma na semana que vem para promover o livro dela, né?

Ele largou a caneta. Vai?, ele questionou. Achei que ela estivesse dando um tempo dessas coisas.

Ela estava, até ficar de saco cheio.

Entendi. É engraçado. Eu venho tentando ir lá para ver ela, mas ela sempre fala que não é um bom momento. Você está preocupada com ela?

Eileen soltou um riso hostil. Não, não estou preocupada, ela declarou. Estou irritada. Você pode ficar com a preocupação.

Você pode sentir as duas coisas, ele ressaltou.

De que lado você está?

Sorrindo, ele respondeu em tom reconfortante, baixinho: Estou do seu lado, princesa.

Ela também sorriu nesse momento, com ironia, relutância, e tirou o cabelo da testa. Você já está na cama?, ela perguntou.

Não, estou sentado. A não ser que você queira que eu vá pra cama enquanto a gente ainda está no telefone.

É, eu queria.

Ah, bom. Podemos providenciar.

Ele se levantou e deixou o notebook na escrivaninha em frente a um espelho preso à parede. Boa parte do espaço atrás dele era tomado pela cama, arrumada com lençóis brancos esticados sob o colchão. Ainda segurando o celular, ligou o cabo do carregador do notebook na tomada.

Sabe de uma coisa, se a sua esposa estivesse aí agora, disse Eileen, ela tiraria sua gravata pra você. Você está de gravata?

Não.

Está vestindo o quê?

Ele se viu no espelho e desviou o olhar, virando-se para a cama. O resto do terno, ele afirmou. E estou descalço, óbvio. Eu tiro os sapatos quando chego, como qualquer pessoa civilizada.

Então é o paletó que você tira depois?, ela quis saber.

Tirando o paletó, o que envolvia trocar o celular de mão, ele disse: Essa seria a ordem normal das coisas.

Então a esposa tiraria ele pra você e penduraria no cabide, declarou Eileen. Que gentileza a dela.

E desabotoaria a sua camisa. Não de um jeito protocolar, mas com carinho e delicadeza. Essa também vai ser pendurada?

Simon, que desabotoava a camisa com uma só mão, respondeu que não, que ela voltaria para a mala para ser lavada quando ele chegasse em casa.

Depois dela, eu não sei o que vem, continuou Eileen. Você está usando cinto?

Estou, ele disse.

Fechando os olhos, Eileen prosseguiu: É a próxima coisa que ela tira, e ela guarda no lugar dele. Onde é que você põe o cinto depois de tirar, aliás?

Num cabide.

Você é muito organizado, apontou Eileen. É uma das coisas que a sua esposa adora em você.

Por quê, ela também é organizada? Ou adora porque os opostos se atraem?

Hmm. Ela não é desleixada nem nada, mas não é tão organizada quanto você. E almeja ser. Você já tirou a roupa toda?

Ainda não, ele disse. Estou segurando o celular esse tempo todo. Posso largar ele um instante e depois eu pego?

Com um sorriso envergonhado, Eileen respondeu: Claro que pode, não estou te fazendo de refém.

Não, mas eu não quero que você fique de saco cheio e desligue na minha cara.

Não se preocupa, não vou desligar.

Ele deixou o celular no canto mais próximo da cama e terminou de se despir. Eileen ficou deitada de olhos fechados, o celular frouxo na mão direita, perto do rosto. Agora, vestido apenas com uma cueca samba-canção cinza-escura, Simon pegou o aparelho e se deitou na cama, apoiando a cabeça nos travesseiros. Voltei, ele anunciou.

A que horas você geralmente termina o trabalho?, Eileen questionou. Só por curiosidade.

Por volta das oito. Mais para oito e meia, ultimamente, porque está todo mundo atarefado.

Sua esposa teria um trabalho que terminaria bem mais cedo.

Teria?, disse Simon. Que inveja.

E, quando você chegasse em casa, ela já estaria com a janta pronta.

Ele sorriu. Você me acha tão antiquado assim?, ele perguntou.

Eileen abriu os olhos, como se seu devaneio tivesse sido interrompido. Eu acho que você é um ser humano, ela retrucou. Quem não quer que a janta esteja pronta quando se está empacado no trabalho até as oito e meia? Se você prefere voltar para uma casa vazia e preparar a própria janta, me desculpa.

Não, eu não adoro voltar para uma casa vazia, ele afirmou. E, já que é fantasia, não faço nenhuma objeção a ser paparicado. É que eu não esperaria isso de uma companheira de vida.

Ah, estou ofendendo seus princípios feministas. Vou parar.

Não para, por favor. Quero saber o que a esposa e eu vamos fazer depois da janta.

Eileen tornou a fechar os olhos. Bom, ela é uma boa esposa, óbvio, então vai deixar você trabalhar mais um pouquinho se você precisar, ela retomou. Mas não até tarde. Então ela vai querer ir pra cama. Que é onde você está agora, pelo que entendi.

Estou, sim.

Com um sorriso voluptuoso, Eileen prosseguiu: Você teve um dia bom ou um dia ruim no trabalho?

Foi tranquilo.

E agora você está cansado.

Não cansado demais pra não conversar com você, ele disse. Mas, sim, cansado.

A esposa está atenta em todas essas sutilezas, então não precisaria perguntar. Se você teve um longo dia e está cansado, eu acho que você iria pra cama às onze, e a esposa te faria um boquete. O que ela faz muito bem. Mas não de um jeito vulgar, é tudo muito íntimo e conjugal, e tal.

Segurando o celular com a mão direita, Simon usou a mão esquerda para se tocar através do tecido de algodão fino da samba-canção. Não que eu não goste, mas por que eu só ganho um boquete?, ele questionou.

Eileen riu. Você disse que estava cansado, ela explicou.

Ah, não estou cansado demais pra fazer amor com a minha esposa.

Eu não estava contestando sua virilidade, só achei que você fosse gostar. Bom, eu posso cometer alguns erros, não faz mal. A esposa jamais erraria.

Tudo bem se ela errar, eu vou amar ela mesmo assim.

Eu sinceramente achava que você gostasse de sexo oral.

Agora sorrindo, Simon respondeu: Eu gosto, gosto mesmo. Mas, se eu só tivesse uma noite com uma esposa fictícia, acho que gostaria de avançar mais. Você não precisa entrar em detalhes se estiver relutante.

Pelo contrário, eu amo os detalhes, declarou Eileen. Onde a gente estava? Você despe a sua esposa com sua competência serena muito característica.

Ele enfiou a mão na cueca. Você é muito gentil, ele disse.

Você pode ter certeza de que ela é linda, mas eu não vou ousar descrever a aparência dela. Sei que os homens têm seus gostos e suas preferências.

Valeu pela licença. Eu imagino ela nitidamente.

Imagina?, exclamou Eileen. Agora eu estou curiosa pra saber como ela é. É loura? Não me conta. Aposto que ela é loura e tem sei lá um metro e cinquenta e oito.

Ele estava gargalhando. Não, ele retrucou.

O.k. Bom, não me conta. Seja como for, ela está muito molhada porque passou o dia esperando você tocar nela.

Ele fecha os olhos. No telefone, ele pergunta: E eu posso tocar nela?

Pode.

E depois?

Com a mão livre, Eileen segurava o seio, desenhando um círculo em torno do mamilo com a ponta do polegar. Bom, você pode ver nos olhos dela que está excitada, ela prosseguiu. Mas ao mesmo tempo está tensa. Ela te ama muito, mas às vezes fica tensa porque acha que não te conhece de verdade. Porque às vezes você é distante. Não distante, mas você é meio fechado. Estou só criando um pano de fundo para você entender melhor a dinâmica sexual. Ela está tensa porque te admira e quer fazer você feliz, e às vezes fica com medo de você não estar feliz, e não sabe como agir. Bom, quando você deita na cama, ela está tremendo debaixo de você feito uma folhinha. E você

não diz nada, só começa a trepar com ela. Ou como foi que você falou? Você faz amor com ela. Está bem?

Hmm, ele concordou. E ela gosta?

Gosta, sim. Acho que ela era bem ingênua antes de você se casar com ela, então se agarra a você quando estão juntos na cama, porque é avassalador. Ela provavelmente quer gozar o tempo todo. E você diz pra ela que ela é uma boa menina, que se orgulha dela, e que ama ela, e ela acredita em você. Lembre-se de como você ama ela, isso faz diferença. Eu te conheço muito bem, exceto esse seu lado. Como você age com a mulher que ama. Estou divagando, desculpa. O motivo de eu ter dito aquilo de que a sua esposa te faria um boquete, acho que inconscientemente toquei no assunto porque gosto de pensar nisso. Lembra que a gente fez isso em Paris? Não importa. Lembro que você gostou. Eu me senti muito confiante. Bom, estou desviando do assunto. Estava descrevendo você transando com a sua esposa. Aposto que ela é lindíssima e mais nova que eu. E, tipo, talvez um pouquinho burra, mas de um jeito sexy. Se eu fosse mais extravagante, diria que quando você está na cama com a esposa, não sempre mas só desta vez, começa a pensar em mim. Não precisa ser de propósito. Uma ideiazinha ou uma lembrança passa pela sua cabeça, só isso. Não eu como sou agora, mas quando eu tinha uns vinte anos. Você era muito legal comigo naquela época, sabia? Então você está transando com a sua esposa perfeita, e ela é a mulher mais linda da face da Terra, e você ama ela mais do que tudo na vida, mas, por um ou dois segundos, estando dentro dela, e ela tremendo e se arrepiando, e dizendo o seu nome, você pensa em mim, nas coisas que fizemos juntos quando éramos mais novos, tipo em Paris, quando deixei você gozar na minha boca, e você se lembra de como foi gostoso me possuir daquele jeito, e você me disse que foi especial. E vai ver que foi, sabe? Se você ainda está pensando nisso tantos

anos depois, na cama com a sua esposa, talvez tenha sido especial. Algumas coisas são.

Ele gozava naquele momento, e sua respiração estava ofegante. Fechou os olhos. Eileen tinha parado de falar, estava imóvel, o rosto ardia. Ele disse algo parecido com: Hmm. Por um tempinho, ambos permaneceram calados. Depois, em voz baixa, ela perguntou: A gente pode ficar mais um pouco no telefone? Simon abriu os olhos, pegou um lenço da caixa que ficava na mesa de cabeceira e começou a limpar as mãos e o corpo.

Quanto tempo você quiser, ele disse. Foi muito bom, obrigado.

Eileen riu, quase tonta, como se estivesse aliviada. As bochechas e a testa estavam coradas. Uau, não há de quê, ela devolveu. Esqueci que você é um daqueles caras que diz “obrigado”. Você tem uma energia boa. É meio que noventa por cento playboy, mas, de vez em quando, você dá uma misturada e age como se fosse virgem. Eu respeito, tenho que dizer. Vai ser esquisito quando a gente se encontrar na vida real?

Largando o lenço usado na mesa de cabeceira e pegando outro da caixa, Simon respondeu: Não, nós dois vamos fingir que nada aconteceu. Não é? Acho que uma vez você me disse que eu só tenho uma expressão facial, de todo modo.

Eu realmente disse isso? Que frieza minha. Bom, você tem pelo menos duas: aos risos e preocupado.

Ele passava a mão no peito, sorrindo. Você não foi fria, ele disse. Você só estava brincando.

A sua esposa jamais falaria assim com você.

Por quê, ela me venera?

Venera, confirmou Eileen. Você é como um pai pra ela.

Ele soltou um grunhido cômico. Que legal, ele disse. Eileen sorria. Aposto que você acha legal mesmo, ela retrucou. Eu sabia que acharia. Pousando a

mão na barriga, Simon disse: Você sabe tudo. Eileen contraiu a boca. Sobre você, eu não sei, ela reagiu. Os olhos dele estavam fechados, parecia cansado. Acho que a parte mais realista da fantasia foi quando lembrei da gente em Paris, ele contou. Ela pareceu respirar fundo nesse momento. Passado um instante, ela disse baixinho: Você só está dizendo isso pra me agradar. Ele sorria sozinho. Bom, seria justo, né?, ele indagou. Mas não, estou falando a verdade. A gente pode se encontrar logo? Eileen disse que sim. Vou agir normalmente, ele acrescentou. Não se preocupe. Depois que encerraram a chamada, ela ligou o celular no carregador e apagou o abajur da mesa de cabeceira. O brilho laranja artificial da poluição luminosa urbana atravessava as cortinas finas da janela do quarto. De olhos ainda abertos, ela se tocou por um minuto e meio, gozou sem fazer som e virou de lado para dormir.

Querida Alice. Quando você diz que vai a Roma, quer dizer a trabalho? Não quero me intrometer, mas achei que você precisava dar um tempo. Desejo tudo de melhor na sua viagem, é claro, só me pergunto se é uma boa ideia você retomar os eventos públicos tão cedo assim. Se você acha catártico me enviar mensagens histriônicas sobre o mundo editorial em que declara que todo mundo que conhece é sanguinário e quer te matar ou te foder até a morte, obviamente continue a escrevê-las. Sem dúvida, você conheceu gente ruim por meio do trabalho, embora eu desconfie que você também tenha conhecido um monte de gente chata, eticamente medíocre. Não nego que você esteja sofrendo, aliás — sei que está, e é por isso que estou tão surpresa por você se sujeitar a isso tudo outra vez. Seu voo parte de Dublin? Poderíamos tentar nos ver antes da sua viagem qualquer coisa...

Eu não achava que estava de mau humor ao me sentar para escrever esta resposta, mas talvez esteja. Não estou tentando fazer com que você considere que sua vida horrorosa seja na verdade um privilégio, ainda que de acordo com qualquer definição sensata ela seja muito, literalmente. Está bem, eu ganho uns vinte mil por ano e pago dois terços disso em aluguel, para poder morar em um apartamento minúsculo com gente que não gosta de mim, e você ganha uns duzentos mil euros por ano (?) e mora sozinha em uma casa gigantesca no interior, mas apesar de tudo isso não acho que eu curtiria a sua vida mais do que você mesma curte. Quem é capaz de aproveitá-la deve ter

alguma coisa errada, como você ressalta. Mas todos nós temos alguma coisa de errado, não é? Passei muito tempo na internet hoje e comecei a me sentir deprimida. O pior é que de fato acredito que as pessoas que estão nela sejam bem-intencionadas, de modo geral, e a motivação é justa, mas o nosso vocabulário político caiu tanto e tão rápido desde o século xx que a maioria das tentativas de entender o momento histórico atual acaba sendo basicamente uma sandice. É compreensível que todos estejam apegados a categorias identitárias específicas, mas ao mesmo tempo relutem bastante em explicar no que consistem essas categorias, como foram elaboradas e a que propósitos servem. O único esquema aparente é que para cada grupo de vítimas (pessoas vindas de famílias pobres, mulheres, pessoas negras) existe um grupo de opressores (pessoas vindas de famílias ricas, homens, pessoas brancas). No entanto, nesse sistema, relações entre a vítima e o opressor são tanto históricas como teológicas, pois as vítimas têm uma bondade transcendental e os opressores, uma maldade pessoal. Por essa razão, a filiação de um indivíduo a um grupo identitário específico é uma questão de importância ética ímpar, e grande parte do nosso discurso é dedicado à separação dos indivíduos em grupos adequados, em outras palavras, a lhes dar o reconhecimento moral que lhes é devido.

Se a ação política séria ainda é possível, o que acho que atualmente é uma pergunta sem resposta, talvez não envolva pessoas como nós — na verdade, tenho quase certeza de que não. E, para ser franca, se tivéssemos que morrer pelo bem da humanidade, aceitaria feito um cordeirinho, porque não fiz jus à minha vida nem a aproveitei. Mas eu gostaria de ter alguma serventia ao projeto, seja qual for, e, se só pudesse ajudar um mínimo que fosse, não teria problema, já que estaria agindo em prol de mim mesma de qualquer modo — porque também é a nós mesmos que estamos violentando, mas de outra maneira, é claro. Ninguém quer viver assim. Ou eu, pelo menos, não quero.

Quero viver de outro jeito ou se necessário morrer para que outras pessoas possam viver de outro jeito um dia. Mas olhando na internet, não vejo muitos ideais pelos quais vale a pena morrer. O único que parece existir é o de que devemos observar a imensa penúria humana se desenrolando diante dos nossos olhos e aguardar que as pessoas mais miseráveis, mais oprimidas, virem-se para nós e nos digam como parar. Parece que existe uma crença curiosamente inexplicada de que as condições exploratórias vão, sozinhas, gerar uma solução para a exploração — e que sugerir o contrário é ser paternalista e demonstrar superioridade, como fazem os machos palestrinhas. Mas e se as condições não geram a solução? E se estamos esperando por nada, e todas essas pessoas estiverem sofrendo sem ter instrumentos para acabar com o próprio sofrimento? E nós que temos os instrumentos nos recusamos a fazer qualquer coisa, porque quem toma atitudes é criticado. Ah, que ótima ideia, mas que atitude já tomei na vida? Em minha defesa, estou muito cansada e não tenho ideias boas. Na verdade, meu problema é que fico irritada com todo mundo por não ter todas as respostas, quando eu também não tenho nenhuma. E quem sou eu para pedir humildade e franqueza dos outros? O que eu já dei ao planeta para pedir tanto em troca? Eu poderia me desintegrar em um monte de poeira que o mundo não daria a mínima, e é assim que tem que ser.

Bom, eu tenho uma nova teoria. Quer ouvir? Ignore este parágrafo caso não queira. Minha teoria é de que os seres humanos perderam o instinto para a beleza em 1976, quando o plástico se tornou o material mais comum que existe. Dá para perceber a mudança em andamento ao olhar as fotografias de rua de antes e depois de 1976. Sei que temos bons motivos para sermos céticas em relação à nostalgia estética, mas o fato é que, antes dos anos 1970, as pessoas usavam roupas duráveis de lã e algodão, guardavam bebidas em garrafas de vidro, embalavam hortaliças em papel e enchiam as casas de

móveis de madeira resistentes. Agora, a maioria dos objetos no nosso ambiente visual é feita de plástico, a substância mais feia da Terra, um material que, quando tingido, não pega a cor, e sim a transpira, de um jeito tão horrível que é inimitável. Uma coisa que os governos poderiam fazer com a minha aprovação (e não são muitas) seria proibir a produção de toda e qualquer forma de plástico que não seja muito necessária para a preservação da vida humana. O que você acha?

Não entendo por que você está sendo tão evasiva quanto a esse tal de Felix. Quem é ele? Você está dormindo com ele? Não que você tenha que me falar se não quiser. O Simon não me conta mais nada. Tudo indica que ele está saindo com uma moça de vinte e três anos já faz dois meses, e eu nunca a vi. Nem preciso dizer, a ideia de que o Simon — que já era um homem adulto de vinte anos quando eu tinha quinze — esteja transando regularmente com uma mulher seis anos mais nova do que eu me dá vontade de morrer de vez. E nunca é uma nerd feia de cabelo castanho-acinzentado e opiniões interessantes sobre Pierre Bourdieu, é sempre uma modelo de Instagram que tem uns dezessete mil seguidores e recebe produtos grátis de cosméticos para a pele. Alice, eu odeio fingir que a vaidade pessoal de jovens mulheres atraentes é algo além de entediante e constrangedora. A minha é das piores. Sem querer ser dramática, mas, se o Simon engravidar essa menina, vou me atirar da janela. Imagine ter que ser legal com uma moça qualquer pelo resto da minha vida porque ela é a mãe do filho dele. Já te contei que ele me chamou para sair em fevereiro? Não que realmente quisesse sair comigo, acho que ele estava só tentando elevar minha autoestima. No entanto, tivemos uma conversa bem engraçada no telefone ontem à noite... Bom: que idade tem o Felix? É um velho místico que te escreve poemas sobre o cosmos? Ou um campeão de natação interiorano de dezenove anos com dentes brancos?

Posso me organizar para ir te visitar na semana seguinte ao casamento, se for conveniente — chegando na primeira segunda-feira de junho. O que é que você acha? Se eu pudesse ir dirigindo, claro que seria mais fácil, mas tenho a impressão de que uma mistura de trens e percursos de táxi talvez dê certo. Você nem imagina como estou cansada de bater perna por Dublin sem você. Estou literalmente ansiando por estar em sua companhia outra vez. E.

Na quarta-feira, Alice e Felix foram buscados em Fiumicino por um homem que segurava um envelope de plástico com uma folha de papel, onde estavam impressas as palavras: srta. kellher. Do lado de fora, a noite caíra, mas o ar estava quente, seco, saturado de luzes artificiais. No carro do motorista, um Mercedes preto, Felix se sentou na frente, Alice atrás. Junto deles, na estrada, caminhonetes ultrapassavam umas às outras em velocidades assustadoras, buzinando. Quando chegaram ao prédio, Felix carregou a bagagem de ambos escada acima: a mala de rodinhas de Alice e a sacola esportiva preta dele. A sala de estar era ampla e amarela, com sofá e televisão. Ao cruzar uma abertura em arco, via-se uma cozinha moderna e com visual clean. A porta de um dos quartos ficava nos fundos da sala e havia outra à direita. Depois de olharem os dois cômodos, ele perguntou qual ela preferia.

Escolhe você, ela disse.

Acho que é a garota quem tem que escolher.

Bom, eu discordo.

Ele franziu a testa e disse: O.k., quem paga é que escolhe.

Eu discordo dessa ainda mais.

Ele pôs a própria sacola no ombro e a mão na maçaneta do quarto mais próximo. Estou vendo que vamos discordar bastante nessa viagem, ele declarou. Vou ficar com esse aqui, está bem?

Obrigada, ela comentou. Quer sair para comer alguma coisa antes de ir pra cama? Posso pesquisar algum restaurante se você quiser.

Ele disse que era uma boa ideia. Dentro do quarto, ele fechou a porta, achou o interruptor e pôs a sacola em cima da cômoda. Atrás da cama, a janela do terceiro andar dava para a rua. Ele abriu o zíper da sacola e procurou algo nela, passando as peças de um lado para o outro: algumas roupas, um aparelho de barbear com duas lâminas descartáveis, uma cartela de comprimidos, uma caixa pela metade de camisinhas. Depois de achar o carregador do celular, ele o pegou e começou a desenrolar o fio. No quarto dela, Alice também desfazia a mala, retirando os produtos de higiene do saco plástico transparente, pendurando um vestido marrom no guarda-roupa. Em seguida, se sentou na cama, abriu o mapa no celular e passou os dedos pela tela com uma facilidade experiente.

Quarenta minutos depois, estavam comendo em um restaurante local. No centro da mesa, havia uma vela acesa, uma cesta de vime com pão, um vidro atarracado de azeite de oliva e outro mais alto e estriado de vinagre balsâmico. Felix comia um bife fatiado, bastante mal passado, com molho de parmesão e rúcula, o interior da carne reluzente, rosado como uma ferida. Alice comia uma massa com queijo e pimenta. A seu lado, havia um jarro de vinho tinto pela metade. O restaurante não estava cheio, mas vez por outra conversas e risadas de outras mesas se elevavam e ficavam audíveis. Alice contava a Felix de sua melhor amiga, uma mulher cujo nome era Eileen.

Ela é linda, Alice afirmou. Quer ver uma foto dela?

Mostra aí.

Alice pegou o celular e começou a descer a tela de uma rede social. Nos conhecemos na faculdade, ela disse. A Eileen era uma celebridade na época, todo mundo era apaixonado por ela. Ela vivia ganhando prêmios e sempre tinha uma foto dela no jornal da universidade, esse tipo de coisa. É essa aqui.

Alice lhe mostrou a tela do celular, exibindo uma foto de uma mulher branca e magra de cabelo escuro, encostada no parapeito de uma sacada no que parecia ser uma cidade europeia, com um homem alto e louro ao lado, olhando para a câmera. Felix pegou o celular da mão de Alice e virou um pouco a tela, como se a analisasse.

É, ele concordou. É bonita mesmo.

Eu era tipo a cúmplice dela, declarou Alice. Ninguém entendia por que ela fez amizade comigo, porque ela era muito popular e todo mundo meio que me detestava. Mas eu acho que perversamente ela gostava de ter uma melhor amiga que ninguém gostava.

Por que ninguém gostava de você?

Alice gesticulou vagamente com uma das mãos. Ah, sabe como é, ela disse. Eu estava sempre reclamando de alguma coisa. Acusando as pessoas de ter opiniões erradas.

Eu diria que isso dá nos nervos mesmo, ele disse. Botando o dedo no rosto do homem da fotografia, ele perguntou: E quem é esse com ela?

É um amigo nosso, o Simon, respondeu Alice.

Também não é de se jogar fora, né?

Ela sorriu. Não, ele é lindo, ela disse. A foto nem faz justiça. Acho que ele é uma dessas pessoas que de tão lindas têm uma ideia deturpada de quem são.

Devolvendo o celular, Felix disse: Deve ser legal ter tantos amigos bonitos.

São bons para se olhar, você quer dizer, concluiu Alice. Mas a pessoa se sente um cocô em comparação.

Felix sorriu. Ah, você não é um cocô, ele declarou. Você tem seus pontos fortes.

Tipo minha personalidade cativante.

Depois de uma pausa, ele perguntou: Você chamaria ela de cativante?

Ela deu uma risada genuína. Não, ela respondeu. Não sei como é que você me atura falando tanta bobagem o tempo todo.

Bom, eu só tenho que aturar por um tempinho, ele disse. E, sei lá, talvez você pare com isso quando a gente se conhecer melhor. Ou talvez eu pare de aturar.

Ou talvez eu caia nas suas graças.

Felix voltou a atenção para a comida. Pode ser que sim, ele disse. Claro que pode acontecer qualquer coisa. Então, esse tal de Simon, você não é a fim dele, é?

Ah, não, ela declarou. Nem de longe.

Olhando para ela com aparente interesse, Felix quis saber: Não se interessa pelos bonitos, então?

Eu gosto muito dele, como pessoa, ela disse, francamente. E respeito ele. Ele trabalha como conselheiro de um grupinho de parlamentares de esquerda, mas poderia estar ganhando rios de dinheiro fazendo outra coisa. Ele é religioso, entende?

Felix esticou o pescoço, como se esperasse que ela esclarecesse a piada. Quer dizer que ele acredita em Jesus?, perguntou.

É.

Caralho, é sério? Ele não bate bem da cabeça, é?

Não, ele é bem normal, explicou Alice. Não vai tentar te converter nem nada, ele é discreto. Tenho certeza de que você ia gostar dele.

Felix ficou ali, balançando a cabeça. Deixou o garfo no prato, olhou ao redor, e depois o pegou outra vez, mas não voltou a comer de imediato. E ele é contra gay e tudo mais?, ele prosseguiu.

Não, não. Quer dizer, você devia perguntar isso a ele, se vocês se conhecerem. Mas acredito que a ideia que ele faz de Jesus é mais do tipo “amigo dos pobres”, “defensor dos marginalizados”.

Olha, você me desculpa, mas ele me parece lunático. A esta altura do campeonato, a pessoa acredita em tudo isso? Um cara há milhares de anos pulou da tumba, e esse é o sentido de tudo?

Todo mundo acredita em alguma bobagem, não é?

Eu não. Eu acredito no que eu vejo na minha frente. Não acredito em um Jesus grandioso no céu olhando para nós e decidindo se somos bons ou maus.

Por alguns segundos, ela o analisou sem dizer nada. Por fim, respondeu: Não, talvez você não acredite mesmo. Mas tem muita gente que não seria feliz pensando na vida como você pensa — que ela não serve pra nada e que não faz nenhum sentido. A maioria prefere acreditar que existe algum. Então, pensando assim, todo mundo é iludido. Só que as ilusões do Simon são mais organizadas.

Felix começou a cortar um pedaço de carne com a faca. Se quer ser feliz, ele não poderia inventar uma coisa mais legal no que acreditar?, ele questionou. Em vez de pensar que tudo é pecado e que ele pode ir para o inferno.

Não acho que ele está preocupado com o inferno, ele só quer fazer as coisas certas na Terra. Ele acredita que existe diferença entre certo e errado. Imagino que você não seja capaz de concordar com isso, se pensa que no fim das contas nada faz sentido.

Não, eu acredito que existe certo e errado, óbvio.

Ela ergueu uma das sobrancelhas. Ah, então você é um iludido, ela declarou. Se nós vamos todos morrer no fim, quem é que sabe o que é certo e o que é errado?

Ele disse que pensaria na questão. Continuaram comendo, mas ele se interrompeu outra vez e tornou a balançar a cabeça.

Sem querer voltar na coisa dos gays, ele começou. Mas ele tem algum amigo gay, esse cara? Simon.

Bom, ele é meu amigo. E eu não sou exatamente heterossexual.

Achando graça, brincando até, Felix respondeu: Ah, o.k. Eu também não, aliás.

Ela levantou a cabeça rapidamente, e seus olhares se cruzaram.

Você parece surpresa, ele constatou.

Pareço?

Voltando a atenção para a comida, ele prosseguiu: É que isso nunca foi uma questão pra mim. Se alguém é um cara ou uma garota. Eu sei que para a maioria das pessoas esse é o ponto principal. Mas, pra mim, isso não faz diferença nenhuma. Eu não saio dizendo isso pra todo mundo porque na verdade tem garotas que não gostam. Se descobrem que você já saiu com outros caras, elas acham que você é meio pirado, algumas delas. Mas eu não ligo de te contar já que você também é assim.

Ela deu um gole na taça de vinho e engoliu. Em seguida, disse: Pra mim, acho que é mais uma questão de eu me apaixonar intensamente. E eu nunca sei de antemão por quem, se vai ser homem ou mulher, nem nada sobre a pessoa.

Felix assentiu devagar. Que interessante, ele disse. E acontece muito ou nem tanto assim?

Nem tanto assim, ela respondeu. E nunca de um jeito muito feliz.

Ah, que pena. Mas você vai ter um final feliz, aposto.

Obrigada, que gentil.

Ele continuou comendo, enquanto ela o observava do outro lado da mesa.

Tenho certeza de que as pessoas se apaixonam por você o tempo todo, ela supôs.

Ele olhou para ela, a expressão franca e receptiva. Por que se apaixonariam?, ele questionou.

Ela deu de ombros. Quando a gente se conheceu, fiquei com a impressão de que você vivia saindo com as pessoas, ela justificou. Você me pareceu bastante blasé e tranquilo quanto a tudo.

Só porque eu saio com as pessoas não quer dizer que elas vivam se apaixonando por mim. Nós já saímos juntos, você não está apaixonada por mim, está?

Placidamente, ela respondeu: Se estivesse, não te falaria.

Ele riu. Bom pra você, ele retrucou. E não me entenda mal, tudo bem você estar apaixonada por mim se quiser. Eu te consideraria meio lunática, mas isso é mais ou menos o que eu já acho de você.

Ela limpava o resto de molho do prato com um pedaço de pão. Você é sensato, ela concluiu.

Na manhã de quinta-feira, uma assistente da editora de Alice a buscou na frente do prédio às dez horas e a levou a um encontro com alguns jornalistas. Felix passou a manhã passeando pela cidade, olhando coisas, escutando música com o fone de ouvido, tirando fotos e postando-as em um grupo de WhatsApp. Uma foto mostrava uma rua à sombra, estreita e calçada com pedras redondas, e no fim havia uma igreja branca deslumbrante ao sol, com porta e postigo verde-claros. Outra mostrava uma motoneta vermelha, estacionada em frente a uma loja com tipografia antiquada acima da porta. Por fim, postou uma foto da cúpula da Basílica de São Pedro, azul acinzentada feito um bolo com glacê, vista de longe, da Via della Conciliazione, o céu fulgurante no fundo. No chat do grupo, alguém chamado Mick perguntou: Onde diabos você está??? Alguém com o nome de Dave escreveu: Peraí você está na Itália? como assim caralho haha. Você está de folga essa semana. Felix digitou uma resposta.

Felix: Roma baby

Felix: rsrsrsrs

Felix: Aqui com uma garota que conheci no tinder, conto quando eu voltar

Mick: Como assim em roma com alguém que você conheceu no tinder?

Mick: Você tem que explicar melhor hahaha

Dave: Como é que é!! uma velha rica te achou na internet?

Mick: Ahhhh

Mick: Odeio dizer isso, mas eu conheço essa história

Mick: Você vai acordar sem os rins

Depois dessa conversa, Felix fechou o chat do grupo e abriu outro, com o nome de “número 16”.

Felix: Ei já deram comida pra Sabrina hoje

Felix: E não só petisco ela quer comida úmida

Felix: Manda uma foto quando fizerem isso quero ver ela

Ninguém respondeu ou viu as mensagens na hora. Ao mesmo tempo, em outra parte da cidade, Alice gravava um quadro para um programa de televisão italiano no qual mais tarde sua voz seria dublada por uma intérprete. Da perspectiva feminista, é uma questão de divisão de trabalho, ela dizia. Felix bloqueou o celular e continuou andando, cruzando uma ponte e parando no meio dela para olhar o rio do Castelo de Santo Ângelo. Através do fone, escutava “I’m Waiting for the Man”. A qualidade da luz estava clara, dourada, jogando sombras pretas na diagonal, e a água do Tibre tinha um tom verde pálido, leitoso. Debruçando-se sobre o amplo parapeito de pedra branca, Felix pegou o celular e ficou passando as fotos no aplicativo da

câmera. Tinha o celular há anos e, por alguma razão, quando abria a câmera, a música começava a falhar e então desligava. Puxou o fone, irritado, e tirou um retrato do castelo. Por alguns segundos, segurou o celular com os braços esticados, o fone pendurado na beirada da ponte, e não ficou claro, pelos seus gestos, se tentava ver melhor a imagem existente ou se simplesmente cogitava deixar o aparelho escapar da mão e cair no rio sem fazer barulho. Ficou ali, o braço esticado e uma expressão séria no rosto, mas talvez estivesse apenas franzindo a testa diante do brilho do sol. Sem tirar outra foto, ele enrolou os fones, botou o celular no bolso e seguiu em frente.

Alice faria uma leitura em um festival literário naquela noite. Ela disse a Felix que não havia necessidade de que ele fosse, mas ele explicou que não tinha outros planos. Vai ser bom saber do que os seus livros falam, ele declarou. Já que não vou ler. Alice comentou que se o evento fosse muito bom talvez ele mudasse de ideia, e ele garantiu que não mudaria. O evento era fora do centro da cidade, em um prédio amplo que abrigava uma sala de concertos e exposições de arte contemporânea. Os corredores do prédio estavam movimentados, com diversas leituras e bate-papos acontecendo ao mesmo tempo. Alguém da editora se aproximou antes de começar e levou Alice para conhecer o homem que a entrevistaria no palco. Felix perambulava com os fones nos ouvidos, verificando as mensagens, as timelines das redes sociais. No noticiário, um político britânico fizera uma declaração ofensiva sobre o Domingo Sangrento. Felix voltou para o início da timeline, recarregou a página, esperou que os posts novos aparecessem e fez a mesma coisa outra vez, várias vezes. Nem sequer parecia ler os posts novos antes de apertar o “recarregar” de novo. Nesse momento, Alice estava sentada em uma sala sem janelas com uma tigela de frutas à sua frente, dizendo: Obrigada, obrigada, é muita gentileza sua, que bom que você gostou.

Cerca de cem pessoas compareceram ao evento de Alice. No palco, ela passou cinco minutos lendo, depois conversou com o entrevistador, em seguida respondeu a perguntas da plateia. Uma intérprete se sentou a seu lado, traduzindo as perguntas em seu ouvido e depois traduzindo as respostas de Alice para o público. A intérprete era rápida e eficiente, deslizando a caneta depressa pelo bloco de anotações, enquanto Alice falava, na sequência enunciando a tradução em voz alta sem parar, riscando tudo o que havia escrito e recomeçando assim que Alice retomava a palavra. Felix estava assistindo da plateia. Quando Alice dizia alguma coisa engraçada, ele ria junto com os outros membros do público que entendiam inglês. O resto da plateia ria depois, quando a intérprete falava, ou então não riam, talvez porque não desse para traduzir a piada ou porque não a achassem engraçada. Alice respondeu a perguntas sobre feminismo, sexualidade, a obra de James Joyce, o papel da Igreja Católica na vida cultural irlandesa. Será que Felix achava suas respostas interessantes, ou estaria entediado? Estaria pensando nela ou em outra coisa, outra pessoa? E, no palco, discutindo seus livros, Alice estaria pensando nele? Ele existia para ela naquele momento, e, se sim, de que forma?

Depois do evento, ela se sentou atrás de uma mesa para autografar livros durante uma hora. Falaram que ele poderia ficar junto dela, mas disse que preferiria não fazer isso. Andou lá fora, dando uma volta no perímetro do edifício, fumando um cigarro. Quando Alice o encontrou depois, estava acompanhada de Brigida, uma mulher da editora, que os convidou para jantar. Brigida não parava de dizer que o jantar seria “muito simples”. Os olhos de Alice estavam vidrados, e ela falava em um ritmo mais acelerado do que o habitual. Felix, por sua vez, estava mais quieto do que antes, quase emburrado. Entraram em um carro com Ricardo, que também trabalhava na editora, e foram para um restaurante na cidade. No banco da frente, Ricardo e

Brigida conversavam em italiano. No banco de trás, Alice disse a Felix: Você está de saco cheio? Após uma pausa, ele disse: Por que estaria? O rosto de Alice estava corado e vivaz. Eu estaria, ela disse. Só vou a leituras se forem inevitáveis. Felix examinou as próprias unhas e soltou um suspiro baixinho. Você foi ótima respondendo às perguntas, ele declarou. Eles te disseram quais eram antes ou você improvisou todas na hora? Ela explicou que não tinha visto as perguntas antes. Fluência superficial, ela acrescentou. Eu não disse nada que tivesse substância de verdade. Mas que bom que te impressionei. Ele olhou para ela e disse em tom ligeiramente conspirador: Você tomou alguma coisa? Com uma expressão surpresa, inocente, no rosto, Alice respondeu: Não. Do que é que você está falando?

Você está parecendo meio hiperativa, ele observou.

Ah. Desculpa. Acho que depois de falar em público às vezes fico desse jeito. É a adrenalina ou coisa assim. Vou tentar ficar mais calma.

Não, não se preocupa. Eu só ia perguntar se você não me daria um pouco.

Ela riu. Ele encostou a cabeça no assento, sorridente.

Ouvi falar que eles todos cheiram cocaína, ela disse. Neste mercado. Mas nunca me oferecem um pouco.

Ele virou a cabeça, curioso. Ah, é?, ele questionou. Na Itália ou no mundo todo?

No mundo todo, foi o que ouvi dizer.

Interessante. Eu não recusaria uma carreirinha, se eles tiverem.

Você quer que eu pergunte?, ela sugeriu.

Ele bocejou, olhou para Brigida e Ricardo no banco da frente, esfregou os olhos para espantar o sono. Eu acho que você preferiria morrer, ele respondeu.

Mas eu pergunto se você quiser, ela respondeu.

Ele fechou os olhos. Porque você está apaixonada por mim, ele disse.

Hmm, soltou Alice.

Ele continuou ali, imóvel, com a cabeça no apoio, como se estivesse dormindo. Alice abriu o aplicativo de e-mail e escreveu uma nova mensagem para Eileen: Se um dia eu insinuar que vou trazer um total desconhecido para Roma de novo, por favor, fique à vontade para me dizer que é uma ideia tenebrosa. Ela enviou o e-mail e pôs o celular na bolsa. Brigida, ela chamou, alto, da última vez que a gente se viu, você estava mudando de apartamento. Brigida se voltou para o banco de passageiro. Isso, ela confirmou. Agora eu moro bem mais perto do escritório. Ela falou do novo apartamento em comparação ao antigo, enquanto Alice fazia que sim e dizia coisas tais como: E o antigo tinha dois quartos? Mas eu lembro que não tinha elevador... Felix virou a cabeça para olhar pela janela. As ruas de Roma se revelavam uma a uma e sumiam, puxadas para a escuridão.

Continuando o meu e-mail sobre o total desconhecido: o Felix tem a nossa idade, 29. Se quer saber se dormi com ele, não dormi, mas não acho que essa informação esclareça muito da situação para você. Realmente tivemos um encontro que não deu muito certo, sobre o qual te falei na época, mas depois nada. Imagino que na verdade você esteja perguntando não se certos atos sexuais já aconteceram entre nós, mas se a minha relação com ele tem algum aspecto sexual. Eu acho que sim. No entanto, é isso o que eu acho de todas as relações. Gostaria que existisse uma boa teoria da sexualidade para eu ler. Todas as existentes parecem tratar sobretudo de gêneros — mas e o sexo em si? O que ele realmente é? Para mim, é normal conhecer pessoas e pensar nelas de um jeito sexual, sem de fato transar com elas — ou, indo mais ao cerne da questão, sem nem mesmo imaginar ou cogitar imaginar que transo com elas. Esse fato sugere que a sexualidade tenha “outro” teor, que não diz respeito ao ato sexual. E talvez até nossas experiências sexuais, de modo geral, sejam predominantemente esse “outro”. Então, qual é o outro? O que sinto pelo Felix — que, aliás, nunca nem encostou em mim no sentido físico — que me leva a pensar na nossa relação como sexual?

Quanto mais penso em sexualidade, mais confusa e variada ela me parece, e mais releo o nosso jeito de falar sobre ela. A ideia de “fazer as pazes” com a sexualidade aparenta implicar, basicamente, compreender se você gosta de homem ou de mulher. Para mim, perceber que gosto tanto de homem como

de mulher talvez tenha sido um por cento do processo, talvez nem esse tanto. Sei que sou bissexual, mas não me sinto apegada à bissexualidade como identidade — isto é, não acredito que eu tenha algo de especial em comum com outros bissexuais. Quase todas as outras questões que carrego a respeito da minha identidade sexual me parecem mais complicadas, sem um caminho óbvio para descobrir as respostas, e talvez sem nem mesmo linguagem para articular as respostas caso um dia as encontrasse. Como determinar que tipo de sexo curtimos e por quê? Ou o que o sexo representa para nós, com que frequência queremos fazer e em quais contextos? O que podemos aprender sobre nós mesmos através desses aspectos de nossa personalidade sexual? E cadê a terminologia para tudo isso? Tenho a impressão de que andamos por aí sempre sentindo uns ímpetos e desejos absurdamente fortes, fortes o bastante para nos dar vontade de arruinar nossa vida e sabotar nosso casamento e nossa carreira, mas ninguém está de fato tentando explicar o que são os desejos ou de onde surgem. Nossa forma de refletir e de falar sobre sexualidade parece tão limitada, se comparada ao poder exaustivo e debilitante da sexualidade conforme a experimentamos na vida real. Mas depois de digitar tudo isso para você, me pergunto se você não acha que sou louca, porque talvez você nem chegue perto de sentir um desejo sexual tão forte quanto o meu — vai ver que ninguém sente, sei lá. As pessoas não falam disso.

Vez por outra, penso as relações humanas como algo macio que nem areia ou água, e, ao derramá-las em recipientes específicos, damos-lhes formas. Então a relação de uma mãe com a filha é despejada em um recipiente rotulado “mãe e filha”, e ela assume os contornos do recipiente e fica contida ali, aconteça o que acontecer. Talvez amigas infelizes ficassem muitíssimo contentes como irmãs, ou casais como pais e filhos, vai saber. Mas como seria criar uma relação sem nenhuma forma preestabelecida? Simplesmente

derramar a água e deixá-la cair. Imagino que não fosse tomar forma e escorrer para todos os lados. É um pouco como o Felix e eu, acho. Não existe um caminho óbvio pelo qual qualquer relação entre nós possa seguir. Não creio que ele me descreveria como uma amiga, pois ele tem amigos, e o jeito como se relaciona com eles é diferente de como se relaciona comigo. Ele é muito mais distante de mim do que acho que é deles, e ao mesmo tempo somos em certo sentido mais próximos, já que não há restrições ou convenções que confinem nossa relação. O que a torna diferente, em outras palavras, não é nem ele nem eu, tampouco alguma característica especial de um de nós, nem mesmo a combinação de nossa personalidade individual, mas o método pelo qual nos relacionamos — ou a ausência de método. Talvez mais cedo ou mais tarde um suma da vida do outro, ou por fim viremos amigos, ou outra coisa. Entretanto, o que quer que aconteça, será pelo menos o resultado desse experimento, que às vezes parece estar dando muito errado, e às vezes parece ser o único tipo de relação que vale a pena.

Além da minha amizade com você, me apresso em dizer. Mas acho que você está enganada quanto ao nosso instinto para a beleza. Os seres humanos o perderam quando o Muro de Berlim caiu. Não vou entrar em outra discussão com você a respeito da União Soviética, mas, quando ela morreu, a história se foi junto. Considero o século xx uma longa pergunta, e no fim erramos a resposta. Não somos uns bebês azarados por termos nascido quando o mundo acabou? Depois disso, o planeta já não tinha mais chance, e não havia chance para nós. Ou vai ver que foi apenas o fim de uma civilização, a nossa, e em algum momento do futuro outra ocupe seu lugar. Nesse caso, estamos no último ambiente iluminado antes das trevas, dando testemunho de alguma coisa.

Ofereço uma hipótese alternativa: o instinto para a beleza continua vivo, pelo menos em Roma. Claro que é possível visitar o Museu do Vaticano e ver

o Laocoonte, ou ir àquela igrejinha e enfiar uma moeda na ranhura para ver os quadros de Caravaggio — e há até o Rapto de Proserpina, de Bernini, na Galleria Borghese, da qual Felix, um sensualista nato, declara-se um grande fã. Mas existem também laranjeiras escuras e perfumadas, xicrinhas brancas de café, tardes azuis, noites douradas...

Já te contei que não consigo mais ler romances contemporâneos? Acho que é porque conheço gente demais que os escreve. Vejo essas pessoas o tempo todo em festivais literários, tomando vinho tinto e falando de quem está publicando quem em Nova York. Reclamando das coisas mais chatas do mundo — falta de publicidade, resenhas negativas ou alguém ganhando mais dinheiro. Quem se importa? E então eles se recolhem e escrevem romancinhos sensíveis sobre “a vida comum”. A verdade é que não sabem nada sobre a vida comum. A maioria nem sequer enfrenta o mundo real há décadas. Essa gente se senta diante de toalhas de mesa feitas de linho branco e se queixa de resenhas negativas desde 1983. Não dou a mínima para o que acham das pessoas comuns. No que me diz respeito, estão falando de um falso lugar quando falam disso. Por que não escrevem sobre o tipo de vida que realmente têm e o tipo de coisa que realmente lhes provoca obsessão? Por que fingem ser obcecados pela morte e pelo luto, e pelo fascismo — se na verdade a obsessão deles é se o último livro que lançaram será resenhado no New York Times? Ah, e muitos deles têm origens comuns como a minha, aliás. Não são filhos da burguesia. A questão é que eles renunciaram à vida comum — talvez não quando tenham lançado o primeiro livro, e sim o terceiro ou o quarto, mas de qualquer jeito já faz bastante tempo — e agora, ao olhar para trás, tentando lembrar como era a vida habitual, ela está tão distante que precisam espremer os olhinhos. Se romancistas fossem sinceros ao escrever sobre sua vida, ninguém leria romances — e com toda a razão! Talvez finalmente precisássemos encarar que é errado, profundamente errado

do ponto de vista filosófico, o sistema vigente de produção literária — que tira os escritores da vida comum, fecha a porta atrás deles e lhes diz sempre que são especiais e que suas opiniões devem ser muito relevantes. E eles voltam para casa depois do fim de semana em Berlim, depois de quatro entrevistas a jornais, três sessões de fotos, dois eventos lotados, três longos jantares em que todo mundo reclamou de resenhas negativas, e abrem o velho MacBook para escrever um romancinho belamente observador sobre “a vida comum”. Não digo isso com alegria: a situação me dá náuseas.

O problema do romance contemporâneo euro-americano é que, para sua integridade estrutural, ele se vale da supressão das realidades vividas pela maioria dos seres humanos da Terra. Encarar a pobreza e a miséria em que milhões de pessoas são forçadas a viver, inserir essa pobreza, essa miséria, lado a lado com as vidas dos “personagens principais” de um romance, seria considerado de mau gosto ou apenas um fracasso artístico. Quem consegue se importar, em suma, com o que acontece aos protagonistas de um romance se o contexto do enredo for o da exploração cada vez mais rápida, mais brutal, da maioria da espécie humana? Os protagonistas rompem ou continuam juntos? Neste mundo, isso importa? Então o romance funciona suprimindo a realidade do mundo — apertando-o bem sob a superfície reluzente do texto. E podemos prestar atenção outra vez, assim como na vida real, se as pessoas rompem ou ficam juntas — se, e apenas se, obtivermos sucesso no esquecimento de todas as coisas que são mais importantes, isto é, tudo.

Minha própria obra é, nem preciso dizer, a mais criminosa nesse sentido. Por essa razão, acho que nunca mais vou escrever um romance.

Você estava de mau humor no último e-mail e disse umas coisas bem mórbidas sobre querer morrer pela revolução. Espero que, quando receber esta mensagem, você esteja pensando mais em querer viver pela revolução e em como seria essa vida. Você diz que poucos se interessam pelo que

acontece com você, e não sei se é verdade, mas sei que alguns ligam muito, muito — por exemplo, eu, o Simon, a sua mãe. Também tenho certeza de que é melhor ser muito amada (o que você é) do que ser “gostada” por muitos (o que você também deve ser! mas não vou me alongar na questão). Me desculpe por reclamar tanto da publicidade dos livros, assunto sobre o qual nenhuma pessoa lúcida gostaria de ouvir — e me desculpe por falar que tiraria uma folga prolongada da publicidade e daí ir a Roma para promover meu livro porque sou uma covarde e odeio decepcionar as pessoas. (Eu me desculparia por não termos nos visto antes do meu voo, mas na verdade a culpa não foi minha — os editores agendaram um carro para me levar ao aeroporto.) Você tem razão quando diz que ganho dinheiro demais e sou irresponsável. Sei que devo te entediar, mas apenas na mesma medida em que entedio a mim mesma — e também te amo e me sinto grata a você por tudo.

Bom, sim, por favor, vá me visitar depois do casamento. Devo convidar o Simon para ir também? Juntas, podemos convencê-lo por que é errado ele sair com mulheres lindas de morrer mais novas do que a gente. Ainda não sei direito por que seria errado, mas nesse meio-tempo não tenho dúvida de que consiga inventar alguma coisa. Com todo o meu amor, Alice.

Na tardinha em que recebeu esse e-mail, Eileen estava atravessando o Temple Bar rumo à Dame Street. Era um dia claro e agradável de sábado no começo de maio, e o sol caía em diagonal e tingia de dourado as fachadas dos prédios. Ela usava uma jaqueta de couro sobre um vestido de algodão estampado, e, quando seu olhar cruzava com o dos homens que passavam, jovens de casacos de fleece e botas, homens de meia-idade em camisas justas, dava sorrisos vagos e desviava o olhar. Às oito e meia, chegara ao ponto de ônibus em frente ao velho Central Bank. Pegou uma tira de chiclete de menta na bolsa, desembulhou e o enfiou na boca. O tráfego passava, e as sombras na rua se movimentavam lentamente em direção ao leste, enquanto ela alisava a embalagem laminada com a unha. Quando o celular tocou, ela o tirou do bolso para olhar a tela. Era a mãe quem telefonava. Ela atendeu e, depois de se cumprimentarem, disse: Escuta, eu estou na cidade esperando o ônibus, posso te ligar mais tarde?

Seu pai está chateado por causa desse negócio com a Deirdre Prendergast, disse Mary.

Eileen semicerrava os olhos para enxergar o número do ônibus que se aproximava, mascando o chiclete. Entendi, ela afirmou.

Você poderia falar com a Lola?

O ônibus passou sem parar. Eileen tocou na testa com os dedos. Então o papai está chateado com a Lola, ela disse, e fala com você, e você fala

comigo, e eu é que tenho que falar com a Lola. Parece fazer sentido pra você?
Se for muito incômodo, esquece.

Outro ônibus se aproximava, e Eileen respondeu: Tenho que ir, amanhã eu te ligo.

Quando as portas do ônibus se abriram, ela subiu, passou o cartão e foi se sentar na parte de cima, perto da frente. Digitou o nome de um bar no aplicativo de localização do celular, enquanto o ônibus cruzava o centro da cidade rumo ao sul. Na tela de Eileen, um ponto azul pulsante no mapa começava a fazer o mesmo trajeto em direção ao destino final, a dezessete minutos de distância. Depois de fechar o aplicativo, ela escreveu uma mensagem para Lola.

Eileen: ei, você não convidou a Deirdre P para o casamento, afinal?

Trinta segundos depois, já recebera uma resposta.

Lola: Rsrs. Espero que a mamãe e o papai estejam te pagando bem para fazer o trabalho sujo no lugar deles.

Depois de ler essa mensagem, Eileen juntou as sobrancelhas e expirou vigorosamente pelo nariz. Pressionou o botão de responder e começou a digitar.

Eileen: é sério que você está desconvidando parentes para o seu casamento? você não percebe como é odiosa e imatura a sua atitude?

Então ela fechou o aplicativo de mensagens e reabriu o mapa. Instruída pelo ponto na tela, apertou o botão para que o ônibus parasse e desceu a escada. Depois de agradecer ao motorista, saltou e, com frequentes olhares cautelosos para o celular, começou a subir a rua na direção em que o ônibus

viera, passando por um cabeleireiro, uma loja de roupas femininas, atravessando na faixa de pedestres, até uma bandeira surgir na tela com uma linha de texto em azul onde se lia: “Você chegou ao seu destino”. Ela devolveu o chiclete à embalagem laminada e o jogou em uma lixeira próxima.

A entrada era por uma varanda amontoada, que dava para o bar da frente, e atrás havia um espaço exclusivo com sofás e mesinhas baixas, iluminado somente por lâmpadas vermelhas. O visual era pitoresco de tão doméstico, como uma enorme sala de estar de uma época mais antiga, mas imersa em uma lúgubre luz vermelha. Eileen foi imediatamente saudada por alguns amigos e conhecidos, que deixaram os copos na mesa e se levantaram dos sofás para abraçá-la. Ao ver o homem chamado Darach, ela disse, em tom alegre: Feliz aniversário, você! Depois ela pediu uma bebida e se sentou em um dos sofás de couro um pouco grudentos ao lado de sua amiga Paula. A música saía dos alto-falantes pregados às paredes, e a porta do banheiro volta e meia se abria do outro lado do local, despejando uma breve enxurrada de luz branca antes de se fechar. Eileen olhou o celular e viu a nova mensagem de Lola.

Lola: Hmmm vou ter que ouvir que sou imatura da boca de uma pessoa encalhada em um emprego de merda que não dá grana nenhuma e que mora em um chiqueiro com trinta anos nas costas...?

Eileen passou um tempo fitando a tela e depois enfiou o celular no bolso. A seu lado, uma mulher chamada Roisin contava a história da janela quebrada em seu apartamento ao nível da rua, que o dono se recusou a consertar por mais de um mês. Em seguida, todo mundo começou a dividir histórias de terror sobre o mercado de aluguéis. Uma, duas horas transcorreram desse jeito. Paula pediu outra rodada de bebidas. Travessas de

prata com comidas quentes surgiram de trás do bar: linguicinhas, batata frita, asinhas de frango reluzindo sob o molho. Às dez para as onze, Eileen se levantou, foi ao banheiro e tirou o celular do bolso outra vez. Não tinha mais notificações. Abriu o aplicativo de mensagens e tocou no nome de Simon, abrindo uma conversa da noite anterior.

Eileen: chegou em casa direitinho?

Simon: Sim, ia te mandar mensagem agora

Simon: Pode ser que eu tenha comprado um presente pra você.

Eileen: sério??

Simon: Você vai gostar de saber que a lojinha da balsa estava com uma promoção especial no Toblerone

Simon: Você vai fazer alguma coisa amanhã à noite?

Eileen: na verdade sim pra variar...

Eileen: darach vai comemorar aniversário, desculpa

Simon: Ah o.k.

Simon: Posso te ver durante a semana então?

Eileen: por favor sim

Essa foi a última mensagem da conversa. Ela usou o vaso, lavou as mãos, repassou o batom diante do espelho e tirou o excesso com um quadradinho de papel higiênico. Alguém bateu à porta do banheiro, e ela disse alto: Um segundo. Olhava languidamente para o espelho. Com as mãos, puxou as feições do rosto para baixo, fazendo com que os ossos do crânio se projetassem, duros e esquisitos sob a luz branca fluorescente do teto. A pessoa bateu de novo. Eileen pendurou a bolsa no ombro, destrancou a porta

e voltou para o bar. Sentada ao lado de Paula, ela pegou a bebida que deixara pela metade na mesa. Todo o gelo tinha derretido. Qual é o assunto?, ela perguntou. Paula contou que estavam falando de comunismo. Agora está todo mundo pensando nisso, comentou Eileen. É incrível. Quando eu comecei a falar de marxismo por aí, as pessoas riam da minha cara. Agora todos falam disso. E a todas essas novas pessoas que estão tentando fazer do comunismo uma coisa legal, eu só gostaria de dizer: bem-vindos a bordo, camaradas. Sem rancor. O futuro vai ser brilhante para a classe trabalhadora. Roisin ergueu o copo, assim como Darach. Eileen sorria e parecia um pouco embriagada. Tiraram as travessas?, ela questionou. Um cara chamado Gary, sentado na frente dela, disse: Mas ninguém aqui é da classe trabalhadora. Eileen coçou o nariz. É, ela disse. Bom, Marx discordaria de você, mas entendo o que você está falando.

As pessoas adoram falar que são da classe trabalhadora, Gary retrucou. Ninguém aqui nasceu na classe trabalhadora.

Tudo bem, mas todo mundo aqui trabalha pra viver e paga aluguel para o dono do imóvel, argumentou Eileen.

Erguendo as sobrancelhas, Gary rebateu: Pagar aluguel não faz com que alguém seja da classe trabalhadora.

É, não faz com que alguém seja da classe trabalhadora. Gastar metade do salário em aluguel, não ser dono de imóvel nenhum, ser explorado pelo patrão, nada disso faz com que alguém seja da classe trabalhadora, né? Então o que é que faz, ter um sotaque, é isso?

Com uma risada irritada, ele respondeu: Você acha que pode ficar por aí dirigindo a bmw do teu pai, virar e dizer que é da classe trabalhadora porque não se dá bem com o patrão? Não é moda, sabia? É identidade.

Eileen encheu a boca com a bebida. Tudo agora é identidade, ela retrucou. E você não me conhece, aliás. Não sei por que você está falando que

ninguém aqui é da classe trabalhadora, você não sabe nada de mim.

Sei que você trabalha em uma revista literária, ele disse.

Caramba. Em outras palavras, tenho um emprego. Típico comportamento burguês.

Darach declarou que achava que os dois estavam usando o mesmo termo, “classe trabalhadora”, para se referir a dois grupos distintos da população: um, a ampla classe de pessoas cuja renda era extraída do trabalho e não do capital, e o outro, uma subseção depauperada e sobretudo urbana desse grupo com um conjunto específico de tradições e significantes culturais. Paula disse que uma pessoa de classe média também poderia ser socialista, e Eileen argumentou que a classe média não existia. Todo mundo começou a falar ao mesmo tempo. Eileen olhou o celular outra vez. Não havia mensagens novas, e o relógio na tela dizia ser onze e vinte e um. Ela terminou a bebida e começou a vestir o casaco. Jogando um beijo, despediu-se das outras pessoas à mesa com um aceno. Vou pra casa, ela anunciou. Feliz aniversário, Darach! Até logo. Em meio ao barulho e às conversas, só alguns notaram sua saída, e acenaram e bradaram, enquanto ela se afastava.

Dez minutos depois, Eileen embarcara em outro ônibus, este em direção ao centro da cidade. Sentou-se sozinha na janela do andar de cima, tirou o celular do bolso e o desbloqueou. Abrindo o aplicativo de uma rede social, procurou o nome “aidan lavelle” e tocou no terceiro resultado sugerido. Depois que o perfil carregou, Eileen deslizou a timeline num gesto mecânico, quase desatento, para ver as últimas novidades, como se instigada pelo hábito em vez do interesse espontâneo. Com alguns toques na tela, passou da página de Aidan Lavelle para o perfil da Actual Death Girl e aguardou até que carregasse. O ônibus estava parado no St. Mary’s College àquela altura, as portas se abrindo e passageiros descendo no primeiro andar. A página carregou e, sem pensar, Eileen olhou os últimos posts da usuária. Quando o

ônibus se movimentou, a campainha de parada tocou outra vez. Alguém se sentou ao lado de Eileen, e ela levantou a cabeça e deu um sorriso educado antes de voltar a atenção para a tela. Dois dias antes, a Actual Death Girl tinha postado uma nova foto, com a legenda “esse triste caso”. A imagem mostrava a menina com os braços em volta de um homem de cabelo escuro. O homem marcado era Aidan Lavelle. Olhando aquilo, a boca de Eileen se abriu um pouco e depois se fechou. Ela tocou na foto para ampliá-la. O homem usava uma jaqueta de cotelê vermelha. Em torno de seu pescoço, os braços da mulher eram atraentes, viçosos, definidos. A publicação recebera trinta e quatro curtidas. O ônibus parava em outro ponto, e Eileen prestou atenção à janela. Era no Grove Park, logo antes do canal. Uma expressão de reconhecimento passou por seu rosto, ela franziu a testa e, com um solavanco, levantou-se, espremendo-se ao passar pelo passageiro ao lado. Quando as portas se abriram, ela desceu correndo, quase sem fôlego, agradeceu ao motorista pelo espelho retrovisor e saltou na rua.

Já era quase meia-noite. As janelas dos apartamentos exibiam um amarelo aqui e ali, em cima da loja apagada da esquina. Eileen fechou o zíper do casaco e arrumou a bolsa no ombro, e caminhou, aparentemente resoluta, em certa direção. Ao seguir em frente, pegou o celular outra vez e reexaminou a foto. Depois pigarreou. A rua estava deserta. Ela enfiou o celular no bolso e esfregou as mãos com firmeza na parte da frente do casaco, como se as tivesse limpando. Ao cruzar a rua, tomou um ritmo mais enérgico, dando passos compridos, até que chegou a uma casa geminada alta de tijolinhos com seis caçambas de plástico enfileiradas atrás do portão. Erguendo a cabeça, soltou uma risada estranha e esfregou a testa com a mão. Atravessou o cascalho e tocou o interfone na entrada. Durante cinco, dez segundos, nada aconteceu. Quinze segundos. Ela balançava a cabeça, os lábios se mexendo em silêncio, como se ensaiasse uma conversa imaginária. Vinte segundos se

passaram. Ela deu as costas para ir embora. Então, do aparelho de plástico, a voz de Simon disse: Alô? Virando-se, fitou o interfone e permaneceu calada. Alô, a voz dele repetiu. Ela apertou o botão.

Oi, ela anunciou. Sou eu. Desculpa.

Eileen, é você?

Sim, desculpa. Eu, enquanto Eileen.

Você está legal?, ele perguntou. Sobe, vou abrir pra você.

O sinal de abertura da porta soou, e ela entrou. A iluminação do corredor era forte, e alguém deixara uma bicicleta encostada na caixa de correio. À medida que Eileen subia a escada, sentiu que, na parte de trás da cabeça, uma mecha havia escapado da presilha, e, com cuidado, com os dedos longos e habilidosos, ela a arrumou. Depois olhou as horas no celular, que dizia ser onze e cinquenta e oito, e abriu o zíper do casaco. A porta de Simon já estava aberta. Ele estava de pé, descalço, franzindo a testa diante da luz do corredor, os olhos sonolentos e um pouco inchados. Ela parou no último degrau, a mão no corrimão. Meu Deus, me desculpa, ela disse. Você estava na cama?

Está tudo bem?, ele quis saber.

Ela abaixou a cabeça, como se exausta, ou envergonhada, e seus olhos se fecharam. Alguns segundos transcorreram até que os abrisse e respondesse: Está tudo bem. Eu estava voltando da festinha do Darach e indo para casa e me bateu a vontade de te ver. Não imaginei — não sei por que achei que você estivesse acordado. Sei que está tarde.

Não está, não. Quer entrar?

Ainda com os olhos fixos no carpete, ela disse com a voz tensa: Não, não, vou te deixar em paz. Estou me sentindo uma idiota, desculpa.

Ele fechou um olho e a examinou ali, onde estava, no último degrau da escada. Não fala assim, ele disse. Entra, a gente bebe alguma coisa.

Ela o seguiu porta adentro. Só uma das luzes da cozinha estava acesa, iluminando o apartamento pequeno com um círculo que se atenuava à medida que se expandia. Um cabideiro estava encostado na parede dos fundos com várias peças penduradas para secar: camisetas, meias, cuecas. Ele fechou a porta, enquanto ela tirava o casaco e os sapatos. Ficou parada diante dele, olhando recatadamente para as tábuas do assoalho.

Simon, ela começou, posso te pedir um favor? Pode falar que não, não vou ligar.

Claro.

Posso dormir na sua cama com você?

Ele a fitou por um instante a mais antes de responder. Pode, ele disse. Não tem nenhum problema. Tem certeza de que está tudo bem?

Sem levantar os olhos, ela fez que sim. Ele encheu um copo de água da torneira para ela, e foram juntos para o quarto dele. Era um espaço organizado com assoalho de tábuas escuras. No meio, havia uma cama de casal, a colcha revirada, o abajur da cabeceira ligado. De frente para a porta, ficava uma janela com a persiana arriada. Simon apagou a luz do abajur, e Eileen desabotoou o vestido, o deslizou pelos ombros e o pendurou no espaldar da cadeira. Deitaram-se na cama. Ela tomou um pouco da água do copo e se deitou de lado. Por alguns minutos, ficaram imóveis e calados. Ela o olhava, mas ele estava de costas, apenas a parte de trás da cabeça e dos ombros visíveis no escuro. Me abraça?, ela pediu. Por um instante, ele hesitou, mas se virou e passou o braço em torno dela, murmurando: Claro que sim. Ela se aninhou nele, o rosto no pescoço dele, os corpos apertados um contra o outro. Ele soltou um barulho gutural ao estilo Hmm. Em seguida, engoliu. Desculpa, ele disse. A boca de Eileen estava em seu pescoço. Tudo bem, ela disse. É bom. Ele inspirou. É mesmo, ele disse. Você não está bêbada, está? Os olhos dela estavam fechados. Não, ela respondeu. Ela enfiou

a mão na cueca dele. Ele fechou os olhos e gemeu baixinho. Durante um tempo, tocou nele assim, devagar, a boca de Simon um pouco aberta. A gente pode?, ela perguntou. Ele disse que sim. Tiraram as roupas de baixo. Vou pegar uma camisinha, ele avisou. Ela contou que tomava pílula, e ele pareceu hesitar. Ah, ele disse. Assim, então? Ela fez que sim. Estavam deitados de lado, cara a cara. Segurando-a pelo quadril ele se mexia dentro dela. Ela puxou o ar depressa, e ele esfregou o osso saltado do quadril dela com a mão. Por alguns segundos, ficaram imóveis. Ele chegou um pouco mais perto, e, de olhos fechados, ela gemeu. Hmm, ele soltou. Posso botar você deitada de costas? Tudo bem se eu fizer isso? Acho que eu conseguiria ir mais fundo em você assim, se quiser. Ela também estava de olhos fechados. Pode, ela respondeu. Ele saiu de dentro dela, e ela se deitou de costas. Quando entrou nela outra vez, ela gritou, passando as pernas em volta dele. Apoiando-se nos próprios braços, ele fechou os olhos. Passado um minuto, ela disse: Eu te amo. Ele soltou o ar. Em voz baixa, ele respondeu: Ah, eu ainda... Também te amo, muito. Ela passava a mão na nuca dele, arfando pela boca. Eileen, ele disse, desculpa, mas eu acho que já estou meio que perto. Eu só, eu não... eu sei lá, me desculpa. O rosto dela ardia, ela estava ofegante, fazendo que não. Tudo bem, ela afirmou. Não se preocupa, não pede desculpa. Depois que ele terminou, ficaram um tempo deitados nos braços um do outro, respirando, ela passando os dedos no cabelo dele. Lentamente, ele desceu a mão, quente e pesada, pela barriga dela até ficar entre suas pernas. Tudo bem?, ele perguntou. Fechando os olhos, ela murmurou: Tudo. Mexendo o dedo médio dentro dela, ele tocou no clitóris com o polegar, e ela sussurrava, isso, isso. Depois se afastaram, e ela se deitou de costas, chutando a colcha para longe das pernas, tomando fôlego. Ele estava deitado de lado, os olhos semicerrados, observando-a. Tudo bem?, ele questionou. Ela soltou uma espécie de risada trêmula. Tudo, ela disse. Obrigada. Languidamente, ele

sorriu, o olhar percorrendo o corpo magro e longo esticado no colchão. Disponha, ele respondeu.

De manhã, o despertador dele tocou às oito e acordou os dois, Simon se apoiando nos cotovelos para desligá-lo, Eileen deitada de costas, esfregando os olhos com os dedos. Pelas beiradas da veneziana, vazava um retângulo de luz do dia. Você tem algum plano pra agora de manhã?, ela perguntou. Ele pôs o celular de volta na mesinha de cabeceira. Eu ia à missa das nove, ele explicou. Mas posso ir mais tarde, não faz diferença nenhuma. Ela se manteve deitada, de olhos fechados, parecendo feliz, o cabelo desgrehado no travesseiro. Posso ir junto?, ela pediu. Ele a olhou de cima por um instante, depois respondeu apenas: Claro que pode. Levantaram-se da cama juntos, e ele passou o café, enquanto ela tomava banho. Ela saiu do banheiro envolta em uma grande toalha branca, e eles se beijaram encostados na bancada da cozinha. E se eu tiver maus pensamentos durante a missa?, ela indagou. Ele acariciou a nuca dela, onde o cabelo estava úmido. Sobre ontem à noite, por exemplo?, ele quis saber. Não fizemos nada de mau. Ela beijou a costura do ombro da camisa dele. Ele preparou o café da manhã, enquanto ela se vestia. Faltando alguns minutos para as nove, saíram de casa e foram a pé até a igreja. O interior estava frio e os bancos, quase vazios, e o ar cheirava a umidade e incenso. O padre leu o Evangelho de Lucas e proferiu um sermão sobre compaixão. Durante a comunhão, o coral cantou “Here I Am, Lord”. Eileen viu Simon se levantar do banco e formar uma fila com os outros membros da congregação, a maioria idosos. Da galeria atrás deles, o coral entoava: *I will make their darkness bright*. Eileen se mexia no assento para não perder o momento em que Simon chegou ao altar e recebeu a comunhão. Ao se virar, ele fez o sinal da cruz. Ela ficou sentada, as mãos no colo. Ele ergueu os olhos para o imenso teto abobadado, e seus lábios se moviam em silêncio. Com uma expressão perscrutadora, ela o observava. Aproximou-se e

se sentou ao lado dela, botando a mão em cima das dela, e sua mão estava pesada e totalmente imóvel. Em seguida, ele se ajoelhou no genuflexório grudado ao banco. Abaixando a cabeça sobre as mãos, ele não parecia solene ou sério, apenas tranquilo, e seus lábios já não se moviam. Entrelaçando os dedos no colo, ela o fitava. O coral cantava: *I have heard you calling in the night*. Simon se benzeu de novo e voltou a se sentar ao lado dela. Ela estendeu a mão na direção dele e, com serenidade, ele a segurou entre as dele, passando o polegar devagarinho nos sulcos dos nós dos dedos. Ficaram assim até a missa acabar. Na rua, voltaram a sorrir, e seus sorrisos eram enigmáticos. Era uma manhã fria e clara de domingo, as fachadas brancas dos prédios refletiam o sol, o tráfego passava, as pessoas passeavam com os cachorros, chamando-se do outro lado da rua. Simon beijou a bochecha de Eileen, e eles se despediram.

Alice, você não acha que o problema do romance contemporâneo é simplesmente o problema da vida contemporânea? Concordo que parece vulgar, decadente, até violento no sentido epistêmico, investir energia nas banalidades do sexo e da amizade se a civilização humana está à beira do colapso. Mas, ao mesmo tempo, é isso o que eu faço todo dia. Podemos esperar, se você preferir, nossa ascensão a um plano superior de existência, momento em que começaremos a direcionar todos os nossos recursos mentais e materiais para questões existenciais e para pensar não nas nossas famílias, nos nossos amigos, amantes e por assim vai. Porém vamos ficar esperando, na minha opinião, por muito tempo, e na verdade vamos morrer antes que isso aconteça. Afinal, quando as pessoas estão no leito de morte, não falam sempre dos cônjuges e dos filhos? E a morte não é apenas o apocalipse em primeira pessoa? Então, nesse sentido, não existe nada maior do que aquilo que você chama de “romper ou continuar juntos” (!), porque, no fim da nossa vida, quando já não nos resta mais nada, essa continua sendo a única coisa de que queremos falar. Talvez a gente tenha nascido para amar e se preocupar com quem a gente conhece, para continuar amando e se preocupando mesmo quando temos coisas mais importantes para fazer. E, se isso significa que a espécie humana vai se extinguir, essa não seria de certo modo uma boa razão para a extinção, a razão mais linda que se possa imaginar? Porque, quando deveríamos ter reorganizado a distribuição dos recursos mundiais e feito

coletivamente a transição para um modelo econômico sustentável, estávamos preocupados com sexo e amizade. Porque nos amávamos demais e achávamos os outros interessantes demais. E amo esse aspecto da humanidade, e de fato é por esse exato motivo que torço para que sobrevivamos — porque somos uns idiotas em relação aos outros.

Quanto a esse último ponto, falo por experiência própria. A caminho de casa, voltando de uma comemoração de aniversário, ontem à noite, eu meio que desci do ônibus por acaso em Grove Park e fui até a casa do Simon. Imagino que estivesse meio bêbada e me sentindo mal comigo mesma, e talvez eu tenha pensado que poderia contar com ele para massagear meus ombros e me fazer elogios. Ou talvez eu quisesse que ele não estivesse em casa. Ou que estivesse com a garota com quem está saindo, para eu me sentir ainda pior. Sei lá. Não sei o que eu queria ou o que eu achava que fosse acontecer. Bom, quando subi, ficou óbvio que ele tinha acordado com o interfone e que ele teve que se levantar da cama para me atender. Não era muito tarde, era por volta de meia-noite. Ele estava parado na porta com uma cara de cansado e de velho. Não falo no mau sentido. Mas, ao vê-lo, em geral, acho que estou acostumada a me deparar com o mesmo adolescente louro e lindo que sempre vi, desde que era pequena. E, quando ele estava parado na porta, na noite passada, ele não era mais esse garoto. O que eu de fato sei sobre a vida dele? Quando comecei a ter uma paixonite de adolescente pelo Simon, eu não entendia muito bem a sexualidade, e inventei a expressão “toque especial” para descrever para mim mesma como eu me sentia quando ele me tocava. O que, aliás, ele só fazia por acidente ou das maneiras mais castas imagináveis. Não é uma expressão engraçadíssima, “toque especial”? Pensando nisso agora, minha vontade é de rir. Mas, ontem à noite, na cama, ele passou os braços em volta de mim, e, na mesma hora,

essas palavras voltaram à minha cabeça, como se os últimos quinze anos não tivessem sido nada, e a sensação foi a mesma.

Acabamos indo à missa hoje de manhã. A igreja da rua dele tem um pórtico de pedra muito glamoroso na entrada, e o nome extraordinariamente católico de “Igreja de Maria Imaculada, Refúgio dos Pecadores”. Ele não me convidou para ir junto, aliás, eu que quis ir, apesar de agora não saber por que. É possível que estivesse me sentindo tão bem na companhia dele que não quisesse ficar separada fisicamente por uma hora. Mas também é possível, e não sei direito como exprimir isso, que eu não quisesse que ele fosse sem mim por ciúmes. Agora que falei, não sei ao certo o que quero dizer com isso. Será que me ressinto porque ele gosta mais do conceito de Deus do que de mim? A ideia me parece francamente absurda. Mas e daí? Depois de voltar a me relacionar intimamente com o Simon, ainda que por um breve momento, será que eu tive medo de que, ao ir à missa, ele se purificaria de mim? Ou talvez, em certo sentido, eu não acreditasse de verdade que ele fosse levar a ideia adiante, e, se me prontificasse a acompanhá-lo, ele teria que se abrir e confessar que não levava realmente a sério a coisa da religião. No fim das contas, é claro, nossa ida à igreja foi monótona. Lá dentro, tudo era branco e azul, com estátuas pintadas e confessionários feitos de painéis pretos e cortinas de veludo luxuosas. A maioria dos presentes era de mulheres meio idosas de casacos em tons pastel. Quando a missa começou, Simon não começou a agir de forma muito intensa e espiritualizada de repente, ou a chorar pela grandiosidade de Deus Pai nem nada disso, ele foi como sempre é. De modo geral, ficou sentado escutando sem fazer nada. No início, quando todos repetiram “Jesus, tenha misericórdia” e tudo o mais, acho que uma parte de mim queria que ele caísse na gargalhada e me dissesse que aquilo tudo não passava de uma piada. De certo modo, tinha medo da forma como ele se comportava, dizendo coisas do

tipo “cometi um grande pecado” — em voz alta, normal, assim como eu diria “está chovendo” se tivesse a fé sincera de que está chovendo e nada nessa fé me soasse ridículo. Olhei bastante para ele, acho que assustada com tamanha seriedade, e ele simplesmente me fitava com simpatia, como se dissesse: Sim, isso aqui é uma missa, você esperava o quê? Então veio uma leitura sobre uma mulher que derramou óleo nos pés de Jesus, acho eu, secando-os com o cabelo? A não ser que eu tenha entendido errado. Simon ficou ali, sentado, ouvindo essa história claramente bizarra e aberrante, e parecia, como de hábito, muito tranquilo e normal. Sei que não paro de falar que ele parecia normal, mas foi justamente a aparente ausência de mudança em sua personalidade, justamente o fato de continuar sendo total e visivelmente o mesmo homem de sempre, que me desconcertou tanto.

Depois das leituras, o padre abençoou o pão e o vinho, e pediu à congregação que elevasse o coração. Juntos, em um suave sussurro coletivo, todo mundo na igreja respondeu: “Nós o elevamos ao Senhor”. É possível que eu tenha mesmo presenciado essa cena, bem no meio de Dublin, poucas horas atrás? É possível que essas coisas literalmente aconteçam, no mundo real onde você e eu existimos? O padre disse “Elevem seus corações”, e todos, inclusive o Simon, respondeu sem hesitação ou ironia: “Nós o elevamos ao Senhor”. Será que acreditavam dizer a verdade, e que seus corações naquele momento de fato estavam elevados ao Senhor, seja lá o que isso signifique? Se eu tivesse me feito essa pergunta ontem, teria dito que é claro que não. A missa é apenas um ritual social, as pessoas religiosas não gastam tempo pensando em Deus, e sem sombra de dúvida jamais tentam elevar o coração a ele ou elaborar o que significa fazer isso. Mas hoje minha sensação foi outra. Senti que pelo menos algumas das pessoas naquela igreja acreditavam a sério estar elevando seus corações ao Senhor. E acho que Simon acreditava. Acho que ele sabia do que estava falando, e que tinha

ponderado a questão, e acreditava ser verdade. Em seguida, o padre pediu que nos cumprimentássemos, dando a paz, e Simon apertou a mão de todas as senhorinhas grisalhas, depois a minha e disse “A paz esteja convosco”, e ali eu queria que ele estivesse falando sério. Já não sentia que ele estivesse de brincadeira, na verdade desejava que ele falasse tão sério quanto parecia, e mais sério ainda, e que todas as suas palavras fossem sinceras.

Será que durante a missa eu passei a admirar a sinceridade da fé de Simon? Mas como é possível para mim admirar alguém por crer em algo em que não acredito, e não quero acreditar, e que acho claramente incorreto e absurdo? Se o Simon passasse a venerar um jabuti como filho de Deus, por exemplo, será que eu admiraria sua sinceridade? De uma perspectiva estritamente racionalista, vejo tanto sentido na veneração de um jabuti quanto vejo na veneração de um pregador da Judeia do século i. Considerando-se que Deus não exista, que a coisa toda seja mero acaso, poderia tanto ser Jesus como um balde de plástico ou William Shakespeare, tanto faz. E, no entanto, tenho a impressão de que não conseguiria admirar a sinceridade do Simon caso ele seguisse o caminho da veneração pelo jabuti. Será que estou só admirando o ritual, então? Admirando sua capacidade de aceitar mansa e acriticamente a sabedoria recebida? Ou será que no fundo eu acredito haver algo de especial em Jesus, e que venerá-lo como Deus, embora não seja muito sensato, é por alguma razão admissível? Não sei. Talvez tenha sido só a conduta tranquila, pacata, do Simon na igreja, a forma como recitou as preces, tão discreto e impassível, assim como as senhorinhas, e sem tentar ser diferente delas, sem tentar demonstrar que acreditava de forma mais ou menos ardorosa do que elas, ou de modo mais crítico ou intelectual do que elas, mas do mesmíssimo jeito. E ele nem pareceu constrangido porque eu estava lá e o observava — digo, ele não estava constrangido por mim, pelo meu deslocamento, mas

também não estava constrangido por ele mesmo, por ser flagrado no ato de venerar um ser supremo no qual eu não acreditava.

Depois, na rua, ele me agradeceu por ter ido com ele. Por um instante, tive medo de que ele fosse fazer uma piada, só por força da falta de jeito ou do nervosismo, e a ideia me horrorizou. Mas ele não fez. Eu devia saber que ele não faria, porque não seria do feitio dele. Ele apenas me agradeceu, e cada um seguiu seu caminho. Se digo que a missa foi estranhamente romântica, espero que você entenda o que quero dizer. Talvez tenha me dado a sensação de que há no Simon algo profundo e sério, que não vejo há muito tempo, ou talvez tenha sido sua delicadeza quando trocamos o aperto de mãos. Ou, como tenho certeza de que um psicólogo evolucionista sugeriria, talvez eu seja apenas uma fêmea frágil, e depois de dormir na cama de um homem eu tenha ficado cheia de fraqueza e carinho por ele. Não tenho muito como me defender, pode realmente ser verdade. E escrevendo este e-mail de fato me sinto meio fraca e carinhosa em relação ao Simon, e até um pouco protetora, sabe-se lá por quê. Se eu tivesse ido direto para casa hoje de manhã, em vez de ter ido à igreja com ele, não sei se me sentiria desse jeito agora — mas, ao mesmo tempo, se tivéssemos ido à missa hoje de manhã e não tivéssemos dormido juntos ontem à noite, acho que também não me sentiria desse jeito. Parece ter sido a combinação incompatível de dormir juntos e ir à missa depois o que me deu essa sensação — a sensação de ter entrado na vida dele, mesmo que por pouco tempo, e ter visto algo nele que nunca tinha visto antes, e conhecê-lo de outra forma como resultado disso.

Por falar em amizade e romance: como está aí em Roma? Como está o Felix? Como você está? As partes do seu e-mail que falam de sexualidade são muito engraçadas. Você acha que é a única pessoa que já sentiu desejo sexual na vida?? Para o caso de sua resposta ser sim, estou anexando um pdf do ensaio da Audre Lorde chamado “Usos do erótico”, que tenho certeza

absoluta de que vai adorar. Por fim — sim, é claro que você deve convidar o Simon pra ficar na sua casa! Eu sei que ele quer te ver, e não consigo imaginar nada melhor do que ter vocês dois só para mim durante uma semana à beira-mar. Com amor sempre, E.

Naquela mesma manhã de domingo, em Roma, Alice não conseguia desligar o chuveiro. Depois de se secar e pôr o roupão, pediu a Felix que desse uma olhada. Ele foi, girou a cabeça do chuveiro na parede e examinou o apetrecho, apertando o botão de ligar e desligar em vão, enquanto ela permanecia atrás dele com o cabelo pingando nos ombros. Após retirar a tampa de plástico da ducha, ele semicerrou os olhos para enxergar a etiqueta que havia ali dentro. Com a mão esquerda, tirou o celular do bolso e estendeu a mão para que Alice o pegasse. Depois que ela o aceitou, ele leu em voz alta a marca e o número do modelo e pediu que ela pesquisasse no Google, enquanto ele apertava o botão de ligar e desligar outra vez e observava o mecanismo interno se mexer. Ela tocou no ícone do navegador, que se abriu em um site pornô muito conhecido. A página exibia uma lista de resultados da busca por “anal bruto”. Na primeira imagem, uma mulher estava ajoelhada em uma cadeira, com um homem atrás dela segurando-a pelo pescoço. Abaixo, outra foto mostrava uma mulher chorando, com o batom borrado, e o rímel escorrendo dos olhos e deixando um rastro exagerado. Sem tocar na tela ou interagir com a página de alguma forma, Alice devolveu o celular a Felix e disse: Talvez seja melhor você fechar isso aí. Ele pegou o aparelho, espiou e na mesma hora ficou com todo o rosto e o pescoço ruborizados. A tampa plástica do chuveiro caiu para a frente de novo, e ele precisou pegá-la e reequilibrá-la na outra mão. Ih, ele disse. Desculpa. Caramba, que tosco, me

desculpe. Ela assentiu, enfiou as mãos no bolso do roupão, tirou-as e então foi para o quarto.

Minutos depois, Felix encontrou a solução para o problema do chuveiro. Saiu do apartamento e foi dar uma caminhada. Algumas horas se passaram, Alice no quarto trabalhando, Felix andando sozinho pela cidade. Ele passeou pelo Corso com os fones no ouvido, olhando a vitrine das lojas e verificando o celular vez por outra. No apartamento, Alice foi à cozinha, comeu uma banana, um pão e meia barra de chocolate, depois voltou para o quarto.

Quando Felix chegou, ele bateu à porta de Alice e, sem abri-la, perguntou se ela não queria sair para comer alguma coisa.

Já comi, ela disse, do quarto. Valeu.

Ele assentiu consigo mesmo, beliscou o alto do nariz entre os dedos, afastou-se da porta dela e se aproximou outra vez. Ele fez que não e bateu à porta.

Posso entrar?, ele pediu.

Claro que pode.

Ele abriu a porta e a viu recostada na cabeceira, com o notebook no colo. A janela estava aberta. Ele ficou na porta, sem entrar, a mão no caixilho. Ela inclinou a cabeça para o lado, inquiridora.

Arrumei o chuveiro, ele anunciou.

Eu percebi. Obrigada.

Ela voltou a atenção para o que fazia no notebook. Ele continuou parado, com cara de insatisfeito.

Você está chateada comigo?, ele questionou.

Não, não estou chateada.

Estou me sentindo mal pelo que aconteceu mais cedo.

Não esquenta a cabeça com isso, ela disse.

Ele esfregou o caixilho da porta com a mão, ainda a observando.

Você não quer mesmo que eu esquente a cabeça ou está falando por falar?, ele insistiu.

Como assim?

Você está meio esquisita comigo.

Ela deu de ombros. Ele esperou que ela dissesse alguma coisa, e ela não disse nada.

Está vendo, assim mesmo, ele declarou. Você não está falando de verdade.

Não sei o que você quer que eu fale. O tipo de pornô que você gosta de ver é problema seu. Mas foi um azar você ter deixado a página aberta porque eu acho perturbador.

Ele franziu a testa e afirmou: Eu não diria que é perturbador.

Não, é claro que você não diria.

O que é que você está insinuando?

Levantando a cabeça para ele com uma expressão um bocado enfurecida, ela disse: O que é que você quer ouvir, Felix? Você gosta de ver vídeos de coisas horríveis acontecendo com mulheres vulneráveis e quer que eu diga o quê? Que tudo bem? Tenho certeza de que tudo bem. Você não vai acabar na cadeia por causa disso.

E você acha que eu deveria, certo?

O que eu acho não é da sua conta, é?

Ele riu. Estava com as mãos no bolso, balançando a cabeça. De leve, deu batidinhas com o sapato no caixilho da porta. Imagino que você não tenha nada constrangedor no seu histórico de pesquisa, ele prosseguiu.

Nada parecido, não.

Bom, você é muito superior, então.

Ela digitava alguma coisa, já não olhava mais para ele. Ele a observava.

Não acho que você liga de verdade para as mulheres, ele acabou dizendo. Acho que você está irritada porque eu gosto de uma coisa que você não gosta.

Pode ser.

Ou vai ver que você está com ciúmes delas.

Eles se entreolharam por um instante. Em tom calmo, ela disse: Eu acho uma vergonha você falar assim comigo. Mas não, não estou com ciúmes de ninguém que precise se degradar por dinheiro. Me considero uma pessoa de sorte por não precisar disso.

Mas o seu dinheiro não te levou muito longe comigo, né?

Sem titubear, ela respondeu: Pelo contrário, eu tive o prazer da sua companhia nos últimos três dias. O que mais eu poderia querer?

Ele olhou para trás, para a sala de estar, e esfregou o rosto com as mãos em um gesto de total exaustão mental ou física. Ela ficou assistindo de semblante neutro.

Você estava atrás era disso, do prazer da minha companhia?, ele questionou.

Era.

E você curtiu, não foi?

Bastante, ela disse.

Ele olhou ao redor, balançando a cabeça devagar. Por fim, entrou no quarto e se sentou no lado vazio da cama, de costas para ela.

Posso me deitar um instante?, ele pediu.

Claro.

Ele se deitou de costas. A seu lado, ela continuou a digitar. Parecia escrever um e-mail.

Você me deixou com uma enorme sensação de culpa por uma coisa que eu não achava tão ruim assim, ele constatou.

Ainda digitando, ela respondeu: Bom saber que você se importa tanto com a minha opinião.

Se você acha que isso é ruim, nem ligo, ele disse. Sinceramente, já fiz coisas bem piores. Se olhar algo na internet basta para você ficar chateada comigo, nunca seríamos bons amigos, porque pra mim isso não é nada. Já fiz coisas horríveis em comparação com essa.

Ela parou de digitar e olhou para ele. Tipo o quê?, ela perguntou.

Montes de coisas, ele disse. Por onde eu poderia começar. Por exemplo, você vai odiar essa. Mais ou menos um ano atrás, levei uma menina pra casa depois de uma noitada, e depois eu descobri que ela ainda estava na escola. Não estou falando isso só pra ferrar com a tua cabeça, é sério. Eu acho que ela tinha dezesseis ou dezessete.

Ela parecia mais velha?

Minha vontade é de dizer que sim. Mas eu não pensei nisso. Nós dois estávamos bêbados, ela parecia estar se divertindo. Eu sei que é uma coisa horrível de dizer. Não foi o caso de eu ter ido atrás dela de propósito porque ela era nova, eu jamais teria encostado o dedo nela se soubesse, mas é óbvio que mesmo assim foi errado o que aconteceu. E não estou dizendo, ah, foi só um engano, poderia ter acontecido com qualquer um. Porque, na verdade, foi uma burrice minha do começo ao fim. Não vou ficar falando que me sinto mal por causa disso. Mas me sinto mal, sim, o.k.?

Em voz baixa, ela disse: Eu acredito.

E, sinceramente, já fiz coisas piores. A pior coisa que eu já fiz, se você quer saber...

Ele se calou, e ela assentiu, pedindo que continuasse. Ele desviou os olhos para o quarto ao falar, fazendo uma leve careta, como se encarasse uma luz.

A pior coisa que eu já fiz foi ter engravidado uma menina na época da escola. Ela estava no último ano do fundamental e eu, no segundo ano do ensino médio. Você já ouviu falar de coisa pior? A mãe teve que levar a menina pra Inglaterra. Eu acho que elas foram de barco. Ela tinha uns catorze

anos, sei lá, era praticamente uma criança. A gente não deveria nem ter transado, fui eu que convenci ela. Quer dizer, eu disse que não teria problema. Pronto, essa foi a pior coisa.

Ela queria transar ou você forçou ela?

Ela falou que queria, mas tinha medo de engravidar. E eu falei que isso não ia acontecer. Acho que não pressionei a menina além disso, eu só falei que ela não precisava se preocupar. Mas talvez esse tenha sido um jeito de pressionar, de certo modo. Você não pensa nessas coisas quando tem quinze anos, eu pelo menos não pensei. Eu jamais faria isso hoje em dia — eu nunca tentaria convencer alguém que não estivesse a fim, eu nem me daria ao trabalho. Você pode acreditar ou não em mim, não vou te tirar a razão se não. Mas, quando me lembro de ter dito essas palavras pra ela, eu me sinto fora de mim. Meu coração começa a bater esquisito e tudo. E começo a pensar em pessoas realmente malignas, assassinos em série e tal, e tenho a sensação de que talvez eu seja assim, talvez eu seja um daqueles psicopatas de que a gente ouve falar. Porque eu falei isso mesmo, eu falei pra ela não se preocupar, e eu era mais velho do que ela, então ela deve ter achado que eu sabia do que estava falando. Eu não imaginava que pudesse acontecer de verdade. E, sabe, eu nem tinha consciência sobre isso na época. Só depois, quando já tinha terminado a escola, foi que comecei a pensar que fui muito cruel com ela. E passei a ficar meio que com medo e tal.

Você sabe por onde ela anda hoje?, perguntou Alice.

Sim, eu ainda sei dela. Ela não está mais morando na cidade, trabalha em Swinford. Mas vejo ela por aí quando ela vai para a casa dos pais.

Ela te dava oi quando te via?

Ah, sim, ele disse. Não é que a gente não fale um com o outro nem nada assim. Eu fico péssimo quando vejo ela porque me lembro do que eu fiz.

Você já pediu desculpas?

Talvez na época. Mas não entrei em contato com ela depois, quando passei a me sentir péssimo sobre a situação. Não queria trazer tudo à tona de novo e chatear ela sem nenhum motivo. Não sei o que ela acha. Vai ver que ela seguiu a vida e não pensa muito nisso. É o que eu espero. Mas você pode me julgar se quiser, não estou me defendendo.

Estava virado para ela, a cabeça deitada no travesseiro, os olhos radiantes, quase cintilando à luz branca que entrava pela janela atrás dela. Ela se sentou de costas eretas, olhando para ele, o rosto cansado.

Bom, não tenho como te julgar. Quando penso nas piores coisas que já fiz na vida, me sinto exatamente como você está falando. Em pânico e nauseada, e essas coisas assim. Eu fazia bullying com uma garota com quem estudei na escola, era muito cruel. Acho que sem nenhum motivo além de torturar a menina. Porque os outros agiam assim. Mas aí eles diziam que faziam isso porque eu fazia. Quando me lembro disso agora, sinto medo acima de tudo. Não sei por que teria vontade de provocar uma dor dessas em outra pessoa. Eu queria mesmo acreditar que eu jamais fiz esse tipo de coisa, por qualquer razão. Mas fiz, numa época, e vou ter que conviver com isso pelo resto da vida.

Ele a observou com atenção sem dizer nada.

Não tenho como consertar o que você fez, ela declarou. E você também não tem como melhorar a minha situação. Então vai ver que somos pessoas ruins.

Se eu for só tão ruim quanto você, não vejo muito problema. Ou mesmo que nós dois sejamos horríveis, ainda é melhor do que ser horrível sozinho.

Ela declarou que entendia o sentimento dele. Ele enxugou o nariz com os dedos e engoliu em seco, desviando o olhar, mirando o teto.

Quero retirar uma coisa horrível que eu falei, ele anunciou.

Não se preocupe. Eu também fui horrível. Aquilo que eu falei sobre as mulheres se degradando por dinheiro, aquilo foi uma idiotice. Eu nem penso assim, na verdade. Não importa, nós dois estávamos irritados.

Olhando para as unhas, ele disse: É incrível a irritação que você me causa.

Ela riu. Não é incrível, ela rebateu. Provoco esse efeito em muita gente.

Vou te dizer por que: você é bem metida às vezes. Mas eu conheço outras pessoas que são assim também, e eu não me incomodo tanto como quando é com você. Para ser muito sincero, acho que tem mais a ver com o fato de eu gostar de você. E aí, quando você se comporta mal, eu fico subindo pelas paredes.

Ela assentiu, calada. Por um, dois, três minutos, permaneceram sentados na cama sem falar nada. Por fim, ele tocou no joelho dela de forma amistosa e anunciou que tomaria banho. Depois que ele saiu do quarto, ela continuou sentada, imóvel. No banheiro, ele ligou o chuveiro e ficou olhando para o espelho, enquanto a água esquentava. A conversa parecia ter causado algum impacto em ambos, mas era impossível decifrar sua natureza, seu sentido, qual sensação provocava nos dois naquele momento, se era algo de que compartilhavam ou de que sentiam de maneiras diferentes. Talvez eles mesmos não soubessem, e essas fossem perguntas sem respostas exatas, e o trabalho de criar sentido ainda estivesse em andamento.

Naquela noite Alice jantou com um grupo de livreiros e jornalistas no centro da cidade, enquanto Felix comia sozinho no apartamento. Depois se encontraram para beber e caminharam juntos até o Coliseu. No escuro, o antigo anfiteatro parecia esquelético e dissecado, como os resquícios desidratados de um inseto antigo. Dá pra ver mesmo umas coisas ótimas aqui, Felix comentou. Alice sorriu, e ele a fitou. Quê?, ele indagou. Você está rindo da minha cara. Ela fez que não e respondeu: Só estou feliz de você ter

vindo comigo, só isso. De volta ao apartamento, deram-se boa-noite, e Alice foi para a cama. Felix se sentou na cozinha, olhando para o celular, enquanto ela estava no cômodo ao lado, de olhos abertos, fitando o nada. Depois da meia-noite, ele bateu na porta do quarto dela.

Sim?, ela disse.

Ele observou lá dentro, segurando o celular na mão. Está dormindo?, ele perguntou. Ela disse que não. Posso te mostrar um vídeo?, ele pediu. Ela se sentou e assentiu. Ele entrou, fechou a porta e se acomodou ao lado dela na cama, e ela se mexeu para lhe dar espaço. Ele continuava de camiseta e calça de moletom. O vídeo era de um guaxinim sentado em uma pose humanoide, as pernas abertas, um babador amarrado no pescoço e uma cumbuca de cerejas pretas no colo. O guaxinim enfiava a mãozinha cheia de garras na cumbuca, pegava uma cereja e começava a comê-la, tudo de um jeito bastante antropomórfico, fazendo que sim para demonstrar seu apreço gourmet pela cereja. A legenda do vídeo era “guaxinim feliz comendo frutas”. Tinha um minuto e meio, e o guaxinim só comia e balançava a cabeça. Alice riu e disse: Incrível. Felix contou que achava que ela fosse gostar. Em seguida, bloqueou a tela do celular e se recostou na cabeceira com ares de contemplação. Ela se deitou de lado, de frente para ele, a colcha até a cintura.

Você estava dormindo?, ele perguntou outra vez.

Não.

Espero que eu não tenha interrompido nada.

Como assim?, ela questionou. Interromper o quê?

Sei lá. O que as garotas fazem à noite quando estão deitadas na cama.

Ela ergueu os olhos para ele, intrigada. Ah, ela disse. Bom, eu não estava me tocando, se é isso o que você está querendo dizer.

Imagino que você não faça isso, não é?

Claro que faço, mas agora eu não estava fazendo.

Ele se acomodou com a cabeça no travesseiro, deitado de costas, olhando para o teto. Ela estava com o braço enfiado debaixo da cabeça, observando-o.

E no que é que você pensa quando faz isso?, ele quis saber.

Várias coisas.

Você tem suas fantasias e tal.

Tenho, sim, ela disse.

E quem é que protagoniza essas fantasias?

Bom, eu mesma, é claro.

Ele soltou o que pareceu ser uma risada muito genuína. É claro, ele concordou. Era de se esperar. Mas quem mais? Atores famosos ou celebridades ou gente assim.

Na verdade, não.

Então gente que você conhece.

Em geral, ela afirmou.

Ele se virou de lado para ficar de frente para ela.

E quanto a mim?, ele questionou.

Ela mordeu o lábio inferior por um instante, depois respondeu: Penso em você de vez em quando.

Ele estendeu o braço e tocou na camisola dela, deixando os dedos roçarem na cintura. E o que você me imagina fazendo com você?, ele prosseguiu.

Ela riu, e era impossível saber, naquela escuridão, se estava constrangida. Imagino você sendo muito, muito legal comigo, ela disse.

Ele pareceu achar graça. Ah é?, ele disse. Em que sentido?

Ela se virou e escondeu o rosto no travesseiro, o que insinuou que estava de fato constrangida, apesar de, ao falar, estar sorrindo. Você vai me zoar se eu te contar, ela afirmou.

Não vou de jeito nenhum.

Bom, eu imagino coisas diferentes. Eu não tenho sempre a mesma fantasia. Mas algo que todas têm em comum é — você vai rir, porque é muita presunção. Eu nunca diria isso pra ninguém, mas foi você quem pediu. Gosto de imaginar que você me quer de verdade — muito, não só de um jeito normal.

Delicadamente, ele passou a mão nas costelas dela, descendo pela lateral do corpo. E como é que você sabe que eu quero?, ele perguntou. Na fantasia. Eu falo ou é óbvio?

É óbvio. Mas depois chega uma hora que você também fala.

E você me dá o que eu quero ou fica só me provocando?

Ela afundou ainda mais o rosto no travesseiro. Ele voltou com a mão até a cintura, subindo o tórax, chegando à linha suave dos seios. Em tom baixo, murmurado, ela disse: Você consegue o que quer.

Então por que faz diferença se quero muito ou não?, ele questionou. Eu te imploro?

Não, não, você não é insistente. Você só está muito a fim.

E será que eu posso perguntar, eu sou bom? Ou você me imagina meio que nervoso de tanto que eu quero?

Ela se virou para ele, de novo deitada de lado. Os dedos dele se moveram pela superfície dos seios, chegando até a alça da camisola e voltando a descer.

Às vezes eu te imagino meio nervoso, sim, ela disse.

Ele assentiu, o semblante e o modo de agir exprimindo um grande interesse na discussão. Posso te perguntar outra coisa?, ele indagou. Você não precisa responder. Mas no que é que você pensa quando goza?

Penso em você gozando, ela respondeu.

Onde? Dentro de você?

Em geral, sim.

Devagar, como se imerso em pensamentos, ele passou as costas da mão na barriga dela, descendo até o umbigo. Ela continuava o fitando.

Eu sei o que você vai falar agora, ela declarou.

É? O quê?

Eu vou perguntar se você pensa em mim desse jeito, e você vai falar: Não, não mesmo.

Ele riu, acariciando o tecido da camisola com as costas da mão. Não, não vou falar isso, ele respondeu. Posso te contar se você quiser, mas prefiro te ouvir mais. Assim, óbvio que é por girar em torno de mim que eu gosto de escutar, mas eu também acho interessante. Já tentei perguntar essas coisas pra outras pessoas e geralmente elas não me contam nada.

Ah, ela disse. Você estava me passando uma cantada pronta? Imaginei que fosse uma conversa íntima.

A risada dele tinha um quê de timidez. Era, sim, ele concordou. Eu já fiz essa pergunta antes, mas, como falei, nunca chego a lugar nenhum com ela. E, para ser justo, só perguntei para as pessoas com que eu já estava. Nunca usei isso como cantada.

Não é nada ortodoxo. Mas eu não acho que você esteja tentando ficar comigo.

Bom, eu poderia ter esperado pra te mostrar o vídeo do guaxinim amanhã, ele argumentou.

Ela riu, e ele sorriu de prazer por fazê-la rir.

Você sabe muito bem por que eu estou aqui, ele acrescentou.

Não sei, não!, ela retrucou. Já faz quatro dias que a gente está em Roma, e a vontade não bateu nenhuma hora?

A gente estava só se conhecendo.

Que cavalheiro.

Ele se virou de novo. Sei lá, ele disse. Eu pensava e depois mudava de ideia. Sinceramente, você é meio intimidadora em certas situações, não sei se sabe.

Não é a primeira vez que ouço isso, mas, vindo de você, me surpreende, ela disse.

Ele deu de ombros e se calou.

E já não te intimido mais?, ela perguntou.

Ainda intimida um tiquinho. Mas, sabe como é, quando uma pessoa te conta as fantasias sexuais prediletas, a intimidação se aplaca um pouco. Assim, sem querer ofender, mas você obviamente é muito a fim de mim.

Em tom frio, ela respondeu: Você falou que não ia zombar de mim se eu te contasse essas coisas. Fique à vontade, mas isso não me magoa, só acho golpe baixo.

Ele se apoiou nos cotovelos e olhou para ela. Está vendo?, ele devolveu. É intimidadora quando fala comigo desse jeito. Eu não estava zombando de você, aliás, e me desculpa se achou que eu estivesse. Mas, quando você fica chateada comigo, assume essa postura, como se fosse muito superior a mim. Eu me sinto um vermezinho.

Por um tempo, ela ficou deitada sem dizer nada. Então, com tristeza, disse: Está bem, quando estou na defensiva, eu me comporto como se fosse superior, e você se sente mal. E, além de tudo isso, é óbvio que sou a fim de você. Então imagino que você me considere patética e que não seja muito agradável ficar perto de mim.

É, ele concordou. É exatamente isso o que eu penso de você. Deve ser por essa razão que passei os últimos quatro dias te seguindo pra baixo e pra cima que nem um imbecil.

Pra que foi que você entrou aqui?, ela perguntou. Só pra me provocar?

Putaque pariu. Eu sei lá. Gosto de conversar com você. Quando a gente vai se deitar, cada um na sua cama, eu penso um pouco em você. Então pensei em vir aqui e ver se você também estava pensando em mim. O.k.?

Que tipo de coisa você pensa?

Ele cutucou o dente de trás com a língua, reflexivo. Não é muito diferente do que você falou, ele disse. Imagino que você quer muito. Talvez eu te provoque um pouco no começo, e consiga te fazer gozar várias vezes, esse tipo de coisa. Na fantasia em si, não tem nada muito estranho. A única esquisitice é que, hospedados aqui, principalmente nas últimas duas noites, ao pensar em você, tive a sensação de que você também estava pensando em mim, neste quarto aqui. Estava?

Estava, ela confirmou.

E era como se eu conseguisse te sentir perto de mim. A bem da verdade, hoje de manhã acordei e por um segundo não conseguia lembrar se tinha sido de verdade ou não — fiquei confuso, sem saber se estava na cama sozinho ou com você. Porque me pareceu bastante verdadeiro.

Em tom baixo, ela disse: Como você se sentiu quando se deu conta de que estava sozinho?

Sinceramente, naquela fração de segundo?, ele respondeu. Decepcionado. Ou, sei lá, meio solitário. Ele parou por um instante e depois perguntou: Posso te tocar agora, o que é que você acha?

Ela assentiu. Ele enfiou a mão debaixo da camisola e passou os dedos por cima da calcinha. Delicadamente, pôs o dedo indicador dentro dela, e ela soltou um gemido. O rosto dele estava vermelho. Ah, você está bem molhada, ele afirmou. A respiração dela ficou alta e curta, os olhos ainda fechados. Ele lambeu o próprio lábio superior e disse: Deixa eu tirar isso aqui. Ela levantou um pouco o tronco, e ele a despiu. Em seguida, ele tirou a camiseta pela cabeça, e, com as pontas dos dedos, ela sentiu a ereção dele

através das roupas. Eu quero muito, ela disse. A ponta das orelhas dele estava corada. É?, ele devolveu. Quer agora? Ela perguntou se ele tinha camisinha, e ele falou que sim, na carteira. Enquanto ela estava na cama, deitada de costas, ele terminava de se despir e tirava a carteira do bolso. Ela o observava, e, com os dedos, ela beliscou, sem pensar, a pele de dentro do próprio cotovelo. Felix, ela começou. Tem um tempo que eu não faço isso, tudo bem pra você? Eles trocaram um olhar incerto — Alice talvez incerta do que ele estava pensando, Felix talvez incerto do que a pergunta significava. Ele tirara um quadradinho azul de papel laminado da carteira. Como assim?, ele perguntou. Ela deu de ombros, com uma expressão apreensiva, e continuou se beliscando. Ele deu um tapinha na mão dela e disse: Para com isso, você vai se machucar. Qual é o problema? Não é a sua primeira vez nem nada assim, né? A pergunta fez com que ela risse, meio encabulada, e ele riu também, talvez aliviado. Não, ela disse. Minha vida tem sido esquisita faz um tempo. Coisa de dois anos. Mas era normal antes. Passando a palma da mão pela coxa dela, ele afirmou, compreensivo: Ah, tudo bem. Está nervosa? Ela fez que sim. Ele rasgou o quadrado de papel laminado e pegou a camisinha. Não esquentou, ele prosseguiu. Eu vou cuidar de você. Ele subiu em cima dela e beijou o seu pescoço. Depois, quando se afastaram, Alice pareceu adormecer na mesma hora, sem nem mexer os braços ou as pernas, desajeitadas sobre as roupas de cama. Felix se deitou de lado e ficou a observando, e após algum tempo se virou de costas, olhando o teto fixamente.

Queridíssima Eileen, seu e-mail sobre o que aconteceu com Simon trouxe alegria ao meu coração mirrado. Você merece amor! E acho que ele também. Posso te contar uma coisa sobre ele que eu prometi nunca te contar, mas agora vou descumprir a promessa porque o momento é oportuno? Uns anos atrás, logo depois de você ir morar com o Aidan, houve uma tarde em que o Simon foi tomar um café comigo. Conversamos de várias coisas, foi tudo muito normal, e então, quando estava de saída, ele parou na porta do seu ex-quarto para dar uma olhada lá dentro. Já estava vazio, a cama descoberta, e lembro que havia um retângulo pálido na parede, no lugar onde ficava o seu pôster da Margaret Clarke. Com uma voz de alegria fajuta, o Simon disse: “Você vai ficar com saudades dela”. E, sem pensar, respondi: “Você também”. Não fazia nenhum sentido, porque você estava se mudando mais para perto do bairro do Simon, mas ele não ficou surpreso com o que falei. Ele respondeu algo do tipo: “É, obviamente”. Ficamos parados na porta do seu quarto mais alguns segundos, e então ele riu e pediu: “Por favor, não conta pra ela que eu disse isso”. Claro que, como você estava com o Aidan na época, eu nunca te contei. E não tenho como dizer que sempre soube porque seria mentira. Eu sabia que você e o Simon eram muito amigos, e sabia do que tinha acontecido em Paris. Mas, por algum motivo, nunca me passou pela cabeça que ele estivesse apaixonado por você esse tempo todo. Acho que ninguém sabia. Bom, nós nunca mais tocamos nesse assunto. Você acha

tenebroso da minha parte te contar isso agora? Espero que não. Não ficou muito claro pela sua mensagem se você acredita que vão continuar saindo ou não... O que é que você acha?

Ontem à tarde — logo depois que recebi o seu e-mail, na verdade —, o Felix começou a me contar de algumas coisas que fez no passado e das quais se arrependeu depois. Acho que foi uma daquelas conversas de “piores coisas que já fiz na vida” — e a verdade é que ele já fez umas coisas horríveis. Não vou entrar em detalhes, mas posso dizer que algumas envolveram suas relações com mulheres. Acho que não cabe a mim julgá-lo, pois não consigo imaginar por que eu teria esse direito, e além disso, de vez em quando, também sou assolada pela culpa por coisas horrorosas que também fiz. Meu ímpeto foi de perdoá-lo, sobretudo porque tenho a impressão de que ele passou muito tempo sentindo remorso e se culpando. Mas tenho que admitir que não cabia a mim fazer isso, já que os atos que ele descreveu talvez tenham impactado permanentemente a vida de outras pessoas e jamais causariam algum efeito sobre mim. Não posso me colocar como uma terceira sem interesses e absolvê-lo de seus pecados, assim como ele não pode me absolver dos meus. Então imagino que o sentimento qualquer que tive por ele quando me confessou esses atos não fora de fato “perdão”, mas algum outro. Talvez tenha sido apenas a crença de que seu remorso era genuíno e de que não voltaria a cometer os mesmos erros. Isso me levou a pensar nas pessoas que fizeram coisas ruins — o que elas devem fazer de si mesmas, e o que nós, como sociedade, devemos fazer com elas. No momento, é provável que o ciclo de pedidos públicos de desculpas insinceras esteja deixando todo mundo desconfiado do perdão. Mas o que as pessoas que fizeram coisas terríveis no passado deveriam fazer? Anunciar espontaneamente os próprios pecados para prevenir a exposição pública? Nunca tentar realizar nada que possa aumentar de alguma forma o escrutínio sobre elas? Talvez eu esteja

enganada, mas acredito que o número de pessoas que fizeram coisas seriamente ruins não seja insignificante. Digo com toda a sinceridade: acho que se todos os homens que já se comportaram mal em um contexto sexual caíssem mortos amanhã, só restariam uns onze caras vivos. E não são só os homens! São as mulheres também, as crianças, todo mundo. Acho que o que estou tentando dizer é: e se não existir só um pequeno número de pessoas ruins por aí, esperando que seus crimes sejam expostos? E se for todos nós?

Você mencionou no seu e-mail que na missa ouviu uma leitura sobre uma mulher que derramava óleo nos pés de Jesus. Posso estar enganada, porque há algumas histórias similares no Evangelho, mas acho que essa sua é um trecho de Lucas em que Jesus tem o pé ungido por uma pecadora. Acabei de reler essa parte na versão Douay-Rheims que levei para o hospital. Você tem razão, a história é bizarra, e até (nas suas palavras) aberrante. Mas não é também meio curiosa? A mulher da história só tem um traço distintivo: o fato de ter tido uma vida pecaminosa. Vai saber o que ela fez! Talvez fosse apenas uma pária, no fundo uma inocente marginalizada. Mas, por sua vez, pode ser que tenha feito coisas ruins, coisas que você e eu consideraríamos muito erradas. É no mínimo possível, não é? Talvez tenha matado o marido, ou abusado dos filhos, ou algo do gênero. Depois de ouvir que Jesus estava com Simão, o Fariseu, ela foi à casa e, ao ver Jesus, ela chorou tanto que molhou os pés dele com as lágrimas. Em seguida, ela secou os pés dele com o cabelo e os ungiu com um óleo perfumado. Como você ressalta, a história toda parece muito absurda, até um pouco erótica — e, de fato, Simão, o Fariseu, parece ficar chocado e incomodado porque Jesus permite que uma pecadora toque nele de forma tão íntima. Mas, Jesus, tipicamente desconcertante, diz apenas que todos os vários pecados dela estavam perdoados, já que ela o amava tanto. Seria tão fácil assim? Temos só que chorar e nos prostrar, e Deus perdoa tudo? Mas talvez não seja nada fácil — talvez chorar e nos

prostrar com uma sinceridade genuína seja a coisa mais difícil de aprender a fazer. Tenho certeza de que eu não conseguiria fazer isso. Tenho uma resistência dentro de mim, aquele núcleo duro feito de alguma coisa, que receio que não me deixaria me prostrar diante de Deus nem se eu acreditasse nele.

Já que estamos aqui, é melhor eu contar pra você que Felix e eu dormimos juntos ontem à noite. Eu não queria te contar, para ser franca, mas acho que seria esquisito não falar nada. Não que eu esteja com vergonha — ou talvez esteja, mas não dele. É mais a ideia de me importar com o que alguém pensa de mim, pois isso é justamente o que eu não faço e no que sou muito boa em não fazer. Não é fácil para mim, de verdade. Acho que temos nos divertido juntos — essa sou eu querendo dizer que me diverti e que nunca sei como ele se sente. Embora nossa vida tenha sido diferente em praticamente todos os aspectos, tenho uma impressão esquisita de que tomamos caminhos distintos para chegar a pontos semelhantes, e são muitas as coisas que um reconhece no outro. Você nem acreditaria no tempo que levei para escrever este parágrafo. Eu tenho tanto medo de ser magoada — não do sofrimento, que eu sei que aguento, mas a humilhação do sofrimento, a humilhação de estar aberta a ele. Eu estou muito a fim dele e fico muito excitada e idiota quando ele demonstra afeto por mim. Então é claro que, no meio de tudo, o mundo estando como está, a humanidade à beira da extinção, aqui estou eu escrevendo mais um e-mail sobre sexo e amizade. Que outras razões temos pra viver? Com amor sempre, Alice.

Na noite de segunda-feira, às oito e quinze, o cômodo principal do apartamento de Simon estava vazio e escuro. Pela janelinha acima da pia da cozinha e pela janela maior da sala, que ficava em frente, o resto de luz do dia incidia sobre várias superfícies do interior: a cuba prateada da pia, com um único prato sujo, uma faca dentro dele; a mesa da cozinha, salpicada aqui e ali por migalhas; a fruteira contendo uma banana amarronzada e duas maçãs; a manta tricotada jogada sobre o sofá, desarrumada; uma fina camada cinza de poeira na borda superior da televisão; as estantes de livros, os abajures, o tabuleiro de xadrez na mesinha de centro com o que parecia ser uma partida inacabada. O cômodo permanecia assim, em silêncio, enquanto a luz esmorecia, enquanto no corredor lá fora as pessoas subiam e desciam a escada, e na rua o tráfego passava em ondas de ruído branco. Às vinte para as nove, houve o barulho de uma chave entrando na fechadura, e então a porta do apartamento se abriu. Simon estava falando ao telefone ao entrar, tirando a bolsa carteiro do ombro com a mão livre, dizendo alto: Não, não acho que eles estão preocupados com isso, não mesmo. É só uma chateação. Usava um terno cinza-escuro com uma gravata verde presa com um clipe de ouro. Calmamente, usou o pé para fechar a porta e pendurou a bolsa em um gancho. Ah, ele disse. Ele está aí com você? Eu falo com ele agora se você quiser. Ele foi à sala de estar e acendeu uma luminária de chão, largou as chaves na mesinha de centro. O.k., o que é que você acha melhor, então?, ele

perguntou. Sozinho, sob a luz amarelada da luminária, parecia cansado. Foi à cozinha e pegou a chaleira como se quisesse sentir seu peso. É, ele continuou. Não, tudo bem, só vou falar pra ele que já conversei com você. Recolocando a chaleira na base, ele a ligou e se sentou na cadeira da cozinha. Entendi, ele disse, mas se é para eu fingir que você não me contou, qual é a minha desculpa para ligar pra ele? Segurou o celular entre o rosto e o ombro, e começou a desamarrar os sapatos. Então, provocado por um comentário do outro lado da linha, endireitou-se e voltou a segurar o celular com a mão. É claro que não foi isso o que eu quis dizer, ele declarou. A conversa continuou nesse rumo por um tempo, enquanto Simon tirava os sapatos, a gravata e preparava uma xícara de chá. Quando o celular vibrou em sua mão, ele o afastou rapidamente e olhou para a tela, enquanto a voz do outro lado continuava a falar. Uma notificação de e-mail surgira com o assunto “Reunião de terça”. Aparentando desinteresse, ele tornou a encostar o celular na orelha e levou a xícara de chá até o sofá para poder se sentar. É, é, ele dizia, já estou em casa. Vou ligar no jornal agora. Fechou os olhos, enquanto a voz ao telefone falava. Claro, ele disse. Eu te aviso. Também te amo. Tchau. Ele repetiu essa última palavra várias vezes antes de tocar em um ícone na tela para encerrar a ligação. Analisando a parte inferior da tela, abriu um aplicativo de troca de mensagens e tocou no nome “Eileen Lydon”. A mensagem mais recente foi exibida, com o horário de oito e quatorze da noite.

Simon: Ei, me diverti muito ao te ver no fim de semana. Que tal a gente sair de novo esta semana?

Um sinal mostrava que Eileen vira a mensagem, mas nenhuma resposta havia chegado. Ele fechou o aplicativo e abriu o e-mail “Reunião de terça”, que fazia parte de uma conversa mais longa. Em uma mensagem anterior, lia-

se: Sim, me disseram que eles também têm os registros telefônicos. O Simon ou a Lisa poderiam ver isso, por favor, e entrar em contato com o Anthony se necessário. Um de seus colegas havia respondido: Se a gente gastar mais um segundo que seja nessa bobagem, eu vou perder a cabeça. A última mensagem dizia: Simon, estou anexando o número do Anthony e os detalhes abaixo. Dá uma ligada para ele hoje à noite se possível ou amanhã de manhã? Ninguém está feliz com isso, mas é o que temos pra hoje. Bloqueando o aparelho, ele deixou os olhos se fecharem e, por alguns instantes, ficou imóvel sentado no sofá, o peito subindo e descendo com a respiração. Depois de um tempo, levantou a mão e desceu-a pelo rosto devagar. Por fim, pegou o controle remoto e ligou a televisão. O jornal das nove estava começando. Ele ficou olhando as primeiras notícias passando pela tela, os olhos semicerrados, quase como se estivesse dormindo, mas vez por outra dava um gole no chá que apoiava no braço do sofá, a seu lado. Durante uma matéria sobre segurança rodoviária, o celular vibrou, e ele o pegou no mesmo instante. A tela exibia uma nova mensagem.

Eileen: tom estranhamente formal aí Simon

Ele passou alguns segundos olhando para a mensagem e então digitou uma resposta.

Simon: Foi?

Reticências animadas surgiram na tela, mostrando que Eileen estava digitando.

Eileen: por que os homens acima dos trinta mandam mensagem como se estivessem atualizando o perfil do LinkedIn

Eileen: Oi [Eileen], foi ótimo te ver [no sábado]. Podemos sair de novo?
Tente selecionar o horário e a data no menu a seguir

Agora ele dava um leve sorrisinho, enquanto seus polegares se moviam pelo teclado.

Simon: Tem razão

Simon: Se eu fosse mais novo, desligaria manualmente a função de começar frases com maiúscula para parecer mais relaxado

Eileen: fica nas configurações

Eileen: posso te ajudar a achar se você empacar

No alto da tela, um novo e-mail apareceu na conversa da “Reunião de terça”. O início do texto dizia: Olá a todos. Acabei de saber pelo tj... Simon descartou a notificação sem abri-la e começou a digitar outra mensagem para Eileen.

Simon: Não, tudo bem

Simon: Estou sempre copiando e colando a mensagem que diz que me diverti no fim de semana, que tal a gente sair de novo etc.

Simon: Nunca tinha ouvido reclamações

Eileen: ahaha

Eileen: você sabe copiar e colar?? impressionante

Eileen: bom, sim, a gente pode sair de novo essa semana

Eileen: quando fica bom?

Outra mensagem apareceu no alto da tela, de um contato salvo como “Geraldine Costigan”.

Geraldine: Seu pai falou que você pode ligar pra ele amanhã à noite se for bom pra você querido. bjs.

Simon soltou um longo suspiro e arrastou a mensagem para cima para descartá-la. Movimentando os olhos para cima e para baixo, relendo as mensagens de e para Eileen, digitou as palavras *Você gostaria* e em seguida as deletou. Subiu a tela até as mensagens anteriores e as analisou mais uma vez. Por fim, voltou a digitar.

Simon: Você está ocupada agora?

O sinal duplo mostrava que Eileen vira a mensagem, e então as reticências apareceram.

Eileen: não

Eileen: ia tomar um banho mas meus colegas de apartamento usaram a água quente toda

Eileen: então estou deitada na minha cama na internet

Eileen: por quê?

Na televisão, o jornal terminara, e a previsão do tempo era transmitida. Um desenho de sol amarelo pairava sobre a região de Dublin no mapa. Simon recomeçou a digitar.

Simon: Quer vir pra cá?

Simon: Água quente que não acaba nunca

Simon: Sorvete no congelador

Simon: Sem colegas de apartamento

Alguns segundos se passaram. Ele esfregava o maxilar com a mão, observando a tela, cuja superfície refletia a lâmpada do teto tampada pelo

lustre de vidro.

Eileen: !!

Eileen: eu não estava jogando verde pra você me chamar!!

Simon: Eu sei disso

Eileen: tem certeza?

Simon: Tenho

Eileen: é muita gentileza sua

Simon: Falar o quê, sou uma pessoa muito gentil

Eileen: acho que vai ser divertido...

Eileen: mas eu não quero me intrometer de novo!!

Simon: Eileen

Simon: Põe o sapato, vou chamar um táxi pra você

Eileen: hahaha

Eileen: está bem papai

Eileen: valeu

Contente, ele fechou as mensagens, abriu o aplicativo de táxis e pediu um carro para o endereço de Eileen. Levantou-se do sofá, emudeceu a televisão e foi à pia para esvaziar a xícara de chá. Depois de lavar e secar a bancada da cozinha, foi para o quarto e arrumou a cama. Diversas vezes, ao realizar essas tarefas, pegava o celular do bolso e verificava o aplicativo do táxi, onde um pequeno ícone representando o carro de Eileen se movimentava lenta e

hesitantemente pelo cais rumo ao sul. Depois, fechava o aplicativo, guardava o aparelho de novo e retomava o que estava fazendo.

Ao abrir a porta vinte minutos depois, Eileen estava parada no corredor com um moletom curto cinza e uma saia de algodão plissada, carregando uma bolsa de lona estampada com o logotipo de uma revista literária de Londres. Parecia que mais cedo usara um batom escuro que havia desbotado. Ele ficou imóvel diante dela por um instante, antes de pôr a mão na cintura dela e lhe dar um beijo na bochecha. Que bom te ver, ele disse. Ela passou os braços em volta do pescoço dele, e ele deixou que ela o abraçasse na porta. Obrigada por ter me chamado, ela respondeu. Eles entraram. Ele fechou a porta, e ela tirou uma garrafa de vinho tinto da bolsa. Eu te trouxe isso aqui, ela anunciou. A gente não precisa tomar, é só que eu tenho horror a ir à casa dos outros de mãos vazias. Principalmente na sua. Imagina só o que a minha mãe não falaria. Não que eu tenha trazido alguma coisa da última vez que apareci aqui, rá rá. Ela pôs a garrafa na mesa e tirou a bolsa do ombro. Ao se voltar para a televisão, comentou: Ah, você estava vendo a Clare Byrne? Não vou te interromper. Vou ficar quietinha no sofá. Ele estava sorrindo, seu olhar seguindo Eileen, enquanto ela pendurava a bolsa nas costas da cadeira da cozinha e começava a arrumar o cabelo outra vez, afrouxando o elástico que o segurava em um coque. Não, não estava vendo, ele declarou. Você está linda. Quer um chá ou alguma outra coisa? Ou uma taça de vinho se preferir. Ela foi se sentar no sofá, tirando os sapatos baixos de couro que usava e enfiando os pés dentro de meias brancas nas almofadas. Quero um chá, ela pediu. Na verdade, não estou a fim de vinho. É um quebra-cabeça? Da cozinha, ele deu uma olhada e percebeu que ela apontava para o tabuleiro de xadrez. Não, ele respondeu, é um jogo. O Peter veio aqui ontem à noite, mas teve que ir embora antes de a gente terminar. Sorte a minha. Ela continuou fitando o tabuleiro, enquanto ele esquentava a chaleira e pegava uma xícara

no armário. Você estava jogando com as peças pretas?, ela quis saber. De costas para ela, ele respondeu que não, com as brancas. Você está dois peões acima, então, ela constatou. E você poderia dar xeque com o seu bispo. Ele pegava uma colher da gaveta de talheres, entretido. Pensa de novo, ele aconselhou. Ela franziu a testa diante do tabuleiro mais um tempo, enquanto ele preparava o chá e o levava à mesinha de centro. Bom, não vou mexer com isso, ela concluiu. Ele se sentou na outra ponta do sofá e desligou a televisão. Manda ver, ele disse. Era a vez das brancas. Ela levantou o bispo branco e deu um xeque no rei preto. Curvado para a frente, ele moveu um peão preto para bloquear a investida e ameaçar o bispo dela, e ela usou o bispo para capturar o peão. Ele avançou com o cavalo preto para capturar o bispo e garfar a rainha e a torre brancas. Ela fez uma careta e anunciou: Que idiota que eu sou. Ele afirmou que a culpa era dele por se colocar em uma situação tão vulnerável. Ela pegou a xícara de chá e se recostou no braço do sofá. Te contei que a minha família está em pé de guerra por causa dos convidados do casamento da Lola?, ela disse. Não sei por que eu fui me envolver, ela é um pesadelo. Quer ver as mensagens que ela tem me mandado? Ele disse que sim, e ela pegou o celular e lhe mostrou a mensagem que Lola enviara na noite de sábado.

Lola: Hmmm vou ter que ouvir que sou imatura da boca de uma pessoa encalhada em um emprego de merda que não dá grana nenhuma e que mora em um chiqueiro com trinta anos nas costas...?

Os olhos dele se moveram pela tela e depois ele pegou o aparelho da mão dela para relê-la, a testa franzida. Caramba, que hostilidade, ele murmurou.

Eileen apanhou o celular de volta e o analisou. Eu só toquei no assunto do casamento porque a Mary me pediu, ela explicou. Mas, quando reclamei com

ela dessas mensagens horrorosas, ela ficou tipo, bom, isso é entre vocês duas, não tenho nada a ver com isso.

Mas, se você tivesse mandado uma mensagem dessas pra Lola...

Né? Exatamente. Minha mãe me ligaria dizendo: como é que você ousa falar com a sua irmã desse jeito?

Imagino que não valha a pena falar com o seu pai, ele disse.

Ela bloqueou o celular e o deixou no chão de tábuas. Não, ela respondeu. Ele é o único que não é maluco, obviamente. Mas sabe que nós todas somos malucas, então ele morre de medo de se envolver.

Ele pôs os pés dela em seu colo. Você não é maluca, ele retrucou. As outras duas, sim, mas não você.

Sorridente, ela se acomodou contra o braço do sofá. Graças a Deus que tem uma pessoa no mundo que enxerga isso, ela disse.

Fico feliz em ajudar.

Por um instante, ela o observou acariciar o peito de seu pé com o polegar. Então, em outro tom de voz, ela perguntou: Como foi o seu dia?

Ele ergueu os olhos para ela e depois os abaixou novamente. Bom, ele afirmou. E o seu?

Você parece meio cansado.

De leve, sem levantar o rosto, ele reagiu: Pareço?

Ela continuou a analisá-lo, enquanto ele evitava seu olhar. Simon, ela insistiu, você está triste hoje?

Ele deu uma risada constrangida. Hmm, ele soltou. Sei lá. Acho que não.

Você me falaria se estivesse?

Estou tão mal assim?

De brincadeira, ela o cutucou com o pé. Estou te perguntando sobre o seu dia e você não me conta nada, ela disse.

Segurando o tornozelo dela com a mão, ele respondeu: Hmm. Vejamos. Conversei com a minha mãe pelo telefone agora à noite.

É? Como é que ela está?

Está bem. Preocupada com o meu pai, mas nada fora do normal. Ele tem... Ele está bem, mas tem pressão alta, e ela acha que ele não está tomando o remédio direito. É mais psicológico do que qualquer outra coisa, você sabe como é família. E ele está chateado comigo porque... Mas isso é um assunto chato, tem a ver só com trabalho.

Mas o seu pai não está trabalhando mais, né?, ela questionou.

Distraído, ele continuou traçando círculos com a mão no tornozelo dela. Sim, estou falando do meu trabalho, ele explicou. Sabe como é, a gente não pensa da mesma forma politicamente. Tudo bem, é uma coisa geracional normal. Ele acha que as minhas opiniões políticas são um desdobramento da minha personalidade atrofiada.

Baixinho, Eileen comentou: Não foi muito legal.

Não. Eu sei. Apesar de achar que isso fere mais os sentimentos da minha mãe do que os meus. Na verdade — se você escutasse ele, veria como desenvolveu uma teoria bem detalhada. Tem a ver com um complexo messiânico. Não vou conseguir fazer jus porque, sinceramente, eu meio que desligo quando ele começa a falar nisso. Mas ele parece achar que eu quero sair por aí salvando as pessoas porque assim me sinto poderoso e viril ou sabe-se lá o quê. O engraçado é que o meu trabalho não tem nada a ver com ajudar as pessoas. Talvez se eu fosse assistente social ou médico ou algo do gênero, mas eu passo o dia sentado num escritório. Sei lá. Da última vez que fui na casa deles, entramos numa discussão bizarra porque numa manhã acordei com dor de cabeça. Ele passou o dia sem falar comigo, e aí, de noite, me deu um longuíssimo sermão dizendo que minha mãe estava muito ansiosa para me ver e que eu tinha estragado o fim de semana dela tendo a dor de

cabeça. Não consegue dizer que é ele mesmo quem está bravo comigo, ele sempre projeta os sentimentos dele em Geraldine, como se fosse uma ofensa pessoal a ela eu ter enxaqueca. Ele tem uma coisa com enxaqueca porque ela também tem, e ele tem a certeza de que é psicossomático. Bom, ela quer que eu ligue para ele amanhã e fale da questão do remédio, o de pressão. Não que aquilo que eu digo vá fazer diferença. Desculpa. Estou com a impressão de que estou falando há um ano, vou parar.

Enquanto ele falava, tocava na panturrilha de Eileen, na parte de trás do joelho, e, depois do último comentário, afastou as mãos e se endireitou no sofá.

Não, ela pediu.

Ele a fitou. O quê?, perguntou. É para eu não parar de falar ou não parar de fazer isso aqui?

Os dois.

Ele pôs a mão de volta onde estava, sob o joelho dela. Em reação, ela soltou um ruído baixinho agradável ao estilo: Hmm. Ele deixou o polegar roçar na parte interna da coxa, debaixo da saia. Meio que parece que o seu pai tem inveja de você, ela comentou. Com carinho, ele continuou a observá-la. Por que você diz isso?, ele questionou. Ela apoiou a cabeça no braço do sofá, olhando para o lustre de vidro iluminado no teto. Bom, você é novo e lindo, ela respondeu. E as mulheres amam você. Seu pai não se importaria se você o admirasse e tentasse ser que nem ele, mas você não tenta. Óbvio que não o conheço tão bem assim, mas, segundo a minha experiência, ele é muito imperioso e grosso. Ele deve subir pelas paredes por você ser tão legal com todo mundo e por nada parecer te incomodar. Simon estava acariciando a dobra interna do joelho dela, assentindo. Mas, na opinião dele, eu só sou legal com todo mundo porque assim me sinto bem comigo mesmo, ele disse. Eileen fez cara de confusa. E daí?, ela retrucou. Melhor do que intimidar todo

mundo para se sentir melhor consigo mesmo, né? Deus sabe que já basta de sádicos no mundo. E por que você não deveria se sentir bem consigo mesmo? Você é íntegro, é generoso e é um ótimo amigo. Ele ergueu as sobrancelhas de leve e se calou por um instante. Em seguida, respondeu: Eileen, eu não sabia que você pensava tão bem de mim. Fechando os olhos, ela sorriu. Sabia, sim, ela afirmou. Ele olhou de relance quando ela deitou com a cabeça inclinada para trás, os olhos cerrados.

Fico muito feliz de você estar aqui, ele disse.

Ela fez uma cara esquisita e perguntou: No sentido platônico?

Subindo a mão debaixo da saia, ele sorria. Não, não no sentido platônico, ele disse.

Ela se contorceu um pouco no braço do sofá. Sabia que quando você me mandou aquela mensagem dizendo — o que foi mesmo que você disse?, ela perguntou. Põe o sapato, vou chamar um táxi pra você, ou coisa assim. Foi legal.

Que bom que você achou.

É, foi bizarramente sexy. É engraçado, acho que gosto que você mande em mim. Uma parte de mim fica, sim, por favor, me diga o que fazer da minha vida.

Ele estava rindo, tocando na parte interna da coxa dela com os dedos. Tem razão, ele concordou, é sexy.

Me sinto segura e relaxada. Como quando reclamo de alguma coisa com você e você me chama de “princesa”, fico meio excitada. Você está detestando que eu diga isso? É que me sinto como se você estivesse no controle de tudo e não fosse deixar nada de ruim acontecer comigo.

Não, eu amo esse tipo de coisa. A ideia de cuidar de você, ou de você precisar da minha ajuda, tanto faz. Eu provavelmente já tenho um ímã pra

isso. Sempre que uma garota me pede para abrir um pote de geleia, eu meio que me apaixono por ela.

Ela estava com a ponta do dedo na boca. E eu achando que era especial, ela disse.

Mas com você vai um pouco além. A bem da verdade, lembro que a Natalie uma vez disse de você pra mim — deve ser meio esquisito eu te contar isso, mas tudo bem. Você ia nos ver em Paris, e eu estava preocupado com você no voo, ou sei lá o quê. E a Natalie disse alguma coisa tipo, ah, a menininha do papai está totalmente sozinha, coisa assim. Foi engraçado. Quer dizer, eu acho que ela estava brincando.

Eileen tampou os olhos, aos risos. Tenho uma história pra te contar, ela disse. Recebi uma mensagem sua uma noite, e o Aidan estava do lado do meu celular, então ele a olhou pra mim. E, quando eu perguntei quem era, ele me mostrou a tela e falou, é o teu pai.

Ele ficou satisfeito, constrangido, fazendo que não com a cabeça. Acho que se eu tentasse explicar isso a outra pessoa, ela chamaria a polícia, ele disse.

Só por causa dessa coisa de princesinha do papai? Ou você também quer me amarrar e me torturar?

Não, não. Mas isso já seria bem mais normal, não é? Minha ideia é mais do tipo — espero que você não fique horrorizada por eu te dizer tudo isso. Mas eu acho que a fantasia é só você estar indefesa, e eu te falando que menina boazinha você é.

Recatada, ela olhou para ele por entre os cílios. E se eu não for uma menina boazinha?, ela devolveu. Você não quer me botar no seu colo e me castigar?

Ele passou a mão pelo algodão fino e úmido da calcinha dela. Ah, mas não pra te machucar, ele afirmou. Só para você se comportar.

Por um instante, ela se calou. Depois prosseguiu: Você vai me falar o que fazer?

Com a voz normal, relaxada, meio divertida, ele respondeu: Você vai fazer o que eu mandar?

Ela tornou a rir. Vou. É engraçado o quanto isso me excita. É esquisito. Fico muito excitada pensando no que vai fazer comigo. Desculpa por estar saindo do personagem.

Não, não seja um personagem. Seja você mesma.

Ele se curvou e a beijou. A cabeça contra o braço do sofá, a língua molhada em sua boca. Passivamente, deixou que ele tirasse sua roupa, observando as mãos dele desabotoarem a saia e puxarem sua calcinha para baixo. Esticando a mão sob o joelho dela, ele levantou sua perna até o encosto do sofá e pôs o outro pé no chão, para que suas pernas ficassem bem abertas, e ela tremia. Ah, você está sendo muito boazinha, ele disse. Balançando a cabeça, ela soltou uma risada de nervoso. Com os dedos leves, ele a tocou, ainda sem penetrá-la, e ela pressionou mais o quadril contra o sofá e fechou os olhos. Ele pôs o dedo dentro dela, e ela expirou. Boa menina, ele murmurou. Relaxa. Devagar, ele enfiou outro dedo nela, e ela gemeu, um gemido dissonante e agudo. Shh, ele disse. Você está sendo muito boazinha. Ela balançava a cabeça de novo, a boca aberta. Se você continuar falando desse jeito comigo, eu vou gozar, ela disse. Ele sorria, olhando para ela. Daqui a pouco, ele respondeu. Agora não. Ele se despiu, e ela permaneceu deitada de olhos fechados, um joelho enganchado no encosto do sofá. No ouvido dela, ele disse: E tudo bem se eu gozar dentro de você? Com a mão, ela agarrou a nuca dele. Quero muito isso, ela declarou. Ele fechou os olhos por um instante, assentindo, sem falar. Quando a penetrou, ela gemeu de novo, agarrando-se a ele, que ficou calado. Eu te amo, ela disse. Ele inspirou o ar com cuidado e não disse nada. Olhando para ele, perguntou:

Simon, você gosta quando eu falo isso? Sem jeito, tentando sorrir, ele assentiu. Dá pra sentir que sim, ela concluiu. Ele continuou respirando, o lábio superior úmido, a testa. Bom, eu também te amo, ele afirmou. Ela estava mordendo o próprio lábio, observando-o. Porque eu sou muito boazinha, ela respondeu. Com a ponta do indicador, ele a tocava. É, sim, ele concordou. Ela tornou a fechar os olhos, os lábios se mexendo, mas sem fazer barulho. Depois de alguns minutos, ela avisou que gozaria. Sua respiração estava alta e irregular, o corpo tenso e contraído nas mãos dele. Quando ela terminou, ele perguntou baixinho: Posso continuar ou você precisa que eu pare? Com a voz exausta, ela pediu desculpas e perguntou se ele demoraria muito. Não, vai ser rápido, ele disse. Mas posso parar se você quiser, não tem problema. Ela falou que tudo bem ele continuar. Ele pôs as mãos no quadril dela e a segurou contra o sofá, enquanto se mexia dentro dela. Ela estava mole, muito molhada e não impunha resistência, só soltava um gemido fraco de vez em quando. Meu Deus, ele exclamou. Depois, ele ficou deitado abraçado a ela. Ambos ficaram imóveis, respirando devagar, o suor secando na pele dele. Ela passava a palma da mão pelas costas dele. Obrigado, ele agradeceu. Ela sorriu, olhando para baixo, para ele. Você não precisa me agradecer, ela respondeu. Os olhos dele estavam fechados. Sim, ele disse. Mas eu fico grato. Não só isso — só estou querendo dizer que é bom ficar com você, que estou feliz que você tenha vindo pra cá. Às vezes, quando estou sozinho aqui de noite, sabe como é, é meio deprimente, para ser sincero. Ou, assim, solitário. Ela lhe deu uma risadinha débil, sem fôlego. Desculpa, não sei por que eu estou falando isso, ele completou. Estou feliz por você estar aqui, só isso. Você às vezes tem a sensação, quando alguém te faz uma gentileza, como se estivesse tão grata que acabasse se sentindo mal? Não sei se os outros têm isso ou é coisa só minha. Deixa pra lá, é idiotice minha. Ele se sentou e começou a se vestir. Ela continuou deitada, olhando

para ele. Mas eu não estava te fazendo favor nenhum, ela explicou. Foi mútuo. Sem se virar, ele soltou outra risadinha tensa e pareceu enxugar os olhos com a mão. Não, eu sei, ele disse. Acho que é só gratidão por você querer. Me desculpa, não sei o que é que está acontecendo comigo.

Não me importo, ela disse. Mas não quero que você se sinta mal.

Ele se levantou, estava vestindo a camisa. Estou legal, não esquenta a cabeça. Quer uma taça de vinho? Ou a gente pode tomar sorvete.

Assentindo devagar, ela se sentou. Boa ideia, ela disse. Um sorvete cairia bem. Ele foi à cozinha e, por cima do encosto do sofá, ela o espiava enquanto se vestia. De costas, ele parecia alto, a camisa um pouco amarrotada, e o cabelo macio e dourado sob a luz do teto.

Eu não sabia que você tinha enxaqueca, ela comentou.

Sem olhar para ela, ele respondeu: Não é toda hora.

Ela abotoava o cós da saia. Da última vez que eu tive, te mandei uma mensagem da cama reclamando de como estava forte, ela mencionou. Lembra?

Ele estava pegando duas colheres da gaveta de talheres e respondeu: É, acho que a sua é pior que a minha.

Ela fez que sim com a cabeça, sem falar nada. Por fim, perguntou: Ligo a tevê de novo? A gente poderia ver *Newsnight* ou algum outro programa. O que é que você acha?

Acho uma boa.

Ele serviu as tigelas de sorvete, enquanto ela aumentava o volume da televisão. Na tela, uma apresentadora britânica estava diante de um fundo azul falando com a câmera sobre a eleição para a liderança do partido no Reino Unido. De olho na tela, Eileen disse: E é uma mentira, né? Vai, diz que é mentira. Mas, não, eles nunca dizem. Sentado a seu lado, Simon partia o sorvete da tigela com a colher. Você sabia que ela é casada com um gestor de

fundo de investimentos?, ele comentou. Enquanto assistiam, esporadicamente falavam da possibilidade de outra eleição geral no país antes do fim do ano e quais membros do partido de Simon tinham mais probabilidade de manter o cargo se isso acontecesse. Ele achava preocupante que as pessoas de quem mais gostava perdessem e os “carreiristas” tivessem mais chances de continuar. Na televisão, um porta-voz do partido dizia: O primeiro-ministro... Perdão, desculpa, o primeiro-ministro já disse várias vezes... Eileen deixou a tigela vazia na mesinha de centro e se sentou com o pé enfiado nas almofadas. Lembra quando você apareceu na tevê?, ela perguntou. Simon ainda comia. Durante uns três minutos, ele disse. Com os dedos, ela apertou o elástico no cabelo. Eu recebi umas cem mensagens naquela noite dizendo: o seu amigo Simon está na tevê!, ela respondeu. E certa pessoa — não vou dizer quem — me mandou uma foto de você na tela, e a mensagem dizia algo do tipo: é esse o Simon que você vive falando? Olhando para a televisão, ele sorria, mas não falou nada. Observando seu semblante, Eileen continuou: Eu não falo de você tanto assim. Bom, eu respondi, é, é ele, e ela me falou — literalmente — não me leve a mal, mas quero ter os filhos dele. Ele caiu na risada. Não acredito, ele disse. Eileen repetiu: literalmente. Eu teria te encaminhado, mas a parte do “não me leve a mal” me incomodou. Assim, por que eu levaria a mal? Ela acha que nós temos uma amizade não correspondida, triste, em que eu sou apaixonada por você e você nem me nota? Odeio quando as pessoas pensam isso da gente. Simon estava olhando para ela, o rosto dela quase de perfil, virado para a tela, a luz do teto caindo branca na maçã de seu rosto e no canto da pálpebra. Meus amigos todos acham que é o contrário, ele anunciou. Sem desviar o rosto da televisão, ela achou graça. O que, que você tem uma paixão não correspondida por mim?, ela quis saber. Que engraçado. Não que eu me importe, massageia o meu ego. Quem é que acha isso? O Peter? Duvido que

o Declan ache. O programa estava terminando, os créditos de produção subindo pela tela. Ainda de olho na televisão, ela continuou, em tom alegre: Olha, sei que você não quer falar disso. Sobre o que você comentou mais cedo, de que se sente só. Eu me sinto assim o tempo inteiro. E não estou falando isso só porque quero que você saiba que não é o único que se sente assim. E, da minha perspectiva, sempre que me sinto só, você é a pessoa pra quem eu ligo. Porque você tem um efeito calmante sobre mim. Sabe, as coisas com que eu normalmente me preocuparia não parecem tão preocupantes quando a gente conversa. Bom, o que eu quero dizer é que, se te bater a vontade de ligar pra mim quando estiver assim, pode ligar. Você nem precisa me dizer por que está ligando, a gente pode falar de outros assuntos. Eu vou reclamar da minha família, provavelmente. Ou eu posso vir pra cá, e a gente fazer isso. Combinado? Não que você tenha que me ligar, óbvio, mas você pode. Quando quiser. Só isso. Ele não tirou os olhos dela enquanto falava, e quando ela terminou, ficou quieto por um tempo. Então, em um tom ameno, amistoso, ele disse: Eileen, sabe aquele dia no telefone, quando você falou que eu deveria arrumar uma esposa? Rindo, ela se virou para ele. Sei, ela afirmou. Ele estava sorridente, parecia feliz e cansado. Você estava falando de uma pessoa nova que entrasse na minha vida e se casasse comigo, ele continuou. Alguém que eu não conhecesse. Eileen o interrompeu para acrescentar: E linda. Uma mulher mais nova, eu acho que a gente falou. Não muito inteligente, mas doce. Ele concordava. Isso, ele disse. Ela me parece fantástica. Mas eu tenho uma pergunta. Quando eu arrumar essa esposa, que eu presumo pela força dos seus comentários que não seja a mesma pessoa que você... Com uma indignação fajuta, Eileen interrompeu: Claro que não sou eu. Para começar, já li muito mais do que ela. Ele continuou sorrindo, sozinho. Claro, ele afirmou. Mas, depois que arrumar a garota, seja ela quem for, você e eu vamos continuar amigos? Ela se recostou nas almofadas do

sofá, como se para ponderar a questão. Depois de um tempo, ela respondeu: Não. Acho que, quando você conhecer ela, vai ter que abrir mão de mim. Talvez isso seja até uma condição para você conseguir encontrá-la.

Como eu desconfiei, ele disse. Então nunca vou encontrar ela.

Eileen levantou as mãos, perplexa. Simon, ela começou. Fala sério. Essa mulher é sua alma gêmea. Deus pôs ela na Terra pra você.

Se Deus queria que eu abrisse mão de você, não teria feito de mim quem eu sou.

Por um instante, entreolharam-se. Ela pôs a mão na própria face, que estava corada. Então você não vai renunciar à nossa amizade, ela constatou.

Por nada nesse mundo.

Ela estendeu o braço e segurou a mão dele. Eu também não renunciaria, ela declarou. E você pode acreditar nisso, porque nenhum dos meus namorados gostava de você, e isso nunca fez diferença pra mim.

Ele estava rindo, ambos estavam. À meia-noite, ela foi escovar os dentes, e ele apagou as luzes da cozinha. Ao sair do banheiro, ela comentou: Está vendo, é óbvio que eu tinha segundas intenções: trouxe a minha escova de dente. Ela o seguiu até o quarto, e ele fechou a porta, dizendo algo inaudível. Ela riu, e, através da porta, a risada ficou mais branda e musical. Na escuridão o cômodo principal do apartamento tornou a ficar silencioso e inerte. Duas tigelas vazias ficaram na pia, duas colheres, um copo de água vazio com uma leve marca de hidratante labial incolor na borda. Pela porta, o som da conversa continuava a murmurar, as palavras completas, indistintas, e, a uma hora da madrugada, já se fazia silêncio. Às cinco e meia, o céu começou a clarear na janela da sala de estar, voltada para o leste, de preto a depois branco prateado, passando pelo azul. Mais um dia. O grasnido de uma gralha no cabo de luz dos postes. O barulho dos ônibus na rua.

Alice, você se lembra que semanas ou meses atrás te mandei um e-mail sobre o colapso da Idade do Bronze? Continuei lendo sobre o assunto depois e me parece que, embora pouco se saiba quanto àquele período, as interpretações acadêmicas são mais diversas do que a Wikipédia me levava a crer. Sabemos que antes do colapso economias palacianas férteis e letradas do Mediterrâneo Oriental negociavam objetos de custos exorbitantes entre si, além de aparentemente enviarem presentes de soberanos de outros reinos e também ganharem deles. Também sabemos que mais tarde palácios foram destruídos ou abandonados, línguas escritas se perderam e artigos de luxo já não eram fabricados na mesma quantidade ou comercializados em lugares tão distantes. Mas quantas pessoas, quantos habitantes dessa “civilização”, de fato viviam nos palácios? Quantos usavam as joias, bebiam em copos de bronze, comiam as romãs? Para cada membro da elite, havia milhares de analfabetos e lavradores paupérrimos dedicados à agricultura de subsistência. Após o “colapso da civilização”, muitos se mudaram para outros cantos, e talvez alguns tenham morrido, mas, de modo geral, a vida deles não deve ter sofrido grandes transformações. Continuaram cultivando. Às vezes a colheita era boa, e às vezes não. E, em outro canto do continente, essas pessoas foram os seus e os meus ancestrais — não os moradores dos palácios, mas os camponeses. Nossas abundantes e complexas redes internacionais de produção e distribuição chegaram ao fim, porém aqui estamos nós, você e eu,

e aqui está a humanidade. E se o sentido da vida na terra não for o progresso eterno rumo a um objetivo indefinido — a engenharia e a produção de tecnologias cada vez mais poderosas; o desenvolvimento de formas culturais cada vez mais elaboradas e abstrusas? E se essas coisas ascendem e recuam naturalmente, como marés, enquanto o sentido da vida continua sempre o mesmo — só viver e estar com outras pessoas?

Quanto à revelação sobre você e o Felix: me atrevo a dizer, já que sou sua amiga, que, por causa de todo o papo anterior sobre amorfia relacional e vínculos afetivos experimentais, ela não me causou nenhuma surpresa. Se ele for legal com você, vou aprová-lo incondicionalmente, e, se não for, ele será para sempre meu inimigo. Parece razoável? Mas tenho certeza de que ele vai ser legal.

Não sei se já mencionei isso antes, mas há uns anos comecei a escrever um diário, que chamei de “livro da vida”. Parti da ideia de escrever um texto curto todos os dias, só uma ou duas linhas, relatando algo bom. Acho que com “bom” quis dizer algo que me fez feliz ou me deu prazer. Dei uma olhada nele outro dia, e os primeiros textos eram todos daquele outono, quase seis anos atrás. Folhas de sicômoro secas, viradas para cima, correndo como garras pela South Circular Road. O gosto amanteigado artificial da pipoca do cinema. O céu amarelo-claro no fim da tarde. Thomas Street envolta em neblina. Coisas assim. Não deixei passar nem um dia ao longo de setembro, outubro, novembro daquele ano. Sempre conseguia pensar em alguma coisa legal, e às vezes eu fazia algo com o intuito de pôr no caderno, como tomar banho ou sair para caminhar. Na época, sentia que estava apenas absorvendo a vida, e no fim do dia eu nunca precisava me esforçar para pensar em algo bom que tivesse visto ou ouvido. Só me vinha à cabeça, e até as palavras surgiam, porque meu único objetivo era transmitir a imagem de forma clara e simples para que mais tarde eu me lembrasse da sensação. E, lendo esses

textos agora, realmente me recordo de como me senti, ou pelo menos do que vi e ouvi, e percebi. Ao caminhar, mesmo nos dias ruins, via coisas — me refiro àquelas que estavam na minha frente. O rosto das pessoas, o clima, o tráfego. O cheiro de gasolina no posto, a sensação de pegar chuva, coisas totalmente normais. E, assim, até os dias ruins eram bons, pois eu os sentia e me lembrava de senti-los. Havia certa delicadeza em viver desse jeito — como se eu fosse um instrumento, e o mundo me tocasse e reverberasse dentro de mim.

Depois de alguns meses, comecei a pular dias. Às vezes dormia sem me lembrar de escrever qualquer coisa, mas havia outras noites em que eu abria o caderno e não sabia o que escrever — não conseguia pensar em absolutamente nada. Criava textos cada vez mais eloquentes e abstratos: títulos de canções, citações de romances ou mensagens de texto dos amigos. Na primavera eu já não conseguia manter o ritmo. Comecei a esquecer do diário por semanas a fio — era só um caderno preto, barato, que eu tinha ganhado no trabalho — e, por fim, eu o pegava para olhar os textos do ano anterior. A essa altura, achava impossível que um dia voltasse a me sentir como me senti a respeito de chuvas e flores. A questão não era meramente não conseguir me deleitar com experiências sensoriais — era que eu parecia não tê-las mais. Ia a pé para o trabalho ou saía para fazer compras ou sei lá o quê e, quando eu chegava em casa, não conseguia me lembrar de ter visto ou ouvido nada diferente. Acho que via, mas não enxergava — o universo visual me vinha achatado, como um catálogo de informações. Não olhava mais para as coisas como antes.

Reler o caderno agora me dá uma sensação esquisita. Eu realmente já fui assim? Uma pessoa capaz de mergulhar na mais fugaz das impressões e dilatá-la de alguma forma, se demorar dentro dela e lá encontrar opulência e beleza. Parece que sim — “por algumas horas, mas não sou essa pessoa”. Me

pergunto se o caderno em si, o processo de escrita, me fez viver dessa maneira ou se o escrevi por vontade de documentar esse tipo de experiência enquanto se desenrolava. Tentei me lembrar do que acontecia na minha vida naquela época, pois talvez isso me ajudasse a entender. Sei que eu tinha vinte e três anos, que estava começando a trabalhar na revista, que eu e você morávamos juntas naquele apartamento horrível de Liberties, que a Kate ainda estava em Dublin, e o Tom e a Aoife também. Íamos a festas, convidávamos gente para jantar na nossa casa, tomávamos vinho demais, entrávamos em discussões. Às vezes o Simon me ligava de Paris só para reclamarmos dos nossos trabalhos, e, enquanto ríamos, eu ouvia a Natalie no fundo, guardando a louça na cozinha. Todas as minhas emoções e experiências eram, em certo sentido, extremamente intensas e em outro, completamente banais, porque nenhuma das minhas decisões aparentava ter consequências, e nada na minha vida — o emprego, o apartamento, os desejos, os casos amorosos — me parecia permanente. Achava que tudo fosse possível, que não havia portas fechadas às minhas costas, e que, lá fora, em algum canto, até ali desconhecido, existiriam pessoas que me amariam e admirariam, e que iam querer me fazer feliz. Pode ser que isso explique de algum modo a abertura que eu sentia em relação ao mundo — talvez sem saber estivesse prevendo meu futuro, observando os sinais.

Algumas noites atrás, peguei um táxi sozinha depois do lançamento de um livro. As ruas estavam sossegadas e escuras, e o ar estranhamente quente e parado, e no cais os prédios comerciais estavam todos acesos, e vazios, e abaixo de tudo, abaixo da superfície de tudo, comecei a sentir aquilo de novo — a proximidade, a possibilidade da beleza, como uma luz que irradiasse suavemente detrás de um mundo visível, iluminando em volta. Assim que me dei conta do que estava sentindo, tentei me mover nessa direção nos meus pensamentos, estender o braço e segurar, mas a sensação apenas esfriou ou se

afastou de mim, ou fugiu e foi parar mais adiante. As luzes nos escritórios vazios tinham me lembrado de alguma coisa, e eu vinha pensando em você, tentando imaginar a sua casa, acho, e lembrei que recebi um e-mail seu, e, ao mesmo tempo pensava no Simon, no mistério que ele é, e por alguma razão, olhando pela janela do táxi, comecei a pensar na presença física dele na cidade, que em algum canto dentro da estrutura dela, de pé ou sentado, de braços abertos de uma forma ou de outra, vestido ou pelado, ele estava presente, e Dublin era como um calendário do Advento, escondendo-o atrás de suas milhões de janelas, e a qualidade do ar estava infundida, a temperatura estava infundida da presença dele, e do seu e-mail, e desta mensagem que escrevia para você na minha cabeça. O mundo parecia capaz de abarcar essas coisas, e meus olhos eram capazes, meu cérebro era capaz de recebê-las e compreendê-las. Eu estava cansada, era tarde, quase dormia no banco de trás do táxi quando me lembrei de um jeito esquisito que, aonde quer que eu vá, você está comigo, assim como ele, e, enquanto vocês dois viverem, para mim, o mundo será belo.

Eu não fazia ideia de que você leu a Bíblia no hospital. O que te instigou essa vontade? E você achou útil? Achei muito interessante o que você falou sobre o perdão dos pecados. Outro dia perguntei ao Simon se ele reza a Deus, e ele me disse que sim — “para agradecer”. E eu acho que, se acreditasse em Deus, não gostaria de me prostrar diante dele e pedir perdão. Gostaria apenas de agradecer a ele todos os dias, por tudo.

Na tarde da segunda sexta-feira de maio, Felix passou oito minutos na fila da segurança ao sair do trabalho. Alguém à sua frente havia disparado uma máquina e fora levado a uma salinha para ser revistado. Lia-se em uma folha de papel grudada à porta: somente supervisores, identifique-se para entrar. A fila se formou do lado de fora, e se ouviam vozes exaltadas vindas da sala. Felix trocou olhares com a pessoa à sua frente, mas ambos continuaram calados. Quando passou pelo scanner e entrou no carro, já eram sete e treze da noite. O céu estava denso e branco, com feixes de luz do sol atravessando aqui e ali as nuvens baixas. Ligou o cd player, deu ré para sair da vaga e foi embora do complexo industrial.

Depois de alguns minutos na estrada, parou em uma área de cascalho plana com vista para o mar. O centro de visitação feito de madeira que ficava na entrada estava fechado, e não havia outros carros por perto. Em uma das pontas, o imenso pôster amarelo exibia informações de cunho histórico e geológico. Felix estacionou na extremidade mais afastada do terreno, o Atlântico se estendendo, cinza e acidentado do outro lado do para-brisa. Ele desafivelou o cinto de segurança e abriu o zíper do casaco preto de plumas que vestia, revelando o moletom verde desbotado por baixo, com um pequeno logotipo branco bordado. Pegou o celular do bolso, ligou-o, depois abriu o porta-luvas e começou a enrolar um baseado. O aparelho fez diversos zumbidos ao receber as mensagens acumuladas durante o trabalho, e os olhos

de Felix saltavam entre a tela, no colo, e a seda no volante. Quando terminou, segurou o baseado apagado na boca, enquanto rolava as notificações que eram exibidas: vários alertas de redes sociais e de aplicativos, e uma dm de seu irmão Damian.

Damian: Que horas você larga hoje? Você pode vir pra cá ou eu posso levar tudo para a sua casa se ficar melhor pra você, me avisa

Felix se recostou no banco do motorista, olhou para o interior cinza e nebuloso do teto do carro, e acendeu o isqueiro. Por um instante fechou os olhos, inspirando, depois levantou o celular e abriu o chat da mensagem. A última era a que Felix tinha mandado na véspera, que dizia: Sem trabalho amanhã noite ligo pra vc. Antes havia diversas notificações de chamadas perdidas de Damian. Dez dias atrás, uma mensagem de Felix com: Ei dscpl não, estou fora. Ele fitou a conversa com o rosto inexpressivo e em seguida a fechou. Por um tempo, dando longos tragos e exalando devagar, olhou as outras notificações, descartando-as ou verificando-as à medida que rolava a tela. Recebera ainda uma mensagem através de um aplicativo de encontros.

Patrick: por perto hoje à noite?

Felix tocou no nome “Patrick” e visualizou as fotos do perfil. Em uma delas, um grupo de homens posava em um evento social com os braços apoiados nos ombros uns dos outros. Em outra, um homem barbudo estava ajoelhado junto à água segurando um peixe enorme, seu corpo sarapintado e iridescente sob o sol. Felix voltou à mensagem e digitou no campo de resposta: *Talvez, qual é a boa?* Sem apertar enviar, ele retornou ao chat com o irmão. Bloqueou o celular e continuou fumando e escutando música. De vez em quando, assobiava ou cantarolava junto, distraído, a voz alegre e agradável. Do lado de fora, a chuva começava a tamborilar na janela.

Às cinco para as oito, ele jogou a bituca pela janela e saiu de ré do estacionamento. Seus olhos estavam um tanto vidrados. Aproximando-se do vilarejo, deu seta e então pegou o celular do painel e o olhou de novo. Não tinha novas mensagens. Sem razão aparente, desligou a seta e continuou seguindo em frente. Um carro atrás dele buzinou, e Felix murmurou tranquilamente: É, isso aí, vai se foder. Manteve uma mão no volante e usou a outra para fazer uma chamada.

Depois de dois toques, uma voz atendeu: Alô?

Está em casa?, perguntou Felix.

Na minha casa? Estou.

Ocupada?

Não, nem um pouco. Por quê?

Acabei de sair do trabalho, ele explicou. Pensei em dar uma passada aí e ver se você estava. O que é que você acha?

Bom, eu estou, sem dúvida. Estou aqui.

Já estou chegando aí, então, disse Felix.

Ele desligou e largou o celular no banco do passageiro sem fazer barulho. Após mais alguns minutos de estrada, um casarão branco surgiu à esquerda, e ele deu seta outra vez.

Ainda chovia quando tocou a campainha. Alice saiu com um suéter de lã e uma saia escura. Estava descalça. Seus braços estavam cruzados sobre o peito e depois ela os descruzou. Felix ficou parado, fitando-a, enfiou a mão no bolso e fechou um pouco um dos olhos, como se tivesse dificuldade de focar.

Ei, ele disse. Te atrapalho?

Nem de longe. Não quer entrar?

Já que estou aqui, acho que sim.

Ele a seguiu sala adentro, fechando a porta. Ela atravessou a sala de estar, um espaço amplo, pintado de vermelho, o fogo aceso na lareira. De frente

para ela ficava o sofá, cheio de mantas e almofadas de várias cores. Na mesinha de centro, um livro estava aberto, as folhas viradas para baixo, ao lado de uma xícara de chá quente. Felix parou logo depois da porta, enquanto Alice entrava.

Está tudo muito aconchegante, ele comentou.

Ela se recostou no sofá, cruzando os braços de novo.

O que é que você estava fazendo, estava lendo?, ele quis saber.

Estava, sim.

Espero não estar te atrapalhando.

Você já disse isso, ela disse. E eu já falei que não está.

Por um instante ninguém disse mais nada. Felix olhou para o tapete castanho-amarelado, ou para os próprios sapatos.

Fazia um tempo que você não aparecia, ela disse então.

Aparentemente sem surpresa, ele continuou examinando o tapete. É, ele disse.

Ela não respondeu. Passado um instante, ele a olhou de relance.

Você está irritada?, ele perguntou.

Não estou irritada, não. Ando confusa. Na verdade, imaginei que você não quisesse mais me ver. Estive me perguntando se eu tinha feito alguma coisa errada.

Ele franziu a testa. Ah não, ele disse. Você não fez nada. Escuta, você tem razão, eu percebi que os dias foram passando.

Ela assentiu, inexpressiva.

Quer que eu vá embora?, ele disse.

Ela mexeu a boca, por um segundo indecisa. Não sei direito o que está acontecendo, ela confessou. Mas talvez a culpa seja minha.

Ele parecia refletir bastante, ou talvez fosse apenas fingimento. Bom, eu não diria que a culpa é só sua, ele afirmou. Compreendo o que você está

querendo dizer. Acho que a culpa é compartilhada. Não estou procurando nenhum grande compromisso na vida neste momento, para ser franco.

Entendo.

É, ele continuou. E com essa coisa da viagem para a Itália, pensei, sabe como é. Talvez seja melhor levar as coisas de um jeito mais casual.

Certo.

Ele se balançou um pouco sobre os calcanhares. Então está certo, ele disse. Melhor eu ir, então, não é?

Se você quiser.

Por alguns instantes ele não se mexeu, ficou olhando a sala, distraído. Você não dá a mínima, não é?

Perdão?

Ele respirou fundo pelo nariz e repetiu devagar: Você não dá a mínima, ou dá?

A mínima para o quê?

Se eu vou ou se eu não vou. Se eu dou notícias ou não dou. Você não liga nem em um caso nem no outro.

Eu achava que fosse óbvio que ligo, ela respondeu. É você quem está dizendo que não liga.

Mas você não está agindo como se ligasse.

Com um sorriso meio pasmo, ela retrucou: O que você quer que eu faça, que eu caia de joelhos e implore para você não ir embora?

Ele riu sozinho. Boa pergunta, ele declarou. Sei lá, talvez eu queira isso mesmo.

Bom, você não vai conseguir.

Estou vendo que não.

Eles se entreolharam. Ela franziu a testa para ele, e ele tornou a rir, balançou a cabeça e desviou o rosto.

Porra, ele soltou. Eu sei lá. Por que eu sempre tenho a impressão de que você é a chefe e eu tenho que fazer o que você diz?

Não faço ideia por que você tem essa impressão. Acho que eu nunca te digo o que fazer.

Ela continuava a fitá-lo, mas ele não retribuía o olhar, voltado na direção do rodapé.

Por fim, ela disse: Já que você está aqui, quer beber alguma coisa?

Percorrendo o ambiente com os olhos, ele meio que deu de ombros. É, pode ser, por que não?, ele disse.

Tenho uma garrafa de vinho, que tal eu pegar umas taças?

Ele franziu a testa e concordou: O.k., é. Pigarreou e acrescentou: Valeu.

Ela foi à cozinha, e ele tirou o casaco, pendurou-o no encosto da poltrona e se sentou no sofá. Tirou o celular do bolso e olhou para a tela, que mostrava uma chamada perdida de Damian. Com um movimento do dedo, abriu a notificação e digitou uma mensagem.

Felix: Ei foi mal não estou em casa agora . Talvez t ligue amanhã

Segundos depois uma resposta chegou.

Damian: Faz quase 3 semanas. Cadê você?

Felix contraiu as feições em uma carranca e começou a digitar, deletando e reescrevendo várias palavras nesse processo.

Felix: Eu tava fora na semana passada e essa semana tô trabalhando como já falei, amanhã tô de folga então te ligo

Ele enviou a mensagem, bloqueou o celular e ficou encarando o fogo. Alice voltou à sala trazendo duas taças vazias e uma garrafa de vinho tinto.

Ele a observou abrir a garrafa e encher as taças.

Você vai puxar um daqueles seus papos profundos sobre a vida?, ele perguntou.

Ela lhe entregou a taça e se sentou na outra ponta do sofá. Hmm, ela soltou. Acho que ainda estou tentando me orientar. Não sei se estou pronta para um papo profundo.

Ele assentiu e fitou a bebida. Faz sentido, ele disse. O que é que você quer fazer, ver um filme ou coisa desse tipo?

Podemos, se você quiser.

Ela sugeriu que ele desse uma olhada na conta da Netflix dela, e, depois de digitar a senha, ela lhe passou o notebook. Ele abriu o navegador, enquanto ela bebia e observava o fogo. Com dois dedos, ele rolava a tela sem rumo, passando por uma série de imagens, espiando-a de vez em quando, como se estivesse distraído. Por fim, ele declarou: Toma, eu não sei que tipo de filme você gosta, escolhe um. Eu assisto contanto que não tenha legenda. Ele lhe entregou o notebook, e ela o pegou sem dizer nada. Ele fechou os olhos e deixou a cabeça se encostar na parte de cima do sofá. Caramba que cansaço, ele comentou. Se eu beber agora, acho que é melhor não dirigir. Ela analisava as opções na tela e disse: Você pode passar a noite aqui se quiser. Ele não disse nada. Havia uma lista de títulos categorizados como “Filmes emocionantes aclamados pela crítica”, “Filmes de suspense sombrios”, “Dramas baseados em livros”. Um galho seco crepitou na lareira e lançou um jorro de faíscas, chiando. Alice olhou para Felix, que estava imóvel de olhos fechados. Ela o observou por alguns instantes, depois fechou o notebook. Ele não se mexeu. Passou um tempo de pernas cruzadas no sofá, vendo as chamas tremulando na lareira enquanto terminava a taça de vinho, e então ela saiu da sala, apagando a luz do teto.

Duas horas e meia depois, sentado na mesma posição, Felix despertou. O ambiente estava escuro, a não ser pelos resquícios do fogo. Ouvia água corrente em algum canto da casa. Sentou-se de costas eretas, enxugou a boca e tirou o celular do bolso. Eram quase onze da noite, e recebera apenas uma mensagem.

Damian: Larga de ser babaca Felix. Onde é que você está que não pode nem me ligar?

Felix começou a elaborar uma resposta, escrevendo *Como é que* e deletando o *Como* e digitando *É que o seu*, e então parou. Ficou um tempo contemplando as chamas baixas arderem na lareira, as quais jogavam uma luz vermelha em seu rosto e suas roupas. Por fim, levantou-se do sofá e saiu da sala. O corredor estava iluminado, e ele parou na escada com a testa enrugada, como se esperasse os olhos se adaptarem. Na cozinha, Alice ria e dizia em voz alta: Ah, eu não deixaria um detalhezinho desses me atrapalhar. Ele atravessou o corredor e alcançou a porta que estava aberta. Ali, Alice olhava a geladeira, de costas para ele. A luz do refrigerador formava uma moldura branca retangular em torno de seu corpo. Ela carregava o celular em uma das mãos e, com a outra, segurava a porta da geladeira. Talvez a imitando sem se dar conta, Felix pôs a mão direita no batente da porta da cozinha, observando-a, calado. Ela continuou rindo. Manda foto, por favor?, ela pediu. Ela deixou a porta da geladeira bater e foi até a pia. À sua frente, a janela preta refletia o ambiente iluminado da cozinha. Erguendo os olhos, ela vislumbrou Felix parado às suas costas. Sem surpresa, disse, ao telefone: Vou desligar agora porque acabou de entrar uma pessoa, mas te vejo na semana que vem, né? Felix permaneceu ali, não mais olhando para ela, mas para o chão. Gosto de te deixar em suspenso, Alice disse ao telefone. A gente se fala, boa noite. Ela pôs o celular virado para baixo na bancada, voltando-se

para Felix. Sem levantar a cabeça, ele pigarreou e disse: Me desculpa. Eu ando trabalhando nuns horários estranhos, é óbvio que estou mais cansado do que eu imaginava. Ela lhe disse que não esquentasse a cabeça. Ele movimentou um pouco o maxilar, assentindo. Encarou-o por mais um instante e, como ele continuava sem olhá-la, ela lhe deu as costas e embrulhou um pedaço de pão.

Longas horas de trabalho hoje?, ela perguntou.

Como se estivesse se empenhando para soar divertido, ele respondeu: Todas elas parecem longas naquele lugar.

Agora que estava de costas, ele voltou a observá-la. Ela despejou as migalhas de pão do pratinho branco na lixeira de pedal.

Com quem você estava falando no celular?, ele questionou.

Ah, era só uma pessoa amiga minha.

A sua amiga Eileen?

Não, ela disse. É engraçado, eu nunca converso com a Eileen por telefone. Não, era um amigo chamado Daniel, acho que nunca falei dele para você. Ele mora em Londres, é escritor.

Felix continuou assentindo. Imagino que você tenha um monte de amigos escritores, né?, ele quis saber. Alguns.

Ele permaneceu na porta, esfregando a pálpebra esquerda com a ponta dos dedos. Alice pegou um pano da pia e limpou o tampo da mesa.

Desculpa não ter te mandado uma mensagem durante a semana, ele disse.

Tudo bem, não esquentar a cabeça com isso.

Eu me diverti com você na Itália, que pena se acha que não.

Tudo bem, ela afirmou. Também me diverti.

Ele engoliu em seco e enfiou a mão no bolso. Posso passar a noite aqui?, ele pediu. Acho que estou grogue demais para ir pra casa dirigindo. Posso dormir no sofá se você quiser.

Devolvendo o pano à pia, ela contou que arrumaria uma das camas. Ele olhou para o chão. Ela parou na frente dele e disse em um tom de voz amável: Felix, você está legal? Ele deu um sorriso amarelo. É, estou são, ele declarou. Só cansado. Enfim ele a encarou nos olhos e disse: Você não quer que a gente durma junto, né? Tudo bem se você deixou de gostar dessa ideia, eu sei que fui babaca nesse assunto. Ela o analisou, o olhar percorrendo seu rosto. Me senti uma idiota quando você não me deu mais notícia, ela admitiu. Você é capaz de entender por que me senti assim ou acha que estou louca? Aparentemente incomodado, declarou não achar que ela estava louca, e que tinha o intuito de responder à mensagem dela, mas o tempo tinha passado, e ele começara a ficar sem jeito. Amassava o próprio ombro com a mão. Olha, eu vou embora, ele decidiu. Dá para eu dirigir, estou ótimo. Nem tomei a taça de vinho, no fim das contas. Desculpa por ter interrompido a sua chamada, pode ligar para o seu amigo se quiser.

Eu prefiro que você fique, ela afirmou. Comigo, se é isso o que você quer. Não me importo.

Você não se importa ou você quer?

Eu quero. Mas, se você sumir de novo depois, vou começar a desconfiar que me odeia.

Ele pareceu satisfeito e soltou o ombro das garras da própria mão. Não, vou lembrar de ter modos, ele respondeu. Você vai receber uma mensagem gentil e normal amanhã dizendo que eu me diverti.

Com uma expressão irônica, ela retrucou: Ah, é uma coisa normal?

Bom, pra última pessoa com quem eu estive, eu nunca mandei mensagem. Acho que ela deve estar chateada comigo por causa disso, não tenho certeza.

Pode ser uma boa você aparecer do nada na casa dela e passar duas horas dormindo no sofá.

Ele levou a mão ao peito, como se ferido. Alice, ele chamou. Não precisa me atacar. Eu estou com vergonha. Vem cá.

Ela se aproximou, e ele a beijou. Passou as mãos pelo corpo dela, e ela soltou um leve suspiro. O celular dele começou a vibrar no bolso, o zumbido de uma ligação. Quer atender?, ela perguntou. Não, ele declarou, tudo bem, vou recusar. Tirou o celular do bolso, tocou no botão de rejeitar a chamada de Damian, e prosseguiu: Sabe o que eu estou a fim de fazer? Eu queria subir e deitar na sua cama e ouvir tudo o que você fez durante a semana. Alice falou que a ideia soava bastante inofensiva. Bom, posso tirar sua roupa enquanto você fala, ele sugeriu, que tal? Ela corou, tocou no lábio, e devolveu: Se você quiser. Ele a observava com um deleite malicioso. Estou te deixando vermelha falando assim?, ele questionou. Não me importo, mas é você quem se sustenta escrevendo livros obscenos. Ela retrucou que suas obras não eram obscenas, e ele disse que tinha lido na internet que eram. E eu sei que você não fica com vergonha quando fala de sexo em público, porque já te assisti, ele lembrou. Em cima do palco, quando a gente estava em Roma, você falou nisso. Alice explicou que era diferente porque não era pessoal, apenas abstrato. Ele a analisou por um instante. Será que eu posso perguntar, ele começou, você vai pra Londres esta semana ou o seu amigo vem pra cá? Não quero ser enxerido, mas ouvi você dizer que vai ver ele na semana que vem. Sorrindo, ela disse que iria a Londres para trabalhar. Que moça viajada, ele comentou. Mas, como Londres é meio chata, não vou ficar com inveja. Morei lá. O celular tornou a vibrar, e ele suspirou, tirando-o do bolso outra vez. Não vou perguntar quem é que está ligando, Alice declarou. Apertando o botão, Felix respondeu, distraído: Ah, é só o meu irmão. Não saí dormindo no sofá de outras pessoas pelas suas costas, não se preocupa. Ela riu, o que pareceu agradá-lo. Botando o celular de volta no bolso, ele perguntou: Podemos ir lá

pra cima? Se a gente ficar de pé até mais tarde, vou ficar imprestável, estou um caco.

Foram para o quarto de Alice e se sentaram na cama. Ela pegou a mão dele e a beijou, fazendo uma fileira de beijos a partir do nó dos dedos, depois pôs a ponta do indicador na boca. A princípio, ele não falou nada, mas depois de alguns segundos disse: Ah, porra. Enfiou o dedo médio na boca de Alice, e ela passou a língua pela parte de baixo. Alice, ele começou. Posso perguntar uma coisa? Você gosta mesmo de fazer boquete? Tudo bem se não gostar. Tirando os dedos dele de sua boca, ela disse que sim. Podemos fazer isso agora, o que é que você acha?, ele sugeriu. De boca aberta e aparentemente relaxada, ela pôs a mão debaixo do cós do moletom dele. Ele se deitou com a cabeça recostada nos travesseiros, e ela fez sexo oral nele. Ele a fitava. Uma mecha do cabelo claro dela caía para a frente, cobrindo parte de seu rosto. Os lábios úmidos, os olhos semicerrados. Ela perguntou se estava bom. É, está bom, ele disse. Vem cá um segundo. Ela foi até o lado dele, e ele enfiou a mão debaixo de sua saia. Fechando os olhos, ela se segurou na cabeceira atrás dele. Quer ficar em cima de mim?, ele indagou. Ela fez que sim. Com ou sem roupa?, ela questionou. Ele franziu a testa, pensativo. Sem, ele disse. Mas eu vou ficar vestido se por você tanto faz. Tirando o suéter, ela sorriu e disse: É um jogo de poder? Ele pôs a mão atrás da cabeça dela, vendo-a desabotoar a blusa. Não, estou com preguiça, ele justificou. Ela tirou a blusa e abriu o fecho do sutiã. Eu fico bonita sem roupa?, ela quis saber. Devagar, ele tocava no pau enquanto a observava. Fica, sim, ele respondeu. Eu não te falei isso? Tirando a saia e a calcinha pelos tornozelos, ela afirmou: Eu acho que quando era adolescente eu ficava, mas não fico mais. Deixando as roupas pendentes no final da cama, ela subiu em cima dele. Gosto de você dentro da minha boca, ela disse. Ela estava de olhos fechados, ele a olhava de baixo. Que legal você dizer isso, ele comentou. Do que você gostou nisso? Ela estava

ofegante. Estava com medo de que você fosse bruto comigo, ela explicou, mas você foi muito delicado. Não estou nem falando em ser bruto, assim, eu estava com medo de que você quisesse que eu fosse mais fundo, apesar de eu saber que não podia. Ele estava com a mão esquerda no quadril dela. Você está falando que nem o pessoal que faz pornografia, ele disse. Ela concordou. É, mas acho que é uma habilidade bem específica que elas têm, ele argumentou. Eu não espero que uma pessoa normal seja capaz disso. Permanecendo de olhos fechados, Alice disse que se ele quisesse, ela tentaria aprender. Ainda observando-a com atenção, ele afirmou: Não se preocupe com isso. Você faz um boquete ótimo. É assim que você prefere chamar, aliás? Ou outro nome? Ela sorriu, falou que não era muito detalhista. Mas deve ter palavras que te desestimulam, ele insistiu. Não tem? Assim, se eu dissesse eu quero que você chupe o meu pau, você provavelmente não ia gostar. Ela riu e contou que não ligaria, mas que achava mais engraçado do que sexy. Ele concordou que era engraçado e falou que parecia coisa de filme. Você detesta a palavra “foder”?, ele perguntou. Tem gente que detesta, eu não me importo. Mas se eu dissesse podemos foder agora, você ficaria contrariada? Ela explicou que não ficaria contrariada. Está bem, ele disse, então deixa eu te foder. Ele tirou a mão, os dedos brilhando, molhados, deixando marcas úmidas nos lugares onde ele tocava na pele dela. Quando a cabeça do pau dele entrou nela, ela respirou fundo e segurou o ombro dele. Ele continuava vestido, usando o mesmo moletom verde com o logotipo bordado. Você é muito pequena sem roupa, ele comentou. Acho que eu não tinha percebido como você é pequenininha. Ela soltou um lamento, fez que não, e se calou. Ele se recostou e a analisou. Você precisa de um tempinho?, ele perguntou. Ela inspirava profundamente e expirava devagar, os olhos fechados. Estou bem, ela declarou. Foi tudo? Talvez, por ela não estar olhando, ele tenha se permitido um sorriso. Bom, quase tudo, ele disse. Você

está legal? O rosto e o pescoço dela estavam vermelhos. É bastante, sim, ela constatou. Ele passou a mão na lateral do corpo dela com carinho. Hmm, ele insistiu. Mas não tá te machucando, né? Ainda de olhos fechados, ela respondeu: Acho que machucou um pouco da primeira vez. Ele tocava no seio dela com delicadeza. Da primeira vez que a gente ficou junto?, ele questionou. Você não me falou nada. Ela fez que não, franzindo a testa, como se estivesse concentrada. Não, ela justificou, mas não queria que você parasse, estava bom. Me dá a sensação de que estou preenchida. Ele lambeu o lábio superior, ainda assistindo-a. Ah, adoro te dar essa sensação, ele afirmou. Ela abriu os olhos e o fitou. Ele pôs as mãos no quadril dela e a empurrou um pouco para baixo, suavemente, até ficar inteiro dentro dela. Ela inspirou longamente e assentiu, mantendo o olhar nele. Por alguns minutos, eles foderam sem dizer nada. Então, ela fechou os olhos com força, e ele perguntou de novo se ela estava bem. Você acha que está muito intenso, ela disse. Ele a contemplava com uma expressão franca no rosto. É, ele confirmou. Acho impossível que você fosse mais bonita quando era adolescente do que agora, aliás. Você é inacreditável. E tenho mais um comentário sobre isso. Muito do que é sexy em você envolve o jeito como fala e as coisas pequenas que faz. E aposto que você não conseguia se comportar tão bem quando era mais nova, certo? E, mesmo se conseguisse, não era para ser gentil, mas eu ainda prefiro você como é hoje. A respiração dela estava entrecortada, e ela tentou segurar a mão dele, a qual ele deu. Vou gozar, ela anunciou. Segurava a mão dele com muita força. Em voz baixa, ele pediu: Olha pra mim um segundo. Ela o encarou. A boca de Alice estava aberta, e ela gemia, o peito e o pescoço rosados. Ele retribuiu o olhar e ofegava. Por fim, deitou-se sobre o peito de Felix, os joelhos em torno dele. Ele passou a mão na coluna dela. Passou-se um minuto, depois cinco. Ei, não dorme assim, ele disse. Vamos nos deitar direito. Ela esfregou os olhos com

as costas da mão e se afastou dele. Ele rearrumou as roupas, enquanto ela se deitava no colchão, nua a seu lado. Em seguida, ele pegou a mão dela e a beijou. Foi legal, ele questionou, não foi? Ela aninhou a cabeça no travesseiro e riu. Não sabia que você tinha morado em Londres, ela comentou. Ele sorriu, ainda segurando a mão dela. Tem muita coisa que você não sabe sobre mim, ele declarou. Suntuosamente, ela esfregou os ombros contra os lençóis.

Me conta tudo, ela pediu.

Amiga do meu coração! Desculpa a demora — te escrevo de Paris, logo após chegar de Londres, aonde tive que ir para aceitar um prêmio. Eles nunca se cansam de me dar prêmios, não é? É uma pena que eu tenha me cansado tão rápido de recebê-los, senão minha vida seria uma diversão interminável. Bom, estou com saudades de você. Estava sentada no Musée d’Orsay hoje de manhã olhando o retrato do querido Marcel Proust, e desejando que tivesse sido John Singer Sargent a pintá-lo. Ele está bem feio no quadro, mas apesar desse fato lastimável (e é apesar mesmo!) algo nos olhos dele me lembraram você. Provavelmente o mero brilho do brilhantismo. “E quem sabe mesmo se não existe uma só inteligência de que todo mundo é colocatário, uma inteligência para a qual cada um de nós, do fundo de seu corpo particular, dirige os seus olhares, como no teatro, onde cada qual tem o seu lugar e onde existe apenas um único palco.” Ao ler essas palavras, me sinto imensamente feliz — de pensar que talvez eu compartilhe uma inteligência com você.

No último andar do museu, hoje, reparei que há vários retratos de Berthe Morisot, todos pintados por Édouard Manet. Como em cada pintura Morisot está um pouquinho diferente, é difícil imaginar como ela era de verdade — como misturava cada matiz distinto de sua imagem em um rosto humano inteiro e reconhecível. Depois procurei uma foto dela e fiquei surpresa com a solidez de seus traços, que na obra de Manet volta e meia parecem nebulosos ou delicados. Em um dos quadros, ela é linda, morena, majestosa em um

vestido branco; está sentada na varanda com duas outras figuras, o antebraço relaxado sobre o parapeito, a mão segurando um leque fechado; ela olha para longe, quase franzindo a testa, seu rosto é complexo e expressivo, está absorta em pensamentos. Em outra pintura, ela tem feições suaves, é bela, está fitando o observador de cartola preta e xale preto, seu olhar ao mesmo tempo inseguro e revelador. Era a modelo que Manet pintava com mais frequência, mais do que a própria esposa. Mas, quando olho as pinturas, nem sempre a considero bonita de imediato. A beleza dela é algo que preciso procurar, que exige um trabalho interpretativo, um trabalho intelectual ou abstrato, e talvez fosse isso o que Manet achava tão fascinante — mas pode ser que não. Durante seis anos, Morisot ia ao ateliê dele, acompanhada da mãe, e ele a pintava, sempre vestida. Alguns dos quadros dela mesma também estão expostos no museu. Duas garotas dividindo um banco de praça no Bois de Boulogne, uma de vestido branco, de chapéu de palha largo, com a cabeça voltada para o próprio colo, talvez lendo, a outra de vestido preto, o longo cabelo louro preso com uma fita preta, mostrando ao observador o pescoço e a orelha brancos. Atrás delas toda a indistinta exuberância verde da praça pública. Mas Morisot nunca pintou Manet. Seis anos depois de conhecê-lo, e ao que parece por sugestão do pintor, ela se casou com o irmão dele. Ele só tornou a pintá-la mais uma vez, a aliança de casamento cintilando, escura, em sua mão delicada, e depois nunca mais. Você não acha que é uma história de amor? Me lembra você e o Simon. E, para ir mais longe ainda, acrescento: graças a Deus que ele não tem irmão!

O problema de museus como o d'Orsay, aliás e totalmente a propósito, é que ele tem arte demais, então não importa se você planejou bem a sua rota ou se suas intenções são nobres, você sempre vai acabar irritada ao passar por obras inestimáveis de profunda genialidade enquanto procura o banheiro. E você se sente meio humilhada depois, como se tivesse decepcionado a si

mesma — eu me sinto assim, pelo menos. Aposto que você nunca procura o banheiro dos museus, Eileen. Aposto que, assim que entra nos sagrados salões das grandes galerias da Europa, você simplesmente deixa esses detalhes fisiológicos práticos para trás — se é que eles te acometem para começo de conversa. As pessoas não pensam em você como um ser corpóreo, na verdade, mas como um raio de puro intelecto. E como eu gostaria de ter um pouco mais da sua radiância iluminando a minha vida agora.

Ontem à tarde, dei três entrevistas e fiz uma sessão de fotos durante uma hora, e, entre duas das entrevistas, meu pai me ligou para contar que havia caído e voltara ao hospital para fazer um raio X. A voz dele parecia fraca, e a fala estava bastante enrolada. Atendi à ligação no corredor do prédio da minha editora em Montparnasse. À minha frente, ficava a porta do toalete feminino, e ao lado havia um pôster grande de um best-seller francês. Perguntei para que horas o raio X estava marcado, mas ele não fazia ideia — nem sei como ele conseguiu fazer a ligação. Quando desligamos, voltei pelo corredor e entrei no escritório, onde uma jornalista gentil, na faixa dos quarenta anos, conduziu uma entrevista de uma hora comigo a respeito das minhas influências e do meu estilo literário. A sessão de fotos que veio depois foi feita na rua. Vários pedestres pararam para observar, talvez curiosos quanto a quem eu era e por que me fotografavam, enquanto o fotógrafo dava instruções como: “Relaxa o rosto” e “Tenta ficar mais como você é normalmente”. Às oito horas, um carro me levou a um espaço para eventos em Montmartre, onde fiz uma leitura pública e respondi a perguntas da plateia, bebericando de vez em quando água morna de uma garrafinha plástica.

Esta manhã, cansada e desorientada, andei pela rua próxima ao meu hotel e acabei achando e entrando em uma igreja vazia. Fiquei sentada por uns vinte minutos, banhada no ar vagaroso e sério de sacralidade e derramei algumas

lágrimas pitorescas por conta da nobreza de Jesus. Isso tudo para te explicar meu interesse pelo cristianismo — para resumir, fico fascinada e tocada com a “personalidade” de Jesus, de forma bastante sentimental, provavelmente até piegas. Tudo que diz respeito à maneira como ele viveu me comove. Por um lado, sinto por ele uma espécie de atração e intimidade pessoal que é sobretudo remanescente do sentimento que tenho por certos personagens ficcionais amados — o que faz sentido, tendo-se em conta que eu o encontrei exatamente pelos mesmos meios, isto é, por ter lido sobre ele em livros. Por outro lado, me sinto pequena e fico impressionada por ele de outro modo. Ele me parece encarnar uma espécie de beleza moral, e minha admiração por essa beleza me leva até a querer dizer que eu o “amo”, embora saiba muito bem que isso soa ridículo. Mas, Eileen, eu o amo de verdade, e não consigo nem fingir que é apenas o amor que sinto pelo príncipe Míchkin, por Charles Swann ou por Isabel Archer. É uma outra coisa, um sentimento diferente. E, por mais que não “acredite” de verdade, desse jeito, que Jesus ressuscitou depois de morrer, também é verdade que algumas das cenas mais tocantes dos Evangelhos, e algumas daquelas que releio com mais frequência, acontecem após a ressurreição. Acho difícil separar o Jesus que aparece depois da ressurreição do homem que aparece antes: aparentam ser um só indivíduo. Acho que quero dizer é que, sob sua forma ressuscitada, ele continua a dizer o tipo de coisa que “só ele” poderia dizer, que não consigo imaginar saindo de nenhuma outra consciência. Mas isso é o mais perto que chego de pensar na divindade dele. Tenho um forte apreço e carinho por ele e me comovo quando contemplo sua vida e morte. Só isso.

Em vez de me encher de paz espiritual, no entanto, o exemplo dado por Jesus só faz a minha existência parecer banal e rasa. Em público, estou sempre falando da ética do cuidado e do valor da comunidade humana, porém na minha vida real não assumo o trabalho de cuidar de ninguém além de mim

mesma. Quem no mundo depende de mim para alguma coisa? Ninguém. Posso botar a culpa em mim, e boto mesmo, mas também acho que o fracasso é geral. As pessoas da nossa idade se casavam e tinham filhos e casos, e agora todo mundo continua solteiro aos trinta e vive com colegas que nunca encontram. O casamento tradicional obviamente não cumpria o objetivo, e quase infalivelmente terminava em um tipo ou outro de fracasso, mas pelo menos era um esforço em prol de alguma coisa, e não uma mera exclusão triste e estéril das possibilidades da vida. Claro que se todos nós permanecermos sozinhos e praticarmos o celibato, e policiarmos com cuidado nossos limites pessoais, muitos problemas serão evitados, mas parece que também não nos restará quase nada que faça a existência valer a pena. Creio que você possa dizer que o estilo antigo de união era equivocado — e era! — e que não queríamos repetir velhos erros — e não queríamos. Mas quando derrubamos o que nos oprimia, o que pensávamos em colocar no lugar? Não proponho uma defesa da monogamia heterossexual coercitiva, mas pelo menos ela era um jeito de fazer as coisas, um prisma através do qual enxergar a vida. O que nós temos agora no lugar? Nada. E detestamos as pessoas por cometerem erros muito mais do que as amamos por fazerem o bem, portanto o jeito mais fácil de viver é não fazer nada, não dizer nada e não amar ninguém.

Entretanto: Jesus nos ensina a não julgar. Não posso aprovar o puritanismo implacável ou a vaidade moral, e não sou nem de longe perfeita em qualquer desses âmbitos. Toda a minha obsessão por cultura, por coisas “muito boas”, por saber de gravações de jazz, e de vinho tinto, e de móveis dinamarqueses, até mesmo de Keats, de Shakespeare e de James Baldwin, e se ela não passar de uma forma de vaidade, ou pior ainda, uma atadura sobre a ferida inicial das minhas origens? Criei entre mim e meus pais tamanho abismo de sofisticação que agora é impossível que eles me toquem ou sequer me

alcancem. E olho para trás, para o outro lado do abismo, não com uma sensação de culpa ou de perda, mas com alívio e satisfação. Sou melhor do que eles? Tenho certeza de que não, embora talvez tenha mais sorte. Mas sou diferente, e não os entendo muito bem, e não sei conviver com eles ou trazê-los para o meu universo interior — ou, por sinal, escrever sobre eles. Todas as minhas obrigações filiais não passam de uma série de rituais que da minha parte são feitos para me proteger de críticas ao mesmo tempo que não dou nada de mim. Foi comovente o que você disse na última mensagem, sobre o colapso da civilização e a vida seguindo em frente depois. E, no entanto, não consigo imaginar minha vida desse jeito — digo, o que quer que aconteça, não será mais a minha vida, não de fato. Porque no fundo da minha essência sou apenas um artefato da nossa cultura, apenas uma bolha tremulando na beirada da nossa civilização. E, quando ela se for, eu irei. Não que eu ache que isso me preocupa.

P.S.: Desculpa perguntar, mas já que o Simon diz que vem com você — devo arrumar um quarto ou dois?

Chovia na manhã de sexta-feira, e Eileen foi ao trabalho de ônibus. Terminara *Os irmãos Karamázov* e lia *A taça de ouro*, de pé, uma mão segurando a barra superior amarela e a outra, um exemplar em brochura do romance. Depois de saltar, enrolou o xale na cabeça e caminhou alguns minutos até o escritório da Kildare Street debaixo da chuva. Lá dentro, os colegas riam de um vídeo satírico sobre as negociações do Brexit. Eileen parou diante do computador onde tinham se reunido para assisti-lo, olhando para a tela por cima dos ombros deles, enquanto a chuva escorria devagar e silenciosamente nas vidraças das janelas do escritório. Ah, esse eu já vi, ela disse. É engraçado. Em seguida, fez uma caneca de café e se sentou à mesa. Verificou o celular e viu uma mensagem de Lola sobre a “degustação do bolo” no fim da semana. Estou ocupada amanhã à noite, mas de resto estou livre, Eileen respondeu. Me diz como fica bom pra você. Lola retornou minutos depois.

Lola: O que você vai fazer amanhã

Eileen: Já tenho compromisso

Lola: Hehehe

Lola: Está saindo com alguém??

Eileen percorreu o escritório com os olhos, como se para verificar se ninguém a observava, e então, voltando a atenção para o celular, começou a digitar de novo.

Eileen: sem comentários

Lola: ele é alto

Eileen: não é da sua conta

Eileen: mas sim ele tem 1,90

Lola: !!

Lola: Conheceu ele na internet?

Lola: É um serial killer?

Lola: Mas se ele tem 1,90 imagino que valha a pena

Eileen: esta entrevista está encerrada

Eileen: me avisa sobre a “degustação do bolo”

Lola: Quer levar ele no casamento?

Eileen: não será necessário

Lola: Por que não??

Eileen guardou o celular e abriu o navegador no computador do trabalho. Parou por um instante, fitando a janela de pesquisa na página inicial, e depois, rápida e de leve, digitou as palavras “eileen lydon” e apertou o enter. Uma página de resultados apareceu na tela, com uma série de imagens no topo. Em uma havia a própria Eileen, comprimida entre duas imagens históricas em preto e branco. Os outros resultados eram principalmente perfis em redes sociais de outras pessoas, além de alguns obituários e listagens

profissionais. No fim da página, estava um link para o website da revista, onde se lia: Eileen Lydon | Assistente editorial. Ela clicou nele, e uma nova página se abriu. Sem fotografia, o texto dizia apenas: *Eileen Lydon é assistente editorial e colaboradora da Harcourt Review. Seu ensaio sobre os romances de Natalia Ginzburg foi publicado na Edição n. 43, Inverno de 2015.* A última parte da frase era um hyperlink, no qual Eileen clicou, chegando à página em que o número da revista poderia ser comprado on-line. Ela fechou a aba e abriu a conta de e-mail profissional.

Em casa, naquela noite, Eileen ligou para o telefone fixo dos pais, e Pat, seu pai, foi quem atendeu. Conversaram durante alguns minutos sobre uma controvérsia política secundária que estava nos noticiários naquele dia, os dois adotando tons similares ou até idênticos de reprovação. Por favor, meu Deus, que as próximas eleições não demorem, exclamou Pat. Eileen disse que cruzaria os dedos. Ele perguntou como ela estava se saindo no trabalho, e ela respondeu: Nada a declarar. Estava sentada na cama, uma das mãos segurando o celular contra a orelha, a outra nos joelhos. Vou chamar a sua mãe pra falar, ele anunciou. Então houve um ruído estridente e o que parecia ser um clique, antes da voz de Mary dizer no bocal: Alô? Eileen deu um sorriso tenso. Alô, ela devolveu. Como você está? Por um tempo, falaram de trabalho. Mary contou a história de um novo membro da equipe que confundira duas professoras chamadas srta. Walsh. Que engraçado, comentou Eileen. Depois conversaram sobre o casamento, sobre o vestido que Eileen vira na vitrine de uma loja, a decisão que Mary precisava tomar entre dois pares de sapatos, e por fim passaram a tratar do comportamento de Lola, das reações de Mary ao comportamento de Lola e das atitudes subjacentes reveladas pelas reações de Mary ao comportamento de Lola. Quando ela perde a paciência com você, você espera que eu tome o seu partido, disse Eileen. Mas, quando ela perde a paciência comigo, você diz que não é da sua

conta. Mary suspirou alto no aparelho. Está bem, está bem, ela afirmou, eu sou um horror, decepciono vocês duas, o que mais você quer que eu diga? Com a voz severa, Eileen retrucou: Não, eu nunca disse nada disso. Após uma pausa, Mary perguntou se ela tinha planos para o fim de semana. Em tom cauteloso, ela declarou que se encontraria com Simon no sábado à noite. Ele continua com a namorada nova?, Mary quis saber. Eileen fechou os olhos e contou que não sabia. Você já gostou muito dele, Mary comentou. Eileen passou uns segundos calada. Não foi?, Mary instigou. Eileen abriu os olhos. Sim, mãe, ela respondeu. Com um sorriso na voz, Mary prosseguiu: Ele é um menino lindo mesmo. Mas ele já deve estar com uns trinta e tantos, né? Tenho certeza de que o Andrew e a Geraldine iam gostar de ver ele sossegar. Eileen esfregava a ponta do dedo no bordado da colcha. Quem sabe ele não se casa comigo, ela disse. Mary soltou uma gargalhada escandalizada. Ai, você é ferina, ela disse. E, sabe, como você faz dele gato e sapato, eu não ficaria surpresa. Esse é o seu novo projeto? Eileen respondeu que não era um “projeto”. Bom, você seria uma mulher de sorte, declarou Mary. Eileen assentiu em silêncio. E ele não seria um homem de sorte?, ela questionou, então. Mary riu novamente. Olha, Eileen, ela começou, você sabe que eu te acho o máximo. Mas tenho que dizer isso porque você é minha filha. Eileen continuou passando o indicador pelos fios ásperos do bordado. Se você precisa dizer, por que é que eu literalmente nunca tinha ouvido isso?, ela indagou. Mary já não estava rindo. Está bem, querida, ela concluiu. Não vou ocupar mais o seu tempo. Tenha um bom fim de semana. Te amo.

Depois de desligar, Eileen abriu o aplicativo de mensagens e escolheu o nome de Simon. A conversa mais recente entre eles apareceu na tela, era da véspera, e ela rolou a tela para reler as mensagens em sequência.

Eileen: me manda uma foto do seu quarto

A mensagem seguinte era a foto de um quarto de hotel, com uma cama de casal que ocupava boa parte do ambiente. Nela havia um edredom roxo e uma colcha dobrada de outro tom de roxo.

Eileen: e agora uma com você nele...

Simon: Haha

Simon: “Conselheiro veterano de políticas públicas flagrado enviando imagens explícitas da cerimônia de celebração da Guerra da Independência”

Eileen: pelo que o ira lutou se não pelas nossas liberdades, Simon?

Simon: “É o que os meninos iam querer”, insiste o ex-assistente que caiu em desgraça

Eileen: ah antes que eu me esqueça

Eileen: você sabia que a Alice está em Paris esta semana?

Simon: Você não está falando sério

Simon: Ela viajou de onde?

Eileen: não falou mas deve ter sido de Dublin

Simon: Misteriosa mulher internacional

Eileen: ai meu deus não fala isso

Eileen: é exatamente o que ela quer que as pessoas digam

Simon: Não, só torço para ela estar bem

Simon: Se eu chegar cedo hoje à noite te ligo, o.k.?

A isso, Eileen respondeu com um joinha. Não trocaram mais mensagens. Ela fechou a conversa e voltou à primeira tela do aplicativo. Por um instante, seu dedo pairou sobre o botão de fechá-lo, e então, como se num gesto impulsivo, ela tocou no nome de Lola. A mensagem mais recente de Lola, enviada naquele mesmo dia, mais cedo, surgiu na tela: Por que não?? Com os polegares, Eileen começou a digitar uma resposta.

Eileen: porque ele já vai estar lá de qualquer forma

Ela enviou e praticamente no mesmo instante o ícone mostrou que Lola tinha “visto” a mensagem. As reticências animadas apareceram, e poucos segundos depois a resposta chegou.

Lola: Meu deus do céu

Lola: Falando em serial killers

Lola: Por favor não venha me dizer que é o Simon Costigan

Eileen se recostou na cabeceira, digitando.

Eileen: uau

Eileen: esses anos todos e você continua com raiva porque ele gosta mais de mim do que de você

Lola: Eileen

Lola: Você não está falando sério quando diz que está saindo com aquela aberração né

Eileen: se estou isso não é da sua conta

Lola: Você sabe que ele se confessa né

Lola: Tipo ele literalmente conta os pensamentos ruins que tem ao padre

Eileen: o.k.

Eileen: em primeiro lugar, não acho que é isso o que acontece na confissão

Lola: Aposto uma grana alta que ele tem algum desvio sexual

Lola: Ele com certeza era a fim de você quando você tinha 15

Lola: E ele tinha pelo menos 20

Lola: Será que ele contou a algum padre sobre isso

Eileen: morrendo de rir

Eileen: a vida inteira literalmente um homem só gostou mais de mim do que de você

Eileen: e você continua incapaz de superar

Lola: Está bem menina

Lola: Só não venha chorar pra cima de mim quando você estiver casada e grávida

Lola: E as colegiais da sua vizinhança começarem a desaparecer misteriosamente...

Por alguns segundos, Eileen fitou a tela do celular, balançando a cabeça de um lado para o outro, distraída, e então voltou a digitar.

Eileen: sabe por que você odeia ele Lola?

Eileen: é porque ele é a única pessoa que tomou o meu partido contra você

Lola viu a mensagem, mas as reticências não apareceram, e nenhuma resposta chegou. Eileen bloqueou o celular e o empurrou para longe, para o outro lado da cama. Esticando as pernas, ela abriu o notebook e começou a rascunhar um e-mail para Alice. Vinte minutos depois, o celular vibrou outra vez e ela o pegou.

Lola: rindo alto de verdade

Ao ler essa mensagem, Eileen respirou fundo e deixou que seus olhos se fechassem. Devagar, o ar saiu de seu corpo e voltou ao quarto, a respiração agora se misturando ao ar do ambiente, atravessando o ar do quarto e se dispersando, gotículas e partículas de aerossol microscópicas se propagando pelo ar do quarto e caindo devagarzinho, devagarzinho no chão.

Às dez horas da noite seguinte, Eileen estava na cozinha de uma casa em Pimlico, tomando uísque num copo de plástico e conversando com uma mulher chamada Leanne. As horas podem passar devagar, sim, Leanne dizia. Tem alguns dias na semana que eu fico lá até as nove. Eileen usava uma blusa de seda preta e uma correntinha de ouro no pescoço, que cintilava sob a luz do teto. A música vinha da sala de estar, e, ao lado delas, na pia, alguém tentava abrir uma garrafa de vinho espumante. Eileen contou que, em geral, saía do escritório antes das seis. Leanne soltou uma risada aguda, quase horrorizada. Caramba, ela disse. Seis horas? Desculpa, mas onde você trabalha? Eileen falou que trabalhava em uma revista literária. Paula, a anfitriã da festa, se aproximou e lhes ofereceu o espumante. Eileen segurou a taça e agradeceu: Não, obrigada. A campainha tocou, e Paula deixou a garrafa e se afastou de novo. Leanne começou a contar a Eileen das várias noites em que ficara até tarde no trabalho recentemente, em uma ocasião tomando um táxi para casa às seis e meia da manhã só para pegar outro táxi e voltar ao trabalho duas horas depois. Imagino que não faça bem à saúde, Eileen comentou. A porta da cozinha se abriu, e Leanne se virou para ver quem chegara. Era Simon, com uma camisa branca aberta e uma sacola de lona pendurada no ombro. Ao vê-lo, Leanne soltou um gritinho de saudação. Ela abriu os braços, e ele aceitou o abraço, olhando para Eileen com um sorriso. Olá, ele cumprimentou. Como estamos?

Meu Deus, há quantos séculos, disse Leanne. Aqui, você conhece a Eileen, amiga da Paula?

Eileen estava de pé contra a mesa da cozinha, distraída, acariciando a correntinha com a ponta do dedo, observando-o.

Ah, ele disse, a gente se conhece muito bem, na verdade.

Eileen caiu na risada, tocando no lábio com a língua.

Ah, afirmou Leanne. Desculpa, não tinha me dado conta.

Tirando uma garrafa de vinho da sacola, ele anunciou, em tom relaxado: Não, tudo bem. A Eileen e eu crescemos juntos.

Sim, o Simon gostava muito de mim quando eu era bebê, Eileen completou. Ele me carregava pelo quintal da minha casa e me enchia de beijos. É o que a minha mãe diz.

Ele estava sorrindo sozinho, abrindo a tampa da garrafa de vinho. Quando eu era uma criança de cinco anos, já tinha um belo gosto, ele declarou. Só os bebês mais lindos faziam sucesso comigo.

Olhando de um para o outro, Leanne perguntou a Simon se ele ainda trabalhava na Leinster House. Pagando os meus pecados, ele disse. Tem alguma taça por aí? Leanne contou que todas as taças estavam sujas, mas havia copos de plástico na mesa. Vou achar uma suja, eu lavo, ele declarou. Eileen informou a Leanne que Simon não usaria mais copos de plástico por respeito à Mãe Terra. Simon, que lavava uma taça debaixo da torneira de água fria, retrucou: Ela faz com que eu pareça insuportável, né? Mas, Leanne, me conta, como vai o trabalho? Leanne começou a narrar sobre o emprego, fazendo referências específicas a colegas dela que eram amigos dele. Um homem de jaqueta jeans entrou, vindo do quintal, puxando a porta, falando alto, sem se dirigir a ninguém: Está ficando frio lá fora. Pela porta da cozinha, Eileen cruzou olhares com Peter, amigo deles, e saiu para cumprimentá-lo enquanto acenava. Ela espiou atrás para ver Simon e Leanne

conversando, Simon encostado na bancada da cozinha, Leanne de pé na frente dele, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos.

A sala de estar era pequena e estava abarrotada, tinha uma escada junto à parede e vasos de plantas nas estantes de livros, folhas caindo sobre as lombadas. Peter estava perto da lareira tirando o casaco, e conversava com Paula sobre a mesma controvérsia política que Eileen discutira com o pai na noite da véspera. Não, ninguém sai dessa com uma imagem boa, Peter dizia. Bom, a não ser o Sinn Féin, obviamente. Alguém conectara o celular aos alto-falantes, e uma canção de Angel Olsen começou a tocar enquanto Hannah, amiga deles, vinha do corredor. Peter e Eileen deixaram que a conversa entre eles morresse aos poucos, à medida que Hannah se aproximava, segurando a garrafa de vinho pelo gargalo, pulseiras chacoalhando nos pulsos. No mesmo instante, ela começou a contar a história de um problema que teve com a porta da garagem de casa naquela tarde, do tempo que tiveram que esperar para o técnico chegar e do fato de que se atrasara para o almoço com a mãe na cidade. Enquanto Eileen escutava, seus olhos voltavam à porta da cozinha, através da qual a silhueta de Simon continuava parcialmente visível, ainda encostado na bancada da pia, mas agora algumas outras pessoas estavam por perto. Seguindo o olhar dela, Peter disse: O cara. Não sabia que ele estava aqui. Hannah encontrara um copo de plástico limpo na mesinha de centro e estava se servindo de bebida. Perguntou de quem estavam falando, e Peter respondeu que era de Simon. Ah, tomara que ele tenha trazido a Caroline, Hannah disse. Diante desse comentário, a atenção de Eileen passou depressa da porta da cozinha para Hannah. Não, explicou Paula, hoje não. Hannah estava tampando a garrafa, ao passo que Eileen a observava. Que pena, Hannah lamentou. Deixando a garrafa na mesa de centro, seu olhar cruzou com o de Eileen, e ela perguntou: Você já conhece ela, Eileen?

A Caroline, Eileen repetiu. É a...?

A garota com quem o Simon está saindo, Paula esclareceu.

Eileen sorria, fazendo um esforço perceptível. Não, ela respondeu. Não, a gente ainda não se conhece.

Hannah engoliu um bocado de vinho e prosseguiu: Ah, ela é ótima. Você vai adorar. Você conheceu ela, não foi, Peter?

Virando-se, como se para Eileen, ele afirmou: É, ela parece ser legal. E ela é só uns dez anos mais nova que ele, então já é um avanço.

Você é terrível, Hannah retrucou.

Eileen soltou uma risada irritada. Eu nunca conheço elas, ela declarou. Por alguma razão ele não gosta de me apresentar, não sei por quê.

Curioso, comentou Peter.

Tenho certeza de que não é verdade, argumentou Hannah.

Dirigindo-se a Eileen, Peter continuou: Porque, sabe como é, eu sempre fiquei com um ponto de interrogação em relação a vocês dois.

Hannah deu outra risada horrorizada, e segurou Eileen pelo antebraço. Não dê ouvidos a eles, ela aconselhou. Ele não sabe do que está falando.

Roisin, a amiga deles, se aproximou e perguntou a Peter qual era sua opinião sobre aquela mesma controvérsia política que tinham discutido antes. À meia-noite, quando Eileen foi à cozinha para pegar outro drinque, deteve-se para olhar através da janela dos fundos, onde a silhueta de Simon estava visivelmente obscura, conversando com a mulher cujo nome era Leanne. Um cigarro pendia entre o indicador e o dedo médio de Leanne, e com a outra mão ela tocava na gola da camisa de Simon. Eileen guardou a garrafa e saiu da cozinha. Na sala de estar, Roisin estava sentada no colo de Peter para interpretar uma história engraçada. Eileen ficou ao lado do sofá tomando a bebida, sorrindo por causa da piada, enquanto todos riam. Depois foi ao corredor e tirou seu casaco de baixo de alguns outros que tinham sido

pendurados no mesmo gancho. Saiu pela porta da frente e a fechou. O ar ali fora estava frio. Atrás dela, a janela da sala de estar da casa de Paula estava iluminada, uma cor dourada intensa, e de dentro vinha o som abafado da música e de vozes. Eileen tirou o celular do bolso. O horário na tela era meia-noite e oito. Ela cruzou o portão rumo à calçada e enfiou as mãos no bolso do casaco.

Antes que chegasse à esquina da casa, a porta da casa de Paula se abriu novamente, e Simon pisou no degrau da entrada. Sem fechar a porta, ele chamou: Ei, você está indo embora? Eileen se virou. Entre os dois, a rua estava deserta e escura, o capô curvo dos carros estacionados refletindo um pouco a luz dos postes. É, ela disse. Por um instante, ele ficou parado, apenas a fitando, talvez franzindo a testa. Bom, posso te acompanhar até em casa?, ele perguntou. Ela deu de ombros. Espera aí um segundo, ele pediu. Ele voltou lá dentro, e ela ficou parada com as mãos no bolso, os cotovelos abertos, fitando a calçada rachada. Quando ele ressurgiu e bateu a porta, o som ecoou nas paredes do terraço oposto. Curvando-se, ele soltou a bicicleta do gradil da entrada da casa de Paula, depois enfiou a tranca e a chave na sacola de lona que levara. Ela ficou parada, observando. Esticando-se outra vez, ele empurrou a bicicleta até onde ela estava. Ei, ele disse. Está tudo bem? Ela assentiu. Você foi embora de repente, ele prosseguiu. Eu estava te procurando.

Você não devia estar procurando há muito tempo, ela disse. A casa é pequenininha.

Ele deu um sorriso confuso. Não, bom, não fazia muito tempo que você tinha saído, ele constatou. Está a uns quinze metros da porta.

Eileen voltou a andar, e Simon foi junto, a bicicleta movendo-se silenciosamente entre os dois.

Achei legal da Leanne tentar nos apresentar mais cedo, ele comentou.

Sim, eu reparei que ela ganhou um abraço. Eu não ganhei nem um aperto de mão.

Ele riu. Eu sei, eu me comportei mesmo, né?, ele disse. Mas acho que ela captou a ideia.

Em tom monocórdio, Eileen disse: Será?

Analisando-a naquele momento, ele franziu a testa de novo. Bom, eu não queria te constranger, ele respondeu. O que é que você acha que eu deveria ter falado? Ah, a Eileen e eu não precisamos de apresentações. A verdade é que somos amantes.

E nós somos?, ela quis saber.

Hmm. Acho que essa é uma daquelas palavras que ninguém mais usa.

Eles chegaram à esquina da rua e dobraram à esquerda para sair do condomínio e voltar à rua principal. Acima deles, árvores estreitas plantadas a certa distância junto à calçada, totalmente frondosas. As mãos de Eileen continuavam no bolso. Ela pigarreou e então disse em voz alta: Seus amigos estavam me contando que a tal da Caroline é ótima. A menina com quem você está saindo. Eles todos parecem gostar muito dela, ela obviamente causou uma ótima impressão.

Simon a observava enquanto Eileen falava, mas ela olhava fixamente a calçada adiante. Entendi, ele disse.

Eu não sabia que você tinha apresentado ela a todo mundo.

Não a todo mundo, ele corrigiu. Ela saiu para beber com a gente algumas vezes, só isso.

Eileen soltou um murmúrio quase inaudível: Caramba.

Por um tempo, nenhum dos dois tornou a falar. Por fim, ele disse: Mas eu te contei que estava saindo com uma pessoa.

Eu sou a única entre os seus amigos que não conheceu ela?, Eileen questionou.

Sei como isso soa, mas estou tentando fazer tudo direito. É só... Sabe como é, essa situação não é das mais simples.

Eileen soltou uma risada hostil. É, deve ser difícil, ela rebateu. Não dá pra trepar com todo mundo, né? Ou dá, mas uma hora as coisas ficam esquisitas.

Simon parecia ponderar a questão. Passado um instante, ele respondeu: Olha, eu entendo que você esteja chateada, mas não sei se está sendo muito justa.

Não estou chateada, ela retrucou.

Os olhos dele percorreram a rua à frente deles. Segundos transcorreram em silêncio enquanto caminhavam, carros passando na rua ao lado dos dois. Por fim, ele disse: Sabe, quando eu te chamei para sair em fevereiro, você falou que queria ser só minha amiga. Você nunca — e não estou tentando te acusar, só apresentando o meu ponto de vista —, você nunca mostrou nenhum interesse em mim até eu te contar que estava saindo com outra pessoa. Fique à vontade para me corrigir se eu estiver enganado.

A cabeça de Eileen se curvou para a frente, revelando a linha comprida de seu pescoço sobre a gola do casaco, o olhar em direção à calçada. Ela não respondeu.

Ele continuou: E, quando você ficou sabendo que eu estava saindo com alguém, você resolveu ter vontade de flertar comigo e me ligar à noite, tudo bem, e depois quer ir pra minha casa quando já estou na cama, e a gente se pega ou sei lá o quê, tudo bem, não me importo. No meu entender, fui muito claro com você, eu tenho outra pessoa, mas não é um relacionamento fechado, então se quiser dormir na minha casa não tem problema. Não estou te pressionando a tomar alguma decisão sobre a nossa relação, só estou feliz de passar um tempo juntos e ver para onde as coisas vão. Por tudo o que você falou, imaginei que fosse isso o que você queria. E tem sido muito bom, pelo menos para mim. Entendo muito bem por que você acha esquisito ouvir

nossos amigos falando da outra pessoa com quem estou saindo, mas também não é como se você não soubesse que ela existe.

Enquanto ele falava, Eileen levava a mão ao rosto, tirando o cabelo da testa com brusquidão, a tensão perceptível em seus ombros, no pescoço, nos movimentos vigorosos, quase espasmódicos dos dedos. Caramba, ela repetiu. Que cristão da sua parte.

O que isso quer dizer?, ele questionou.

Com uma risada que parecia quase amedrontada, ela respondeu: Não acredito que fui tão idiota assim.

Eles pararam diante da entrada de um prédio residencial, debaixo de um poste de luz. Ele a encarava com preocupação. Não, ele disse. Você não foi idiota. E peço desculpas se te chatee. Era a última coisa que eu queria, acredite. Eu nem vi a Caroline esta semana. Se eu dei a impressão de que terminei com ela depois do fim de semana passado, então peço mil desculpas.

Ela cobria o rosto, as mãos esfregando os olhos, e, quando falou, sua voz estava abafada e indecifrável. Meu Deus, ela murmurava, eu tinha pensando... Não, eu nem sei o que eu tinha pensado.

Eileen, o que é que você quer? Porque se quiser que a gente fique junto a sério, posso terminar as coisas com a Caroline a qualquer momento. Eu ficaria feliz, mais do que feliz. Mas, se você não quiser, e a gente estiver só de brincadeira, só se divertindo, então você sabe como é. Não posso ficar solteiro pelo resto da vida porque é mais conveniente pra você. Eu vou ter que, em algum momento, eu vou ter que superar. Entende o que eu estou dizendo? Só estou tentando entender o que é que você quer.

Fechando os olhos, ela passou alguns segundos em silêncio. Depois disse com a voz baixa e equilibrada: Quero ir pra casa.

Entendi, ele disse. Você está falando de ir agora?

Ela fazia que sim, os olhos fechados.

O mais rápido provavelmente seria continuar andando, ele supôs. Pode ser? Eu te levo até a porta.

Ela respondeu que sim. Em silêncio, chegaram à Thomas Street e viraram à esquerda, em direção à St. Catherine's Church. No sinal, poucos carros andavam em marcha lenta, e um táxi estava com o luminoso ligado. Sem falar nada, percorreram Bridgefoot Street e atravessaram a ponte de Usher's Island. As luzes dos postes se fragmentavam e dissolviam na superfície preta do rio. Enfim chegaram à entrada do prédio de Eileen e ficaram parados sob o arco saliente da porta. Ele a fitou, e, de cabeça erguida, ela retribuiu o olhar. Depois de respirar fundo, ela se esforçou para dizer: Vamos esquecer isso, está bem? Ele esperou um instante, como que para deixá-la continuar, mas ela não continuou. Desculpa parecer um idiota, ele respondeu, mas isso o quê, o que você está querendo dizer? Ela continuou olhando para ele, o rosto magro e pálido. Eu acho que a coisa toda, ela declarou. E podemos voltar a ser só amigos. Ele começou a fazer que sim, à medida que ela o observava. Claro, ele disse. Tudo bem. Fico feliz que a gente tenha conversado sobre isso. Ele se calou por um instante e depois acrescentou: Me desculpa se você achou que eu estava te ignorando na casa da Paula. Eu estava louco para te ver, muito. Não queria que você se sentisse ignorada. Mas é só isso. Vou pra casa agora, o.k.? Talvez eu não te veja durante a semana, mas a gente sem dúvida se vê no casamento. Ela pareceu engolir em seco e então indagou, titubeante: A Caroline vai? Eu sei que você falou que estava pensando em levar ela. Ele ergueu os olhos para Eileen e sorriu. Ah, não, ele disse. Acabei nunca chamando ela. Mas, se era isso o que você queria, era só ter me falado. Não precisava de táticas avançadas. Ela desviou o rosto, balançando a cabeça. Não, não foi isso, ela explicou. Ele continuou a analisá-la por mais alguns instantes, e então disse em tom amistoso: Não esquentar. Até logo. Ele se

afastou, as rodas da bicicleta acolchoadas e silenciosas na superfície pavimentada da rua.

Eileen tirou as chaves do bolso e entrou no prédio, subindo rápido a escada e atravessando a porta do apartamento. Depois de empurrar a porta do quarto às cegas para entrar e, em seguida, a bater, ela se deitou na cama e chorou. O rosto estava vermelho, uma veia da têmpora visível. Ela abraçou os joelhos contra o peito e soluçou com um som doloroso de engasgo na garganta. Tirando um dos sapatos baixos de couro, atirou-o na parede oposta, e ele caiu debilmente no tapete. Ela soltou um ruído que era quase um grito e enfiou o rosto nas mãos, balançando a cabeça. Um minuto se passou. Dois minutos. Ela se sentou e enxugou o rosto, deixando maquiagem preta borrada sob os olhos e na mão. Três, quatro minutos. Ela se levantou, foi até a janela e observou por entre as cortinas. Os faróis de um carro passaram rápido. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ela os esfregou de novo com a mão e tirou o celular do bolso. Era meia-noite e quarenta e um. Abriu o aplicativo de mensagens e tocou no nome de Simon. A conversa que tiveram mais cedo apareceu na tela. No campo de resposta, Eileen digitou lentamente as palavras: *Caramba Simon porra eu te odeio*. Com calma, ela analisou a mensagem e então, com aparente ponderação, acrescentou as linhas: *Tipo na sua cabeça a gente estava mesmo só “se divertindo” a semana inteira, e você estava saindo com outra o tempo todo? Quando você estava chorando no meu ombro outro dia me falando da solidão que sente, estava de brincadeira com a minha cara? Que merda você tem na cabeça?* Seus olhos percorreram novamente o texto, devagar, com atenção. Então, pressionando o polegar na tecla de backspace, ela apagou o rascunho. Respirando fundo algumas vezes, tornou a digitar. *Simon me desculpa. Estou péssima. Não sei o que estou fazendo. Às vezes eu me odeio tanto que queria que uma coisa pesada caísse em cima da minha cabeça e me matasse. Você é a única pessoa que é legal*

comigo e agora você provavelmente não vai mais querer falar comigo. Não sei por que estrago tudo de bom que existe na minha vida. Me desculpa. Quando terminou de escrever, o relógio na tela dizia ser meia-noite e cinquenta e quatro. Ela rolou a tela para chegar ao começo da mensagem, e desceu de novo para reler até a última linha. Então pressionou outra vez a almofada do polegar na tecla de backspace. De novo o campo de resposta ficou em branco, o cursor piscando ritmicamente sobre o texto cinza que dizia: Digite uma mensagem. Ela bloqueou o celular e se deitou na cama.

Alice, estou meio que perplexa por você já estar em outra viagem a trabalho. Quando nos falamos, em fevereiro, fiquei com a impressão de que você estava saindo de Dublin por não querer ver gente e porque precisava de tempo para descansar e se recuperar. Ao expressar minha preocupação com o fato de você ficar o tempo todo sozinha, você me falou que era disso que precisava. Eu acho um tanto estranho que agora você esteja me mandando esses e-mails tagarelas sobre as cerimônias de premiação a que está indo em Paris. Se estiver se sentindo melhor e feliz por estar de volta ao trabalho, que ótimo, obviamente. Mas imagino que esteja partindo do aeroporto de Dublin em todas essas viagens? Você não poderia ter avisado aos seus amigos que estaria na cidade? É claro que você não avisou nem ao Simon nem a mim, e a Roisin acabou de me contar que te mandou mensagem duas semanas atrás e não teve resposta. Entendo completamente se não estiver a fim de ser sociável, mas, se for esse o caso, talvez você esteja se forçando a voltar ao trabalho rápido demais. Entende o que quero dizer?

Tenho pensado na última parte da sua mensagem já faz uns dias — se, como você diz, “o fracasso é geral”. Sei que concordamos que neste momento a civilização está em fase de decadência, e que a feiura sombria é a característica visual prevalecente da vida moderna. Carros são feios, prédios são feios, bens de consumo descartáveis produzidos em massa são de uma feiura indescritível. O ar que respiramos é tóxico, a água que tomamos é

cheia de microplásticos e a nossa comida é contaminada pelas substâncias químicas cancerígenas do Teflon. Nossa qualidade de vida está em queda, e com ela a qualidade da experiência estética à nossa disposição. O romance contemporâneo é (com raríssimas exceções) irrelevante; o cinema de massa é um pesadelo pornográfico palatável para famílias financiado pela indústria automobilística e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos; e a arte visual é basicamente um mercado de commodities para oligarcas. Nessas circunstâncias é difícil não achar que a vida moderna empalidece em comparação com o modo de viver antigo, que passou a representar algo mais substancial, mais ligado à essência da condição humana. Esse ímpeto nostálgico é, claro, extremamente forte, e recentemente foi canalizado com grande êxito por movimentos políticos reacionários e fascistas, mas não tenho certeza se isso significa que o ímpeto em si é intrinsecamente fascista. Acho que faz sentido que as pessoas olhem com saudade para uma época que veio antes do começo da agonia do mundo natural, antes de nossos modelos culturais compartilhados se desintegrarem em marketing de massa e antes de nossas cidades se tornarem centros de empregos anônimos.

Sei que você pessoalmente acredita que o mundo deixou de ser belo após a queda da União Soviética. (Um comentário à parte, não é curioso que esse fato tenha coincidido quase exatamente com a data do seu nascimento? Talvez isso ajude a explicar por que você sente tanta afinidade com Jesus, que eu acho que também se acreditava um arauto do apocalipse.) Mas você às vezes vivencia uma versão diluída, personalizada, dessa sensação, como se a sua própria vida, seu próprio mundo, aos poucos mas perceptivelmente tivesse se tornado um lugar mais feio? Ou não tem sequer a sensação de que, embora antes você estivesse sincronizada com o discurso cultural, você já não está mais, e agora se sente à deriva em relação ao mundo das ideias, alienada, sem lar intelectual? Talvez tenha a ver especificamente com o nosso

momento histórico, ou talvez apenas com envelhecer e se sentir desiludido, e aconteça com todo mundo. Pensando em como éramos ao nos conhecermos, acho que não estávamos erradas quanto a nada, a não ser nós mesmas. As ideias eram corretas, mas o erro foi acharmos que tínhamos importância. Bom, esse engano nos foi arrebatado de formas diferentes — eu ao não realizar absolutamente nada em mais de uma década de vida adulta, você (me perdoe) ao realizar tudo o que era possível e ainda assim não fazer nem um pinga de diferença para o funcionamento suave do sistema capitalista. Quando éramos novas, achávamos que nossas responsabilidades abarcavam a Terra e tudo o que vivia nela. E agora precisamos nos contentar em tentar não decepcionar as pessoas que amamos, tentando não usar plástico demais, e no seu caso tentando escrever um livro interessante de tantos em tantos anos. Até agora, tudo bem nesse quesito. Você já está trabalhando em outro, aliás?

Ainda me considero uma pessoa interessada na experiência da beleza, porém jamais me descreveria (a não ser para você, neste e-mail) como “interessada em beleza”, pois as pessoas iam supor que estou falando de interesse em cosméticos. Acho que esse é o sentido predominante da palavra “beleza” na nossa cultura atual. E creio que seja significativo que esse sentido exprima algo de feiura tão profunda — balcões de plástico em lojas de departamentos careiras, farmácias cheias de promoções, perfumes artificiais, cílios postiços, potes de “produtos”. Pensando nisso agora, acho que a indústria da beleza é responsável por algumas das piores feiuras que vemos por aí, no nosso ambiente visual, e o pior ideal estético, o mais falso, que é o ideal do consumismo. Todas as várias modas e estilos acabam por representar o mesmo princípio — o da ganância. É provável que para estar aberto à experiência estética de forma séria o primeiro passo necessário seja a rejeição total desse ideal, e até uma reação maciça contra ele, que, embora a princípio pareça exigir uma espécie de feiura superficial, ainda é bem melhor e mais

substancialmente “belo” do que comprar uma maior atratividade pessoal a certo custo. Claro que eu mesma gostaria de ser mais bonita, e claro que curto a validação de sentir que estou bonita, mas confundir esses impulsos essencialmente autoeróticos ou norteados pelo status com a verdadeira experiência estética me parece um erro extremamente sério para quem liga para a cultura. Será que houve algum outro período da história em que essas duas coisas foram mais vasta e profundamente confundidas do que hoje?

Lembra quando publiquei aquele ensaio sobre Natalia Ginzburg uns anos atrás? Na época não te contei que uma agente de Londres me procurou por causa dele, perguntando se eu estava escrevendo um livro. Não falei nada porque você estava ocupada e, suponho, me parecia algo insignificante se comparado com tudo o que acontecia na sua vida. Agora tenho vergonha de confessar que eu nem sequer era capaz dessa comparação. Mas, em todo caso, primeiro fiquei contente com o e-mail, e o mostrei ao Aidan, embora ele não entendesse nada de mercado editorial nem ligasse muito para isso, e cheguei a contar para a minha mãe. Então, um ou dois dias depois, comecei a ficar meio ansiosa e estressada por isso, porque não estava de fato escrevendo um livro, e não fazia ideia do tema sobre o qual poderia escrever um, e não achava que tivesse perseverança para terminar um projeto grande como esse. E, quanto mais pensava nisso, mais sentia que seria muito penoso e muito desaforo eu simplesmente tentar escrever um livro, porque não tenho profundidade intelectual ou ideias originais, e, de qualquer forma, para que eu faria isso, somente para dizer que havia feito? Ou apenas para me sentir à sua altura? Desculpa se isso tudo está dando a entender que você paira grandiosa sobre a minha vida íntima. Você normalmente não paira, ou se paira é de um jeito bom. De qualquer modo, no fim das contas eu nunca respondi ao e-mail. Ele ficou na minha caixa de entrada, fazendo com que eu me sentisse cada vez pior, até que o apaguei. Eu poderia ter pelo menos

agradecido à moça e recusado, mas não fiz isso, ou não consegui fazer, não sei por quê. Acho que agora já não importa. A idiotice é que eu realmente curti escrever o ensaio, e queria mesmo escrever outro, e depois que recebi o e-mail nunca mais escrevi. Sei que se eu de fato tivesse algum talento já teria feito alguma coisa da vida a esta altura — não me iludo. Se eu tentasse, tenho certeza de que seria um fracasso e é por isso que nunca tentei.

Em um dos e-mails que você me enviou meses atrás, disse que Aidan e eu nunca fomos felizes de verdade juntos. Não é verdade — fomos no começo, durante um tempo —, mas entendo o que quis dizer. E me pergunto, sim, por que passei esse tempo todo deprimida pelo fim de algo que não estava dando certo. Acho que por um lado é pior chegar aos trinta sem ter tido nenhuma relação feliz. Creio que me sentiria superficialmente mais triste, porém menos desesperada como pessoa, se pudesse ficar mal por um término em vez de ficar triste pela minha incapacidade vitalícia de manter uma relação significativa. Mas, por outro lado, talvez seja outra coisa. Todas aquelas vezes que pensei em romper com o Aidan, e cheguei a falar nisso, por que não rompi? Não acho que fosse só porque o amava, embora amasse, nem pela ideia de que sentiria saudades dele, porque jamais me passou pela cabeça que sentiria, e, para ser sincera comigo mesma, eu não senti. Às vezes penso que tinha medo de que sem ele a minha vida seria igual, ou até pior, e eu precisaria aceitar que a culpa seria minha. E era mais fácil e mais seguro continuar em uma situação ruim do que me responsabilizar por sair dela. Talvez, talvez. Não sei. Digo a mim mesma que quero ter uma vida feliz, e que as circunstâncias para essa felicidade simplesmente ainda não surgiram. Mas e se não for verdade? E se sou eu que não me permito ser feliz? Porque tenho medo, ou prefiro chafurdar na autocomiseração, ou não acredito merecer coisas boas, ou alguma outra razão. Sempre que algo de bom acontece comigo me pego pensando quanto tempo será que vai demorar para

a situação degrading. E praticamente quero que o pior aconteça logo, rápido, e se possível imediatamente, assim pelo menos não preciso mais ficar ansiosa.

Se, como acho bem possível agora, eu nunca tiver filhos e nunca escrever livro nenhum, imagino que eu não vá deixar nada nesta Terra para que se lembrem de mim. E talvez seja melhor assim. Me dá a sensação de que, em vez de me preocupar e elaborar teorias sobre a situação do mundo, o que não tem serventia para ninguém, eu deveria usar minha energia para viver e ser feliz. Quando tento imaginar o que seria para mim uma vida feliz, percebo que a imagem não mudou muito desde que eu era menina — uma casa rodeada de flores e árvores, um rio próximo, uma sala cheia de livros e alguém para me amar, só isso. Apenas criar um lar e cuidar dos meus pais quando eles estiverem mais velhos. Jamais me mudar, jamais embarcar em um avião de novo, só viver sossegada e depois ser enterrada na terra. De que mais serve a vida? Mas mesmo isso me parece tão inalcançável que é como um sonho, completamente desvinculado da realidade. E, sim, no que diz respeito a mim e ao Simon, dois quartos, por favor. Sempre com todo o meu amor. E.

Na noite do dia seguinte, uma quarta-feira, Alice saiu para se encontrar com Felix e uns amigos dele em um bar chamado The Sailor's Friend, em uma esquina próxima ao píer. Ela chegou por volta das nove da noite, corada devido à caminhada, usando um suéter de gola alta cinza e calça afunilada. O ambiente do bar era abafado e barulhento. Um balcão comprido e preto se estendia junto à parede esquerda, e atrás dele, acima das garrafas de bebida, havia uma coleção de cartões-postais coloridos. Em frente à lareira aberta, um vira-lata dormia, a cabeça apoiada nas patas. Felix e seus amigos estavam sentados ao lado da janela dos fundos, no meio de uma discussão bem-humorada sobre o marketing dos jogos on-line. Quando Felix viu Alice se aproximar, ele se levantou, cumprimentou-a, tocou em sua cintura, e perguntou o que ela queria beber. Gesticulando para os amigos, ele acrescentou: Você conhece o pessoal, já viu todo mundo. Senta, eu vou pedir alguma coisa pra você. Ela se sentou com os amigos dele, enquanto ele ia ao balcão do bar. Uma mulher chamada Siobhán contava a história de um conhecido que fizera um empréstimo de sessenta mil euros para pagar as dívidas de jogo. Alice pareceu achar a história muito interessante, e fez várias perguntas específicas. Quando Felix voltou com a vodca com tônica, sentou-se ao lado dela e pôs a mão em sua lombar, alisando a lã do suéter com os dedos.

À meia-noite, voltaram a pé do bar para a casa dele. No segundo andar, na cama, Alice se deitou de costas, e Felix ficou em cima dela. As pálpebras dela tremiam, e ela respirava rápido, ruidosamente. Ele apoiou seu peso no cotovelo, imprensando a perna direita de Alice contra o peito dela. Você pensou em mim durante a viagem?, ele quis saber. Com a voz tensa, ela respondeu: Penso em você todas as noites. Ele fechou os olhos. A respiração dela parecia vir em ondas, entrando com força nos pulmões e saindo pela boca aberta. Os olhos dele permaneciam fechados. Alice, ele disse, tudo bem se eu gozar? Ela passou os braços em torno dele.

De manhã, a caminho do trabalho, ele a deixou em casa. Antes de descer do carro, ela perguntou se o veria no jantar e ele disse que sim. Seus amigos acham que sou sua namorada?, ela questionou. Ele sorriu. Bom, a gente tem saído juntos um bocado de vezes, ele respondeu. Duvido que eles passem a noite em claro pensando nisso, mas é, talvez imaginem que sim. Ele pausou e acrescentou: E o pessoal da cidade anda falando. Não ligo, só estou te avisando pra você saber. Alice sondou o que, exatamente, o pessoal da cidade andava falando, e Felix franziu a testa. Ah, sabe como é, ele explicou. Nada, na verdade. Aquela moça escritora que mora lá em cima, no presbitério, tem andado junto com o rapaz da família Brady. Esse tipo de coisa. Alice afirmou que estavam, afinal, “andando juntos” e Felix concordou que estavam. Pode ser que alguém estranhe, ele complementou, mas não dou a mínima. Ela perguntou por que alguém estranharia a ideia de duas pessoas solteiras andando juntas, e ele segurou o câmbio, pensativo. Não sou conhecido como um ótimo partido, ele justificou, vou explicar nesses termos. Não tenho o caráter mais confiável. E, para ser franco, eu devo um bocado de dinheiro cidade afora. Ele pigarreou. Mas claro que, se você gosta de mim, esse é problema seu, ele disse. E não vou sair pegando dinheiro emprestado com você, não se preocupe. Agora desce senão eu vou me atrasar, boa moça. Ela

desafivelou o cinto de segurança. Eu gosto mesmo de você, ela disse. Eu sei, ele respondeu. Vai, desce.

Naquela manhã, enquanto Felix estava no trabalho, Alice recebeu um telefonema do agente para discutir convites de festivais literários e universidades. À medida que a ligação acontecia, Felix usava um scanner portátil para identificar e separar diversos pacotes em carrinhos etiquetados que em seguida eram recolhidos e empurrados por outros funcionários. Alguns desses funcionários cumprimentavam Felix ao recolher as caixas, e outros não. Ele usava um casaco preto de zíper, fechado até o alto, e de vez em quando enfiava o queixo dentro da gola levantada, evidentemente com frio. Enquanto conversava com o agente, Alice fazia anotações no notebook, em um rascunho de e-mail com o assunto “datas livro verão”. Depois da ligação, fechou o e-mail e abriu um arquivo de texto que continha anotações para uma resenha de livro que estava escrevendo para uma revista literária de Londres. No depósito, Felix empurrava um dos carrinhos altos de aço por um corredor de prateleiras iluminadas por lâmpadas brancas fluorescentes. Às vezes ele parava, apertava os olhos para enxergar uma etiqueta, verificava o scanner e então passava o produto e o botava no carrinho. Alice comeu duas fatias de pão com manteiga de um pratinho, cortou uma maçã, preparou uma xícara de café e abriu um rascunho de e-mail que mandaria para Eileen.

Felix encerrou o expediente às sete da noite, enquanto Alice cozinhava. Na saída do depósito, ele lhe mandou uma mensagem.

Felix: Ei desculpa mas na verdade não vou poder ir jantar

Felix: Saindo com um pessoal do trabalho

Felix: Eu seria uma péssima companhia de qq forma pq estou com um humor terrível

Felix: Pode ser que eu te veja amanhã dependendo do meu estrago

Alice: ah

Alice: que pena não te ver

Felix: Não do jeito que eu estou agora acredite

Alice: gosto de você de qualquer forma

Felix: Bom você pode me mandar uma carta de amor por aqui enquanto eu estou na rua indo parar na cadeia

Felix: E eu leio quando chegar em casa

Alice guardou o celular e por alguns segundos olhou fixamente para a pia vazia com o semblante inexpressivo. Felix disse a seu amigo Brian que poderia lhe dar uma carona até o Mulroy's e depois deixaria o carro em casa e ia andando. Alice passou as horas seguintes fazendo um molho para massa, fervendo água, arrumando a mesa, e comendo. Felix foi de carro até em casa, alimentou a cachorra, tomou um banho rápido, trocou de roupa, olhou o Tinder e foi andando até o vilarejo para encontrar com os amigos do trabalho. Entre as oito horas e meia-noite, tomou seis copos de cerveja dinamarquesa. Alice lavou a louça depois da janta e leu um artigo sobre Annie Ernaux na internet. Por volta da meia-noite, Felix e os amigos entraram numa minivan rumo a uma boate perto da cidade e cantaram vários versos de "Come Out Ye Black and Tans" durante o percurso. Alice se sentou no sofá da sala para escrever um e-mail a uma amiga que agora morava em Estocolmo, perguntando de seu emprego e seu novo namoro. Na boate, Felix tomou dois comprimidos, uma dose de vodca e foi ao banheiro. Abriu o Tinder outra vez, jogou vários perfis para a esquerda, verificou suas mensagens, olhou a página de esportes da bbc e voltou ao salão da boate. À uma hora da madrugada, Alice tomava chá de hortelã-pimenta e escrevia a resenha, enquanto Felix estava na pista de dança com dois de seus amigos e duas pessoas que nunca

vira. Dançava de um jeito fluido e natural, como se não precisasse fazer esforço, mexendo o corpo de leve dentro e contra o ritmo da música. Depois de outro drinque, saiu e vomitou atrás de uma caçamba. Alice estava deitada na cama nesse momento, relendo as mensagens que Felix enviara mais cedo, a tela do celular jogando uma luz azul acinzentada em seu rosto. Felix pegou o celular no mesmo instante e abriu o aplicativo de mensagens.

Felix: Ei

Felix: Acordada?

Alice: na cama mas acordada

Alice: se divertindo?

Felix: Vou ser sincero alice

Felix: Tô muito bêbado

Felix: E tive que vomitar

Felix: Mas sim noite boa até agora

Alice: bom, fico contente

Felix: O que vc está fazendo na cama

Felix: Vendo alguma coisa ou?

Felix: Descreve

Alice: estou usando uma camisola branca

Alice: espero que a gente consiga se ver amanhã

Felix: Éééé ou

Felix: Eu posso pegar um táxi praí

Felix: Tipo agora

Felix: Tipo

Alice: se você quiser, claro

Felix: É tem certeza?

Alice: estou acordada mesmo, não me importo

Felix: Legal

Felix: Já chego aí

Ela se levantou da cama e vestiu o robe, acendeu o abajur da mesa de cabeceira e se olhou no espelho. Felix ligou para a empresa de táxi, voltou para a boate, pegou o casaco, pediu outra dose de vodca, bochechou a bebida, engoliu, encontrou Brian e pediu que avisasse aos outros que estava indo embora, e foi pegar o táxi. Alice abriu o perfil dele no aplicativo de encontros onde tinham se conhecido, e releu sua autodescrição. A caminho da casa dela, Felix travava uma conversa entusiástica com o motorista a respeito dos pontos fracos e fortes da atual Associação de Futebol do condado de Mayo. Quando Felix apontou para a casa, o taxista perguntou se os pais dele moravam lá.

Nada, é a casa da minha patroa, disse Felix.

Em um tom divertido, o motorista comentou: Deve ser uma moça rica.

É, e ela é famosa. Pode procurar no Google. Ela escreve livros.

Ah é? Melhor você segurar bem ela.

Não se preocupe, ela gosta bastante de mim, Felix disse.

Eles pararam na entrada da garagem. Dando a volta, o taxista declarou: Deve gostar mesmo, deixando você bater na porta dela às duas da madrugada. No estado em que você está. Não ficaria surpreso se me ligasse de novo daqui a uns minutos, depois que ela te ver assim. Dez euros e oitenta, por favor.

Felix lhe entregou o dinheiro.

Quer que eu espere?, o motorista perguntou.

Não fique com inveja, meu camarada. Pode ir embora e curtir a sua Lyric fm.

Ele saltou do carro e bateu à porta. Alice desceu a escada para atender no momento em que o táxi saía da frente do portão. Felix entrou, fechou a porta com um chute e passou os braços em torno de Alice, levantando-a um pouco e pressionando as costas dela contra a parede. Beijaram-se por um tempo, e então ele abriu a faixa do robe. Ela o manteve fechado com uma das mãos.

Ah, você está bêbado, ela disse.

É, eu sei. Eu falei na mensagem.

Ele tentou abrir o robe outra vez, e ela cruzou os braços com força para impedi-lo.

Ei, qual é o problema?, ele questionou. Você está menstruada, sei lá? Não ligo se estiver, sou crescidinho.

Alice fechou a cara ao amarrar o robe e afirmou: Você está tentando me constranger.

Não, não. Só estou me perguntando qual é o problema. Não estou tentando nada, estou feliz de estar aqui. O taxista ficou muito impressionado por eu ter uma namorada que mora neste casarão.

Alice ergueu os olhos para ele e perguntou: Você usou alguma droga?

Claro que sim, ele respondeu. Não seria uma noite boa se eu não tivesse usado.

Ela permaneceu de pé, os braços ainda cruzados. Sei lá, ela começou. Outras pessoas deixavam você se comportar desse jeito? Outras namoradas e namorados que você teve? É normal? Você sair com os amigos, ficar alucinado e aparecer no meio da noite querendo transar?

Ele pareceu refletir sobre a questão, apoiando o braço contra a parede ao lado da cabeça de Alice. Eu volta e meia tentava, sim, ele disse. Nem todo

mundo estava disposto, é óbvio.

Entendi. Você deve me achar uma completa idiota.

Não, eu te acho inteligentíssima. Mas não é sorte sua, em muitos sentidos. Se você fosse um pouquinho mais burra, teria uma vida mais fácil.

Ele endireitou as costas e pôs as mãos no quadril dela, de um jeito que transmitia carinho e até arrependimento.

O taxista falou que você ia me pôr para fora, Felix comentou. Ele falou, nunca que ela vai deixar você aparecer a essa hora da madrugada com essa cara. E não sei como está a minha cara, eu não me olhei. Mas imagino que não esteja boa.

Você só parece bêbado.

Ah, pareço? Sei lá, acho que eu não deveria ter te mandado mensagem. A idiotice é que minha noite estava boa mesmo. Quer dizer, tudo bem, eu exagerei um pouco e passei mal, mas, fora isso, estava me divertindo. E você também devia estar se divertindo, deitada na cama ou fazendo sei lá o quê. Então eu realmente não deveria ter te mandado mensagem.

Sim, mas você estava a fim de transar, ela constatou.

Bom, eu sou humano. Ah, mas se eu só quisesse isso poderia ter procurado em outro lugar, né? Não precisaria te incomodar só pra isso.

Ela fechou os olhos e disse em voz baixa, inexpressiva: Tenho certeza de que é verdade.

Alice, não fica com essa cara séria, ele pediu. Não andei saindo com ninguém. Óbvio que eu poderia se quisesse, mas você também poderia. Olha, desculpa eu ter te incomodado, está bem?

Por um instante ela se calou.

E você não deve gostar de ficar perto de gente bêbada, de qualquer forma, ele concluiu.

Não gosto, não.

Não, por que gostaria? Eu diria que você já aguentou demais disso enquanto crescia.

Ela o encarou, e ele continuou com as mãos no quadril dela, segurando-a contra a parede.

Sim, aguentei, ela disse.

Se quiser que eu vá pra casa, é só falar.

Ela fez que não. Ele tornou a beijá-la. Subiram a escada juntos, Alice segurando a mão de Felix, seguindo atrás dele. No quarto dela, ele tirou o robe que ela vestia e passou a camisola pela cabeça. Ela se deitou na cama, e ele a chupou. O corpo dela parecia compacto, andrógeno. Ela pousou a mão aberta sobre a própria boca. Ele se afastou para se despir e tirar o relógio. Contemplando-a deitada nua no colchão, ele disse com um sorriso: Quer saber com o que você está parecendo? Com uma daquelas estátuas de menina que a gente viu em Roma.

Ela riu e cobriu o rosto.

Não curtiu?, ele perguntou. Eu falei no bom sentido.

Ela disse que era. Ele se deitou ao lado dela, a cabeça apoiada nos travesseiros e passou a mão, sem pensar, no seio pequeno e macio dela.

Hoje, no trabalho, fiquei pensando em você, ele declarou. Descobri que me sinto um pouco melhor durante um tempo, mas depois me sinto pior, porque você passa o dia deitada aqui, e eu estou preso em um depósito arrumando caixas. Não que eu fique irritado com você por causa disso. Não vou conseguir explicar direito, mas a diferença entre o que a gente está fazendo agora e o que eu faço o dia inteiro eu não consigo nem descrever. É difícil acreditar que eu tenha que usar o mesmo corpo para as duas coisas, vou explicar assim. E não me parece o mesmo. Essas mãos que estão te tocando agora, eu também uso para embalar caixas? Sei lá. No trabalho minhas mãos estão o tempo todo geladas. Ficam praticamente dormentes. Ainda que se

possa usar luvas, elas mais cedo ou mais tarde ficam dormentes, é o que todo mundo diz. Às vezes eu me corto ou me arranho e só percebo quando vejo sangrando. E essas são as mesmas mãos que estão tocando em você? Sei lá, você deve achar que eu sou doido por falar desse jeito. Mas você é muito, muito macia e boa de se tocar, só isso. E quentinha. Quando me deixa gozar dentro de você, me sinto tão bem, nem consigo descrever. Estava pensando nisso no trabalho hoje e queria tanto que comecei a ficar irritado. Tipo, irritado de verdade, puto da vida. Esse é outro negócio que preciso falar sobre o trabalho, as emoções ficam bem confusas lá dentro. Você começa a sentir coisas que não fazem sentido. Eu deveria estar ansioso para te ver, mas estava era puto da vida. E então nem queria mais te ver. Não tem por que eu tentar explicar, já que não faz nenhum sentido, só estou te contando como me sinto. Desculpa.

Ela disse que tudo bem. Por um tempo, ele a beijou e não falou mais nada. Então perguntou se ela ficaria por cima porque ele estava cansado, e ela disse que sim. Depois que já estava dentro dela, ela ficou imóvel por alguns segundos, ofegante. Está tudo bem?, ele questionou. Ela assentiu. Ele parecia contente em esperar. Você tem uma boceta tão perfeita, ele afirmou. Um arrepio a atravessou da cabeça até o osso pélvico. Ela pôs a mão no ombro dele. Treparam devagar por alguns minutos, enquanto ele a tocava. Com a voz aguda e irregular, ela disse: Meu Deus, estou apaixonada por você, de verdade. Ele ergueu os olhos para ela. Você está, é?, ele quis saber. Que bom, fala de novo. Trêmula, arfando, ela abaixou a cabeça e exclamou: Eu te amo, eu te amo. Ele pôs as mãos no quadril dela, os dedos apertando a pele de suas costas, e a puxou com força em sua direção, repetidas vezes, rápido, e ela estremecia quase como se sentisse dor.

Depois ficaram um tempo imóveis, descansando com os corpos unidos. Em seguida, ela saiu de cima dele, sentou-se na beirada do colchão e tomou

um gole de água da garrafa que ficava na mesa de cabeceira. Ele se deitou com a cabeça aninhada entre os travesseiros, observando-a. Me passa a água quando você terminar, ele pediu. Ela lhe entregou a garrafa, e ele bebeu sem levantar a cabeça.

Ao devolvê-la, ele disse: Escuta, eu quero saber de uma coisa. Você vive dizendo que é rica. O que é que você quer dizer com isso, você é milionária ou coisa assim?

Ela fechou a tampa da garrafa. Mais ou menos isso, ela respondeu.

Ele a observava em silêncio. Um milhão, sério, ele comentou. É dinheiro à beça.

É, sim.

Tudo isso só com os livros?

Ela fez que sim.

E fica parado na sua conta bancária ou está todo amarrado?, ele perguntou.

Esfregando os olhos, ela contou que boa parte estava parada na conta. Ele continuava a analisá-la, os olhos percorrendo rápida e discretamente o rosto, os braços, os ombros. Passado um tempo, ele pediu: Vem cá e fala de novo que me ama. Pode ser que eu passe a gostar disso. Com movimentos preguiçosos, cansados, ela se deitou ao lado dele.

Eu te amo, ela repetiu.

E quando foi que você percebeu? Foi tipo amor à primeira vista, foi?

Não, acho que não.

Um pouco depois, então, ele conjecturou. Em Roma?

Ela se virou para ele, que passou o braço sobre o corpo dela. Os olhos dela estavam semicerrados. O semblante dele era reflexivo, atento.

Imagino que sim.

É muito rápido pra se apaixonar por alguém. Foi o quê, umas três semanas?

Deixando seus olhos se fecharem, ela disse: Mais ou menos isso.

É o seu normal?

Sei lá. Não me apaixono sempre.

Ficou fitando-a por mais um ou dois segundos. E vice-versa, imagino eu, ele concluiu.

Ela deu um sorrisinho e disse: As pessoas não se apaixonam sempre por mim, é isso o que você quer dizer? Não, não se apaixonam mesmo.

E você também não parece ter muitos amigos, ele comentou.

Ela parou de sorrir. Virou-se em silêncio e olhou Felix durante alguns segundos, enquanto suas feições se esvaziavam completamente de expressão. Então afirmou simplesmente: Não, acho que não.

É. Porque desde que você se mudou pra cá, acho que ninguém veio te ver, né? A sua família não veio. E a sua amiga Eileen, você fala muito dela, mas ela não se deu ao trabalho. Acho que eu sou a única pessoa que pisou nesta casa desde que você chegou, não foi? E você está aqui faz uns meses.

Alice o encarou e permaneceu calada. Ele pareceu interpretar nessa atitude uma licença para continuar, e enfiou o braço debaixo do próprio travesseiro, pensativo.

Eu estava pensando nisso lá na Itália, ele prosseguiu. Vendo você fazer a sua leitura e dar autógrafo e tudo o mais. Eu não chegaria ao ponto de dizer que você dá duro porque o seu trabalho é uma piada em comparação com o meu. Mas tem um monte de gente que quer coisas de você. E eu acho que, apesar do fuzuê que fazem na sua presença, ninguém dá a mínima pra você. Não sei se alguém dá.

Eles se entreolharam por longos segundos. Enquanto Felix a fitava, sua autoconfiança inicial, seu triunfo sádico, aos poucos se transformava em outra coisa, como se percebesse tarde demais o próprio equívoco.

Você deve me odiar mesmo, ela disse com frieza.

Não, não odeio, ele respondeu. Mas também não te amo.

Claro que não. Por que deveria? Eu não tinha nenhuma ilusão quanto a isso.

Ela se virou, com bastante calma, e desligou o abajur da mesa de cabeceira. A escuridão dissolveu o rosto de ambos e só o contorno de seus corpos ficou visível sob as cobertas. Nenhum dos dois se mexia e todas as linhas, todas as sombras do ambiente ficaram imóveis.

Pode ir embora se quiser, ela disse. Mas fique à vontade para ficar. Você pode achar que me magoou profundamente, mas eu te juro que já passei por coisa pior.

Ele ficou deitado em silêncio, sem reagir.

E, quando disse que te amava, eu estava falando a verdade, ela complementou.

Ele soltou um barulho que pareceu uma risada abafada, e então disse: Ah, eu gosto do seu estilo. Isso eu assumo. Você não é fácil de controlar, né? Óbvio que eu não vou conseguir. É engraçado porque você se comporta como se fosse me deixar te fazer de gato e sapato, responde mensagem minha às duas da madrugada, depois fala que está apaixonada por mim, blá-blá-blá. Mas é só o seu jeito de dizer, tenta me segurar, você não vai conseguir. E eu já vi que não vou. Você não vai me deixar vencer nem por um segundo. Nove de cada dez vezes você enganaria a pessoa pelo modo como age. A pessoa ficaria muito satisfeita, achando que manda em você. Pois é, mas eu não sou idiota. Você está deixando eu me comportar mal porque isso te põe acima de mim, e é assim que você gosta de ficar. Acima, acima. E eu não levo para o lado pessoal, aliás, porque não acho que você deixaria alguém chegar perto de você. A bem da verdade, eu respeito. Você está se cuidando, e tenho certeza de que tem as suas razões. Desculpa por ter sido tão cruel no que eu falei, porque você tem razão, eu só estava tentando te magoar. E

provavelmente te magoei, grande coisa. Qualquer um pode magoar uma pessoa caso se esforce pra isso. Mas, em vez de ficar brava comigo, você diz que eu posso ficar à vontade para continuar aqui e que você ainda me ama e tudo o mais. Porque você tem que ser perfeita, né? Não, você realmente tem um jeitinho só seu, tenho que admitir. E me desculpa, está bem? Não vou tentar te alfinetar de novo. Lição aprendida. Mas, daqui por diante, não precisa mais agir como se estivesse na palma da minha mão, já que a gente sabe bem que não chego nem perto de você. Combinado?

Outro longo silêncio se fez. O semblante de ambos estava invisível no escuro. Algum tempo depois, com a voz aguda e forçada, forçada talvez em busca de uniformidade ou leveza que não obteve, ela respondeu: Combinado.

Se um dia eu conseguir te agarrar, você não vai precisar me falar, ele disse. Eu vou perceber. Mas não vou correr muito atrás. Vou ficar onde estou e observar se você chega perto de mim.

Sim, é isso o que os caçadores fazem com os cervos, ela disse. Antes de matar.

Eileen, desculpa se meu último e-mail te assustou. Realmente cancelei meus compromissos públicos por alguns meses, como você sabe, mas sempre foi meu plano voltar ao trabalho em algum momento. Com certeza você entende que esse é o meu trabalho? Ninguém considera esse fato mais exaustivo e degradante do que eu, porém nunca quis que você pensasse que eu tinha me afastado por completo da vida pública. Como você, doente, nunca se afastou do trabalho por mais de quatro dias seguidos, eu sabia que se eu tirasse quatro meses de folga te pareceria uma pausa bastante prolongada. E, sim, eu parti de Dublin e pousei em Dublin, às sete da manhã e à uma da madrugada, respectivamente. Como você também tem um emprego, que pelo que sei funciona em horário normal, não achei que te acordar de madrugada para tomar um chá rápido e bater um papo seria de bom-tom. Não é possível que considere que não quero te ver, já que tenho pedido repetidas vezes, por meses a fio, que você venha me visitar, e eu moro a apenas três horas de distância. Quanto à mensagem de Roisin que não respondi, estou confusa — você está me escrevendo particularmente ou na qualidade de embaixadora da amizade da região da grande Dublin? Você tem razão, não respondi à mensagem dela porque estava ocupada. Com todo o amor e carinho, não pretendo te apresentar um relatório sempre que a minha correspondência ficar atrasada.

Quanto ao resto do seu e-mail: o que exatamente você quer dizer quando fala em “beleza”? Você disse que confundir vaidade pessoal com experiência estética é um erro grave. Mas seria outro erro, talvez correlato, levar a experiência estética a sério, para começo de conversa? Sem dúvida existe a possibilidade de que a pessoa se comova de forma pessoalmente desinteressada pela beleza artística ou pela beleza do mundo natural. Acho até que é possível curtir a beleza dos outros, seu rosto e corpo, de maneira “puramente” estética, isto é, sem a presença do desejo. Eu mesma volta e meia acho pessoas belas de contemplar sem sentir nenhuma disposição a atraí-las para uma relação particular comigo — na verdade, não considero a beleza uma grande instigadora do desejo, de qualquer modo. Em outras palavras, não exercito nenhuma determinação para perceber a beleza e não experimento nenhuma vontade consciente como resultado. Imagino que fosse a isso que os filósofos do Iluminismo se referissem ao falar de juízo estético, e isso corresponde muito bem ao tipo de experiência que já tive com certas obras de arte visual, trechos de canções, paisagens pitorescas etc. Eu os acho lindos, e essa beleza me comove e me dá uma sensação prazerosa. Concordo que o espetáculo do consumo em massa que nos é vendido como “beleza” é na verdade horroroso e não me dá nem um pingaço do prazer estético que tenho, por exemplo, com o sol caindo por entre as folhas das árvores, ou o *Les Demoiselles d’Avignon*, ou o *Kind of Blue*. Mas me sinto inclinada a perguntar: quem se importa? Ainda que a gente suponha que a beleza de *Kind of Blue* seja em certo sentido objetivamente superior à beleza de uma bolsa Chanel, que em termos filosóficos é um grande passo a dar, que diferença isso faz? Você parece pensar que a experiência estética é, em vez de meramente prazerosa, importante. E o que eu gostaria de saber é: importante em que sentido?

Não sou pintora ou musicista, por boas razões, mas sou romancista, e tento levar o romance a sério — em certa medida porque tenho consciência do privilégio extraordinário de poder ganhar a vida com algo que por definição é tão inútil quanto a arte. Mas se tentasse descrever minha experiência como leitora dos grandes romances, não seria nem de longe como a experiência estética que eu descrevi anteriormente, que não envolve nenhuma determinação e não instiga nenhum desejo pessoal. Eu, pessoalmente, preciso exercitar muita diligência para ler, e entender o que leio, e ter isso tudo em mente por tempo suficiente para decifrar o livro à medida que avanço. Em sentido nenhum considero um processo passivo por meio do qual a beleza me é transmitida sem o meu envolvimento: me parece um esforço ativo, do qual a experiência da beleza é o resultado construído. Porém acho que o mais importante é que os grandes romances mobilizam minha empatia e me fazem desejar coisas. Quando olho para *Les Demoiselles d'Avignon*, não “quero” nada dele. O prazer está em vê-lo como ele é. Mas quando leio livros, experimento o desejo: quero que Isabel Archer seja feliz, quero que as coisas deem certo para Anna e Vrónski, chego a querer que Jesus seja perdoado em vez de Barrabás. De novo, pode ser que eu seja uma leitora tacanha e bastante enfadonha, que deseja sentimentalmente o melhor para todos (menos Barrabás); mas, se eu desejasse o oposto, que Isabel fizesse um casamento ruim, que Anna se atirasse debaixo do trem, seria apenas uma variação da mesma experiência. A questão é que minha empatia está engajada, já não sou desinteressada.

Você conversou com o Simon sobre essas coisas? Acho que você poderia falar com ele para apresentar uma opinião mais coerente de tudo, já que o ponto de vista dele tem uma coerência que me falta. Na doutrina católica, até onde entendo, a beleza, a verdade e a bondade são atributos únicos de Deus. Ele meio que literalmente “é” beleza (e também verdade, o que talvez Keats

quisesse dizer, não sei direito). A humanidade luta para ter e compreender esses atributos como forma de se voltar para Deus e entender Sua natureza; assim, tudo que é belo nos leva à contemplação do divino. Como críticos, podemos debater o que é ou não belo, porque somos apenas humanos e a vontade de Deus não nos é totalmente acessível, mas todos concordamos quanto à importância extrema da beleza em si. É tudo muito agradável e autossuficiente, não é? Eu poderia me alongar mais um pouco para explicar meu engajamento empático com os grandes romances. Por exemplo, Deus nos fez como somos, como seres humanos complexos com desejos e impulsos, e apego compassivo a pessoas puramente ficcionais — das quais é óbvio que não podemos esperar extrair alguma satisfação ou vantagem material —, e isso é um jeito de compreender as profundas complexidades da condição humana, e portanto as complexidades do amor de Deus por nós. Posso ir ainda mais além: em sua vida e morte, Jesus ressaltava a necessidade de amarmos os outros sem considerar nosso interesse pessoal. De certo modo, quando amamos personagens ficcionais, sabendo que jamais poderão retribuir nosso amor, não temos aí um método de treinar em pequena escala o tipo de amor desinteressado a que Jesus nos chama? Falo que o engajamento empático é uma forma de desejo com um objeto, mas sem sujeito, uma maneira de querer sem querer; desejar para os outros não *o que* eu quero para mim, porém *da forma* que quero para mim.

Suponho que o ponto que eu esteja tentando provar é que a diversão é inesgotável quando se adquire uma mentalidade cristã. Para você e para mim, é mais difícil porque não conseguimos nos livrar da convicção de que nada importa, a vida é fortuita, nossos sentimentos mais sinceros são redutíveis a reações químicas e nenhuma lei moral objetiva estrutura o universo. É possível viver com essas certezas, é claro, mas não é de fato possível, acho eu, acreditar nas coisas que você e eu afirmamos acreditar. Que algumas

experiências da beleza são sérias e outras banais. Ou que determinadas coisas são certas e outras erradas. A que padrão estamos recorrendo? Antes de julgar, defendemos nosso ponto de vista? Não estou tentando te derrubar, aliás — eu ocupo o que desconfio ser exatamente a mesma posição que você. Não consigo acreditar que a diferença entre certo e errado seja uma simples questão de gosto ou preferência; mas também não consigo me convencer a crer na moralidade absoluta, ou seja, em Deus. Isso me deixa em um não lugar filosófico, sem segurança das minhas convicções de ambos os lados. Não posso ter a satisfação de sentir que sirvo a Deus fazendo o que é certo, e, no entanto, a ideia de fazer o que é errado me enoja. Indo mais ao cerne da questão, acho meu trabalho moral e politicamente inútil, contudo é o que eu faço da minha vida, a única coisa que quero fazer.

Quando era mais nova, acho que eu queria viajar o mundo, ter uma vida glamorosa, ser celebrada pelo meu trabalho, me casar com um grande intelectual, rejeitar tudo que fez parte da minha criação, romper com o mundo tacanho. Tenho muita vergonha disso tudo agora, mas eu era solitária e infeliz, e não entendia que esses sentimentos eram comuns, que não havia nada de peculiar na minha solidão, na minha infelicidade. Talvez se eu tivesse entendido, como acho que entendo agora, pelo menos um pouquinho, jamais teria escrito os livros, jamais teria me tornado essa pessoa. Sei lá. Eu sei que não conseguiria escrevê-los de novo, ou pensar o que eu pensava de mim mesma na época. Achava importante provar que eu era uma pessoa especial. E, no meu afã de fazer isso, transformei o sentimento em realidade. Só depois, quando já ganhara o dinheiro e a aclamação que eu acreditava merecer, foi que entendi que não era possível alguém merecer essas coisas, e a essa altura já era tarde demais. Já me tornara a pessoa que tinha almejado ser, e agora a desprezava com todas as forças. Não digo isso para

menosprezar meu trabalho. Mas por que alguém deveria ser rico e famoso, enquanto outras pessoas vivem numa pobreza desesperadora?

Da última vez que me apaixonei, acabou mal, como você sabe, e logo depois escrevi dois romances. Enquanto estava apaixonada, de vez em quando tentava escrever um pouco, mas meus pensamentos sempre voltavam ao alvo do meu afeto, e meus sentimentos inexoravelmente corriam de volta para ela, por isso meu trabalho nunca desenvolvia uma essência própria, e eu não tinha um lugar significativo para ele na minha vida. Estávamos felizes, depois estávamos infelizes, e, depois de certo sofrimento e recriminação, terminamos — e só então comecei a me entregar com seriedade ao meu trabalho. Foi como se eu abrisse espaço dentro de mim, e tivesse que preenchê-lo de alguma forma, e foi assim que sentei e escrevi. Tive que primeiro esvaziar a minha vida e partir daí. Hoje, ao pensar na época em que escrevi os livros, acho que foi um período bom na minha vida, porque existia um trabalho que precisava fazer e fiz. Estava sempre sem grana, e solitária, e angustiada com dinheiro, mas também havia outra coisa, uma parte da minha vida que era secreta e blindada, e meus pensamentos voltavam a ela o tempo inteiro, e minhas emoções orbitavam em torno dela, e ela era minha por completo. Em certo sentido, era como um caso de amor, ou uma paixão, mas só envolvia a mim mesma e estava tudo sob o meu controle. (O contrário de um caso de amor, portanto.) Apesar da frustração e da dificuldade de escrever um romance, eu sabia desde o início do processo que recebera algo muito importante, um dom especial, uma bênção. Foi como se Deus tivesse posto a mão na minha cabeça e me imbuído do desejo mais intenso que eu já sentira, não o desejo por alguém, mas o desejo de trazer à luz algo que nunca tinha existido. Quando penso nesses anos, fico comovida e quase atormentada com a simplicidade da vida que estava levando, porque eu sabia o que precisava fazer, e fiz, só isso.

Afora algumas resenhas e alguns e-mails longuíssimos, faz quase dois anos que não escrevo nada. E acho que agora o espaço na minha vida já foi aberto, e está vazio, e talvez por essa razão seja este o momento de eu me apaixonar de novo. Preciso sentir que a minha vida tem uma espécie de centro, um lugar para onde meus pensamentos possam voltar e repousar. Eu sei, aliás, que a maioria das pessoas não precisa desse tipo de coisa, e que eu teria muito mais saúde caso fosse assim. Felix não sente a necessidade de organizar a vida dele em torno de um princípio central e acho que você também não. O Simon sim, mas ele tem a Deus. No que diz respeito a pôr algo no centro da vida, Deus me parece uma boa opção — no mínimo, melhor do que criar histórias sobre gente que não existe ou se apaixonar por pessoas que me odeiam. Mas cá estamos. Ainda é melhor amar alguma coisa do que nada; melhor amar alguém do que ninguém, e estou aqui, vivendo no mundo, sem desejar nem por um instante que eu não estivesse. Não é, à sua própria maneira, um dom especial, uma bênção, algo muito importante? Eileen, me desculpe, e tenho saudades de você, sim. Quando nos virmos depois de todos esses e-mails, vou ficar muito acanhada e esconder a cabeça debaixo da asa como um passarinho. Diga à sua irmã e ao noivo, este fim de semana, que desejo tudo de bom a eles — e, em seguida, se não for muito incômodo, venha me ver, por favor.

Na manhã do casamento, Eileen se sentou na cama da suíte nupcial, enquanto Lola ocupava a penteadeira. Levando o dedo ao rosto, Lola disse: Acho que ela pesou a mão na maquiagem dos olhos. Usava um vestido de noiva branco, sem alça, simples no modelo. Você está linda, disse Eileen. Seus olhares se cruzaram no espelho, e Lola fez careta, levantou-se, foi até a janela. Lá fora, o começo da tarde estava branco, lançando uma luz aguada e rala, então Lola ficou de costas para o vidro, de frente para Eileen, analisando a irmã sentada no colchão espaçoso. Encararam-se durante um tempo, ressentidas, culpadas, desconfiadas, compungidas. Por fim, Lola perguntou: Então? Eileen olhou para o relógio fino de ouro no punho esquerdo. Faltam dez minutos, ela anunciou. Usava um vestido verde-claro, acinzentado, o cabelo puxado para trás, e pensava em outra coisa naquele momento, as duas pensavam. Lola se lembrava da canoagem no mar de Strandhill, ou teria sido em Rosses Point naquele dia, ou Enniscrone. A textura granular da areia sob as unhas das mãos e no couro cabeludo, além do gosto de sal. Então caíra e se vira engolindo água do mar, que fazia o nariz e a garganta doerem, uma confusão de luz e sensações, ela se lembrou de ter chorado e de ter sido carregada praia acima nos braços do pai. Uma toalha vermelha e laranja. Mais tarde, voltando para a cidade de Sligo, de cinto de segurança no banco de trás, com o rádio crepitando, pontos luminosos visíveis ao longe. Na escuridão à margem da estrada, uma van que vendia linguiça e batata frita, o

porta-malas aberto, a pungência do vinagre. Dormindo no quarto do primo naquela noite, com diversos livros na prateleira, os móveis criando diferentes sombras sob a luz da janela desconhecida. À meia-noite os sinos da catedral. Lá embaixo, os adultos conversavam; lá embaixo as luzes estavam acesas e havia copos de cerveja. Eileen também pensava na infância, em uma das brincadeiras de faz de conta de Lola, um reino escondido, palácios, duques e camponeses, rios encantados, florestas, luzes no céu. Todas as reviravoltas estavam perdidas, os nomes inventados em línguas mágicas, as lealdades e traições. O que restava eram os lugares da vida real sobre os quais o mundo fictício fora imposto: o estábulo atrás da casa, as beiradas malcuidadas do jardim, os buracos atrás das sebes, o xisto úmido que descia o rio. E na casa: o sótão, a escada, o armário dos casacos. Esses lugares ainda provocavam uma sensação especial em Eileen, ou pelo menos poderiam, caso ela permitisse, sintonizar a sensação especial que havia neles, uma frequência estética. Eles a enchiam de prazer, da emoção de algo parecido com arrebatamento. Assim como bons produtos de papelaria, canetas pesadas, papel sem pauta, representavam para ela a possibilidade da imaginação, uma possibilidade muito mais distinta por si só e mais delicada do que qualquer coisa que tivesse sido capaz de imaginar. Não, a imaginação a decepcionava. Era algo que ou os outros tinham ou não queriam ter. Eileen queria ter, mas não tinha. Igual a Alice em sua filosofia moral, ela estava presa entre dois lugares. Talvez fosse dessa maneira com todo mundo, em tudo o que era relevante. Com uma batida na porta, elas ergueram os olhos, e Mary, a mãe delas, entrou, com seu vestido azul, os sapatos de couro envernizado, uma pluma saindo do cabelo. Todas começaram a falar, ligeiras, protestando, rindo, reclamando, arrumando as roupas umas das outras, e a movimentação no quarto ficou acelerada e ruidosa, como a de pássaros. Lola queria prender de novo o cabelo de Eileen, deixá-lo mais solto atrás, e Mary desejava

provar, no último instante, outro par de sapatos, e Eileen, com os braços finos e brancos como juncos, como galhos, soltou o cabelo, segurou um xale nos ombros de Mary, tirou um cílio solto da bochecha empoada de Lola, aos risos, falando numa voz apressada e leve, e caindo na gargalhada outra vez. Mary também pensava na própria infância, na casinha com terraço vizinha à loja, punhados de sorvete no meio dos biscoitos wafer, o encerado xadrez na mesa da cozinha, a louça de barro com desenhos atrás do vidro. Dias de verão claros e frios, o ar fresco como água gelada, e o arbusto como uma labareda amarela. Pensar na infância lhe dava uma sensação esquisita, desconfortável, porque fora a vida real e agora era outra coisa. As pessoas mais velhas tinham morrido e os bebês envelhecido. Também aconteceria com Eileen, também com Lola, que eram jovens e bonitas agora, se amando e se odiando, rindo com dentes brancos, cheirando a perfume. Outra batida soou na porta, e elas se calaram e olharam ao redor. O pai delas, Pat, entrou. Como vão as moças?, ele quis saber. Era hora de irem para a igreja, o carro estava esperando, Pat estava de terno. Ele pensava na esposa, Mary, que lhe parecia estranha da primeira vez que engravidara, que algo a invadira, uma seriedade, uma determinação esquisita nas palavras, nos movimentos, e ele achou incômodo, tinha vontade de rir, não sabia o porquê. Ela estava mudando, desviando o rosto dele, em direção a outra experiência. Passou com o tempo, Lola nasceu, com saúde graças a Deus, e ele disse a si mesmo que nunca fariam aquilo de novo. Muita estranheza para uma vida só. Como sempre, como sempre, havia se enganado. Lá fora, o ar agitava as árvores, jogava seu bafo frio no rosto deles. Entraram juntos no carro. Lola encostou o nariz na janela e deixou uma bolinha de pó na vidraça. A igreja era baixa e cinza, com vitrais compridos e finos, de cores rosa e azul e âmbar. Quando chegaram, o órgão elétrico vibrou, o aroma do incenso os tocou, úmido e fragrante, e o farfalhar dos tecidos, o rangido dos bancos, à medida que todos se levantavam e os

observavam desfilando pelo assoalho lustrado do corredor, Lola imponente e magnífica de branco, radiante com a realização de planos acalentados, aceitando com compostura os olhares que lhe eram oferecidos, não de cabeça curvada mas erguida, Pat de terno, altivo, afável em sua falta de jeito, Mary com um sorriso nervoso, segurando a mão de Eileen com sua mão úmida, e a própria Eileen magra e pálida de verde, o cabelo escuro meio solto às suas costas, preso com grampos, os braços à mostra, a cabeça no alto do pescoço longo como uma flor, e mexendo os olhos discretamente ela o procurou, mas não o viu. Matthew esperava no altar, amedrontado, alegre, e o padre falou, os votos foram feitos. “Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo, e nos abrigos das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz. Tua voz é tão doce e delicado, teu rosto.” Depois, no cascalho do lado de fora da igreja, a luz branca do dia, o frio do vento, dedos espigados de folhagem, todos aos risos, trocando apertos de mãos, se abraçando. O grupo da noiva ficou junto debaixo de uma árvore para tirar fotos, se aproximando e se afastando, murmurando uns para os outros com sorrisos fixos. Foi só então que Eileen o viu, Simon, parado na porta da igreja, fitando-a. Eles se entreolharam por um bom tempo sem se mexer, sem falar, e no solo daquele olhar muitos anos foram enterrados. Ele se lembrou de quando ela nasceu, do novo bebê dos Lydon, e da primeira vez que pôde vê-la, o rosto vermelho e enrugado parecendo mais o de uma velha criatura do que de algo novo, a bebê Eileen, e os pais dele diziam que depois disso ele vivia pedindo uma irmã, não um irmão qualquer, mas uma irmã, como a que Lola tinha. Ela também se lembrou dele, o menino mais velho que frequentava outra escola, vivaz, inteligente, com aquelas convulsões estranhas de que sofria, um alvo de compaixão entre os adultos, que o tornavam, embora fosse uma criança linda, de certo modo excêntrico. A mãe dela sempre comentando que belos modos ele tinha, um pequeno cavalheiro. E ela era a garota adolescente de

quem ele se lembrava, magra e sardenta, parada junto à bancada da cozinha com as pernas enroscadas uma na outra, com quinze anos, sempre de cenho franzido. Falando nada ou falando de repente e demais, seu mau humor, sua falta de amigos. E aqueles olhares francos que ela lhe lançava, de rosto rosado e quase zangada. Ele também era isso para ela, o garoto, o rapaz de vinte anos, que ajudava na fazenda durante o verão, ela o vira, com uma ternura incomparável, dando mamadeira a um cordeirinho, ela passava a semana agoniada por um olhar dele, o fôlego arrancado quando entrava em um ambiente e se deparava com ele. O dia em que os três pedalarão pela floresta e deixaram as bicicletas em uma clareira. Nuvens escuras de aspecto surreal por trás das copas das árvores iluminadas pelo sol. Lola contando uma história longa, enfeitada, sobre alguém que fora assassinado na floresta, Simon murmurando coisas como, Hmm, não sei, não, e, Ih, minha querida, meio macabro isso aí, né? Eileen concentrada em chutar uma pedra pela trilha à sua frente, de vez em quando erguendo os olhos para observar o semblante de Simon. Apunhalada tantas vezes que quase foi decapitada, Lola dizia. Nossa, disse Simon, eu prefiro não pensar nisso. Lola riu e disse que ele era um fracote. Bom, se essa é a questão, sou um pouco, ele concordou. Começava a chover, e Lola desamarrou o casaco da cintura. Você é que nem a Eileen, ela declarou. Ele olhou para Eileen e disse: Eu gostaria de ser que nem ela. Lola disse que Eileen era só uma menina. Com uma voz ligeira, exaltada, estranhamente alta, Eileen retrucou: Imagine alguém falando isso pra você quando você tinha a minha idade. Lola a olhou com compaixão. Mas, a bem da verdade, ela respondeu, quando tinha a sua idade eu era bem mais madura. Simon contou que ele achava Eileen muito madura. Lola franziu a testa e retrucou: Larga de ser asqueroso. As orelhas de Simon ficaram vermelhas, e sua voz soou diferente. Eu falo no sentido intelectual, ele rebateu. Ele não falou mais nada, tampouco Lola, mas nenhum dos dois

ficou feliz. Lola levantou o capuz para se proteger da chuva e tomou a dianteira. Com passadas rápidas e longas, marchou por uma curva na trilha, saindo do campo de visão. Eileen olhou para baixo, para a trilha que fora de terra seca e agora virava um lamaçal, correntes de água passando entre as pedras. A chuva ficava mais forte, criando uma estampa de pontos pretos na parte da frente de seu jeans, molhando seu cabelo. Quando fizeram a curva seguinte, Lola não apareceu. Talvez estivesse mais à frente, ou talvez tivesse descido por outro caminho. Você sabe onde a gente está?, Eileen perguntou. Simon sorriu e disse que achava que sim. A gente não vai se perder, ele afirmou, não esquentar. Mas pode ser que a gente se afogue. Eileen enxugou a testa com a manga. Espero que ninguém venha apunhalar a gente trinta e oito vezes, ela comentou. Simon riu. As vítimas parecem estar sempre sozinhas nessas histórias, ele justificou. Então acho que a gente vai ficar bem. Eileen concordou que ficaria tudo bem a menos que ele fosse o assassino. Ele tornou a rir. Não, não, ele disse. Comigo você está segura. Ela ergueu os olhos para ele de novo, acanhada. É assim que eu me sinto, ela declarou. Ele a analisou e disse: Hmm? Ela balançou a cabeça, voltou a enxugar o rosto com a manga, engoliu em seco. Me sinto segura, ela esclareceu, quando estou com você. Simon ficou alguns segundos calado. Depois respondeu: Que bom. Fico feliz em saber. Ela o observou. Então, inesperadamente, ela parou de andar e ficou debaixo de uma árvore. O rosto e o cabelo estavam encharcados. Quando Simon se deu conta de que ela já não estava mais a seu lado, se virou. Oi, ele disse. O que é que você está fazendo? Ela o fitava com uma concentração intensa nos olhos. Você pode vir aqui um instantinho?, ela pediu. Ele deu alguns passos em direção a ela. Bem baixinho, mas com certa agitação, ela disse: Não, eu falei aqui. Onde eu estou. Ele parou. Bom, por quê?, ele perguntou. Em vez de responder, ela apenas continuou a encará-lo com uma expressão suplicante, angustiada. Ele se aproximou dela, e ela pôs a mão no

antebraço dele e o segurou. O tecido da camiseta dele estava úmido. Ela o puxou um pouco mais para perto, fazendo seus corpos quase se tocarem, e os lábios dela estavam molhados, a chuva escorrendo pelas bochechas e pelo nariz. Ele não se afastou, na verdade ficou bem perto dela, e a boca estava quase na orelha dela. Ela não dizia nada e sua respiração estava acelerada e forte. Em tom suave, ele disse: Eileen, eu sei. Eu entendo. Mas não pode ser assim, está bem? Ela tremia, e seus lábios estavam pálidos. Desculpa, ela disse. Ele não se afastou, permaneceu ali, deixando-a se segurar em seu braço. Você não tem do que se desculpar, ele afirmou. Você não fez nada de errado. Eu entendo, está bem? Você não tem por que pedir desculpas. A gente pode continuar a caminhada agora? Eles seguiram em frente, Eileen olhando para os próprios pés. Na clareira atrás do portão, Lola os esperava, segurando a bicicleta. Ao vê-los, chutou um dos pedais com impaciência e o fez girar. Onde vocês estavam?, ela bradou, quando se aproximaram. Você saiu correndo na frente, respondeu Eileen. Simon levantou a bicicleta de Eileen do gramado e a entregou a ela antes de levantar a dele mesmo. Eu não corri, rebateu Lola. Com uma expressão esquisita no rosto, ela estendeu o braço e bagunçou o cabelo molhado de Eileen. Você está parecendo um rato afogado, ela disse. Vamos. Ele deixou que elas seguissem lado a lado. Em silêncio, com os olhos na roda da própria bicicleta, ele fez uma prece: Querido Deus, que ela tenha uma vida feliz. Eu faço qualquer coisa, qualquer coisa, por favor, por favor. Quando ela tinha vinte e um anos, ela foi visitá-lo em Paris, onde ele estava passando o verão, em um prédio antigo com um elevador mecânico. Eram amigos na época, trocavam cartões-postais divertidos estampados com quadros de nus famosos na frente. Ao caminharem juntos pela Champs-Élysées, as mulheres viravam a cabeça para observá-lo, era tão alto e lindo, tão austero, e ele nunca se virava para trás para olhá-las. Na noite em que ela chegou ao apartamento dele, contou a

história de como perdera sua virgindade poucas semanas antes, e, enquanto falava, seu rosto estava tão vermelho que parecia doer, e a história era horrível e embaraçosa, mas, de algum modo, perversamente, ela gostou de contá-la a ele, gostou do tom esquisito, inabalável, que ele adotou com ela. Ele até a fez rir. Estavam deitados juntinhos, os ombros quase se tocando. Essa foi a primeira vez. Ser segurada nos braços dele e sentir ele se mexendo dentro dela, aquele homem que se mantinha distante de todo mundo, senti-lo ceder, se reconfortar nela, essa era a ideia que ela fazia da sexualidade, ela nunca fora além. E, para ele, tê-la daquele jeito, quando era tão inocente e tensa, com o corpo inteiro trêmulo, parecendo tão inconsciente do que estava lhe dando, ele quase sentiu culpa. Mas jamais poderia ser errado com ela, não importava o que fizessem juntos, porque não havia nada de maligno nela, e ele daria a vida para fazê-la feliz. A vida dele, fosse o que fosse. E os anos seguintes, com Natalie em Paris, sua juventude, agora encerrada, jamais passível de ser retomada. Viver com você é como viver com depressão, Natalie lhe disse. Ele queria, ele tentou fazê-la feliz, e não conseguiu. Sozinho, depois, lavando a louça do jantar, o único prato e garfo no escorredor. E nem era mais jovem, não de verdade. Para Eileen, aqueles anos também tinham passado, de um jeito ou de outro, sentada no assoalho desembrulhando móveis fáceis de montar, batendo boca, tomando vinho branco quente em copos de plástico. Vendo todos os amigos irem embora, seguirem em frente, mudarem-se para Nova York, Paris, enquanto ela ficava para trás, trabalhando no mesmo escritório apertado, travando as mesmas quatro discussões inúmeras vezes com o mesmo homem. Incapaz de lembrar de como achava que a vida seria. Não houvera uma época em que tinha algum sentido para ela, estar viva, estar vivendo? Mas qual? Em um fim de semana do ano passado, ambos estavam na casa da família, e Simon pegou o carro dos pais emprestado para levá-la a Galway. Ela usava uma jaqueta de

tweed vermelha com um broche na lapela, o cabelo solto sobre os ombros, pretos, macios, as mãos no colo, brancas como pombas. Conversaram sobre a família, sobre a mãe dela, a mãe dele. Ela ainda morava com o namorado naquela época. Na volta, naquela noite, a lua crescente assimétrica e dourada como uma taça de champanhe levantada, os primeiros botões da blusa dela estavam abertos, ela enfiou a mão, tocando no esterno, falavam de filhos, ela nunca quisera tê-los, mas ultimamente vinha se questionando, e era impossível para ele não pensar nisso, ele sentia uma dor pungente dentro de si, me deixa fazer isso com você, ele queria dizer, eu tenho dinheiro, eu cuido de tudo. Jesus Cristo. E você, ela perguntou, você quer ter filhos? Muito, ele disse. É. Aquele baque quando ela fechou a porta do carro ao descer. Pensando nisso outra vez naquela noite, imaginando que ela deixaria, que ela ia querer que ele o fizesse, e depois se sentindo vazio e com vergonha dele mesmo. Ele a viu na O'Connell Street algumas semanas depois, era agosto, ela andava com alguém que ele não conhecia, atravessava a rua inteira, em direção ao rio, e usava um vestido branco, era um dia quente. Como estava graciosa na multidão, os olhos dele a seguiam, seu belo pescoço longo, os ombros reluzentes ao sol. Como se visse sua vida se distanciar. Uma noite, em Dublin, por volta do Natal, ela o viu da janela do ônibus, ele atravessava a rua, provavelmente estava indo do trabalho para casa, usando um sobretudo longo, alto e de cabelo dourado sob a luz dos postes, Meu Deus que época horrível, Alice estava no hospital, e Aidan dizia que precisava pensar nas coisas, e ali, pela janela do ônibus, ali estava Simon, atravessando a rua. Era uma paz enorme apenas observá-lo, seu belo porte, abrindo caminho pela escuridão líquida e azulada de dezembro, sua solidão tranquila, sua autossuficiência, e ela ficou tão feliz, tão grata por morarem na mesma cidade, onde podia vê-lo sem que planejasse, onde ele podia aparecer assim, diante dela, exatamente quando ela mais precisava vê-lo, alguém que a amara

a vida inteira. Toda ela. E suas ligações, as mensagens que um escrevia ao outro, os ciúmes de ambos, os anos de olhares, sorrisos refreados, o dicionário de leves toques. Todas as histórias que um contara sobre o outro, sobre eles mesmos. Isso tudo estava nos olhos deles, e um transmitia ao outro. Olhe para cá, por favor, o fotógrafo orientou. Simon inclinou a cabeça e deixou que ela se virasse para o outro lado. Terminadas as fotografias, o grupo se dispersou pelo cascalho, conversando, acenando, e ela foi até ele na escadinha. Você está linda, ele disse. O rosto dela enrubescceu, segurava um buquê de flores nos braços. Outra pessoa já a chamava, querendo alguma coisa. Simon, ela disse. Ternamente, quase dolorosamente, sorriram um para o outro, não disseram nada, e suas perguntas eram as mesmas, eu sou a única pessoa em quem você pensa, quando fizemos amor você ficou feliz, eu te magoei, você me ama, vai sempre amar. Agora do portão da igreja, a mãe bradava o nome dela. Estendendo o braço para tocar na mão de Simon, Eileen disse: Eu volto. Ele fez que sim, sorria para ela. Não se preocupe, ele disse. Eu vou estar aqui.

Queridíssima Alice — só uma mensagem rápida para te contar que o casamento foi lindo e estamos no trem para Ballina neste exato momento. Sempre me esqueço de que o Simon é basicamente (embora ele negue) um político, e portanto conhece literalmente todo mundo neste país. Neste instante, ele está numa longa conversa com um homem qualquer que eu nunca vi na vida, enquanto eu estou aqui digitando essa mensagem. Isso me leva a pensar no que você escreveu no seu e-mail a respeito da beleza, e na dificuldade que é acreditar que a beleza possa ser importante ou ter sentido se é apenas fortuita. Mas ela traz certo prazer à minha vida, não é? Não preciso ser religiosa para apreciá-la, creio eu. É engraçado que eu só tenha dois melhores amigos no mundo e nenhum deles se pareça comigo. Na verdade, a pessoa que acho mais parecida comigo é a minha irmã — porque ela é completamente louca, o que eu também sou, e porque me deixa morrendo de raiva, o que eu também faço. Ela estava linda ontem, aliás, embora o vestido fosse sem alça, e eu sei que você reprova esse estilo. O homem qualquer que está conversando com o Simon está vindo se sentar à nossa mesa e mostrando alguma coisa a ele no celular. Acho que pode ser a foto de um pássaro? Vai ver que o sujeito é um apaixonado por pássaros? Sei lá, não estava prestando atenção. Bom, estou louca para te ver. Eu acho que tinha uma ideia na minha cabeça sobre a beleza, ou sobre o casamento, ou sobre você e o Simon e vocês não serem parecidos comigo, mas não me lembro de qual era. Você

sabia que a primeira vez que fui para a cama com o Simon foi há quase dez anos? Às vezes acho que minha vida teria sido boa se ele tivesse agido como cristão e me pedido em casamento naquela época. Já poderíamos ter tido vários filhos, e eles provavelmente estariam sentados no trem conosco neste exato momento, entreouvindo a conversa do pai com o apaixonado por pássaros. Tenho a intuição de que, se o Simon tivesse me botado debaixo das asas dele mais cedo, teria me saído muito melhor. E talvez ele também, caso tivesse alguém de quem cuidar e em quem confiar o tempo inteiro. Mas sinto muito em dizer que talvez seja tarde demais para mudarmos quem nos tornamos. O processo de virar alguém chegou ao fim, e somos em enorme medida o que somos. Nossos pais estão envelhecendo, e a Lola está casada, e eu provavelmente vou continuar a tomar decisões ruins na vida e sofrer de episódios depressivos recorrentes, e o Simon provavelmente vai continuar sendo uma pessoa extremamente competente e afável, mas inacessível no sentido emocional. Mas talvez a vida fosse ser assim sempre, e não havia nada que pudéssemos fazer. Isso me leva a pensar no dia em que te conheci, e me lembro do cardigã de tricô verde que eu vestia, e da faixa que você usava no cabelo. Me refiro à vida que tivemos desde então, juntas e não juntas — se ela já estava conosco naquele dia. A verdade é que amo a Lola, e a minha mãe, e acho que elas me amam, embora sejamos incapazes de nos dar bem e talvez seja assim para sempre. É esquisito, porém talvez mais importante do que nos entendermos seja nos amarmos ainda assim. Eu sei, eu sei — ela vai à missa duas vezes e de repente quer amar todo mundo. Bom, já estamos em Athlone, então é melhor eu parar de escrever este e-mail. Me lembra de que tive uma ideia para um ensaio sobre *A taça de ouro* que eu quero ver com você. Você já leu romance mais suculento que esse?? Atirei o livro contra a parede quando acabei. Mal posso esperar para te ver. Amor, amor, amor. Eileen.

Na plataforma da estação de trem, fim da manhã, começo de junho: duas mulheres se abraçam depois de alguns meses de separação. Atrás delas, um homem alto de cabelo louro desce do trem carregando duas malas. As mulheres caladas, os olhos bem fechados, os braços de uma passados em volta da outra, durante um segundo, dois segundos, três. Estariam cientes, na intensidade daquele abraço, de que havia algo um bocado ridículo naquela cena, algo quase cômico, já que alguém ali perto espirrou violentamente em um lenço amassado; já que uma garrafa de plástico suja que fora descartada corria pela plataforma sob o vento leve; já que o painel eletrônico na parede da estação se alternava entre uma propaganda de produtos capilares para uma propaganda de seguro automotivo; já que a vida em sua mediocridade e até mesmo em sua feia vulgaridade se impunha por todos os cantos do entorno delas? Ou nesse momento estavam alheias, ou algo além de alheias — estariam elas invulneráveis, ilesas à vulgaridade e à feiura, olhando por um instante para algo mais profundo, algo escondido sob a superfície da vida, não a irrerealidade mas a realidade oculta: a presença em todos os momentos, em todos os lugares, de um belo mundo?

Naquela noite, depois do trabalho, quando Felix estacionou o carro em frente à casa de Alice, as luzes estavam acesas nas janelas. Já passava das

sete, ainda estava claro ao ar livre, mas agora fazia mais frio, e atrás das árvores o mar estava verde e prateado. Com a mochila no ombro, ele deu uma corridinha até a porta, batendo a aldrava duas vezes, em rápida sequência, contra a chapa de latão. A maresia fria se agitava sobre ele, e suas mãos estavam geladas. Quando a porta se abriu, não era Alice quem estava ali, mas outra mulher, da mesma idade, mais alta, com cabelo mais escuro, olhos castanhos. Olá, ela cumprimentou. Você deve ser o Felix, eu sou a Eileen. Entra. Ele entrou e lhe deu espaço para fechar a porta. Ele sorria, distraído. É, ele disse. Eileen, já ouvi falar de você. Olhando-o, ela respondeu: Coisas boas, eu espero. Ela contou que Alice estava preparando o jantar, e ele a seguiu pelo corredor, observando a parte de trás de sua cabeça e seus ombros estreitos tomarem a dianteira rumo à porta da cozinha. Ali, um homem estava sentado à mesa e Alice, no fogão, usando um avental branco sujo, amarrado na cintura. Oi, ela disse. Eu estava escorrendo a massa. Você já conheceu a Eileen, esse aqui é o Simon. Felix assentiu, passando o dedo na alça da mochila, enquanto Simon o cumprimentava. A cozinha estava na penumbra, com apenas as luzes da bancada acesas e velas à mesa. A janela dos fundos estava embaçada por causa do vapor, o vidro aveludado e azul. Posso te ajudar em alguma coisa?, Felix questionou. Alice dava tapinhas na testa com as costas do punho, como se para se refrescar. Acho que está tudo sob controle, ela declarou. Mas valeu. Eileen estava nos contando do casamento da irmã. Felix hesitou por um instante e depois se sentou à mesa. No fim de semana, foi?, ele perguntou. Voltando a atenção para ele com uma expressão encantada, Eileen tornou a falar sobre o casamento. Foi engraçada e mexia muito as mãos. De vez em quando, solicitava a contribuição de Simon, que falava numa voz relaxada e parecia achar tudo divertido. Ele também dava bastante atenção a Felix, cruzando seu olhar com o dele vez por outra e sorrindo de um jeito vagamente conspiratório, como se contente pela

presença de outro homem, ou contente pela presença de mulheres, mas desejoso de dividir ou confirmar esse prazer com Felix. Ele era bonito, usava camisa de linho, agradeceu a Alice em tom baixinho e sereno quando ela reabasteceu sua taça de vinho. A mesa estava posta com pratinhos estampados, talheres de prata, guardanapos de pano brancos. Uma tigela amarela e grande de salada, as folhas oleosas e reluzentes. Alice levou a travessa de massa à mesa e a pôs na frente de Eileen. Felix, vou te servir por último porque os outros dois são meus convidados de honra. Seus olhares se cruzaram. Ele sorriu para ela, meio tenso, e disse em voz alta: Tudo bem, eu sei o meu lugar. Ela fez uma expressão sarcástica e voltou ao fogão. Ele observava.

Quando terminaram de comer, Alice se levantou para tirar os pratos da mesa. Os estrépitos e raspões dos talheres, o barulho da pia. Simon perguntava sobre o trabalho de Felix. Agora cansada e satisfeita, Eileen ficou quieta, os olhos semicerrados. Um crumble de frutas era aquecido no forno. Na mesa, os detritos da refeição, um guardanapo sujo, folhas encharcadas na tigela de salada, gotinhas de cera de vela azuladas na toalha de mesa. Alice perguntou se alguém queria café. Eu sim, por favor, respondeu Simon. Uma caixa de sorvete derretia aos poucos na bancada, filetes molhados escorrendo pelas laterais. Alice desatarraxou a base de uma cafeteira prateada. E você trabalha no quê?, Felix perguntava. A Alice me falou que você mexe com política ou coisa assim. Na pia, uma panelinha suja, uma tábua de cortar feita de madeira. Depois o chiado e a centelha da boca do fogão, e Alice perguntando: Você ainda toma café preto? Eileen abriu os olhos apenas para ver Simon se virar um pouco para Alice, de pé diante do fogão, e dizer, olhando para trás: Sim, obrigado. Sem açúcar, obrigado. Sua atenção retornou a Felix, reacomodando-se, e os olhos de Eileen tremeram, quase se

fechando outra vez. O branco da garganta dele. Quando ele tremia em cima dela, enrubescendo, murmurando, tudo bem, me desculpa. O tinido da porta do forno, a fragrância de manteiga e maçã. O avental branco de Alice deixado no espaldar da cadeira, os cordões se arrastando. Entendi, a gente trabalhou com ele no ano passado, Simon dizia. Não conheço ele direito, mas a equipe fala muito bem dele. E a casa ao redor deles sossegada e firme, com suas tábuas pregadas, com seus ladrilhos claros e polidos sob a luz de velas. E os jardins escuros e silenciosos. O mar respirando pacatamente lá fora, jorrando a maresia através das janelas. E pensar em Alice morando ali. Sozinha, ou não sozinha. Ela estava de pé diante da bancada naquele instante, servindo o crumble em cumbucas com uma colher. Tudo em um só lugar. A vida inteira se entrelaçando dentro daquela casa por uma noite, como um colar que deu nó no fundo da gaveta.

Depois do jantar, Felix saiu para fumar, e Eileen subiu para fazer uma ligação. Na cozinha, Simon e Alice lavavam a louça juntos. Pela janela acima da pia, a silhueta magra e baixinha de Felix de vez em quando ficava visível à medida que perambulava pelo jardim escuro. A ponta acesa do cigarro. Alice estava atenta a vislumbres dele enquanto secava a louça com o pano de prato xadrez e a empilhava nos armários. Quando Simon perguntou como ia o trabalho, ela fez que não. Ah, não posso falar disso, ela declarou. É segredo. Não, eu me aposentei. Não escrevo mais livros. Ele passou a tigela de salada úmida, e ela a enxugou com o pano de prato. Acho difícil de acreditar, ele disse. Felix já não estava visível pela janela, tinha dado a volta pelo outro lado da casa ou estava mais para trás, no meio das árvores. Você vai ter que acreditar, ela explicou. Estou esgotada. Só tive duas ideias boas. Não, era doloroso demais, de qualquer forma. E agora eu sou rica, sabe? Acho que sou mais rica que você. Deixando o pegador de salada no aramado ao lado da pia,

Simon disse: Aposto que é. Alice guardou a tigela e fechou a porta do armário. Paguei a hipoteca da minha mãe ano passado, ela comentou. Eu já tinha te falado? Agora tenho tanto dinheiro que faço tudo meio que ao acaso. Vou fazer outras coisas, tenho meus planos, mas sou muito desorganizada. Simon a olhou, mas ela desviou o olhar, tirando o pegador do aramado, enrolando-o no pano de prato para secá-lo. Foi generoso da sua parte, ele comentou. Ela se constrangeu. É, bom, só estou te falando para você achar que eu sou uma boa pessoa, ela justificou. Você sabe como eu anseio pela sua aprovação. Ela largou o pegador na gaveta de talheres. Eu te aprovo completamente, ele afirmou. Os ombros dela se sacudiram, e ela respondeu, meio que brincando: Ih, não, não é para você me aprovar completamente. Mas pode me aprovar um pouquinho. Ele ficou calado por um instante, limpando uma assadeira com a esponja. Agora irrequieta, ela olhou pela janela de novo e não viu nada. A luz esmaecendo. Silhuetas de árvores. Bom, ela não fala comigo, ela contou. Nenhum deles fala. Simon parou e então pôs a assadeira no corredor. Sua mãe e o seu irmão, ele mencionou. Ela pegou a assadeira e começou a secá-la com o pano, dando batidinhas rápidas e fortes, dizendo: Ou eu que não falo com eles, não me lembro. Tivemos um desentendimento quando eu estava no hospital. Sabia que eles voltaram a morar juntos? Ele deixou a esponja boiar com a água suja até o fundo da pia. Lamento, ele disse. Parece péssimo. Ela deu uma risada bruta, que queimou a garganta, e continuou secando a assadeira. O triste é que me sinto melhor quando não preciso ver eles, ela confessou. Não é uma atitude muito cristã, eu sei. Espero que eles estejam felizes. Mas prefiro estar com quem gosta de mim. Ela sentia que ele a observava ao se agachar e enfiar a assadeira no fundo do armário, fazendo barulho. Não acho que você não seja cristã, ele declarou. Obrigada. Me sinto bem melhor. Ele tirou a esponja do fundo da pia. E como você está?, ela perguntou. Ele sorriu fitando a água suja, um

sorriso resignado. Estou bem, ele disse. Ela continuava a observá-lo. Dando uma olhada nela, ele quis saber, bem-humorado: Que foi? Ela ergueu as sobrancelhas, inócua. Não sei direito qual é a história, ela afirmou. Estou falando de você com a Eileen. Então ele voltou a atenção para a pia. Estamos na mesma, ele respondeu. Ela torcia o pano de prato entre as mãos, pensativa. Mas agora vocês são só amigos, ela disse. Ele assentia, deixando uma espátula no escorredor, respondendo que sim. E você está feliz, ela prosseguiu. Por fim, ele deu uma risada. Eu não iria tão longe, ele disse. Não, acho que no meu caso é aquela velha vida de desespero silencioso. A porta dos fundos se abriu, e Felix entrou, limpando os sapatos no capacho, fechando-a. Está fazendo uma noite linda, ele afirmou. E ouviram o rangido de passos, a sola macia de Eileen na escada. Alice dobrou o pano de prato úmido. Todos estavam ali para vê-la. Por esse motivo, estavam todos em sua casa, sem nenhuma outra razão, e agora que estavam ali não havia muita importância no que faziam ou diziam. Felix perguntou a Simon se ele já fora fumante. Não, achava que não mesmo. Muita cara de saúde. E eu diria que você também bebe muita água, né? Conversas e risadas, essas eram combinações prazerosas de sons no ar. Eileen na porta, e Alice se levantando para lhe servir outra taça de vinho, para lhe perguntar sobre o trabalho. Ela tinha ido vê-la, estavam juntas de novo, agora não importava muito o que diziam ou faziam.

Pouco depois de uma hora da madrugada, foram para a cama. Luzes se acenderam e se apagaram de novo, o barulho de torneiras abertas, cisternas se reabastecendo, portas se abrindo e se fechando. Alice baixou a persiana do quarto, enquanto Felix se sentava na beirada da cama. Ela se aproximou, e ele começou a desabotoar seu vestido. Desculpa, ele disse. Ela pôs a mão na cabeça dele, alisando seu cabelo. Por que você está se desculpando?, ela

indagou. Porque nós brigamos? Ele expirou devagar e por um instante se calou. Mas não foi bem uma briga, foi?, ele questionou. Não ligo. Pode chamar do que você quiser. Não vai acontecer de novo, o que quer que tenha sido. Com tristeza, ela continuou observando-o mais um tempo, depois lhe deu as costas e terminou de desabotoar o vestido. Você está desistindo de mim?, ela perguntou. Ele a viu tirar o vestido pela cabeça e botá-lo no cesto de roupa suja. Ah, não, ele afirmou. Só vou tentar ser legal com você por um tempo. Abrindo o gancho do sutiã, ela soltou uma gargalhada. Pode ser que eu não goste, ela respondeu. Ele se deitou na cama, sorrindo sozinho. É, eu imaginei que não, ele disse. Mas nem sempre a gente consegue o que quer. Ela se deitou ao lado dele. Acariciando o seio dela, ele quis saber: Você está feliz por ela estar aqui, né? A sua amiga. Passado um instante, Alice disse que sim. É, é fofo que vocês se amem tanto, ele comentou. Meninas são assim. Você deveria arrumar um tempo pra ficarem sozinhas enquanto ela está aqui, não deixar os garotos se intrometerem. Alice sorriu. Passamos tempo demais separadas, ela explicou. Agora ficamos tímidas uma com a outra. Ele se virou de barriga para cima e olhou para o teto. Vai passar logo, ele afirmou. E eu gostei dela, aliás. Devagar, Alice passou a mão pelo ombro dele, pelo braço. Você vai ficar mais com a gente amanhã?, ela perguntou. Ele encolheu os ombros. É, por que não?, ele disse. Fechando os olhos, ele repensou e acrescentou: Eu ia gostar.

Aos poucos, a brisa do mar levou a maré para longe da costa, deixando a areia lisa e cintilante sob as estrelas. A alga marinha molhada, desgrenhada, infestada de insetos. As dunas amontoadas e quietas, a grama das dunas achatadas pelo vento frio. A calçada pavimentada que ia até a praia agora em silêncio sob uma película de areia branca, os telhados curvos dos trailers brilhando levemente, carros estacionados desorganizados no gramado.

Depois os parques, o quiosque de sorvete com a veneziana abaixada, e subindo a rua e entrando na cidade, a agência dos correios, o hotel, o restaurante. O Sailor's Friend de portas fechadas, os adesivos nas janelas ilegíveis. Os faróis de um único carro passando. Os faróis traseiros vermelhos como carvão. Mais acima, uma fileira de casas, janelas refletindo as luzes dos postes inexpressivamente, caçambas alinhadas do lado de fora, e depois a estrada costeira que saía da cidade, silenciosa, deserta, árvores se erguendo na escuridão. O mar a oeste, uma vastidão de tecido preto. E a leste, atravessando os portões, o antigo presbitério, azul como leite. Lá dentro, quatro corpos dormindo, acordando, dormindo outra vez. De lado, ou de barriga para cima, com a colcha jogada para baixo, em meio a sonhos que viviam em silêncio. E agora, atrás da casa, o sol já nascia. Nas paredes dos fundos da casa e através dos galhos das árvores, através das folhas coloridas das árvores, e através dos gramados verdes e úmidos, a luz da aurora vazava. Manhã de verão. Água fria na palma da mão em concha.

Às nove horas estavam tomando o café da manhã juntos na cozinha, com nuvens de vapor da chaleira, alarido de pratos e xícaras, o sol entrando em ondas pela janela dos fundos. Em seguida, passos subindo e descendo a escada, e vozes chamando. Alice jogou uma cesta de palha cheia de toalhas de praia no porta-malas do carro, enquanto Felix permanecia encostado no capô. Ela estava de óculos escuros na cabeça, tirando o cabelo úmido do rosto. Ele se aproximou e passou os braços em torno dela por trás, beijou-lhe a nuca, disse alguma coisa em seu ouvido, e ela riu. Com os quatro no carro, de janelas abaixadas, o cheiro de plástico quente e fumaça de cigarro velho, Thin Lizzy no rádio, um estalido de estática. Simon no banco de trás, dizendo a Alice: Não, faz séculos que não tenho notícias dela. O rosto de Eileen na janela aberta, o vento chicoteando seu cabelo com força. Quando estacionaram, a praia adiante estava branca e cintilante, salpicada de banhistas, pessoas de roupa de neoprene, famílias com guarda-sóis e baldes de plástico coloridos. Onze horas de uma terça-feira. Nas dunas, Alice e Eileen esticaram as toalhas na areia, uma laranja, a outra com estampa de conchas em rosa e amarelo. Tirando os calçados, Simon declarou que ia ver como estava a água. Felix, mexendo no cordão do short de natação, sorriu sozinho. Eu sabia que vocêalaria isso, ele disse. Vamos, eu vou junto, por que não? A maré estava vazante e, à medida que caminhavam, a areia ficava mais escura, mais firme sob os pés, encrostada com pedras coloridas e

fragmentos de conchas, algas secas, os resquícios embranquecidos de caranguejos. À frente deles, o mar. O sol caía com força em seus ombros e pescoço. Ao lado de Simon, Felix ficava pequeno e compacto, de cabelo escuro, humilde. A sombra de Simon era mais longa sobre a areia molhada e lisa. Felix começou a perguntar do emprego dele outra vez, indagando o que ele de fato fazia o dia inteiro. Ele respondeu que, em geral, tinha reuniões, às vezes com políticos e às vezes com ativistas e grupos comunitários. A água salgada suave em seus pés, e depois fria nos tornozelos, gelada nos joelhos. Nos últimos meses, Simon contou que vinham trabalhando bastante com uma organização de refugiados. Ajudando eles, Felix disse. Tentando, explicou Simon. A água está sempre fria desse jeito, aliás? Felix riu, batendo os dentes. É, está sempre horrível, ele respondeu. Não sei por que eu entrei, eu nunca entro. E você aluga ou é dono da sua casa em Dublin? Ele cruzava os braços sobre o peito enquanto falava, os ombros tremiam. Sim, eu tenho um apartamento, Simon declarou. Quer dizer, tenho uma hipoteca. Distraído, Felix enfiou a mão através da superfície da água, espirrando uma névoa branca na direção de Simon. Sem levantar a cabeça, ele prosseguiu: É, minha mãe morreu lá no ano passado e deixou a casa pra gente. Mas também tem mais dez anos de hipoteca pela frente. Ele esfregou a nuca com a ponta molhada dos dedos. Não moro lá nem nada, ele acrescentou. Meu irmão está no meio do processo de venda agora. Simon ouvia em silêncio, entrando junto no mar para manter o ritmo, agora com a água batendo na cintura. Ele disse em tom amável que lamentava saber que Felix tinha perdido a mãe. Felix o fitou, fechou um dos olhos, e então voltou o olhar de novo para a água. É, ele concluiu. Simon perguntou como ele se sentia a respeito da venda da casa, e ele soltou uma risada estranha, áspera. É engraçado, ele respondeu. Estou evitando o meu irmão há seis semanas para escapar de assinar a papelada. Não acha louco? Não sei por que estou agindo assim. Eu

não quero morar lá. E preciso muito da grana. Mas eu sou assim, não consigo fazer as coisas do jeito mais fácil. Ele tornou a espirrar a água enfiando a mão nela à toa. Que bom que você faz isso que você estava falando, das pessoas que buscam asilo, ele disse. Deus as ama. Simon pareceu refletir por um instante, depois declarou que se sentia cada vez mais frustrado com o trabalho, porque a única coisa que fazia era participar de reuniões e escrever relatórios que ninguém lia. Mas pelo menos você se importa, argumentou Felix. Muita gente não liga. Simon contou que, embora ele obviamente se importasse, em tese, não parecia fazer muita diferença se esse era o caso ou não era. Em geral, eu continuo com a minha vida como se nada estivesse acontecendo, ele acrescentou. Eu conheço esse pessoal que passou por coisas que não sou nem capaz de imaginar. E por mais que em princípio eu esteja do lado deles, e que eu vá para o trabalho todo dia e cumpra a minha função, na realidade gasto boa parte do meu tempo pensando em... sei lá o quê. Felix gesticulou na direção da costa, para as silhuetas reclinadas de Alice e Eileen. Gente que nem elas, ele sugeriu. Agora sorridente, Simon desviou o olhar e disse que sim, gente que nem elas. Felix o observava com atenção. Você é religioso, né?, quis saber. Simon ficou imóvel por um instante antes de erguer o olhar para ele. A Alice te contou, ele disse, ou é um palpite seu? Felix soltou outra risada alegre. Você se entregou com a culpa católica, ele respondeu. Que nada, ela me contou. Por alguns segundos ficaram calados, seguindo em frente. Em voz baixa, Simon confessou que a certa altura da vida tinha cogitado entrar para o sacerdócio. Felix o fitava, meigo, interessado. E por que não entrou, ele questionou, se você não se incomoda com a pergunta? Simon olhava para a água fria e turva, a superfície rompida aqui e ali por fragmentos de luz refletida. Então explicou: Eu ia falar que achava que a política fosse mais prática. Mas a verdade é que eu não queria ficar sozinho. Felix sorria. Esse é o seu problema, ele concluiu, você é duro

consigo mesmo por não ser mais parecido com Jesus. Você devia fazer que nem eu, ser um idiota e curtir a vida. Simon ergueu a cabeça, sorridente. Você não parece ser idiota, ele declarou. Mas que bom que você curte a vida. Felix entrou um pouco mais na água. Sem se virar para trás, disse alto: Eu sem dúvida fiz muita coisa que não deveria ter feito. Mas não faz sentido ficar chorando por isso, né? Quer dizer, talvez eu chore de vez em quando, mas tento não chorar. Simon o observou por mais um ou dois segundos, a água lambendo seu corpo pequeno e branco. Bom, todos nós somos pecadores, Simon ponderou. Felix se virou e o encarou. Ah, é, ele concordou. Ele caiu na risada outra vez. Esqueci que vocês acreditavam nisso, acrescentou. Umas aberrações completas, não me leve a mal. Anda, a gente não vai nadar se você ficar parado aí. Ele deu mais alguns passos à frente e então mergulhou o corpo inteiro sob a superfície da água, sumindo por completo.

Na costa, Eileen estava sentada, as pernas cruzadas, folheando uma coletânea de contos. Alice estava deitada na toalha ao lado dela, o sol reluzindo em suas pálpebras úmidas. Um sopro de vento tocou a folha do livro de Eileen, e ela a alisou, impaciente. Sem abrir os olhos, Alice perguntou: Então, em que pé está a situação? Eileen a princípio não respondeu, nem levantou a cabeça. Depois disse: Com o Simon, é isso? Não sei em que pé está a situação. Acho que nós somos muito diferentes, sabe? Os olhos de Alice agora estavam abertos, protegidos pela mão aberta, erguendo-se na direção dela. Como assim?, ela quis saber. Eileen franziu a testa para a página de densas letras pretas e fechou o livro. Ele está saindo com outra pessoa, ela explicou. Mas não sei se a gente teria dado certo, de qualquer forma. Nós somos muito diferentes, sabe? Alice continuava de mão levantada, protegendo os olhos do sol. Você já falou isso, mas o que é que isso quer dizer?, ela questionou. Eileen largou o livro e tomou um gole de

água da garrafa. Depois de engolir, ela disse: Você está sendo intrometida. Alice deixou a mão cair e tornou a fechar os olhos. Desculpa, ela disse. Eileen tampou a garrafa, dizendo: É um assunto delicado. Um insetinho pousou na toalha de Alice e saiu zumbindo pelos ares. É compreensível, concordou Alice. Eileen olhava para o horizonte, duas silhuetas agora descendo sob a superfície da água e emergindo, trocando de lugar uma com a outra. Se não desse certo, seria deprimente demais, ela comentou. Alice se apoiou nos cotovelos, cavando dois buraquinhos na areia macia. Mas e se desse certo, contrapôs Alice. Isso é mentalidade de jogo de azar, Eileen retrucou. Alice assentia, os olhos subindo e descendo pela figura sentada da amiga a seu lado. A alça preta fina de seu maiô. Isso é aversão a risco, rebateu Alice. Eileen dava um leve sorriso. Autossabotagem, então, Eileen devolveu. Alice também sorria, inclinando a cabeça para o lado. É discutível de uma forma ou de outra, ela afirmou. Mas ele te ama mesmo. Eileen olhou para ela, dizendo: Quê, ele te falou isso? Alice fez que não. Não, é que é óbvio, ela respondeu. Eileen se inclinou sobre as pernas cruzadas, plantando as mãos na toalha áspera com estampa rosa, as pequenas reentrâncias da coluna vertebral aparecendo através do tecido sintético fino do maiô. Está bem, de certo modo ele me ama, ela admitiu. Porque eu sou a idiotinha que é incapaz de fazer qualquer coisa sozinha, esse é o fraco dele. Ela se endireitou e esfregou os olhos com as mãos. No começo do ano, lá para janeiro ou fevereiro, comecei a ter umas dores de cabeça fortíssimas, ela contou. E uma noite entrei num buraco negro de pesquisar meus sintomas na internet, e me convenci de que era um tumor no cérebro. É uma história totalmente boba, aliás. Bom, eu liguei para o Simon à uma hora da madrugada para falar que eu estava com medo de ter câncer de cérebro, e ele pegou um táxi e foi para a minha casa, e me deixou passar mais ou menos uma hora chorando no ombro dele. Ele nem parecia irritado, estava tranquilo. Não que eu quisesse que ele

se irritasse. Mas será que eu faria a mesma coisa por ele? Se ele me ligasse de madrugada dizendo, ah oi Eileen, tudo bom, fui irracional e me convenci de que tenho uma forma rara de câncer, você não quer vir aqui para eu chorar no seu ombro até eu me cansar e dormir? Não faz nem sentido imaginar como eu reagiria porque é uma atitude que ele jamais tomaria. Na verdade, se ele fizesse isso, eu acharia que tinha mesmo alguma coisa errada no cérebro dele. Alice estava rindo. Você vive com essas histórias de que é hipocondríaca, ela declarou. Mas você nunca me passa essa impressão. Eileen tirara os óculos escuros da bolsa e limpava as lentes na beirada do suéter que tinha usado. Não, é isso o que eu estava querendo dizer, ela explicou. O Simon ganha a escória da minha personalidade. Não sei por que estou criticando ele, eu deveria estar criticando a mim mesma. Que mulher adulta se comportaria desse jeito? É péssimo. Alice afundava os cotovelos na toalha com o semblante contemplativo. Passado um instante, disse alto: Quer dizer que você não gosta de quem você é quando está com ele. Eileen franziu a testa, inspecionando os óculos sob a luz. Não, não é isso, ela objetou. Eu tenho a sensação de que a nossa relação é de mão única. Como se ele estivesse sempre resolvendo as coisas para mim, e eu nunca estivesse resolvendo nada para ele. Assim, é ótimo que ele seja tão prestativo. E eu preciso disso, de certo modo. Mas ele não precisa de nada vindo de mim. Depois de fazer uma pausa, ela complementou: Bom, não importa. Ele tem uma namorada de vinte e três anos que todo mundo diz que é ótima. Alice se deitou na toalha de praia. As silhuetas de Simon e Felix já não estavam mais visíveis de onde Eileen estava sentada, apenas a vasta neblina de luz e água, marolas arrebatando como fios. Atrás deles, o vilarejo cintilava, branco, junto à costa, chegando até o farol, e à esquerda estavam as dunas de areia desertas. Alice pousou as costas da mão contra a testa. Você acha que conseguiria mesmo viver aqui?, Eileen questionou. Alice olhou para ela sem surpresa. Eu

moro aqui, ela respondeu. Uma careta passou pelas feições de Eileen e recuou no mesmo instante. Não, eu sei, ela prosseguiu. Mas estou falando a longo prazo. Em tom sereno, Alice afirmou: Não sei. Eu gostaria. Atrás delas uma jovem família descia do estacionamento cheio de trailers, duas crianças cambaleando à frente de macacões iguais. Por quê?, perguntou Eileen. Alice deu um sorriso. Por que não?, ela retrucou. É lindo, não é? Em voz baixa, Eileen concordou: Claro, obviamente. Olhava a toalha, alisando os vincos com os dedos compridos, enquanto Alice a observava. Você poderia vir morar comigo, Alice sugeriu. Eileen fechou os olhos e tornou a abri-los. Infelizmente tenho que trabalhar para me sustentar, ela disse. Alice hesitou por um instante, depois respondeu com tranquilidade: Não é assim para todo mundo. Os homens estavam saindo da água, reluzentes, refletindo a luz do sol, e conversavam, primeiro em tom inaudível, as sombras se projetando às suas costas na areia, matizadas de azul, e as mulheres se calaram e os contemplaram.

Às duas horas, Felix foi para o trabalho e os outros três passearam pelo vilarejo. Era uma tarde de calor, trechos pretos de piche amolecendo nas ruas, estudantes de último ano vadiavam de uniforme escolar. No brechó beneficente vizinho à igreja, Eileen comprou uma blusa de seda verde por seis euros e cinquenta centavos. Enquanto isso, Felix empurrava um carrinho alto de madeira pelos corredores do depósito, inclinando o corpo para se proteger do mecanismo do carrinho de forma precisa, a fim de conduzi-lo nas curvas, botando o pé esquerdo logo atrás das rodinhas traseiras, enquanto as mãos se afrouxavam e voltavam a se fechar na barra. Fazia esse movimento de modo idêntico várias vezes, sem nunca parecer pensar nele, a não ser quando se enganava no cálculo e o peso do carrinho deslizava por um breve instante, saindo de seu controle. Na cozinha de Alice, Simon preparava o

jantar e Alice incentivava Eileen a escrever um livro. Por alguma razão, Eileen segurava no colo a blusa de seda que tinha comprado mais cedo. De vez em quando, à medida que Alice falava, ela acariciava a blusa, distraída, como se fosse um animal. Demonstrava, por um lado, dar uma atenção profunda e constante à sua conversa com Alice, mas, por outro, mal parecia escutá-la. Ela olhava para os azulejos do chão, aparentemente pensativa, os lábios às vezes se movendo em silêncio como se formasse palavras, mas sem dizer nada.

Após a janta, foram a pé encontrar Felix para tomar um drinque. Uma luz fria se dissipava sobre o mar, azul e ligeiramente amarela. Felix estava na frente do Sailor's Friend quando chegaram, falando ao celular. Acenou para eles com a mão livre, dizendo para o celular: Veremos, vou perguntar. Escuta, eu vou desligar, está bem? Então eles entraram juntos. Ora, se não é o audacioso Felix Brady, exclamou o barman. Meu melhor cliente. Para os outros, Felix disse: Ele acha que está fazendo piada. Os quatro se sentaram em uma mesa perto da lareira vazia, beberam e conversaram sobre as cidades onde já tinham morado. Felix perguntou a Alice sobre Nova York, e ela falou que achava estressante e confuso. Mencionou que todo mundo lá morava em prédios esquisitíssimos, com corredores e escadas que não levavam a lugar nenhum e que nenhuma das portas fechava direito, nem as dos banheiros, nem em lugares caros. Felix contou que se mudara para Londres depois de terminar a escola e que por um tempo trabalhara como barman, passando inclusive um breve período em uma boate de striptease, que, segundo ele, fora o emprego mais deprimente de sua vida. Dirigindo-se a Simon, ele perguntou: Você já foi a uma boate de striptease? Educadamente, Simon disse que não. Lugares horrorosos, comentou Felix. Você deveria dar uma olhada uma hora dessas, no dia em que tiver a sensação de que tudo vai bem no mundo. Simon comentou que nunca morara em Londres, mas tinha

passado um tempinho lá na época da faculdade, e que depois havia morado alguns anos em Paris. Felix perguntou se ele falava francês, e Simon disse que sim, acrescentando que sua companheira na época era parisiense e eles falavam francês em casa. Vocês moravam juntos?, questionou Felix. Simon tomava um gole do copo. Ele fez que sim. Por quanto tempo?, insistiu Felix. Desculpa, parece que estou te entrevistando. É só curiosidade. Simon explicou que foi por uns quatro ou cinco anos. Levantando as sobrancelhas, Felix disse: Ah, entendi. E você está solteiro agora, não está? Simon deu um sorriso sardônico e Felix riu. Eileen trançava uma mecha de cabelo entre os dedos, observando os dois. Estou solteiro, sim, Simon confirmou. Largando a trança pela metade, Eileen interferiu: Bom, você está saindo com uma pessoa. O comentário pareceu interessar Felix, e ele logo voltou seu olhar para Simon. Não, no momento não estou, Simon respondeu. Você está falando da Caroline, nós não estamos mais saindo juntos. Eileen simulou uma expressão de surpresa, abrindo a boca em forma de “o” e depois, talvez para mascarar uma surpresa genuína, voltou a trançar o cabelo. Que misterioso, ela afirmou. Você não ia me contar? Para Felix, ela acrescentou: Ele nunca me conta nada. Simon ficou encarando-a, entretido. Eu ia te contar, ele declarou. Estava só esperando o momento oportuno. Ela soltou uma risadinha, o rosto ficou rosado. Oportuno em que sentido?, ela quis saber. Em tom alegre, Felix deixou o copo na mesa. Agora é que está divertido, ele disse.

Depois de outro drinque, mais outro e mais um, saíram do bar e foram tomar sorvete. Eileen e Alice riam, falando de alguém que detestavam na faculdade, que tinha acabado de se casar com outra pessoa que detestavam na faculdade. Elas sempre foram cruéis assim?, Felix perguntou a Simon. Em tom bem-humorado, Simon respondeu que Eileen era uma boa menina antes de conhecer Alice, e Alice bradou: Eu sabia que você ia dizer isso. A loja da esquina com suas portas automáticas deslizantes, as lâmpadas brancas que

zuniam, os ladrilhos reluzentes do assoalho. Ao lado dos caixotes de frutas e legumes, um mostruário de flores frescas. Temperos em pó, rolos de papel antiaderente, frascos idênticos de óleo vegetal. Alice abriu a porta da geladeira e cada um escolheu um pote de sorvete. Então ela lembrou que precisariam de leite e pão de soda para o café da manhã, e papel-toalha, e Eileen queria pasta de dente. Quando se aproximaram do caixa com esses produtos, Alice tirou a carteira da bolsa e Simon disse: Não, não, deixa comigo. Eileen o viu tirar a carteira do bolso, uma carteira fina de couro, que ele desdobrou com a mão para sacar o cartão. Ao erguer a cabeça, ele a flagrou olhando-o, e ela deu um sorriso encabulado, tocando na própria orelha, e ele retribuiu o sorriso. Em silêncio, Felix ficou observando, enquanto Alice enfiava as compras em uma sacola de pano. Subindo pela estrada costeira, tomaram os sorvetes e falaram se tinham se queimado mais cedo, na praia. Alice e Eileen ficaram para trás, de braços dados, falando de Henry James. Nunca sei o que pensar se não falar com você, Alice afirmou. Simon e Felix caminhavam a passos largos na frente, Felix perguntando da família de Simon, onde ele crescera, de seus namoros anteriores. Com educação e simpatia, Simon respondia às perguntas ou então sorria e dizia apenas: Nada a declarar. Felix assentia, achando graça, a mão no bolso. Só meninas, então, ele constatou. Simon olhou para ele. Perdão?, ele declarou. Com uma expressão serena, Felix retribuiu o olhar. Você só gosta de meninas, ele disse. Por um instante, Simon se calou, e em seguida, com a voz baixa e tranquila, respondeu: Até agora. A gargalhada de Felix ecoava na fachada das casas. Passando pela entrada do estacionamento de trailers, os campos de golfe silenciosos e azuis, o hotel com seu saguão de vidro iluminado, eles caminhavam.

Em casa, trocaram desejos de boa-noite e subiram para os quartos. Na suíte, Alice escovou os dentes, enquanto Felix estava sentado na cama,

verificando as notificações do celular. Sabe a minha amiga Dani?, ele comentou, ela está chamando um pessoal para comemorar o aniversário dela amanhã. Nada muito grande, os sobrinhos dela vão estar lá e tudo o mais. Talvez eu dê as caras, tudo bem? Alice apareceu na porta do banheiro, secando as mãos na toalha. Claro, ela afirmou. Ele assentia, olhando-a de cima a baixo. Você pode vir se quiser, ele acrescentou. E os outros dois. Ela pendurou a toalha e foi se sentar na cama, tirando o colar. Pode ser divertido, ela disse. A Dani não se importaria? Ele se recostou e estendeu o braço para ajudá-la com o fecho. Não, de jeito nenhum, ele declarou. Ela me disse pra falar com você. Alice deixou o colar se enrolar na mão e o pôs na mesa de cabeceira. Bonito ele, não é?, Felix complementou. O seu amigo. O Simon. Alice deu um sorrisinho felino e se deitou na cama. Eu falei que era, ela retrucou. Felix pôs a mão atrás da cabeça, erguendo os olhos para ela. Ele me lembra você, ele devolveu. Cheio dos mistérios. Ela pegou o travesseiro e o usou para bater nele. Infelizmente, desconfio que ele seja heterossexual, ela disse. Enfiando o travesseiro atrás da cabeça, Felix respondeu em tom ameno: É? Veremos. Ela riu, subindo em cima dele. Você não vai me deixar por ele, né?, ela perguntou. Descendo as mãos do quadril dela para as coxas, ele disse: Te deixar? Não, de jeito nenhum. Você não acha que nós três poderíamos nos divertir juntos um pouquinho, não? Ela fazia que não. E onde ficaria a Eileen nessa cena?, ela quis saber. Lá embaixo, tricotando? Felix fez beicinho, pensativo, e então comentou: Eu não vetaria ela. Alice passou o dedo por uma das sobrancelhas pretas dele. É isso o que eu ganho por ter amigos tão lindos, ela concluiu. Ele sorria. Você também não é de se jogar fora, sabia?, ele disse. Vem cá.

Enquanto isso, Eileen estava sentada na cama, olhando no celular uma série de fotografias de casamento que a mãe enviara. No chão, um cardigã despido, o maiô com as alças emboladas, sandálias de fivelas abertas. Na

mesa de cabeceira, um abajur com corta-luz plissado rosa. Quando uma batida suave soou na porta, ela ergueu a cabeça e disse alto: Oi? Simon abriu uma fresta da porta. Seu rosto na sombra, sua mão na maçaneta. Vou só deixar a sua pasta de dente no banheiro, ele anunciou. Durma bem. Com o braço, ela fez um gesto para que ele entrasse. Estou vendo as fotos do casamento, ela mencionou. Ele fechou a porta e se sentou na beirada da cama. O retrato na tela era de Lola e Matthew na frente da igreja, Lola segurando o buquê de flores rosa e brancas. Ficou boa, comentou Simon. Ela passou para a imagem seguinte, o grupo da noiva junto, Eileen de vestido verde-claro, com um meio sorriso. Ah, você está linda, Simon elogiou. Ela se moveu na cama e bateu no colchão para convidá-lo. Ele se sentou ao lado dela, as costas dos dois na cabeceira, e ela continuou passando os retratos. Fotografias da recepção. Lola rindo de boca aberta, uma taça de champanhe na mão. Agora bocejando, Eileen deitou a cabeça no ombro de Simon, e ele passou o braço em torno dela, quente e pesado. Passado um ou dois minutos, ela pôs o celular no colo e deixou os olhos se fecharem. Hoje foi divertido, ela disse. Os dedos dele se moviam distraídos pela nuca dela, pelo cabelo, e ela soltou um leve suspiro de prazer. Hmm, ele concordou. Ela pousou a mão no peito dele, os olhos entreabertos. Então, o que foi que aconteceu com a Caroline?, ela perguntou. Olhando para a mão dela, ele respondeu: Eu falei para ela que tinha outra pessoa. Eileen ficou imóvel, como se estivesse à espera de que ele continuasse. Então disse: Alguém que eu conheça? Os dedos atrás da orelha dela, no cabelo. Ah, só a mesma garota por quem eu sempre fui apaixonado, ele disse. De vez em quando ela gosta de brincar com os meus sentimentos para ter a certeza de que eu continuo interessado. Ela sugou o lábio inferior e o soltou. Que desalmada, ela comentou. Ele estava sorrindo para si mesmo. Bom, a culpa é minha por ter mimado ela, ele explicou. Sou louco por ela. Ela passou a mão pelos botões da camisa dele até chegar à fivela do cinto.

Simon, ela chamou. Sabe a noite em que eu fui na sua casa, quando você estava dormindo. Ele disse que sim. Quando a gente foi pra cama naquela noite, ela prosseguiu, você se virou para o outro lado, de costas pra mim. Lembra disso? Com um sorriso autoconsciente, ele afirmou que sim. Ela delineava a fivela do cinto dele com os dedos. Você não queria me tocar?, questionou. Ele soltou uma espécie de risada, olhando para a pequena mão branca. Não, claro que eu queria, ele respondeu. Mas quando você subiu achei que parecia chateada com alguma coisa. Ela ponderou por um instante. Eu estava, meio que sim, ela admitiu. Acho que eu pensei que me sentiria melhor se a gente dormisse junto. Desculpa se você acha ruim. Mas, quando você virou as costas pra mim, tive a sensação de que talvez você não me quisesse, afinal. Ele descia a mão pela nuca dela. Ah, ele começou. Isso nem me passou pela cabeça. Assim, eu não fazia ideia de que você queria dormir comigo para se sentir melhor. Eu fiz aquilo por mera vontade, e você deixou. Eu nem sabia direito por que você estava deixando, para ser sincero. Acho que eu pensei que talvez fizesse bem à sua autoestima dormir com alguém que te desejava tanto. Eu já tive essa sensação, de ser algo lisonjeiro, ser o objeto de desejo, e talvez seja tão lisonjeiro que chegue a ser sexy em certo sentido. Mas nunca me passou pela cabeça que você fosse considerar que eu não te queria. Acho que é o jeito como eu penso nessas coisas — mesmo quando a gente faz amor, às vezes tenho a sensação de que é algo que eu estou fazendo com você, pelos meus próprios motivos. E talvez você tire um prazer físico inocente disso, tomara que sim, mas para mim é diferente. Eu sei que você vai dizer que é sexismo. Ela ria, a boca aberta. É sexismo mesmo, ela concordou. Não que eu me importe. É lisonjeador, como você falou. Você tem um desejo primitivo de me subjugar e me possuir. É muito masculino, eu acho sexy. Levantando a mão, ele encostou o polegar no lábio inferior dela. Eu sinto isso mesmo, ele disse. Mas, ao mesmo tempo, você tem que querer.

Ela ergueu os olhos para ele, os olhos grandes e escuros. Eu quero, ela declarou. Ele se virou e beijou-a na boca. Por um tempo ficaram assim, um com o braço em torno do outro, a mão dele acariciando o ossinho duro de seu quadril, a respiração quente e úmida no pescoço dele. Quando ele pôs a mão debaixo do vestido dela, ela fechou os olhos e deu um suspiro baixinho. Ah, você está sendo muito boazinha, ele murmurou. Ela soltou um gemido animalesco, estava balançando a cabeça. Meu Deus, ela disse. Por favor. Rindo outra vez, ele perguntou: O que é que você quer dizer com “por favor”? Ela continuou balançando a cabeça no travesseiro. Você sabe o que eu quero dizer, ela rebateu. Ele alisou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Não tenho camisinha, ele disse. Ela disse que tudo bem. Então acrescentou: Contanto que você não esteja transando sem proteção com mais ninguém. As orelhas dele ficaram vermelhas, ele sorria. Não, não, ele disse. Só com você. Posso tirar isso aqui? Ela se sentou e tirou o vestido pela cabeça. Por baixo dele, usava um sutiã branco, e ele estendeu o braço para abri-lo. Observando-o enquanto tirava as alças de seus ombros, ela sentiu um leve arrepio. Ela se deitou de barriga para cima e tirou a calcinha. Simon, ela chamou. Ele estava desabotoando a camisa, olhando para ela com atenção. Você faz isso com todas as suas namoradas?, ela perguntou. Estou falando da maneira como você fala comigo, dizendo que estou sendo boazinha. Você faz muito isso? Não que seja da minha conta, é só curiosidade. Ele deu um sorriso tímido. Não, nunca, ele respondeu. Estou improvisando. Tudo bem pra você? Ela riu e ele também, constrangido. Ah, eu adoro, ela confessou. Eu só fiquei me perguntando, depois da última vez. Vai ver que esse é o estilo dele, vai ver que ele é assim com todas as outras. Ele deixava suas roupas no chão. Não foram tantas mulheres assim, de qualquer forma, ele disse. Não que eu queira estragar a sua fantasia. Ela tampou os olhos, estava sorrindo. Quantas?, ela quis saber. Ele se deitou em cima dela. Não vamos

entrar nessa, ele pediu. Com os braços em torno do pescoço dele, ela interrogou: Menos de vinte? Ele fez uma cara engraçada. Menos, ele confirmou. Sim. É isso o que você acha, vinte? Ela sorriu, lambeu os dentes. Menos de dez?, ela insistiu. Ele respirou com paciência e então retrucou: Achei que você fosse ser boazinha. Ela mordeu o lábio. Estou sendo, disse. Quando ele se mexeu dentro dela, Eileen soltou um ruído ofegante rouco e não falou nada. Ele fechou os olhos. Ah, eu te amo, ele murmurou. Com a voz baixa, quase infantil, ela questionou: Eu sou a única que você ama? Ele beijou a face dela, dizendo: Nossa, meu Deus, é sim.

Depois, ela se virou de bruços, os braços dobrados no travesseiro, a cabeça virada para contemplá-lo. Ele puxou um canto da colcha para se cobrir e se deitou de costas com a mão atrás da cabeça. Ele estava de olhos fechados, suava. Às vezes eu gostaria de ser sua esposa, ela confessou. Ainda recuperando o fôlego, ele sorriu sozinho. Continua, ele pediu. Ela apoiou o queixo nos braços. Mas, quando penso em estar casada com você, ela prosseguiu, imagino muito desse jeito. A gente passa o dia inteiro com os amigos e à noite a gente deita e faz amor. Na vida real você provavelmente estaria sempre viajando, indo a conferências. Tendo casos com as secretárias dos outros. Sem abrir os olhos, ele respondeu que nunca tivera um caso na vida. Mas você nunca foi casado, ela ressaltou. As suas namoradas têm sempre a mesma idade. A esposa envelhece. Ele riu. Que malcriada, ele disse. Se você fosse minha esposa, te ensinaria a ter modos. Ela ficou calada por um instante, observando-o. Então argumentou: Mas, se eu fosse sua esposa, não seríamos amigos. Languidamente, ele abriu um olho para encará-la. Como assim?, ele perguntou. Ela analisou os próprios braços, finos e sardentos por causa do sol. Eu andei pensando nessas situações, ela acrescentou, em que pessoas que são amigas começam a namorar. E geralmente termina mal. É claro que é assim em qualquer caso em que as pessoas se juntam. Mas, na

maioria deles, dá pra bloquear o contato da pessoa e seguir em frente. Mas eu, particularmente, não quero bloquear o seu. Ela se apoiou nos cotovelos, olhando para ele. Lembra quando eu tinha uns catorze ou quinze anos e você me falou que seríamos amigos pelo resto da vida?, ela perguntou. Sei que você não deve se lembrar, mas eu me lembro. Ele estava deitado, imóvel, prestando atenção ao que ela dizia. Claro que sim, ele disse. Claro que eu me lembro. Ela assentiu várias vezes numa sequência rápida, sentando-se no colchão, cobrindo o corpo com a colcha. E como ficaria?, ela questionou. Se a gente ficar junto e terminar... Só dizer isso já é uma dor enorme, eu nem, eu não quero nem pensar nisso. Como tudo do jeito que está... A Alice morando aqui nesse fim de mundo e nossos amigos todos indo embora sem parar, e eu tendo que comprar antibiótico ilegal na internet quando tenho infecção urinária por não ter grana para ir ao médico, e com todas as eleições de todos os cantos da Terra me dando a sensação de que levei um chute no rosto. E ainda por cima não ter você na minha vida? Nossa, não sei. É difícil para mim me imaginar nessa situação. Mas se continuarmos amigos, o.k. sem dormir juntos, mas qual é a probabilidade de um sair da vida do outro? Eu não consigo imaginar, você consegue? Baixinho, ele respondeu: Não. Entendo o que você está querendo dizer. Ela esfregou o rosto com as mãos, balançando a cabeça. Em certo sentido, talvez a nossa amizade seja mais importante, ela declarou. Sei lá. Quando eu morava com o Aidan, às vezes pensava, é meio triste que eu nunca vá saber o que teria acontecido com o Simon. Mas talvez, de certo modo, seja melhor não saber. Um sempre vai fazer parte da vida do outro e sempre vai existir esse sentimento entre nós dois, e é melhor. Às vezes, quando fico muito triste e deprimida, sabe, eu me deito e penso em você. Não no sentido sexual. Penso na bondade que você tem como pessoa. E como você gosta de mim, ou me ama, eu devo ser legal. Eu sinto isso dentro de mim até mesmo agora, descrevendo a você. É que,

quando tudo está péssimo, existe um sentimentozinho do tamanho de uma noz, e ele fica dentro de mim, aqui. Ela apontou a base do esterno, entre as costelas. É que nem saber, quando estou chateada, que posso te ligar e você vai dizer coisas pra me acalmar, ela explicou. E, quando eu penso nisso, em geral nem preciso te ligar, porque eu sinto, assim como estou te descrevendo. Eu sinto que você está comigo. Eu sei que deve parecer idiota. Mas se a gente ficasse junto e terminasse, será que eu não conseguiria mais sentir isso? E o que eu teria nesse lugar aqui dentro? Ela batucou a base do esterno outra vez com os dedos ansiosos. Nada?, ela indagou. Ele ficou deitado, analisando-a, e por alguns segundos permaneceu calado. Depois disse: Não sei. É muito difícil. Entendo o que quer dizer. Com uma expressão desesperada, quase incrédula, ela o encarava. Mas você não está me respondendo nada, ela disse. Ele deu um sorriso autodepreciativo, olhando para o teto. Bom, é complicado, ele confessou. Pode ser que você tenha razão, é melhor fixar um limite e a gente não se colocar mais nessa situação toda. Eu acho muito difícil ouvir você falar essas coisas. Eu fiquei péssimo com a situação da Caroline e quis resolver. Mas, pelo que você está falando, acho que não era bem isso, era outra coisa. Eu entendo suas razões, mas, pelo que você está falando, parece que você não quer ficar comigo de verdade. Ela permaneceu ali, fitando-o, a mão ainda apertada contra o peito. Ele coçou o maxilar e se sentou na cama com os pés no assoalho. Estava de costas para ela. Vou deixar você dormir, ele anunciou. Recolheu as roupas do chão e as vestiu. Ela se sentou na cama, a colcha enrolada no corpo, sem dizer nada. Por fim, ele acabou de abotoar a camisa e se virou para olhar para ela. Quando você apareceu naquela noite, ele disse, depois que eu voltei de Londres, fiquei muito contente de te ver. Não sei se eu falei, talvez sim. Para ser sincero, eu estava nervoso porque estava muito feliz. Ela ficou calada, enxugando o nariz com a mão, e ele assentiu para si, reconhecendo o silêncio dela. Espero que você não se

arrependa, ele declarou. Em voz baixa, ela respondeu: Não. Ele sorriu. Já é alguma coisa, ele afirmou. Fico feliz. Após uma pausa, ele acrescentou: Desculpa por não ter sido capaz de ser o que você queria. Ela o contemplou mais alguns segundos. Então anunciou: Mas você é. Ele riu, os olhos voltados para o chão. O sentimento é mútuo, ele confessou. Mas não, eu entendo. Entendo mesmo. Não vou mais te impedir de dormir. Durma bem, o.k.? Ele saiu do quarto. Eileen ficou imóvel na cama, sentada com os ombros levantados, os braços cruzados. Pegou o celular e o largou sem olhar para ele, afastou o cabelo da testa, fechou os olhos. Sem querer, lembrou-se de um verso de poesia: *“Pois está feito: e que bom que acabou”*. Tinha as axilas úmidas e formigantes, as costas doendo, os ombros ardidos e feridos devido ao sol. Do outro lado do segundo andar, Simon entrou no próprio quarto e fechou a porta. E se no silêncio e na solidão do quarto ele se ajoelha no assoalho de tábuas, estará rezando? E pelo quê? Para ser livre de desejos egoístas — talvez. Ou talvez com os cotovelos no colchão, as mãos entrelaçadas à frente do rosto, esteja pensando apenas: O que você quer de mim? Por favor, Deus, me mostra o que você quer.

Às seis e quarenta e cinco da manhã, o despertador de Felix tocou, um bipe repetitivo e monótono. O quarto estava escuro, as janelas voltadas para o oeste só deixavam entrar uma luzinha branca através das venezianas. Que horas são?, Alice murmurou. Ele desligou o despertador e se levantou da cama. Hora de ir trabalhar, ele anunciou. Volta a dormir. Ele tomou uma ducha no banheiro da suíte e saiu com a toalha ao redor dos ombros, vestindo a cueca. Já vestido, foi até a cama e se curvou para dar um beijo, quente e úmido, na testa de Alice. Até mais tarde, ele se despediu. De olhos fechados, ela respondeu: Te amo. Ele tocou na testa dela com as costas da mão, como se tirasse a temperatura. Ama, sim, ele disse. Ele desceu a escada e foi à cozinha. Eileen estava encostada na bancada, desatarraxando a base da cafeteira. Tinha os olhos inchados e vermelhos. Bom dia, ela cumprimentou. Da porta, Felix a fitou. O que é que você está fazendo de pé?, ele questionou. Ela deu um sorriso cansado e declarou que não tinha conseguido dormir. Analisando o semblante dela, Felix respondeu: Você está mesmo com uma cara meio acabada. Ele abriu a geladeira e pegou um pote de iogurte, enquanto ela despejava na pia a borra de café do dia anterior. Sentando-se à mesa, ele perguntou: Então, você trabalha com o quê? A Alice me contou que você é jornalista ou coisa assim. Eileen fez que não, enchendo o recipiente de água da torneira. Não, não, ela disse. Eu trabalho para uma revista. Sou editora, mais ou menos isso. Felix mexia o iogurte com uma colher. Que tipo

de revista?, ele quis saber. Ela explicou que era uma revista literária. Ah, sei, ele disse. Eu não entendo direito o que é isso. Ela acendia a boca do fogão. É, a gente não tem um público muito grande, ela admitiu. Publicamos poemas, ensaios e coisas assim. Ele perguntou como a revista ganhava dinheiro se era desse jeito. Ah, ela não ganha, ela declarou. Ela é financiada com bolsas. Felix pareceu se interessar. Dos contribuintes, é isso?, ele questionou. Ela se sentou na outra ponta da mesa, dando um leve sorriso. Isso, ela afirmou. Você faz objeção? Depois de engolir, ele disse: De forma alguma. E você também é paga pelos contribuintes, né? Ela assentiu. Mas não muito, ela acrescentou. Ele lambia o avesso da colher. O que é “não muito” pra você?, ele indagou. Ela pegou uma tangerina da fruteira e começou a descascá-la. Uns vinte mil por ano, ela respondeu. As sobancelhas dele se ergueram, e ele pôs o iogurte na mesa. Você não está falando sério, ele retrucou. Depois de abater os impostos? Ela falou que não, antes. Ele balançava a cabeça. Eu ganho mais que isso, ele analisou. Ela deixou uma longa espiral de casca alaranjada na mesa. E por que não ganharia?, ela perguntou. Ele a encarava. Como você faz pra viver?, ele continuou. Ela partiu a tangerina ao meio com os dedos. Volta e meia me pergunto isso, ela respondeu. Ele voltou ao iogurte, murmurando em tom simpático: Puta que o pariu. Depois de mais uma colherada, ele complementou: E você fez faculdade pra isso? Ela estava mastigando. Não, eu fiz faculdade para aprender, ela rebateu. Ele riu. Está certo, ele anunciou. Bom, você deve gostar do seu trabalho, não gosta? Ela inclinou a cabeça de um lado para o outro, insegura, e então disse: Não detesto. Ele assentia, olhando para o pote de iogurte. É aí que está a diferença entre nós, ele apontou. Ela perguntou havia quanto tempo ele estava no depósito, e ele contou que uns oito ou dez meses. A cafeteira começou a chiar, e ela se levantou para verificar. Puxando a manga sobre a mão, serviu duas xícaras e as levou à mesa. Ele ficou observando-a, em seguida disse: Ei,

posso te perguntar uma coisa? Tornando a se sentar à mesa, ela afirmou: Claro. Ele franzira a testa. Por que você veio visitar ela só agora?, ele perguntou. Você mora em Dublin, não fica tão longe assim. E ela está aqui há séculos. A postura de Eileen se enrijecia à medida que ele falava, mas ela não comentou nada, o rosto não revelou nenhuma expressão específica. Em silêncio, ela pôs uma colher de açúcar no café. Pela forma como ela fala de você, ele acrescentou, parece que vocês são melhores amigas. Rápida e calmamente, Eileen respondeu: Nós somos melhores amigas. Às costas dela, um chuveiro salpicava a janela da cozinha. O.k., então por que você demorou esse tempo todo para visitar ela?, ele insistiu. É só curiosidade. Se ela é sua melhor amiga, seria de imaginar que você tivesse vontade de visitar ela antes. O rosto de Eileen estava pálido, assim como as narinas, quando ela respirou fundo e soltou o ar. Você sabe que eu trabalho, ela justificou. Ele fechou um olho naquele instante, franzindo a testa. É, eu também, ele disse. Mas você dificilmente trabalha no fim de semana, né? Agora os braços de Eileen estavam cruzados, as mãos segurando-os através das mangas do robe. E por que ela não foi me visitar?, ela rebateu. Se estava tão a fim de me ver. Ela não trabalha no fim de semana, né? Felix pareceu achar esse comentário peculiar, e o esmiuçou um instante antes de responder. Eu não falei que ela estava a fim de te ver, ele argumentou. Vai ver que nenhuma das duas estava muito a fim de ver a outra, sei lá. É por isso que eu estou perguntando. Agarrando os braços com bastante força, Eileen concluiu: Bom, vai ver que a gente não estava mesmo. Ele fazia que sim com a cabeça. Vocês tiveram alguma desavença?, ele quis saber. Irritada, ela tirou uma mecha de cabelo do rosto. Você não sabe nada sobre mim, ela afirmou. Ele assimilou a fala e passado um instante retrucou: Você também não sabe nada sobre mim. Ela tornou a cruzar os braços. É por isso que não estou te interrogando, ela declarou. Ele sorriu. Está certo, ele respondeu. Ele tomou o último gole de café e se

levantou, pegando o casaco do espaldar da cadeira, onde o deixara na noite anterior. Minha teoria é que pessoas que nem os dois são muito diferentes de você e de mim, ele disse. Você só vai ficar louca tentando fazer com que eles se comportem do jeito que você quer. Eileen o observou por alguns segundos e então refutou: Não estou tentando forçar que eles façam nada. Felix abriu a mochila e enfiava o casaco dentro dela. Você tem que se questionar, ele disse, se eles acabam com a sua cabeça tanto assim, pra que se aborrecer? Ele pôs a mochila no ombro. Deve existir algum motivo da sua parte, ele prosseguiu. Para você se importar. Fitando a xícara de café, ela disse bem baixinho: Vá à merda. Ele deu uma risadinha surpresa. Eileen, ele disse, não estou te atacando. Eu gosto de você, o.k.? Ela ficou calada. Talvez seja melhor você voltar pra cama, ele sugeriu. Você parece cansada. Eu já estou indo, até mais tarde. Do lado de fora, a neblina do chuvisco matinal. Ele entrou no carro, ligou o cd player e saiu da casa. De olho na pista, assobiava junto com a música, vez por outra acrescentando frases musicais e variações à melodia, deixando para trás o desvio que levava ao vilarejo e percorrendo a estrada costeira rumo ao complexo industrial.

Quando Felix chegou em casa naquela noite, sua cachorra veio pulando da cozinha, soltando vários latidos numa sequência rápida, as unhas batendo no laminado. Ao alcançá-lo, ela pulou com as patas da frente nas pernas dele, a língua para fora, ofegante. Ele pôs as mãos na cabeça dela, afagando suas orelhas, e ela soltou outro latido. Shh, ele pediu. Eu também estava com saudades. Tem alguém em casa? Com delicadeza, ele a empurrou de volta para o chão, onde ela correu em círculos e espirrou. Felix cruzou o corredor, e ela trotou atrás dele. A cozinha estava vazia, as luzes apagadas, alguns pratos do café da manhã de molho na pia. Ele se acomodou na cadeira da cozinha e pegou o celular, enquanto a cachorra se sentava a seus pés e deitava

a cabeça em seu colo. Rolava as notificações com uma mão e coçava o cangote dela com a outra. Alice havia lhe enviado uma mensagem que dizia: Ainda vai rolar a festa da Danielle hoje à noite? Fiz bolo por via das dúvidas. Espero que o trabalho tenha sido o.k. Ele abriu o chat e digitou uma resposta rápida: Sim ainda vai rolar. Falei que a gente ia chegar lá por volta das 7 blz? Não crie muita expectativa haha deve ser só um bando de velho e crianças. Mas a dani vai ficar feliz de te ver. A cachorra emitiu um choramingo, e ele voltou com a mão para a cabeça dela, dizendo: Passei só dois dias fora, sabe? Eles estão te dando comida direitinho? Ela afastou a cabeça para lambe a mão dele. Valeu, ele disse. Que nojo. O celular vibrou, e ele o verificou outra vez. Alice perguntava se ele queria jantar com eles, e Felix disse que já tinha comido. Vou passar aí pra te pegar daqui a pouquinho, ele digitou. Ela respondeu: Ótimo. A Eileen está esquisita, só para você saber... Erguendo as sobrancelhas, ele comentou: Ahaha. Eu já sabia, vi ela de manhã. Seus amigos são tão complicados quanto você. Ele se levantou, enfiando o celular no bolso, foi à pia e abriu a torneira de água quente. No lado esquerdo da mão esquerda, abaixo do nó do mindinho, havia um esparadrapo azul. Com a água quente escorrendo, ele o tirou com cuidado e olhou o que estava embaixo. Havia um corte profundo e rosado que passava rente à junta e ia até o outro lado da palma da mão. O chumaço de algodão branco do esparadrapo estava sujo de sangue, mas a ferida já não sangrava. Ele enrolou a atadura e a jogou na lixeira debaixo da pia, em seguida lavou as mãos com sabão e água, estremecendo ao enxaguar a ferida. Ainda sentada aos pés da cadeira da cozinha, a cachorra batia o rabo no chão. Virando-se para olhá-la, secando as mãos com cuidado no pano de prato limpo, ele perguntou: Lembra da Alice? Ela veio aqui algumas vezes, você conhece ela. A cachorra se levantou do chão e se aproximou dele. Não sei se na casa dela pode entrar cachorro, ele ponderou. Vou tentar descobrir pra você. Ele reabasteceu o pote de água dela.

Enquanto ela bebia, ele subiu a escada e foi trocar de roupa, tirando o tênis de corrida preto que usava para trabalhar e o deixando debaixo da cama. Uma calça de moletom preta limpa, uma camiseta branca, um pulôver cinza de algodão. Afixado à porta do quarto, havia um espelho de corpo inteiro, no qual olhou seu reflexo. Com os olhos percorrendo a figura magra refletida, ele balançou a cabeça, como se achasse graça de uma ideia lembrada. Então, no corredor, sentou-se na escada para amarrar o cadarço de um par de tênis brancos. A cachorra saiu da cozinha e se posicionou na frente dele, cutucando-lhe o joelho com a mandíbula comprida e delicada. Você não passou esse tempo todo fechada aqui dentro, né?, ele perguntou. O Gavin disse que ia te levar pra passear ontem. Ela tentou lambe-la a mão dele de novo, e, com um gesto suave, ele tirou o focinho dela de perto. Você está fazendo eu me sentir péssimo, ele declarou. Ela soltou um ganido e deitou a cabeça no último degrau, olhando para cima. Ao se levantar, ele disse: Você tem muita coisa em comum com ela, sabia? Vocês duas são apaixonadas por mim. A cachorra o seguiu até a porta, choramingando, e ele afagou sua cabeça mais uma vez antes de ir embora. Fechou a porta da frente e entrou no carro.

Uma noite quente e sossegada, o azul aparecendo suavemente entre as nuvens brancas. Felix bateu na porta da casa de Alice uma vez antes de abri-la, chamando: Ei, sou eu. Lá dentro, as luzes estavam acesas. Do segundo andar, a voz dela respondeu: A gente está aqui em cima. Ele fechou a porta e deu uma corridinha escada acima. Na extremidade oposta do patamar, Simon estava parado na porta do quarto de Eileen. Ele se virou para cumprimentar Felix, e eles se entreolharam por um instante, Simon com uma expressão resignada, cansada. Oi, bonitão, Felix disse. Simon sorriu e, gesticulando, pediu que Felix entrasse no quarto à sua frente, dizendo: Bom te ver também. Lá dentro, Eileen estava sentada à penteadeira, e Alice estava encostada nela,

abrindo o batom. Felix se acomodou na beirada da cama, observando Eileen se maquiar. Os olhos dele passavam por seus ombros, sua cabeça, seu reflexo no espelho, a expressão ligeiramente rígida no rosto, enquanto Alice e Simon conversavam sobre alguma notícia daquele dia. Brandindo uma pequena varinha de plástico, Eileen cruzou o olhar com o de Felix no espelho e disse: Quer um pouco? Ele se levantou e examinou o objeto. O que é isso, rímel?, ele questionou. Vai em frente, por que não? Ela se movimentou no banquinho para que ele pudesse se acomodar a seu lado. Ele se sentou de costas para o espelho, e Eileen disse: Olha para cima um instantinho. Ele obedeceu. Passou a escovinha pela pálpebra inferior esquerda dele com um gesto delicado do punho.

E você, Simon?, sugeriu Alice.

Da porta, Simon respondeu pacificamente: Não, obrigado.

Ele já é bem bonito sem, Felix disse.

Alice estalou a língua, botando a tampa no batom. Não faça comentários pessoais, ela comentou.

Com a mão no bolso, Simon disse: Não dê ouvidos a ela, Felix.

Eileen afastou a escovinha do rímel, e Felix reabriu os olhos. Virando-se, ele analisou o próprio reflexo no espelho, impassível, e então se ergueu do banco. Algum de vocês sabe cantar, aliás?, ele perguntou. Todos o fitaram. É que às vezes essas coisas envolvem um pouco de cantoria, ele explicou. Vocês não precisam se não souberem, óbvio. Alice contou que Simon participara de um coro em Oxford, e Simon declarou que imaginava que ninguém na festa estivesse a fim de passar catorze minutos escutando a parte do baixo de *Miserere*. E você, Eileen?, Felix indagou. Sabe cantar? Ela tampava o rímel. Ele a encarou, mas ela evitava seu olhar. Não, não sei, ela respondeu. Ela se levantou, alisando o quadril com as mãos. Estou pronta, se todo mundo já estiver, ela anunciou.

No carro, Alice se sentou no banco da frente, segurando o pão de ló embrulhado em plástico-filme em cima de uma travessa. Eileen e Simon se acomodaram no banco de trás, o assento do meio entre os dois. Felix os espiou pelo retrovisor e batucou os dedos no volante com animação. Então, o que é que você faz na academia?, ele quis saber. Remador ou o quê? Simon cruzou seu olhar com o dele no espelho, e Alice virou o rosto, sorrindo ou tentando não rir. Eu faço um pouco de remador, sim, Simon assentiu. Felix perguntou se ele levantava peso, e Simon disse que não muito. Alice começou a rir e fingiu tossir. O que foi?, perguntou Eileen. Nada, ela respondeu. Felix deu seta ao saírem da estrada costeira para entrar na cidade. E qual é a sua altura?, ele prosseguiu. Por curiosidade. Com um sorriso preguiçoso, Simon olhou pela janela. Sem-vergonha, Alice exclamou. Não estou entendendo, afirmou Eileen. Depois de pigarrear, Simon respondeu em voz baixa: Um metro e noventa. Felix sorria nesse momento. Viu, era só uma pergunta, ele disse. Um metro e noventa. E agora eu sei. Batendo com os dedos no volante outra vez, ele acrescentou: Eu tenho coisa de um metro e setenta e cinco, aliás. Não que você ligue pra isso, só estou falando. Do banco de trás, Eileen contou que também tinha um metro e setenta e cinco. Felix analisou-a por cima do ombro e em seguida se voltou para a pista. Verdade?, ponderou. Que interessante. Para uma garota, você é bem alta. Ainda admirando as fachadas das casas de veraneio pela janela, Simon comentou: Acho que é uma boa altura pra quem quer que seja. Felix riu. Valeu, grandalhão, ele agradeceu. Percorriam a rua principal, passando pela entrada dos parques. A gente não precisa ficar muito tempo nem nada, ele observou. Nesse troço. Eu avisei que só íamos dar uma passada. Dando seta mais uma vez, ele acrescentou: E, se vocês entabularem um papo com alguém que falar mal de mim, a pessoa está mentindo. Simon caiu na gargalhada. As pessoas falam mal de você?, Eileen perguntou. Felix a olhou pelo retrovisor de novo,

esperando para virar à direita. Bom, tem gente maldosa no mundo, Eileen, ele justificou. E não caio no gosto de todos, sejamos francos. Ele então dobrou à direita, saindo da rua principal pelos fundos da igreja, e depois de alguns minutos parou em frente a um bangalô, diante do qual já havia alguns carros estacionados. Quando desligou o motor, anunciou: Agora vamos agir como gente normal, está bem? Não vão entrar e ficar falando de política mundial e essas merdas. O pessoal vai achar que vocês são uns monstros. Alice se virou no banco e disse: Os amigos dele são bem legais, não se preocupem. Eileen falou que não sabia nada de política mundial, de qualquer forma.

Felix tocou a campainha, e Danielle atendeu. Usava um vestido curto de verão azul e o cabelo solto. Atrás dela, a casa estava iluminada e barulhenta. Ela os recebeu, e Felix lhe deu um beijo na bochecha, dizendo: Ei, feliz aniversário. Você está ótima. Ela fez um gesto para que ele seguisse adiante, satisfeita. Desde quando você faz elogio?, ela comentou. Alice apresentou Eileen e Simon, e Danielle disse: Vocês estão tão glamorosos, que inveja. Entrem. A cozinha era um ambiente azulejado atrás do corredor, com uma luminária de teto em cima da mesa e uma porta que dava para o jardim dos fundos. Lá dentro, sete ou oito pessoas bebiam em copos de plástico e batiam papo, e da sala de estar ao lado vinha o barulho de música e risadas. Na mesa havia várias latas e garrafas, vazias e fechadas, uma tigela de batatinhas, um saca-rolhas. Um sujeito alto ao lado da geladeira exclamou: Felix Brady, por onde você andou essa semana? Outro homem, que fumava junto à porta dos fundos, chamou: Ele andou cavalgando a nova namorada. Quando o primeiro apontou com o polegar para Alice, o segundo fez cara de arrependido, deu um passo para dentro e disse: Me desculpa, não vi que você estava aí. Alice sorriu e falou que ele não esquentasse com isso. Comendo um punhado de batatinhas, Felix olhou para trás e informou: São amigos dela. Tratem eles bem, eles são meio esquisitinhos. Olhando para Eileen, Danielle balançou a

cabeça. Como é que vocês aguentam ele?, ela questionou. Deixa eu arrumar uma coisa pra vocês tomarem. Alice colocara o bolo na bancada da cozinha e estava tirando o filme plástico. Uma mulher veio da sala carregando uma criança pequena nos braços. Danielle, a mulher disse, a gente está indo antes que esse cara aqui durma. Danielle pôs as mãos nos cachos louros do menino e o beijou na testa. Eileen, ela chamou, esse é o meu sobrinho querido, Ethan. O que é que você acha, ele não é um anjinho? A mulher que carregava o menino estendeu a mão para desenredar o brinco dos dedos dele. Eileen quis saber a idade dele, e a mulher respondeu: Dois anos e dois meses. O colega de casa de Felix, Gavin, estava junto à bancada ao lado de Alice, perguntado se tinha sido ela quem fez o bolo. Felix tirou da carteira um cigarro bolado e convidou Simon em tom casual: Vamos lá fora fumar?

O quintal estava mais fresco e mais sossegado. Alguns passos adiante, no gramado, uma mulher, um homem e uma menininha jogavam uma partida improvisada de futebol, usando moletons como as traves do gol. Felix se encostou à parede, de frente para o gramado, e acendeu o cigarro, e Simon ficou ao seu lado, assistindo ao jogo em andamento. Atrás deles, o fundo da casa ficava escondido pelo amontoado de coisas às escuras da garagem. Cheia de energia, a menina corria entre os dois adultos, driblando a bola, desajeitada. Exalando um bocado de fumaça, Felix disse: Você acha que a Alice deixaria uma cachorra entrar na casa dela? Simon olhou ao redor, atento. Bom, se ela comprar a casa, pode fazer o que bem entender, ele afirmou. Por quê, você tem cachorro? Felix franziu a testa. Ela está pensando em comprar a casa?, ele perguntou. Simon fez uma pausa. Ah, ele soltou. Sei lá. Tive a impressão de que ela comentou isso outro dia, no telefone, mas talvez eu tenha me enganado. Com uma expressão de curiosidade, Felix fitou a ponta acesa do cigarro antes de dar outra tragada. Então respondeu: É, eu tenho uma cachorra. Quer dizer, ela não é minha de verdade. O pessoal que

alugava a casa antes da gente deixou ela pra trás quando saiu, então meio que acabamos ficando com ela. Simon o observava enquanto falava. Ela estava bem magrinha, Felix acrescentou. Tipo, nada saudável. E ela tinha uns medos. Não gostava que ninguém tocasse nela e tal. Ela se escondia em um canto sempre que alguém tirava a comida da geladeira e aí, quando a pessoa saía, ela aparecia e comia. E na verdade ela também tinha uns problemas de agressividade. Sabe como é, se você chegasse perto demais e ela não gostasse, ela te atacava, esse tipo de coisa. Simon fazia que sim devagar. Ele perguntou a Felix se ele achava que algo traumático acontecera com a cachorra. Difícil saber, Felix declarou. Talvez o pessoal de antes tenha sido meio negligente. Ela sem dúvida tinha problemas, mas sabe-se lá de onde eles vieram. Ele bateu a cinza do cigarro e a deixou descer lentamente até o gramado. Mas ela acabou relaxando um pouco, ele explicou. Se acostumou a ser alimentada e a não acontecer nada de ruim, e, no fim das contas, não liga mais quando a gente chega perto. Ela continua não gostando muito que estranhos toquem nela, mas ela gosta quando sou eu. Simon sorriu. Que bom, ele disse. Fico feliz. Felix exalou outra vez, fazendo careta. Mas levou um bom tempo, ele prosseguiu. Os outros caras queriam se livrar dela a certa altura, porque ela se comportava muito mal e não parecia melhorar. E, sem querer me fazer de herói, mas fui eu que falei que a gente devia ficar com ela. Com uma risada, Simon comentou: Pode se fazer de herói, eu não me importo. Reflexivo, Felix continuou fumando. Eu estava pensando se eu poderia levar ela para a casa da Alice, ele acrescentou. Tem donos que não permitem. Mas, se ela vai comprar a casa, é diferente. Não sabia que ela estava considerando isso. Do outro lado do jardim, a menina conseguira chutar a bola entre as traves, e o homem a levantara sobre os ombros, comemorando. Simon os observava sem dizer nada. Felix passou o resto do cigarro na parede a seu lado até apagá-lo e largou a bituca no jardim. Então, o

que foi que aconteceu ontem à noite?, ele perguntou. Simon olhou ao redor. Como assim?, ele disse. Felix deu uma tossidela, vinda do peito. Entre você e a Eileen, ele complementou. Você não precisa me contar, mas pode. A menininha atravessava o jardim em direção à casa, o homem e a mulher andando atrás dela, conversando. Ao passarem ali, o homem acenou com a cabeça e cumprimentou: Como vai a vida, Brady? Felix respondeu: É, nada mal, valeu. Eles entraram, puxando a porta. Então o jardim ficou vazio, a não ser por Simon e Felix, de pé no gramado atrás da garagem. Após um longo silêncio, Simon baixou os olhos na direção dos pés e declarou: Eu não sei direito o que aconteceu. Felix deu uma risada. O.k., ele disse. Vou resumir: você entrou no quarto dela depois que a gente chegou em casa, não foi? E aí, um tempinho depois, você voltou para o seu quarto, e hoje os dois estão deprimidos. É só isso o que eu sei, então me conta. Você transou com ela ou não? Simon passou a mão no rosto, com aparência cansada. Certo, ele disse. Não teceu mais nenhum comentário, e Felix instigou: Não foi a primeira vez, eu imagino. Simon abriu um sorriso abatido. Não, ele concordou. Não exatamente. Felix enfiou as mãos no bolso, fitando o rosto de Simon. E depois?, ele quis saber. Vocês brigaram? Não que eu tenha escutado, aliás. Se teve briga, foi do tipo mais comedido. Simon esfregava a nuca com a mão. Não teve, ele declarou. A gente só conversou. Ela falou que prefere que continuemos amigos. Só isso. Não brigamos por isso. De sobranceiras erguidas, Felix o encarava. Puta que o pariu, ele exclamou. Ela soltou isso depois de vocês terem acabado de transar? Que comportamento é esse? Simon soltou uma risada sem jeito, abaixou a mão, desviou o olhar. Bom, todo mundo faz coisas que não deveria fazer, ele disse. Acho que ela está infeliz, só isso. Felix franziu a testa por um ou dois segundos. Olha você outra vez, ele disse. Tentando ser que nem Jesus. Simon soltou outra risada forçada. Não, ele rebateu, Jesus resistiu à tentação, pelo que eu me lembro.

Agora sorrindo, Felix estendeu o braço para tocar na mão de Simon, que permitiu. Descendo pela parte inferior do punho, em direção à palma da mão, Felix roçou as costas dos dedos dele lentamente. Alguns segundos transcorrem em silêncio. Baixinho, Simon afirmou: Ela é uma amiga muito querida. A Alice. Felix caiu na risada e soltou a mão dele. Que fofura você falar isso, ele comentou. Como assim? Simon ficou ali, com o semblante tranquilo, cansado. É só que eu gosto muito dela, ele respondeu. Admiro ela. Felix deu outra tossida, balançando a cabeça. Você quer dizer que se eu fizer mal a ela vai quebrar minha cabeça a chutes, ele concluiu. Simon tocava no próprio punho, no mesmo lugar onde Felix o tocara, girando-o na mão como se doesse. Não, ele rebateu, não foi nada disso o que eu quis dizer. Mas você poderia, ele disse. Quebrar a minha cabeça. Fácil. Ele se empertigou e virou para mirar o jardim. Se ela é tão sua amiga, ele questionou, por que nesse tempo todo que ela está morando aqui você nunca tinha visitado ela? Surpreso, Simon afirmou que vinha tentando se organizar para visitar Alice desde fevereiro, e que ela sempre dizia que estava viajando ou que a data não era boa. Também convidei ela pra ir me visitar e ficar na minha casa, completou. Mas ela falou que estava ocupada. A impressão que eu tinha era de que ela não queria me ver. Não estou falando isso em tom de acusação, eu achava que talvez ela quisesse um tempo. A gente estava se vendo bastante, sabe, antes de ela ir embora de Dublin. Felix assentia. Quando ela estava no hospital, né?, ele perguntou. Simon o fitou por um tempo, e concordou: Isso. Felix enfiou as mãos no bolso e se afastou por um instante, sem rumo, antes de voltar à parede e ficar de frente para Simon. Então esse tempo todo você estava insistindo com ela, dizendo que queria ver ela, e ela falava, não, estou ocupada?, ele indagou. Simon retrucou: Sim, mas é como eu disse, não tem nada de errado nisso. Felix sorriu. Não te magoou?, ele insistiu. Simon retribuiu o sorriso. Não, não, ele respondeu. Eu sou bem adulto quanto a

essas coisas. Chutando a parede com a ponta do tênis, Felix prosseguiu: Como ela ficou no hospital? Ficou mal, não foi? Simon pareceu refletir sobre a pergunta, depois respondeu: Ela me parece bem melhor agora. Felix se distanciou outra vez, foi muito além da garagem para dar uma olhada na casa. Bom, ele disse, se você encontrar com ela aí dentro, avisa que eu quero falar com ela. Simon fez que sim e por alguns segundos não disse e nem fez nada. Então endireitou as costas e voltou para dentro.

Na cozinha, Alice estava perto de Danielle, comendo uma fatia de bolo em um pratinho de papelão. Mexendo nele com o garfo, ela analisou: Deu uma solada, mas o gosto está bom. Fechando a porta atrás de si, Simon falou que parecia uma delícia. O Felix está lá fora, ele acrescentou. Acho que ele quer falar com você. Danielle riu. Meu Deus, ela exclamou. Ele já está bêbado? Ele fica profundo e grandioso quando bebe. Servindo-se de uma fatia de bolo, Simon esclareceu: Não, acho que ele não está bebendo. Mas ele estava mesmo profundo e grandioso. Alice deixou o prato na bancada. Parece mau sinal, ela comentou. Já volto. Enquanto ela estava fora, Danielle perguntou a Simon com o que ele trabalhava, e ele começou a lhe contar de Leinster House, fazendo-a rir. Você pode achar que é horrível, ele disse, mas é pior do que você pensa. Eileen estava na sala, explorando a conta de Spotify ligada aos alto-falantes, um homem olhando por cima de seu ombro e pedindo: Música de verdade, por favor. Lá fora, Alice fechou a porta dos fundos e chamou no jardim vazio: Felix? Ele olhou de trás da garagem. Ei, ele respondeu. Estou aqui. De braços cruzados, ela pisou no gramado. Na parede, ele esticava o papel de enrolar cigarro e pegava uma pitada de tabaco de um saquinho plástico. Sabe por que eles estão esquisitos?, ele perguntou. O outro par? Eles ficaram juntos ontem à noite, e então ela virou e falou que queria ser só amiga dele. O drama na sua casa é inacreditável. Alice estava encostada à parede, vendo-o enrolar o cigarro. Foi o Simon que te contou?,

ela questionou. Ele selou o papel com a umidade da língua e o fechou. Foi, ele confirmou. Por quê, o que foi que ela te contou? Observando-o acender o cigarro, Alice respondeu: Ela só falou que era um erro. Mas não entrou em detalhes. Eu vi que ela estava chateada, não quis insistir. Examinando as próprias unhas, ela acrescentou: Ela diz que é impossível conversar com ele. Ela acha que ele cresceu numa família emocionalmente repressiva e que é ferrado da cabeça. Que não consegue falar do que ele precisa. Felix começou a rir, a tossir. Caramba, ele disse. Que dureza. Eu não diria que ele é ferrado da cabeça. Gosto dele. Eu meio que dei um pouquinho em cima dele aqui fora, e ele começou a falar que você é uma grande amiga dele e que te admira muito. Mas ele ficou tentado, deu pra perceber. Eu estava a ponto de dizer, relaxa, ela está de acordo. Alice também estava rindo. Meu Deus, como ele é ingênuo, ela comentou. Você acha que ele tem baixa autoestima? Felix franziu a testa e respondeu: Não. Talvez ele esteja perdendo um pouco a vontade de viver. Mas baixa autoestima, acho que não. E ele também não é tão ingênuo assim. Ele é que nem você. Tem uma autoestima boa, só odeia a vida dele. Alice estava sorrindo, tirando migalhas da saia do vestido. Eu não odeio a minha vida, ela retrucou. Felix expirou uma nuvem de fumaça e a dispersou com a mão. Você me falou que odiava, ele disse. Da última vez que a gente saiu para fumar um cigarro juntos. Lembra? Antes de Roma. Você estava fumando naquela vez. Ela enfiou o cabelo atrás das orelhas, constrangida. Ah sim, ela assentiu. Eu falei que odiava a minha vida? Felix falou que tinha certeza. Bom, vai ver que na época eu odiava, ela justificou. Mas agora não odeio. Ele não comentou nada, olhando para a mão enquanto fumava. Então disse: Aqui, olha o que foi que aconteceu comigo no trabalho hoje. Ele estendeu a mão para mostrar a ferida profunda na horizontal sob a junta do dedo mindinho. O corte estava mais escuro agora, curando-se, já a pele ao redor estava vermelha e inflamada. Estremecendo, Alice agarrou o

rosto. Felix mexeu a mão, como se examinasse o machucado de ângulos diferentes. Eu só reparei quando comecei a espalhar sangue, ele contou. Ergueu os olhos para ela, viu a cara que ela fazia e acrescentou: Essas merdas acontecem o tempo todo lá, não doeu tanto assim. Ela segurou a mão dele sem se pronunciar e a levou à bochecha. Ele deu uma risada insegura. Ah, você é tão mole, ele disse. É só um corte, eu não deveria nem ter te mostrado.

Dói agora?, ela perguntou.

Não, não dói nada. Só quando eu lavo a mão que arde um pouco.

Não é justo, Alice decretou.

Você acha tudo injusto.

A porta dos fundos se abriu, e Alice deixou a mão de Felix escorregar de sua face, embora ainda a segurasse entre as suas. Passado um instante, outro homem pisou no gramado ali perto. Era alto, tinha um cabelo louro-avermelhado, usava uma camisa estampada justa. Ao vê-los, caiu na risada, e Felix se calou.

Estou interrompendo alguma coisa?, questionou o homem.

Não esquenta, disse Felix. Não sabia que você estava aí.

O homem tirou um maço de cigarros do bolso e acendeu um. Essa deve ser a sua nova namorada, ele analisou. Alice, não é? Estavam falando de você lá dentro. Alguém achou uma matéria sobre você na internet.

Ela encarou Felix, mas ele não retribuiu o contato visual. Minha nossa, ela soltou.

Você tem um pessoal muito fã seu na internet, o homem complementou.

É, acredito que sim, ela respondeu. Tem também muita gente que me odeia e deseja o meu mal.

O homem pareceu aceitar o comentário com neutralidade. Não vi ninguém agindo assim, ele afirmou, mas acho que acontece com qualquer um. Como vão as coisas, Felix?

Não tenho do que reclamar.

Como foi que você arrumou uma namorada famosa?

Tinder, ele declarou.

O homem exalou uma torrente de fumaça. É? Eu estou sempre lá e nunca vejo ninguém famoso. Você não vai nos apresentar?

Alice lançou um olhar inseguro para Felix, que parecia totalmente à vontade.

Alice, esse é o meu irmão, ele anunciou. Damian. Você não precisa apertar a mão dele nem nada, pode só acenar com a cabeça de longe.

Ela fitou o homem com certa surpresa. Ah, que prazer te conhecer, ela cumprimentou. Vocês não são nada parecidos.

Ele retribuiu o sorriso. Vou encarar como um elogio, ele disse. Ouvi dizer que vocês foram a Roma algumas semanas atrás, não foi isso? Você deve ter arrebatado ele, Alice. Ele não é do tipo que faz viagens românticas.

Na verdade ele estava me acompanhando em uma viagem a trabalho, ela explicou.

Damian parecia achar a conversa toda cada vez mais divertida. Ele foi junto nos seus eventos de livro e tal, foi?

Alguns deles, confirmou Alice.

Ora, ora. Além de tudo ele deve ter aprendido a ler desde a última vez que nos encontramos.

Não, Felix argumentou. Mas por que eu me daria ao trabalho, ela pode me contar as partes boas pessoalmente.

Ignorando o irmão, Damian analisou Alice de cima a baixo com certa curiosidade. Depois de dar mais um trago no cigarro, ele disse: Que anos loucos você teve, né?

Acho que sim, ela respondeu.

É, eu tenho uma amiga que é muito fã sua, na verdade. Ela falou que o seu filme deve estar pra sair, está mesmo?

Educadamente, Alice esclareceu: O filme não é meu, é só baseado em um dos meus livros.

Botando a mão nas costas de Alice, Felix anunciou: Ei, você está incomodando ela falando dessas coisas. Ela não gosta.

Damian assentiu, inabalável, sorrindo sozinho. Ela não gosta, ele repetiu. Dirigindo-se a Alice, ele continuou: Ele não está sendo legal, sabia? Ele realmente não faz a menor ideia de quem você é. Ele nunca leu um livro na vida.

Ela não curte muito conhecer gente que gosta de ler, declarou Felix. Esse pessoal nunca deixa ela em paz.

Damian deu outra tragada no cigarro. Passado um instante, contou a Alice: Sabia que ele tem me evitado?

Alice olhou para Felix, que fitava os pés, balançando a cabeça.

É que quando a nossa mãe morreu, Damian prosseguiu, ela deixou a casa pra nós dois, né? Juntos. E nós concordamos em vender. Você entende? Você é uma moça inteligente, tenho certeza de que sim. Bom, eu não posso vender sem a assinatura dele em um bando de documentos. E, nas últimas semanas, ele simplesmente desapareceu. Não atende aos meus telefonemas, não responde às mensagens, nada. Por que você acha que ele está agindo assim?

Alice disse baixinho que não era da conta dela.

Imaginava que ele fosse ficar feliz com um dinheirinho no bolso, Damian acrescentou. Ele vive com a grana curta.

Tem mais alguma coisa que você queira dedurar, aproveitando que está aqui?, Felix quis saber.

Ignorando-o, Damian continuou, reflexivo: Teve uma época em que o Tom Heffernan deu uma baita grana pra ele. Um velho que mora na cidade com a

esposa. Vai saber por quê. Qual é a ligação entre eles, você sabe?

Felix balançava a cabeça de novo, atirando a bituca no gramado com um peteleco, e, à luz decrescente vinda do leste do céu, seu rosto corou.

Olha, você parece ser uma menina legal, Damian comentou. Talvez legal demais, né? Não deixe ele te enganar, é esse o meu conselho.

Com frieza, Alice respondeu: Fico pensando o que te leva a achar que eu ia querer conselhos seus.

Felix caiu na risada, uma gargalhada alta e extravagante. Damian se calou por um instante, fumando devagar. Em seguida, disse: Você está com a vida resolvida, né?

Ah, eu diria que estou me saindo bem, ela rebateu.

Agora em tom conciliador, ainda sorridente, Felix declarou: Olha, Damian. Eu apareço amanhã de manhã antes do trabalho e faço isso. Combinado? Aí você pode parar de me azucrinar. Pode ser?

Ainda olhando para Alice, Damian assentiu: Tudo bem. Ele deixou o cigarro cair na grama. Deus ajude vocês dois, ele acrescentou. Dando as costas, voltou para dentro da casa. A porta estalou ao se fechar. Felix saiu de trás da garagem como se quisesse verificar que ele fora embora, e então entrelaçou os dedos e apoiou as mãos atrás da cabeça. Ela ficou observando.

É, ele explicou. Damian. A gente se odeia, aliás, não sei se eu já tinha dito. Não tinha.

Ah, entendi. Desculpa.

Felix tirou as mãos da cabeça e as deixou soltas junto ao corpo, ainda de olho na porta pela qual o irmão saíra, de madeira com vidraças amarelas.

Nunca fomos bons amigos, ele complementou. E teve a situação toda com a minha mãe doente, é. Eu não vou entrar no assunto porque senão vou passar a noite inteira contando os detalhes. Mas, de qualquer forma, não temos nos

dado muito bem nos últimos anos. Se eu soubesse que você ia esbarrar com ele, teria te dado mais informação.

Ela continuou muda. Ele se virou para encará-la, a expressão de nervosismo ou infelicidade.

Eu sei ler, aliás, ele declarou. Não sei por que ele foi por esse caminho de dizer que eu sou analfabeto e tal. Não sou ótimo de leitura, mas sei ler. E acho que você não liga muito pra isso, de qualquer forma.

Claro que não.

É, ele sempre foi melhor do que eu na escola, então acho que ele gosta de tocar nesse assunto na frente das pessoas. Ele é um desses caras que tem que rebaixar os outros para se sentir o fodão. A mamãe criticava isso nele, e ele não gostava. Bom, não interessa. O pior de tudo é que ele me irrita. Estou irritado agora.

Lamento.

Ele a fitou de novo. Não é culpa sua, ele disse. Você foi legal. Eu ficaria um tempo assistindo vocês dois discutindo, essa parte eu achei engraçada. Essa é a graça de você ser tão intimidadora, eu curto quando se comporta assim com os outros.

Ela olhou para o chão e comentou em tom baixo: Eu não curto.

Não? Nem um pouquinho, talvez?

Não, não curto.

Por que é que você age assim, então?, ele questionou.

Intimidando os outros? Não é intencional.

Ele franziu a testa. Mas você sabe como age, ele rebateu. Deixando as pessoas mortas de medo. Você sabe do que eu estou falando. Não estou tirando uma com a sua cara.

Você pode até achar difícil de acreditar, ela disse, mas, quando eu conheço as pessoas, tento ser legal.

Ele soltou um gritinho risonho, e Alice reagiu suspirando, encostando-se à parede, tampando os olhos.

Essa informação é tão divertida assim?, ela perguntou.

Se você está tentando ser legal, por que vive fazendo comentários sarcásticos?

Não vivo fazendo.

Não, mas faz quando te convém, ele afirmou. Não estou dizendo que você seja alguém horrível nem nada disso. É só que as pessoas não ficariam chateadas com você.

Ela retrucou em tom mordaz: Sim, você já falou isso.

Ele ergueu as sobrancelhas e passou alguns segundos em silêncio. Por fim, disse em tom ameno: Caramba, estou sendo atacado por todos os lados esta noite. Ela abaixou a cabeça, como se estivesse desanimada ou cansada, porém não respondeu. Você não é uma pessoa fácil de lidar, ele acrescentou, mas você já sabe disso.

Felix, é demais eu pedir que você pare de criticar a minha personalidade?, ela perguntou. Não quero que você fique me bajulando. Não precisa falar nada sobre mim. Mas não acho o feedback negativo muito útil.

Ele a observou com incerteza por alguns segundos. Está bem, ele concordou. Não era minha intenção te chatear.

Ela se calou. Seu silêncio parecia incomodá-lo, e ele enfiou as mãos no bolso e as tirou outra vez.

É, é que nem o Damian falou, ele complementou. Você acha que eu não te valorizo. Faz sentido, talvez eu não valorize mesmo.

Ela continuou muda, analisando os pés. Ele estava irrequieto, impaciente, aflito.

Está vendo, você está acostumada a ser tratada de outro jeito, ele prosseguiu. Por pessoas que sabem quem você é, te acham muito importante

e tal. E aí, quando eu te trato do jeito normal, você não gosta. Eu acho, para ser sincero, que você vai encontrar alguém que te valorize mais e então vai ser mais feliz.

Após uma longa pausa, ela disse: Acho que vou entrar agora, se você não se importar.

Ele olhou para o chão, franzindo a testa. Não posso te impedir, ele declarou.

Ela atravessou o gramado em direção à casa. Antes que chegasse à porta, ele pigarreou e disse alto: Sabe, mais cedo, quando eu ferrei com a minha mão, a primeira coisa que pensei foi, aposto que a Alice não vai ficar feliz com isso.

Ela se virou para ele antes de responder: E eu não fiquei.

É, ele continuou. E é legal ter alguém que se preocupe com essas coisas. Eu sou fatiado semana sim, semana não, naquele lugar, e não tenho muita gente pra falar, ih, deve ter doído, o que foi que aconteceu? E, olha, talvez tenha certas coisas em você que eu não seja capaz de valorizar, e às vezes não gosto do tom que você usa comigo, já admiti isso. Mas digamos que você estivesse sozinha lá em cima, na sua casa, e não estivesse passando bem, ou que tivesse se machucado, sei lá, eu gostaria de saber. E, se você quisesse que eu fosse lá e cuidasse de você, eu iria. E eu tenho certeza de que você agiria do mesmo jeito. Isso não basta por enquanto? Talvez não baste pra você, mas basta pra mim.

Eles se entreolharam. Me dá um tempo pra pensar, Alice pediu.

Dentro da casa, uma abelha grande entrara na sala e duas amigas de Danielle soltavam gritinhos e riam, tentando conduzi-la janela afora. Simon estava sentado à mesa da cozinha com a prima de Danielle, Gemma, que segurava no colo a menina que antes jogava futebol. E você prefere a escola, Simon perguntava, ou prefere estar de férias? Eileen estava junto à bancada,

esguichando vodca em um copo de plástico, enquanto o homem com quem conversara mais cedo dizia: Não é grande coisa, mas vale a pena ficar de olho. Felix e Alice tinham entrado pela porta dos fundos, Felix cortava uma fatia do bolo de aniversário, Alice vestia o cardigã, dizendo alegremente: Que jardim lindo lá fora. Ela pôs a mão, sem pensar, com carinho, no ombro de Simon, e ele ergueu a cabeça para ela, curioso, meio sorridente, e nenhum deles se pronunciou.

Às dez horas, Danielle bateu na taça com uma colher e disse que cantariam algumas canções. Aos poucos, o ambiente foi ficando em silêncio, as conversas diminuíram, as pessoas vinham da sala para escutar. Uma prima de Danielle começou cantando “She Moved Through the Fair”. Quem conhecia a letra cantou junto, enquanto outros murmuravam a melodia. Da porta, Eileen fitava Simon enquanto ele permanecia encostado à geladeira ao lado de Alice, segurando uma taça de vinho. Danielle pediu a Felix que ele fosse o próximo. Canta “Carrickfergus” pra gente, pediu Gavin. Felix deu um bocejo desinteressado. Vou cantar “The Lass of Aughrim”, ele anunciou. Largou o prato de papelão que estava segurando, pigarreou e começou a cantar. Sua voz era cristalina e melodiosa, com uma pureza tonal, ascendendo para preencher a quietude e depois descendo bastante, adquirindo um tom tão baixo que quase tinha um toque de silêncio. Do outro lado da cozinha, Alice o observava. Como estava encostado à bancada, debaixo do lustre do teto, o cabelo, o rosto e a silhueta magra do corpo inclinado estavam banhados em luz, e os olhos estavam escuros, assim como a boca. Por alguma razão, pelo tom grave e profundo de sua voz, ou pela letra melancólica da canção, ou talvez por alguma associação de ideias que a melodia lhe trazia à cabeça, os olhos de Alice se encheram de lágrimas ao assisti-lo. Ele a admirou por um instante e depois desviou o olhar. Sua voz ao cantar era estranhamente similar à sua voz normal, as pronúncias eram iguais, mas com os súbitos graves

ressoantes. Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Alice, e seu nariz também escorria. Ela sorriu, como se achasse graça do próprio ridículo, mas as lágrimas continuaram a se derramar mesmo assim, e ela enxugou o nariz com os dedos. O rosto dela estava rosado e reluzia de umidade. A canção terminou e um único instante de silêncio transbordou no som de gritinhos e aplausos. Gavin enfiou os dedos na boca para assobiar, demonstrando sua aprovação. Felix se apoiou na pia, de olho em Alice, e ela o fitou, quase dando de ombros, envergonhada. Ela enxugou as bochechas com as mãos. Ele sorria. Você fez ela chorar, disse Gavin. As pessoas voltaram-se para Alice e ela riu, sem jeito, e a risada pareceu ficar presa na garganta. Estava enxugando o rosto outra vez. Ela está bem, Felix afirmou. Danielle pediu outra canção, mas ninguém se ofereceu. Difícil ir depois dele, alguém comentou. Gemma, a prima de Danielle, sugeriu “The Fields of Athenry”, e todos começaram a conversar entre si. Felix estava atrás da mesa e se servia de vinho em um copo de plástico. Entregando a bebida a Alice, ele perguntou: Você está legal, não está? Ela fez que sim, e ele acariciou as costas dela, consolando-a. Não esquenta, ele acrescentou. Em geral são as senhorinhas que choram com essa música, mas a gente abre uma concessão. Você não sabia que eu cantava, né? Bom, eu era bem melhor antes de estragar a voz fumando. Ele falava sem pensar, quase desatento, e acarinhava as costas dela com a mão, como se não estivesse se ouvindo. Olha aí, o Simon não está chorando, Felix apontou. Ele não deve ter ficado impressionado comigo. Sorrindo, Simon falou baixinho: Cheio de talentos. Alice soltou outra risadinha, bebericando do copo. Atrevido, rebateu Felix. Da porta da sala de estar, Eileen os assistia, Felix com a mão nas costas de Alice, Simon parado ao lado dela, os três conversando. E, pelas janelas, o céu continuava a se apagar, escurecer, a terra vasta girando, devagar, sobre o próprio eixo.

Estava um breu quando saíram da casa de Danielle, sem postes na rua, e Eileen acendeu a lanterna do celular para conseguirem atravessar a entrada da garagem. O carro, com as portas já fechadas, estava silencioso e quente. Felix, você canta lindamente, Eileen comentou. Ele ligou os faróis e começou a dar ré até a rua. É, foi pra você, ele declarou. Bom, pra vocês dois, já que são daqui de perto. Aughrim. Não são? Não que eu saiba do que a música fala, para ser sincero. Eu achava que fosse um homem cantando para uma mulher, mas no refrão parece que é uma mulher cantando. Diz que o amor dela está frio em seus braços. Deve ser uma daquelas canções antigas que tem letras diferentes que acabaram se misturando. Mas é uma música triste, seja lá sobre o que for. Simon perguntou se ele além de cantar tocava algo, e Felix respondeu: Um pouco. Principalmente violino. E sou razoável no violão, se precisar que eu toque. Alguns amigos tocam em casamentos e tal. Eu já fiz isso, mas pelo lado musical não é a minha praia. Você passa a noite inteira tocando Celine Dion ou coisa assim. Alice falou que não fazia ideia de que ele era uma pessoa tão musical. É, ele disse. Mas acho que todo mundo daqui é assim. Só em Dublin que tem gente sem ouvido pra música. Não levem a mal. Dando uma olhada em Alice antes de voltar a atenção para a pista, ele prosseguiu: Então quer dizer que você anda pensando em comprar a casa, é? Eu não sabia. Do banco de trás, Eileen levantou a cabeça. Perdão, o quê?, ela questionou. Alice passava hidratante labial, satisfeita, um pouco embriagada.

Pensando, ela ressaltou. Ainda não me decidi. Eileen caiu na gargalhada, e Alice se virou no banco para encará-la. Não, ótimo, afirmou Eileen. Fico feliz por você. Você está se mudando para o interior. Alice a fitava, confusa. Eileen, eu já moro no interior, ela retrucou. A gente está falando da casa onde moro agora. Eileen sorriu, balançando a cabeça. Não, sem dúvida, ela concordou. Você veio pra cá tirar férias e agora vai ficar de férias para sempre. Por que não? Simon observava Eileen, que sorria para Alice. Sério, Eileen acrescentou. Que ótimo. A casa é incrível. Pé-direito altíssimo, uau. Devagar, Alice fazia que sim. Entendi, ela respondeu. Bom, eu ainda não tomei nenhuma decisão. Ela guardou o hidratante labial na bolsa. Não sei por que você está falando que eu estou de férias, ela complementou. Sempre que vou trabalhar, você manda um e-mail me censurando, dizendo que eu deveria estar em casa. Eileen ria outra vez, o rosto esvaziando-se de cor. Desculpa, ela disse. Eu tinha compreendido mal a situação, agora entendi. Simon continuava a fitá-la, e ela se virou para ele com um sorriso radiante e falso, como se dissesse: o que foi? Felix comentou que, antes de comprar a casa, Alice deveria arrumar alguém para vigiá-la, e Alice afirmou que o local precisaria de várias reformas de qualquer modo, sem dúvida. Estavam passando pelo hotel, as janelas iluminadas do saguão, e pela estrada costeira.

Já em casa, Eileen foi direto para o quarto, enquanto os três continuavam no corredor. Seus lábios estavam pálidos, a respiração curta e entrecortada ao acender o abajur na mesa de cabeceira. A janela escura do quarto refletia a elipse cinza-claro de seu rosto, e ela fechou a cortina com um gesto abrupto, os aros raspando o trilho. Do primeiro andar, o som de vozes, Alice dizendo: Não, não, eu não. Simon deu uma resposta indistinta em voz baixa, e então os outros dois riram, as gargalhadas altas subindo a escada. Eileen esfregou os dedos nas pálpebras fechadas. O barulho da porta da geladeira se abrindo suavemente e um tinido como o de um copo. Ela desfez o nó na cintura do

vestido, o linho amassado e amaciado depois de um dia de uso, cheirando a filtro solar e desodorante. Lá embaixo, o ruído de uma porta se abrindo. Ela puxou o vestido dos ombros, respirando fundo pelo nariz e soltando o ar por entre os lábios, e então pôs uma camisola azul listrada. O barulho do primeiro andar estava mais baixo agora, as vozes misturadas. Sentada na beirada do colchão, tirou os grampos do cabelo. Lá embaixo, alguém atravessava o corredor, assobiando. Ela tirou uma presilha preta e longa do cabelo e a largou com um estalido no armarinho da mesa de cabeceira. Sua mandíbula estava fechada com força, os dentes de trás rangendo. Do exterior da casa, o barulho do mar, baixo, repetitivo, e o ar se movendo suavemente através da folhagem cheia e pesada das árvores. Penteou o cabelo já solto de qualquer jeito, com os dedos, e então se deitou na cama e fechou os olhos. Um estouro nítido veio do primeiro andar, como o de uma rolha se abrindo. Ela encheu o pulmão de ar. As mãos se fecharam em punhos e se abriram novamente, esticando os dedos sobre o edredom, duas, três vezes. A voz de Alice outra vez. E os outros dois rindo, os homens rindo, da coisa qualquer que Alice dissesse. Com um solavanco rápido, Eileen ficou de pé. Puxou o robe amarelo acolchoado do encosto da cadeira e enfiou os braços nas mangas. Ao descer a escada, amarrou a faixa do robe, deixando-a frouxa na cintura. No fim do corredor, a porta da cozinha estava fechada, a luz acesa, um aroma doce e forte de fumaça no ar. Ela pôs a mão na maçaneta da porta. Lá dentro, Alice dizia: Ah, sei lá, faz meses. Eileen abriu a porta. O ambiente estava aquecido e mal iluminado, Alice sentada numa cabeceira da mesa, Felix e Simon sentados juntos, encostados à parede, dividindo um baseado. Todos ergueram os olhos para Eileen, surpresos, parecendo ter cautela, enquanto ela estava de robe na porta. Corajosa, ela sorriu. Posso participar?, ela questionou.

Por favor, Alice respondeu.

Depois de puxar uma cadeira e se sentar, Eileen perguntou: Do que é que vocês estão falando?

Felix lhe passou o baseado por cima da mesa. A Alice estava contando dos pais dela, ele explicou.

Eileen deu uma tragada rápida e exalou, assentindo, tudo em seu semblante e postura demonstrando o esforço para se animar.

Bom, você já sabe, Alice disse a Eileen. Você já encontrou com eles.

Hmm, Eileen concordou. Muito tempo atrás. Mas continua.

Voltando-se para os outros, Alice prosseguiu: Com a minha mãe, é menos complicado, porque ela e o meu irmão têm uma proximidade sufocante. E a minha mãe nunca gostou muito de mim, de qualquer forma.

É?, Felix comentou. Engraçado. A minha mãe me adorava. Eu era o menino de ouro dela. É triste, na verdade, porque acabei virando um ferrado. Mas ela era louca por mim. Vai saber por quê.

Você não é ferrado, rebateu Alice.

Felix voltou-se para Simon: E você? Era o queridinho da mamãe?

Bom, eu sou filho único, Simon respondeu. Minha mãe sem dúvida gostava muito de mim, sim. Quer dizer, ela gosta muito de mim. Ele girava a base da taça de vinho sobre o tampo da mesa. Não é a relação mais fácil da minha vida, ele acrescentou. Acho que às vezes ela fica meio confusa e frustrada comigo em relação à minha carreira, por exemplo, às decisões que eu tomei. Imagino que ela tenha amigas com filhos da mesma idade que eu, e que todos eles sejam médicos e advogados e já sejam pais. E eu continuo sendo basicamente um assessor parlamentar sem namorada. Assim, não censuro a minha mãe por ficar confusa. Eu também não sei o que foi que aconteceu com a minha vida.

Felix deu uma tossidela e perguntou: Mas você tem um cargo bem importante, não tem?

Simon o encarou, como se a pergunta fosse inesperada, e rebateu: Nossa, não. Nem um pouco. Não que eu ache que minha mãe seja obcecada com status, aliás. Tenho certeza de que ela adoraria ter um filho médico, mas não acho que ela está decepcionada comigo por não ter tido essa vontade. Felix lhe passou o baseado, e ele aceitou. Não temos conversas sérias, ele complementou. Ela não gosta que as coisas fiquem sérias, sabe, ela só quer que todos se deem bem. Eu acho que de certo modo ela me acha intimidador. O que faz com que eu me sinta péssimo. Ele deu um trago curto e, depois de expirar, acrescentou: Sempre que eu penso nos meus pais, sinto culpa. Eu sou o filho errado pra eles, a culpa não é deles.

Mas também não é culpa sua, Alice declarou.

Eileen acompanhava a conversa com atenção, o maxilar firme, ainda num sorriso amarelo.

E você, Eileen?, disse Felix. Você se dá bem com os seus pais?

A pergunta pareceu surpreendê-la. Ah, ela soltou. Então, após uma pausa: Eles não são maus. Eu tenho uma irmã louca de quem os dois morrem de medo. E ela fez da minha vida um inferno quando éramos crianças. Mas de resto eles são legais.

A irmã que se casou, constatou Felix.

É, essa mesma, ela confirmou. Lola. Ela não é má, só caótica. E talvez um pouco má de vez em quando. Ela era muito popular na escola e eu, um fracasso. Eu literalmente não tinha nenhum amigo. Pensando agora, acho que foi sorte eu não ter me matado, porque eu considerava isso sempre. Por volta dos catorze, quinze anos. Tentei conversar com a minha mãe, mas ela falou que não tinha nada de errado comigo e que eu estava fazendo drama. Nesse ponto ela hesitou, olhando para a superfície nua da mesa. Então prosseguiu: Eu acho mesmo que eu teria me matado, mas, com quinze anos, encontrei uma pessoa que quis ser minha amiga. E ele salvou a minha vida.

Baixinho, Simon disse: Se é verdade, fico contente.

Felix se empertigou, surpreso. O quê?, ele exclamou. Foi você?

Eileen dava um sorriso mais natural agora, ainda meio pálida e abatida, mas curtindo a repetição do histórico familiar. Éramos vizinhos quando a gente estava crescendo, sabia, ela contou. E teve um verão, quando o Simon voltou da faculdade, em que ele foi ajudar o meu pai na fazenda. Não sei por quê. Acho que os seus pais mandaram.

Em voz baixa e bem-humorada, Simon explicou: Não, acho que na época eu tinha acabado de ler *Anna Kariênina*. E eu queria trabalhar numa fazenda para ser como o Liévin. Ele tem aquelas experiências profundas cortando a grama com uma foice ou sei lá com o quê, e isso o leva a crer em Deus. Eu não me lembro dos detalhes agora, mas essa foi basicamente a minha ideia.

Eileen ria, mexendo no cabelo com as mãos. Você foi mesmo trabalhar com o Pat porque achava que fosse ser como em *Anna Kariênina*?, ela questionou. Eu nunca soube disso. Acho que, se você era Liévin, éramos os mujiques. Dirigindo-se aos outros novamente, ela continuou: Bom, foi assim que o Simon e eu viramos amigos. Eu era uma das meninas camponesas que moravam perto da propriedade da família dele. Satisfeito, Simon murmurou: Eu não usaria esse termo. Eileen desdenhou da intervenção com um muxoxo. E os nossos pais se conhecem, obviamente, ela acrescentou. Na verdade, minha mãe tem complexo de inferioridade em relação à mãe do Simon. Todo ano, na véspera de Natal, o Simon e os pais dele vão lá tomar um drinque e temos que esfregar a casa inteira, de cima a baixo, antes que eles cheguem. E botamos toalhas especiais no banheiro. Esse tipo de coisa, sabe?

Agora fumando de novo, encostado à parede, Felix perguntou: E o que eles acham da Alice?

Eileen olhou para ele. Quem, os meus pais?, ela quis confirmar. Ele fez que sim. É, ela começou. Eles se encontraram algumas vezes. Não se

conhecem muito bem nem nada.

Com um sorriso, Alice declarou: Eles me reprovam.

Felix riu. É sério?, ele exclamou.

Eileen fazia que não. Não, ela explicou. Eles não reprovam. Eles só não te conhecem direito.

Eles não gostavam que a gente morasse juntas na faculdade, Alice prosseguiu. Queriam que a Eileen fizesse amizade com moças boazinhas de classe média.

Eileen soltou o ar com uma espécie de risada bruta. E disse para Felix: Acho que eles consideravam a personalidade da Alice meio desafiadora.

E, agora que sou bem-sucedida, eles ficaram ressentidos de mim, Alice acrescentou.

Não sei de onde você tirou essa ideia, rebateu Eileen.

Bom, eles não gostavam que você fosse me visitar no hospital. Não é?

Eileen balançava a cabeça outra vez, puxando o lóbulo da orelha num gesto impensado. Não tinha nada a ver com o fato de você ser bem-sucedida, ela corrigiu.

Tinha a ver com o quê, então?, Alice questionou.

Felix pareceu ter se esquecido de que estava fumando, e deixou o baseado se apagar entre os dedos. Erguendo os olhos para ele, Eileen anunciou: Quando a Alice voltou de Nova York, ela não me avisou que estava vindo, entende? Eu mandei um monte de e-mails e de mensagens, passei semanas sem ter notícias, fui ficando muito preocupada, com pânico de que alguma coisa ruim tivesse acontecido com ela. E esse tempo todo ela estava a cinco minutos da minha casa. Apontando para Simon, ela prosseguiu: Ele sabia. Eu era a única que não. E ela pediu que ele não me contasse, então ele teve que me aguentar reclamando de não ter notícias, e enquanto isso ela estava morando na porra da Clanbrassil Street.

Com a voz contida, Alice declarou: Obviamente não foi uma época muito boa pra mim.

Eileen assentiu, com o mesmo sorriso radiante e forçado. É, ela disse. Também não foi muito boa pra mim, já que o meu companheiro de três anos tinha terminado comigo e eu não tinha onde morar. E a minha melhor amiga não estava falando comigo, e meu outro melhor amigo estava estranhíssimo porque não podia me contar nada.

Eileen, Alice respondeu calmamente, com o devido respeito, eu tinha sofrido um colapso nervoso. É, eu sei. Eu me lembro porque, quando você foi internada no hospital, eu ia te visitar praticamente todo dia.

Alice se calou.

O fato de que meus pais não gostavam que eu fosse te visitar tantas vezes não tinha nada a ver com o seu sucesso, Eileen repetiu. Eles simplesmente não te achavam uma boa amiga. Lembra quando você teve alta e falou que ia passar algumas semanas fora de Dublin pra descansar? E agora parece que você não estava indo passar algumas semanas longe, você estava indo embora pra sempre. O que todo mundo, menos eu, deve ter percebido. Mas você não precisa me manter informada das coisas, óbvio. Eu sou só a idiota que entrou no cheque especial pegando ônibus pra te ver no hospital todo dia. É, acho que os meus pais diriam que você não dá a mínima pra mim.

Simon abaixara a cabeça, enquanto Eileen falava, mas Felix continuava observando as duas. Alice a fitava do outro lado da mesa, áreas coradas explodindo nas bochechas.

Você não faz ideia do que eu passei, Alice rebateu.

Eileen riu, uma risadinha irritada. Eu poderia dizer exatamente a mesma coisa pra você, não?, ela questionou.

Alice fechou os olhos e os abriu em seguida. Entendi, ela declarou. Quer dizer que um cara de quem você não gostava de verdade terminou com você.

Deve ter sido duro.

Da cabeceira oposta da mesa, Simon advertiu: Alice.

Não, Alice continuou. Vocês não fazem ideia. Não venham me dar sermão. Nenhum de vocês entende alguma coisa da minha vida.

Eileen se levantou e deixou a cadeira cair no chão, batendo a porta da cozinha depois de sair. Simon se endireitou, observando-a sair, e Alice o fitou, impassível. Vai, ela disse. Ela precisa de você, eu não.

Retribuindo o olhar, Simon retrucou em um tom de voz pacífico: Mas nem sempre foi assim, né?

Vai se foder, Alice respondeu.

Ele continuou encarando-a. Eu sei que você está brava agora, ele afirmou. Mas acho que você também sabe que o que você está falando não é certo.

Você não sabe nada sobre mim, ela rebateu.

Olhando para a superfície da mesa, ele pareceu sorrir. Está bem, ele anunciou. Ergueu-se e saiu da cozinha, fechando a porta sem fazer barulho. Alice pôs os dedos nas têmporas por um instante, como se a cabeça doesse, e em seguida se levantou e foi até a pia, onde enxaguou a taça. Não dá pra confiar nas pessoas, ela comentou. Sempre que você acha que pode, elas jogam as coisas na sua cara. O Simon é o pior deles. Sabe qual é o problema dele? É sério, se chama complexo de mártir. Ele nunca precisa que ninguém faça nada por ele, e acha que isso faz dele um ser superior. Mas na verdade ele leva uma vida triste, estéril, fica sozinho no apartamento dizendo a si mesmo que boa pessoa ele é. Quando eu estava doente, uma noite liguei para ele, e ele me levou para o hospital. Só. E agora eu tenho que ouvir sobre isso sempre que nos encontramos. O que foi que ele fez da vida? Nada. Pelo menos posso dizer que dei alguma contribuição ao mundo. E ele se considera superior a mim porque uma vez atendeu ao telefone. Ele sai por aí fazendo amizade com gente instável só para se sentir bem. Principalmente mulheres,

principalmente as mais novas. E, se elas não têm grana, melhor ainda. Sabia que ele é seis anos mais velho do que eu? O que foi que ele fez da vida?

Felix, calado fazia bastante tempo, continuava sentado no banco com as costas apoiadas na parede, mexendo na garrafa de cerveja. Nada, ele respondeu. Você já disse. Eu também não fiz nada, então não sei por que acha que eu me importo com isso. Alice ficou parada diante da bancada da pia, de costas para ele, observando-o pelo reflexo da janela da cozinha. Aos poucos ele percebeu que ela o fitava, e seus olhares se cruzaram. Que foi?, ele perguntou. Não tenho medo de você. Ela baixou os olhos. Vai ver é porque você não me conhece tão bem assim, ela declarou. Ele deu uma risada inesperada. Ela se calou. Ele continuou olhando para as costas dela por mais alguns segundos. O rosto muito pálido, ela pegou uma taça de vinho vazia do corredor e a segurou por alguns instantes antes de derrubá-la com força nos azulejos. A parte arredondada do vidro caiu no chão com um estrondo e se despedaçou em cacos, já a haste permaneceu basicamente intacta e rolou em direção à geladeira. Em silêncio, ele a analisava, imóvel. Se você está pensando em fazer alguma coisa pra se ferir, ele disse, não se dê ao trabalho. Você só vai fazer uma cena e não vai se sentir melhor depois, de qualquer forma. As mãos dela agarravam a bancada da pia, os olhos estavam fechados. Bem baixinho, ela respondeu: Não, não se preocupe. Não vou fazer nada com vocês todos aqui. Ele ergueu as sobrancelhas e olhou para a própria bebida. Então é melhor eu ficar, ele prosseguiu. Os nós dos dedos dela ficaram brancos devido à força com que ela segurava a bancada. Eu sinceramente acho que você não liga a mínima se eu estou viva ou morta, ela declarou. Felix deu um gole na cerveja e engoliu. Eu deveria estar bravo por você falar comigo assim, ele comentou. Mas qual é o sentido? Você nem está falando comigo de verdade. Na sua cabeça, ainda está falando com ela. Alice se curvou sobre a pia, o rosto enfiado entre as mãos, e ele se levantou do banco

para ir até ela. Sem se virar, ela anunciou: Se chegar perto de mim, eu bato em você, Felix. Bato mesmo. Ele parou ali, junto à mesa, enquanto ela se manteve de pé, com a cabeça contra os braços. O tempo passou assim, em silêncio. Por fim, ele saiu de trás da mesa e puxou uma das cadeiras da cozinha, deslocando alguns dos cacos maiores dos azulejos. Por alguns segundos, ela continuou de pé encostada à pia, como se não tivesse escutado sua aproximação, e então, sem olhar para ele, sentou-se. Estava trêmula, batia os dentes. Em uma espécie de gemido baixinho, ela disse: Meu Deus. Estou com a sensação de que vou me matar. Ele estava encostado à mesa, observando-a. É, eu já senti isso, ele respondeu. Mas não fiz nada. E você também não vai fazer. Ela ergueu a cabeça para ele, o rosto com uma expressão amedrontada, penitente, envergonhada. Não, ela concordou. Imagino que você tenha razão. Desculpa. Ele deu um sorriso fraco e baixou os olhos. Está tudo bem, ele respondeu. E eu ligo, sim, se você está viva ou morta, aliás. Você sabe muito bem que eu ligo. Ela continuou fitando-o por longos segundos, seus olhos desatentos percorrendo o corpo dele, as mãos, o rosto. Desculpa, ela repetiu. Estou com vergonha. Eu achava — sei lá, eu achava que estivesse começando a melhorar. Desculpa. Ele se sentou no tampo da mesa. É, você está melhorando, ele argumentou. Foi só um... sabe-se lá como chamam isso, um surtozinho. Você toma alguma coisa? Antidepressivo ou algo assim? Ela fez que sim. É, declarou. Prozac. Ele a analisou, ali sentada na cadeira, com compaixão. Ah é?, ele disse. Você está se dando muito bem com ele, então. Quando eu tomava esse troço, não tinha nenhuma libido. Ela riu, e suas mãos tremiam, como se fosse uma trégua após um desastre evitado. Felix, ela lamentou, nem acredito que falei que ia te bater. Estou me sentindo uma monstra. Não sei nem o que dizer. Mil desculpas. Calmamente, ele a encarou. Você não queria que eu chegasse perto de você, foi só isso, ele afirmou. Não sabia o que dizia. E você é caso

pra psiquiatra, não se esqueça. Confusa, ela mirou as próprias mãos trêmulas. Mas eu pensava que já não fosse mais, ela confessou. Ele deu de ombros, tirando o isqueiro do bolso. Bom, você continua sendo, ele disse. Está tudo bem, leva tempo. Ela tocou nos lábios, observando-o. Quando foi que você tomou Prozac?, ela perguntou. Sem erguer os olhos, ele respondeu: Ano passado, passei um ou dois meses tomando e depois parei de novo. E eu estava fazendo coisas bem piores do que quebrar umas taças de vinho, acredite. Arrumava briga o tempo todo. Idiotices. Ele raspou o polegar na rodinha do isqueiro. Você e sua amiga vão ficar bem, ele concluiu. Alice olhou para o colo e desabafou: Não sei. Acho que é uma daquelas amizades em que uma pessoa se importa mais que a outra. Ele apertou o botão para acender a chama e o soltou. Você acha que ela não se importa com você?, ele questionou. Alice continuava fitando o colo, alisando a saia com as mãos. Ela se importa, ela declarou. Mas não é como antes. Ele desceu da mesa e foi até a porta dos fundos, evitando os cacos grandes. Escancarando a porta, encostou-se à moldura e contemplou o jardim úmido, respirando o ar fresco da noite. Por um tempo, os dois permaneceram calados. Alice se levantou, pegou uma pá e uma escova debaixo da pia para varrer o vidro. Os cacos mais finos haviam se espalhado mais longe, debaixo do aquecedor, entre a geladeira e a bancada, cintilando, prateados, ao refletir a luz. Quando acabou de limpar, despejou o conteúdo da pá em uma folha de jornal, enrolou e pôs na lixeira. Felix ainda estava apoiado na moldura da porta, olhando para fora. É a mesma coisa que você pensa de mim, ele comentou. É interessante que seja igual. Ali dentro, ela se empertigou e o encarou. Quê?, ela perguntou. Ele inspirou fundo e exalou antes de responder. Você acha que a Eileen não se importa com você tanto quanto o contrário, ele explicou. E você pensa a mesma coisa de mim, que você se importa mais. Vai ver que foi por isso que você começou a gostar de mim, sei lá. Uma parte de mim acha que você se

odeia. Tudo o que você está fazendo, se mudando pra cá sozinha, sem carro nem nada, se envolvendo sentimentalmente com um qualquer que conheceu na internet, é como se você estivesse tentando causar a própria infelicidade. E talvez você queira alguém pra ferrar com você e te magoar. Pelo menos faria sentido você me escolher, porque acha que sou do tipo que faria isso. Ou que gostaria de fazer. Ela estava parada diante da pia, sem dizer nada. Devagar, ele balançou a cabeça. Bom, eu não vou fazer isso, ele afirmou. Se é o que você quer, lamento. Ele pigarreou e acrescentou: E não acho que você gosta mais de mim. Acho que a gente se gosta no mesmo grau. Eu sei que não demonstro muito no meu comportamento, mas posso tentar melhorar nesse quesito. E vou tentar. Eu te amo, está bem? O rosto dela tinha uma expressão esquisita, pasma, ao escutá-lo, a mão encostada na bochecha. Apesar de eu ser caso pra psiquiatra, ela mencionou. Ele riu, de costas eretas, fechando a porta. É, ele respondeu. Apesar de nós dois sermos.

Depois de sair da cozinha, Simon subira a escada e ficara um instante parado à porta de Eileen. De dentro vinha um soluço forte e irregular, pontuado por tomadas de fôlego. Delicadamente, bateu à porta com as costas da mão, e fez-se um silêncio repentino. Ei, ele disse alto, sou só eu. Posso entrar? O barulho de choro recomeçou. Ele abriu a porta e entrou. Eileen estava deitada de lado, com os joelhos contra o peito, uma das mãos no cabelo, a outra escondendo os olhos. Simon fechou a porta e foi se sentar do outro lado da cama, perto dos travesseiros. Não acredito que esta seja a minha vida, ela declarou. Ele a fitava com uma expressão simpática. Vem cá, ele chamou. Ela soluçou outra vez e segurou o cabelo com força. Com a voz grossa, ela retrucou: Você não me ama. Ela não me ama. Eu não tenho ninguém na vida. Ninguém. Não acredito que eu preciso viver assim. Não entendo. Ele pôs a mão larga e quadrada na cabeça dela. Do que é que você está falando?, ele questionou. É claro que eu te amo. Vem cá. Por um instante

ela esfregou o rosto com força, sem falar, e depois, do mesmo jeito tenso e irritado, moveu-se e pousou a cabeça no colo de Simon, a bochecha no joelho dele. Melhor assim, ele afirmou. Ela franzia a testa, coçando os olhos com os dedos. Eu estrago tudo que existe de bom na minha vida, ela acrescentou. Tudo. Ele continuou acariciando o cabelo dela, afastando as mechas úmidas do rosto. Estraguei tudo com a Alice, ela continuou. E com você. Com isso, ela deu outro soluço, tampando os olhos. Ele passava a mão devagar pela testa dela, pelo cabelo. Você não estragou nada, ele disse. Ignorando o comentário, ela parou para tomar fôlego e prosseguiu: Quando a gente estava bebendo na cidade, ontem — Ela se interrompeu de novo para respirar e, com certo esforço, continuou: Me senti feliz pela primeira vez na vida. Eu cheguei a pensar isso, pela primeira vez na vida estou feliz. Às vezes acho que estou sendo castigada, como se Deus estivesse me castigando. Ou talvez seja eu mesma, sei lá. Porque sempre que me sinto bem, nem que seja por cinco minutos, alguma coisa ruim acontece. Que nem na sua casa, uma semana dessas, quando a gente viu tevê junto. Eu deveria ter imaginado que estragaria tudo depois, porque estava sentada no seu sofá pensando, não me lembro da última vez que me senti feliz desse jeito. Sempre que alguma coisa muito boa acontece, minha vida tem que desmoronar. Vai ver que sou eu, vai ver que eu é que faço isso. Não sei. O Aidan não me aguentou. E agora a Alice também não, e você também não aguenta. Em voz baixa, Simon murmurou, pacífico: Aguento, sim. Impaciente, Eileen enxugou as lágrimas que ainda escorriam dos olhos. Sei lá, vai ver que eu não sou uma pessoa muito boa, ela argumentou. Vai ver que eu não penso nos outros como penso em mim mesma. Com você, por exemplo. Pelo que sei, você é mais infeliz do que eu, só que nunca diz isso. E você é sempre legal comigo. Sempre. Até mesmo agora que estou chorando no seu colo. Quando foi que você chorou no meu colo? Nunca, você nunca chorou. Com ternura, ele a olhou, as sardas

na maçã do rosto, a orelha quente e rosada. Não, ele concordou. Mas nós somos diferentes. E não sou infeliz, não se preocupe. De vez em quando fico triste, mas tudo bem. Ela balançou a cabeça sem tirá-la do colo dele. Mas eu não cuido de você como você cuida de mim, ela disse. Ele passava lentamente o polegar pela maçã do rosto dela. Bom, vai ver que eu não sou muito bom de me permitir receber cuidados, ele respondeu. As lágrimas haviam cessado, e ela permaneceu deitada no colo dele, calada por um tempo. Até que perguntou: Por que não? Ele deu um sorriso sem jeito. Sei lá, ele disse. Bom, acho que a gente estava falando de você. Ela virou o rosto para observá-lo. Queria que a gente falasse de você, pra variar, ela pediu. Olhando-a de volta, ele ficou um instante quieto. Lamento que você pense que Deus está te castigando, ele declarou. É uma coisa que eu não creio que ele faria. Ela o encarou durante mais alguns segundos e em seguida contou: Quando a gente estava no trem, outro dia, escrevi uma mensagem pra Alice dizendo, eu queria que o Simon tivesse me pedido em casamento dez anos atrás. Ele ficou em silêncio, aparentemente pensativo. Quando você tinha dezenove anos, ele constatou. Você teria aceitado? Ela deu uma risada fraca e encolheu os ombros. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Se eu tivesse bom senso, teria, ela respondeu. Mas agora não lembro se eu tinha ou não bom senso nessa idade. Imagino que eu teria achado extremamente romântico, então talvez sim. A vida teria sido melhor, sabe? Do que a vida que eu tive. Ele assentia, com um sorriso irônico, meio triste. A minha também, ele disse. Desculpa. Ela segurou a mão dele, e ficaram um tempo em silêncio. Eu sei que a Alice te chateou, ele disse. Ela passava o polegar pelas juntas dos dedos dele. Na cozinha, hoje de manhã, o Felix me perguntou por que eu ainda não tinha visitado ela, Eileen comentou. E eu comecei a dizer, bom, o que é que impedia a Alice de ir me ver? Onde ela estava? Ela não está cheia de coisa pra fazer. Sempre que tivesse vontade, ela poderia ter pegado o

trem para ir me visitar. Se ela me ama tanto, por que se mudou pra cá, pra começo de conversa? Ninguém a obrigou. É como se ela tivesse feito um esforço enorme para dificultar nossos encontros, e agora ela está acalentando as mágoas, se convencendo de que eu não ligo pra ela. Quando, na verdade, foi ela quem foi embora. Eu não queria que ela fosse. Com esse último comentário, Eileen voltou a chorar, as mãos cobrindo o rosto. Eu não queria que ela fosse, ela repetiu. Simon acariciava seu cabelo, emudecido. Sem olhar para cima, ela declarou numa voz sofrida: Por favor, não me abandone. Alisando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela, ele murmurou: Não, nunca. Claro que não. Por mais um, dois minutos, ela continuou chorando, e ele ficou quieto, com a cabeça dela no colo. Por fim, ela se sentou ao lado dele na cama, secando o rosto com a manga. Eu nunca fui muito bom nisso, ele ressaltou. Em deixar que cuidem de mim. Com uma risadinha frágil, ela retrucou: Pois observe e aprenda. Eu sou especialista nisso. Distraído, ele sorriu, olhando para o colo. Acho que tenho medo de incomodar, ele prosseguiu. É que eu não gosto de ter a impressão de que a pessoa está fazendo algo só por achar que eu quero que ela faça, ou por se sentir obrigada. Talvez eu não esteja me explicando direito. Não é que eu nunca queira nada de ninguém. É óbvio que tem coisas que eu quero, e muito. Ele se calou, balançou a cabeça negativamente. Ai, não estou me expressando bem, ele disse. Os olhos dela percorrem seu rosto. Mas, Simon, ela explicou, você não me deixa chegar perto de você. Entende o que eu estou falando? E, sempre que eu consigo, você me afasta. Ele pigarreou, olhando para as mãos. A gente pode falar disso outra hora, ele interrompeu. Eu sei que você está chateada por causa da Alice, a gente não precisa discutir isso tudo agora. Com um leve vinco entre as sobrancelhas, ela franziu o cenho. Mas você está me afastando de novo, ela retrucou. Ele deu um sorriso pesaroso. Eu tinha acabado de me acostumar com a ideia de que nada mais aconteceria entre nós

dois, ele afirmou. Não que tenha sido fácil. Mas era mais fácil do que ficar imaginando, de certo modo. Ele massageava a palma da mão, no ponto abaixo da junta do polegar. Se fiz alguma coisa para você, na verdade foi para mim, porque eu queria estar perto de você, ele prosseguiu. E, para ser sincero, queria sentir que você precisava de mim, que não sobreviveria sem mim, entende? Acho que não estou sendo claro. Assim, você fez muito mais por mim, na verdade, do que jamais fiz por você. E eu precisava mais de você. Eu preciso mais de você, muito mais, do que você precisa de mim. Ele expirou. Ela o analisava em silêncio. Ele continuou, sem pensar, quase como se conversasse consigo mesmo: Mas talvez eu esteja falando só as coisas erradas. Eu acho muito difícil conversar assim. De novo ele soltou o ar, quase um suspiro, e levou a mão à testa. Ela se manteve observando, só escutando, sem responder. Por fim, ele ergueu os olhos para ela e disse: Eu sei que você tem medo. E talvez você tenha falado sério quando disse todas aquelas coisas sobre a nossa amizade, sobre querer que sejamos apenas amigos, e, se for esse o caso, vou aceitar. Mas tenho a sensação de que você pode ter falado essas coisas, pelo menos em certa medida, porque queria que eu defendesse o oposto. Como se eu fosse pedir, por favor, Eileen, não faça isso comigo, sou apaixonado por você este tempo todo, não sei viver sem você. Ou sei lá o que gostaria que eu te dissesse. Não que não seja verdade, é claro que é verdade. E pode ser que, enquanto você fica brava com a Alice, dizendo que ela não liga pra você — sei lá, pode ser que a ideia seja a mesma. De alguma forma, você queria que ela dissesse, ah, mas Eileen, eu te amo tanto, você é a minha melhor amiga. Mas o problema é que você parece se sentir atraída por gente que não é boa em te dar essas respostas. Qualquer um poderia ter te falado agora há pouco — tanto o Felix como eu, sem dúvida já sabíamos — que a Alice jamais reagiria desse jeito. E talvez seja igual comigo, de certo modo. Se você disser que não quer estar comigo, pode ser que eu fique magoado e

me sinta humilhado, mas não vou implorar, suplicar. No fundo, acho que sabe que eu não vou. Mas aí você fica com a impressão de que eu não te amo, ou de que não te quero, porque você não arrancou de mim essa resposta... essa resposta que você basicamente sabe que não vai conseguir porque não sou do tipo que pode te dar ela. Sei lá. Não estou arranjando desculpas pra mim ou pra Alice. Sei que você acha que eu sempre defendo ela, e imagino que, ao fazer isso, eu esteja na verdade me defendendo, para ser sincero. Porque eu me enxergo nela, e sinto pena dela. Eu vejo ela te afastando apesar de não querer fazer isso, o que magoa ela. E eu sei como é. Escuta, se você quer que sejamos só amigos, eu entendo, de verdade. Não sou uma pessoa fácil de lidar, eu sei. Mas, se você acha que existe alguma chance de eu te fazer feliz, gostaria que você me deixasse tentar. Porque essa é a única coisa que eu realmente quero na minha vida. Ela passou os braços em torno do pescoço dele, virando-se, ambos ainda sentados na cama, apertou o rosto contra o pescoço dele e sussurrou algo que só ele pôde ouvir.

Quando Alice chegou ao primeiro degrau da escada, alguns minutos depois, Eileen estava saindo do quarto. À meia-luz da luminária do corredor, elas se viram e ficaram imóveis, Eileen no alto da escada, olhando para baixo e Alice, para cima, as duas com semblante apreensivo, desconfiado, ressentido, uma o espelho turvo da outra, pálidas e suspensas no tempo, enquanto os segundos passavam. Então foram uma ao encontro da outra, reunindo-se no meio da escada, e se abraçaram, agarrando-se com força, os braços fechados em volta do corpo da outra, e então Alice disse: Me desculpa, me desculpa, e Eileen declarou: Não se desculpe, eu é que peço desculpas, não sei por que brigamos. Ambas começaram a rir, uma risada esquisita em meio a soluços, e, enxugando o rosto com as mãos, diziam: Eu nem sei por que a gente brigou. Me desculpa. Elas se sentaram na escada, exaustas, Alice um degrau abaixo de Eileen, as costas contra a parede.

Lembra que na faculdade a gente brigou e você me escreveu uma carta malvada, comentou Eileen. Numa folha de fichário. Não me lembro do que dizia, mas sei que não foi legal. Alice soltou uma risada soluçada de novo, mais fraca. Você era a minha única amiga, ela afirmou. Você tinha outros amigos, mas eu só tinha você. Eileen pegou a mão dela, entrelaçando seus dedos aos dela. Ficaram sentadas na escada por um período, caladas, ou falando à toa de coisas que haviam acontecido muito tempo atrás, discussões bobas que tiveram, pessoas que conheciam, situações das quais riam juntas. Conversas antigas, já repetidas inúmeras vezes. Depois se aquietavam de novo. Eu só quero que as coisas voltem a ser como antes, Eileen explicou. E que a gente volte a ser jovem e a morar perto, e que nada seja diferente. Alice deu um sorriso triste. Mas, se forem diferentes, podemos continuar amigas?, ela perguntou. Eileen passou o braço nos ombros de Alice. Se você não fosse minha amiga, não sei quem eu seria, ela declarou. Alice pousou o rosto no braço de Eileen, fechando os olhos. Sim, ela concordou. Também não sei quem eu seria. E na verdade teve uma época em que eu não sabia. Eileen contemplou a cabecinha loira de Alice, aninhada na manga de seu robe. Eu também não, ela admitiu. Duas e meia da madrugada. Lá fora, o crepúsculo astronômico. A lua crescente próxima à água escura. A maré voltava com uma marola cíclica sobre a areia. Outro lugar, outra época.

Olá! Anexei um rascunho do ensaio com alguns comentários. O texto está muito agradável, mas o que acha de mudar de lugar as duas partes do meio? Assim, a parte biográfica viria depois. Dá uma olhada e veja o que você acha. O jp te contatou para passar as observações dele? Desconfio de que ele seja muito mais útil do que eu!

Eu perdi tanto o senso de tempo linear que estava deitada na cama, ontem à noite, pensando: já deve ter quase um ano que a Eileen e o Simon vieram aqui pela primeira vez. E apenas bem aos poucos — à medida que me conscientizava de que estava deitada embaixo do nosso edredom imenso e quentinho em vez de um lençol leve de verão — foi que me dei conta de que já é praticamente dezembro, dezoito meses desde a primeira visita no verão passado. Dezoito meses!! Vai ser assim pelo resto da nossa vida? O tempo se dissolvendo em uma densa bruma escura, situações da semana passada que parecem ter acontecido anos atrás, e situações do ano passado que parecem ter acontecido ontem. Tomara que seja um efeito colateral do lockdown e não mera consequência de estar envelhecendo. Falando nisso: feliz aniversário atrasado. Eu enviei um presente pelo correio a tempo, mas não faço ideia de quando e se ele vai chegar...

Nenhuma novidade da nossa parte. Felix está tão bem quanto se pode esperar. Continua a sofrer surtos periódicos de desespero pela pandemia e a insinuar sombriamente que, se o confinamento se estender mais, não vai

poder responder pelos próprios atos. Mas em geral ele se anima de novo depois. Enquanto isso, ele vem fazendo as compras de supermercado para vários velhinhos do vilarejo, o que lhe dá muitas oportunidades de reclamar deles, e também passa bastante tempo no jardim comunitário, fazendo compostagem, se queixando de fazer compostagem, e assim por diante. Da minha parte, a diferença entre o lockdown e a vida normal é (de modo deprimente?) mínima. De oitenta a noventa por cento dos meus dias são como seriam de qualquer forma — trabalhando de casa, lendo, evitando reuniões sociais. Mas constato que mesmo o mínimo de vida social é bem diferente de nenhum — quer dizer, um jantar a cada duas semanas é categoricamente diferente de nenhum jantar. E é claro que continuo com uma saudade ardorosa de você e do seu namorado. Vê-lo no noticiário naquela noite foi muito emocionante, aliás. O Felix tem a convicção de que a cachorra o reconheceu, porque ela latiu para a tela, mas, cá entre nós, ela late para a televisão o tempo todo.

Não sei se você tem acompanhado, mas um mês atrás, mais ou menos, eu estava dando uma entrevista por e-mail, e o jornalista me perguntou o que meu companheiro achava dos meus livros. Sem pensar, respondi que ele nunca os lera. Então, é claro que isso virou a manchete da entrevista — “Alice Kelleher diz: meu namorado nunca leu os meus livros” — e depois o Felix viu um tuíte que viralizou que dizia algo como “que tragédia... ela merece coisa melhor”. Uma noite, ele me mostrou o tuíte na tela do celular sem dizer nada, e, quando perguntei o que achava daquilo, ele encolheu os ombros. A princípio, pensei: um perfeito exemplo da nossa “cultura livresca” arrogante e rasa, em que não leitores são considerados moralmente inferiores, e, quanto mais livros lemos, mais nos tornamos melhores do que os outros. Mas então ponderei: não, o que temos aqui, na verdade, é uma amostra de alguém supostamente normal e são cujo raciocínio foi perturbado pelo

conceito de celebridade. O exemplo de uma pessoa que acredita genuinamente que, por ter visto minha foto e lido os meus romances, me conhece pessoalmente — e de fato sabe melhor do que eu o que é bom para a minha vida. E é normal! Normal que ela não apenas tenha esses pensamentos bizarros, mas que os expresse em público, e, como resultado, receba reações positivas e atenção. Ela não faz ideia de que é, nesse âmbito restrito, literalmente insana, porque todos que a rodeiam também são insanos exatamente da mesma maneira. Eles não percebem a diferença entre alguém de quem ouviram falar e alguém que conheçam pessoalmente. E acreditam que os sentimentos que têm por essa pessoa que imaginam que eu seja — de intimidade, rancor, ódio, pena — sejam tão reais quanto os que têm por seus amigos. Isso me leva a refletir se a cultura da celebridade não se espalhou por metástase para preencher o vazio deixado pela religião. Como um tumor maligno onde antes havia o sagrado.

Uma novidade, que não é novidade, é que a saga da minha saúde debilitada continua como antes. Ora uma coisa, ora outra, agora sinto dor quase todo dia. Quando estou de bom humor, digo a mim mesma que é só uma consequência do estresse acumulado e da exaustão dos últimos anos, e que a situação vai se resolver sozinha com o tempo e com paciência. E, nos dias ruins, penso: é isso aí, essa é a minha vida. Tenho lido bastante sobre “estresse” na literatura médica. Todo mundo parece concordar que ele faz tão mal para a saúde quanto fumar e, ao passar de certa medida, praticamente garante um efeito adverso enorme sobre o corpo. E, no entanto, o único tratamento recomendado para o estresse é não vivenciá-lo, para começo de conversa. Não é igual a ansiedade ou depressão, em que se pode ir ao médico, tratar e, dando sorte, obter certo grau de redução dos sintomas. É como tomar drogas ilegais — você não deve fazer isso e, se fizer, deve tentar reduzir. Não existe remédio para tratar o problema, e nenhum regime terapêutico

amparado por evidências verdadeiras. É só não se estressar! É muito importante, senão você pode ficar muito doente!! Bom, do ponto de vista etiológico, sinto que estou trancafiada em um ambiente cheio de fumaça com milhares de pessoas me gritando coisas incompreensíveis dia e noite há alguns anos. E não sei quando isso vai acabar, nem quanto tempo levarei para me sentir melhor depois, nem se um dia isso acontecerá. Por um lado, sei que o corpo humano pode ser incrivelmente resistente. Por outro, meus antepassados camponeses robustos pouco fizeram para me preparar para uma carreira como uma célebre romancista amplamente desprezada. O que você acha? Retorno gradual a um estado de saúde física entre mediana e moderada? Ou aceitação gradual da saúde cronicamente debilitada, talvez ensejando novas oportunidades de desenvolvimento espiritual?

Por falar nisso: quando o Felix viu que eu estava te escrevendo, disse, você deveria contar pra ela que agora é católica. Isso porque há pouco tempo ele me perguntou se eu acreditava em Deus, e eu respondi que não sabia. Ele passou o dia balançando a cabeça, fazendo que não, e depois falou que, se eu entrasse para um convento, não deveria esperar nenhuma visita dele. Nem preciso dizer que não vou fazer isso e que nem sequer sou católica, pelo menos até onde eu sei. Só sinto, com ou sem razão, que existe alguma coisa debaixo de tudo. Quando uma pessoa mata ou fere outra, existe “alguma coisa” — não existe? Não apenas átomos voando em diversas configurações pelo espaço vazio. Não sei como me explicar, na verdade. Mas tenho a impressão de que isso de fato importa — não ferir os outros, nem mesmo para defender os próprios interesses. Claro que o Felix concorda com essa impressão até certo ponto, e ele ressalta (com bastante sensatez) que ninguém sai por aí cometendo assassinatos em massa só por não acreditar em Deus. Mas, cada vez mais, acho que é porque, de uma forma ou de outra, as pessoas acreditam em Deus, sim — acreditam no Deus que é o princípio bem

arraigado da bondade e do amor subjacente a tudo. A bondade independente da recompensa, independente de nossos próprios desejos, independente de alguém estar olhando ou alguém descobrir. Se isso é Deus, então o Felix diz que tudo bem, é apenas uma palavra, não significa nada. E é claro que não significa céu e anjos e a ressurreição de Cristo — mas talvez essas coisas possam ajudar, em certa medida, a nos colocar em contato com o verdadeiro significado. O ponto é que, ao longo da história da humanidade, a maioria das nossas tentativas de descrever a diferença entre certo e errado foi medíocre e cruel e injusta, mas a diferença permanece — indo além de nós mesmos, além de cada cultura específica, além de cada indivíduo vivo ou morto. E que passamos nossa vida tentando entender essa distinção e viver de acordo com ela, tentando amar os outros em vez de odiá-los, e não há mais nada que importe no mundo.

O livro estava indo bem antes, mas agora chegou a uma espécie de gotejamento intermitente. Naturalmente, meu temperamento otimista me impediu de perceber qualquer agouro nessa reviravolta. Haha! Mas, sério, dessa vez estou tentando não entrar naquele buraco negro de novo — não me afligir com a possibilidade de que meu cérebro tenha parado de funcionar e de que eu nunca mais consiga escrever outro romance. Um dia ele vai melhorar, e então não ficarei contente por ter passado tanto tempo me angustiando de antemão. Sei que tenho sorte em muitos sentidos. E, quando me esqueço disso, me agarro ao fato de que o Felix está vivo, e que você está, e que o Simon está, e então me sinto maravilhosa e quase assustadoramente sortuda, e rezo para que nada de mal aconteça a nenhum de vocês. Agora me responda e me diga como você está.

Alice, muito obrigada pelas observações e pelo presente de aniversário, que chegou a tempo e foi tipicamente generoso! — e desculpa pela breve demora. Sei que você vai me perdoar, porque estou escrevendo para contar novidades importantes e sigilosas. Sigilosas por enquanto, mas, como logo perceberá, não por muito tempo. A novidade é esta: estou grávida. Soube com certeza uns dias atrás ao desembalar um teste do plástico usando uma tesoura de cozinha e urinar nele no banheiro antes de o Simon chegar de uma audiência da comissão a que precisou comparecer presencialmente. Quando o teste deu positivo, me sentei à mesa da cozinha e caí no choro. Não sei direito por quê. Não posso dizer que fiquei em choque, já que o meu médico pediu que eu parasse com a pílula meses atrás, e minha menstruação estava três semanas atrasada. Não vou te entediar ou te constranger com mais detalhes de como engravidei — tenho certeza de que, a esta altura da nossa amizade, é impossível que você se surpreenda com algum comportamento irresponsável da minha parte, mas basta dizer que até o Simon é meramente humano. Bom, não fazia ideia do horário que ele ia chegar da audiência — dali a uma, duas horas, ou talvez bem tarde e eu ficasse sozinha no apartamento a noite inteira — e, no exato momento em que pensava nisso, ouvi as chaves na porta. Ele entrou e me viu sentada à mesa, sem fazer nada, e eu pedi que ele se sentasse ali comigo. Ele ficou parado me olhando pelo que pareceu ser bastante tempo, e depois, em silêncio, veio e se sentou. Mesmo antes de dizer alguma

coisa, eu soube que ele sabia. contei que estava grávida, e ele me perguntou o que eu queria fazer. Por mais estranho que possa parecer, não tinha considerado isso até ele me perguntar. Mas só alguns minutos haviam se passado na verdade, e a única coisa em que pensara durante aquele tempo foi onde ele estava — se ainda estaria no trabalho ou já estaria voltando, se tinha parado na farmácia ou no supermercado — e quanto tempo levaria para chegar em casa. Quando ele me perguntou, achei fácil responder, não precisava pensar na questão. Respondi que queria ter o bebê. Ele chorou e disse que estava muito feliz. E eu acreditei nele, porque também estava muito feliz.

Alice, será que essa é a pior ideia que já tive na vida? De algum modo, pode ser que sim. Se tudo der certo com a gravidez, o bebê provavelmente vai nascer no começo de julho do ano que vem, quando talvez ainda estejamos em lockdown, e, portanto, teria que dar à luz sozinha em uma sala de hospital durante uma pandemia global. Mesmo deixando de lado essa preocupação mais imediata, nem eu nem você temos convicção de que a civilização humana que conhecemos vai perdurar além da nossa existência. Centenas de milhares de bebês vão nascer no mesmo dia que o meu bebê hipotético. O futuro deles é, sem dúvida, tão importante quanto o futuro do meu bebê hipotético, que só se distingue pela relação que tem comigo e também com o homem que eu amo. Acho que estou querendo dizer que os filhos virão de qualquer jeito, e, no contexto geral das coisas, não importa muito se um deles é meu. Em todo caso, precisamos tentar construir um mundo em que eles possam viver. E sinto, de maneira estranha, que quero estar do lado das crianças, e do lado das mães delas; estar com elas não só como observadora, admirando-as de longe, especulando sobre o que é melhor para elas, mas sendo uma delas. Não estou dizendo, aliás, que considero isso importante para todos. Só acho que é importante para mim e não sei explicar

o motivo. Além do mais, não consigo digerir a ideia de fazer um aborto só porque tenho medo da mudança climática. Para mim (e talvez seja só para mim) seria uma coisa meio mórbida, insana de fazer, uma forma de mutilar minha vida real como um gesto de submissão a um futuro imaginário. Não quero fazer parte de um movimento político que me leva a encarar meu próprio corpo com desconfiança e horror. Independentemente das nossas ideias e temores quanto ao futuro da civilização, mulheres do mundo inteiro vão continuar tendo filhos, e estou junto delas, e qualquer filho que eu tenha estará junto dos filhos delas. Sei, de um modo racionalmente tênue, que minha fala não faz nenhum sentido. Mas sinto isso, sinto mesmo, e sei que é a verdade.

A outra questão, que para você talvez pareça ainda mais urgente — eu gostaria de saber sua opinião! por favor, me responda logo! —, é se sou uma pessoa apta a criar um filho, para começo de conversa. Por um lado, tenho saúde, tenho um companheiro que me apoia e que me ama, temos segurança financeira, tenho ótimos amigos e parentes, estou na faixa dos trinta anos. As circunstâncias provavelmente não ficarão melhores do que essas. Por outro lado, o Simon e eu só estamos juntos há dezoito meses (!), moramos num apartamento de um quarto, não temos carro e eu sou uma grande idiota que recentemente caiu no choro por não saber responder a nenhuma das perguntas básicas do programa University Challenge. Você acha esse comportamento adequado para servir de modelo para uma criança? E quando passo o dia mudando vírgulas de lugar, e depois preparo a janta, e depois lavo a louça, e depois dessa série simples de tarefas me sinto tão exausta que seria capaz de afundar chão adentro e me fundir com a terra — essa é a mentalidade de alguém pronta para ter um bebê? Conversei com o Simon sobre isso, e ele disse que sentir cansaço depois do jantar deve ser normal na faixa dos trinta e não é motivo de preocupação, e que “toda mulher” tem acessos de choro, e,

embora eu saiba que não é verdade, acho suas crenças paternalistas a respeito das mulheres encantadoras. Às vezes acho que ele é tão perfeito para ser pai, tão tranquilo e confiável, e bem-humorado, que, por pior que eu seja, a criança vai se sair bem. E ele ama tanto a ideia de termos um filho juntos — já dá para ver como ele está feliz e orgulhoso, e empolgado — e é tão inebriante deixá-lo feliz assim. Acho difícil de acreditar em alguma coisa ruim a meu respeito quando penso no quanto ele me ama. Tento me lembrar de que os homens podem ser tolos em relação às mulheres. Mas talvez ele tenha razão — talvez eu não seja tão ruim assim, talvez eu seja até uma boa pessoa, e nós tenhamos uma família feliz juntos. Algumas pessoas têm, não é? Famílias felizes, digo. Eu sei que você não teve, e eu não tive. Mas, Alice, ainda fico tão contente de termos nascido. Quanto ao apartamento, o Simon diz para eu não esquentar a cabeça, porque podemos simplesmente comprar uma casa em uma região mais barata. E, claro, ele sugeriu outra vez que a gente pense em casamento, se eu quiser...

Você consegue me imaginar mãe, mulher casada, dona de uma casinha com terraço em algum canto de Liberties? Com lápis de cor no papel de parede e peças de Lego espalhadas no chão. Estou rindo só de digitar isso — você tem que admitir que não é a minha cara. No entanto, ano passado, não conseguia nem me imaginar como namorada do Simon. Não falo apenas que era difícil imaginar o que as nossas famílias diriam, ou o que os nossos amigos achariam. Digo que eu não conseguia acreditar que seríamos felizes juntos. Eu pensava que seria igual a tudo na minha vida — difícil e triste — porque eu era uma pessoa difícil e triste. Mas não sou mais assim, se é que fui um dia. E a vida é mais instável do que eu achava que fosse. Isto é, ela pode ser horrível por muito tempo e depois ser feliz. Não é oito ou oitenta — não está acoplada a uma rachadura chamada “personalidade” e seguirá junto dela até o fim. Mas eu realmente acreditava que fosse assim. Agora, todas as

noites, quando terminamos o trabalho, o Simon liga no jornal, enquanto eu preparo o jantar, ou eu ligo no jornal, enquanto ele prepara o jantar, e conversamos sobre as últimas orientações sanitárias públicas, e sobre o que todo mundo está dizendo no gabinete, e sobre o que o Simon ouviu todo mundo dizer no gabinete, e depois comemos e lavamos a louça, e depois deitamos no sofá e eu leio um capítulo de *David Copperfield* para ele, e depois ficamos uma hora passando pelos trailers de vários streamings até que um de nós, ou os dois, cai no sono e vamos para a cama. E de manhã acordo sentindo uma alegria que quase dói. Viver com alguém que eu realmente amo e respeito, que realmente me ama e me respeita — que diferença isso fez na minha vida. Claro que está tudo terrível no momento e sinto uma saudade veemente de você, e sinto saudade da minha família, e sinto saudade das festas e dos lançamentos de livros e de ir ao cinema, mas isso significa apenas que amo a minha vida e que estou animada para retomá-la, animada para sentir que ela vai continuar, que coisas novas continuarão a acontecer, que nada acabou ainda.

Gostaria de saber o que você acha de tudo isso que contei. Ainda não faço ideia de como vai ser — como vou me sentir, ou como os dias vão transcorrer, se ainda vou querer escrever ou se vou conseguir, o que vai ser da minha vida. Suponho que ter um filho seja simplesmente a coisa mais normal que me imagino fazendo. E quero isso — provar que a coisa mais normal nos seres humanos não é a violência ou a ganância, mas o amor e o cuidado. Provar a quem, eu não sei. A mim mesma, talvez. Em todo caso: ninguém mais sabe, e só vamos contar a outras pessoas daqui a algumas semanas, as exceções são você e o Felix. Pode falar para ele se quiser, é claro, senão o Simon conta pelo telefone. Sei que essa não foi a vida que você imaginou para mim, Alice — comprar uma casa e ter filhos com o garoto com quem fui criada. Tampouco é a vida que eu imaginava para mim mesma.

Mas é a vida que eu tenho, a única. E, ao te escrever esta mensagem, estou muito feliz. Com todo o meu amor.

Agradecimentos

O título deste livro é uma tradução literal de um verso do poema “Die Götter Griechenlandes” (“Os deuses da Grécia”), de Friedrich Schiller, publicado pela primeira vez em 1788. No original em alemão, o verso diz: “Schöne Welt, wo bist du?”. Franz Schubert musicou um trecho do poema em 1819. *Beautiful World, Where Are You?* também foi o título da Bienal de Liverpool em 2018, que visitei durante o Liverpool Literary Festival, em outubro daquele ano.

Gostaria de agradecer o apoio que recebi enquanto trabalhava neste livro. Acima de tudo, quero agradecer ao meu marido, que torna possível que eu viva e trabalhe como vivo e trabalho. John, apenas tento exprimir na minha escrita uma pequena fração do amor e da felicidade que você trouxe à minha vida. E às minhas amigas Aoife Comey e Kate Oliver: sou grata todos os dias pela amizade de vocês, e jamais conseguirei lhes agradecer o bastante.

Devo muito a John Patrick McHugh, cujo excelente feedback me levou a tomar um novo rumo, muito necessário, para este livro. E sou igualmente grata à minha editora Mitzi Angel, que desde o início me ajudou a perceber o que havia de bom no romance e como ele poderia ser melhor. Também agradeço a Alex Bowler pelas observações minuciosas e muito perspicazes. Obrigada também, pessoal e profissionalmente, a Thomas Morris e à minha agente e amiga querida Tracy Bohan. Pelas conversas que me ajudaram a trazer à tona os problemas do livro e, em certos casos, pela ajuda com

questões factuais e práticas, gostaria de agradecer a — bem como àqueles mencionados anteriormente — Sheila, Emily, Zadie, Sunniva, William, Katie e Marie.

Passei uma temporada esplêndida trabalhando neste romance em Santa Maddalena, na Toscana. E gostaria de agradecer a Beatrice Monti della Corte von Rezzori e à Santa Maddalena Foundation pela generosidade de me convidar a participar da residência que mantêm lá. E a Rasika, Sean, Nico, Kate, Fredrik — como eu conseguiria agradecer por aquelas semanas divinas?

Também gostaria de agradecer o apoio do Cullman Center da Biblioteca Pública de Nova York, da qual fui pesquisadora de 2019 a 2020. Meus agradecimentos se devem não apenas à equipe maravilhosa da instituição, mas também a meus “companheiros pesquisadores”, em especial a Ken Chen, Justin E. H. Smith e Josephine Quinn. O artigo que Josephine escreveu em 2016 sobre o colapso da Idade do Bronze (“Your own ships did this!”, *London Review of Books*) fundamenta claramente o pensamento de Eileen no capítulo 16 deste romance (embora, é claro, quaisquer erros sejam da Eileen e meus).

Por fim, a todos que trabalharam na publicação, na distribuição e nas vendas deste livro, meus calorosos agradecimentos.



KALPESH LATHIGRA

SALLY ROONEY nasceu na Irlanda, em 1991. Membro do corpo de debate da Trinity College em Dublin, com o qual foi campeã universitária, ela se formou em letras pela mesma faculdade, além de fazer mestrado em literatura americana. Seus textos já foram publicados em diversas revistas literárias. Autora de *Conversas entre amigos* (Alfaguara, 2017) e *Pessoas normais* (Companhia das Letras, 2019), participou da produção da série *Normal People*, baseada em seu segundo romance.

Copyright © 2021 by Sally Rooney

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Beautiful World, Where Are You

Epígrafe: Trecho de “O meu ofício” de *As pequenas virtudes*. Trad. de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, pp. 81-2.

Capítulo 2: Versos de Rainer Maria Rilke, “Dia de outono”, em *Poemas*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 81.

Capítulo 18: Trecho de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido: à sombra das raparigas em flor*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2006, pp. 180-1.

Capítulo 23: Citação de Cântico dos Cânticos 2,14.

Capítulo 27: Verso de T.S. Eliot, “A terra devastada”, em *Poemas*. Org., trad. e posf. de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 131.

Capa

gray318

Ilustrações de capa

Manshen Lo/ Heart

Preparação

Gabriele Fernandes

Revisão

Camila Saraiva e Adriana Bairrada

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-327-9

Todos os direitos desta edição reservados à editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

"O fenômeno literário da década." — *The Guardian*

PESSOAS NORMAIS



SALLY ROONEY


COMPANHIA DAS LETRAS

Pessoas normais

Rooney, Sally

9788554514686

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história única e envolvente sobre dois jovens que devem enfrentar a eletricidade do primeiro amor em meio às sutilezas das classes sociais e dos problemas familiares. Sally Rooney é a voz da geração *millennial*.

Na escola, no interior da Irlanda, Connell e Marianne fingem não se conhecer. Ele é a estrela do time de futebol, ela é solitária e preza por sua privacidade. Mas a mãe de Connell trabalha como empregada na casa dos pais de Marianne, e quando o garoto vai buscar a mãe depois do expediente, uma conexão estranha e indelével cresce entre os dois adolescentes — contudo, um deles está determinado a esconder a relação.

Um ano depois, ambos estão na universidade, em Dublin. Marianne encontrou seu lugar em um novo mundo enquanto Connell fica à margem, tímido e inseguro. Ao longo dos anos da graduação, os dois permanecem próximos, como linhas que se encontram e separam conforme as oportunidades da vida. Porém, enquanto Marianne se embrenha em um espiral de autodestruição e Connell começa a duvidar do sentido de suas escolhas, eles precisam entender até que ponto estão dispostos a ir para salvar um ao outro. Uma história de amor entre duas pessoas que tentam ficar separadas, mas descobrem que isso pode ser mais difícil do que tinham imaginado.

"O fenômeno literário da década." — *The Guardian*

[Compre agora e leia](#)

José Saramago

Ensaio sobre a Cegueira

PRÊMIO NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Ensaio sobre a cegueira

Saramago, José

9788543801216

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma terrível "treva branca" vai deixando cegos, um a um, os habitantes de uma cidade. Com essa fantasia aterradora, Saramago nos obriga fechar os olhos e ver. Recuperar a lucidez, resgatar o afeto: essas são as tarefas do escritor e de cada leitor, diante da pressão dos tempos e do que se perdeu.

Um motorista parado no sinal se descobre subitamente cego. É o primeiro caso de uma "treva branca" que logo se espalha incontrolavelmente. Resguardados em quarentena, os cegos se perceberão reduzidos à essência humana, numa verdadeira viagem às trevas.

O *Ensaio sobre a cegueira* é a fantasia de um autor que nos faz lembrar "a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam". José Saramago nos dá, aqui, uma imagem aterradora e comovente de tempos sombrios, à beira de um novo milênio, impondo-se à companhia dos maiores visionários modernos, como Franz Kafka e Elias Canetti. Cada leitor viverá uma experiência imaginativa única. Num ponto onde se cruzam literatura e sabedoria, José Saramago nos obriga a parar, fechar os olhos e ver. Recuperar a lucidez, resgatar o afeto: essas são as tarefas do escritor e de cada leitor, diante da pressão dos tempos e do que se perdeu: "uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos".

"Sim, o *Ensaio sobre a cegueira* é um livro para se ler neste momento de reclusão e confinamento do coronavírus. Mas não para pensar sobre como uma doença que se espalha sem controle pode mudar nossa vida, mas como nossa vida talvez estivesse completamente equivocada antes que essa doença chegasse." — Renato Rovai, *Revista Fórum*

A caligrafia da capa é de autoria do músico e escritor Chico Buarque.

[Compre agora e leia](#)

SONHOS • MITOS • MÚSICA



RENEGADOS

BORN IN THE USA



BARACK
OBAMA

BRUCE
SPRINGSTEEN

Renegados

Obama, Barack

9786557823262

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma conversa íntima e necessária entre dois amigos, sobre vida, música e o amor pelos Estados Unidos, com todos os seus desafios e as suas contradições. Edição ampliada do podcast *Renegades*, produzido pela Higher Ground, com mais de 350 fotografias e amplo material inédito.

Renegados: Born in the USA é um diálogo íntimo, franco e descontraído entre o presidente Barack Obama e o lendário músico Bruce Springsteen, que abrange desde suas origens e pontos principais da carreira até reflexões sobre a polarização nos Estados Unidos e a distância cada vez maior entre o sonho americano e a realidade. Repleto de fotografias coloridas e materiais raros do acervo pessoal dos autores, o livro é um retrato de dois outsiders — um negro e um branco — em uma busca nada convencional de significado, identidade e comunidade em meio à história americana. Inclui:

- Introduções do presidente Obama e de Bruce Springsteen
- Discursos anotados inéditos de Obama, incluindo suas "Observações no 50º aniversário das marchas de Selma a Montgomery"
- Letras manuscritas de Springsteen que abrangem seus cinquenta anos de carreira
- Fotografias raras e exclusivas dos arquivos pessoais dos autores
- Conversas e histórias não incluídas no podcast
- Fotografias e documentos históricos que fornecem contexto para as conversas

Em um estúdio de gravação abastecido com dezenas de guitarras e durante pelo menos um passeio de Corvette, Obama e Springsteen discutem

casamento e paternidade, raça e masculinidade, os fascínios da vida na estrada e o chamado de volta para casa. Eles ainda discutem sobre suas músicas de protesto preferidas, alguns dos heróis americanos mais inspiradores de todos os tempos, e muito mais. Nesse processo, eles revelam a paixão — e o preço — de querer contar uma história mais abrangente e verdadeira sobre os Estados Unidos ao longo da carreira, além de refletir sobre como o país pode superar suas divisões internas e começar a restabelecer a unidade e a liderança global.

[Compre agora e leia](#)



O AMANHÃ
NÃO ESTÁ
À VENDA



AILTON
KRENAK

COMPANHIA DAS LETRAS

O amanhã não está à venda

Krenak, Ailton

9788554517328

12 páginas

[Compre agora e leia](#)

As reflexões de um de nossos maiores pensadores indígenas sobre a pandemia que parou o mundo.

Há vários séculos que os povos indígenas do Brasil enfrentam bravamente ameaças que podem levá-los à aniquilação total e, diante de condições extremamente adversas, reinventam seu cotidiano e suas comunidades. Quando a pandemia da Covid-19 obriga o mundo a reconsiderar seu estilo de vida, o pensamento de Ailton Krenak emerge com lucidez e pertinência ainda mais impactantes.

Em páginas de impressionante força e beleza, Krenak questiona a ideia de "volta à normalidade", uma "normalidade" em que a humanidade quer se divorciar da natureza, devastar o planeta e cavar um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedades. Depois da terrível experiência pela qual o mundo está passando, será preciso trabalhar para que haja mudanças profundas e significativas no modo como vivemos.

"Tem muita gente que suspendeu projetos e atividades. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Quem está apenas adiando compromisso, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado [...]. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã."

[Compre agora e leia](#)

**alejandro
zambra**



poeta chileno

Poeta Chileno

Zambra, Alejandro

9786557823378

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

Declaração de amor à poesia e aos poetas e retorno de Alejandro Zambra ao romance, *Poeta chileno* é uma história encantadora sobre família, literatura e paternidade.

O protagonista deste romance magnético, Gonzalo, é um aspirante a poeta e padraсто de Vicente, um menino viciado em comida de gatos, que mais tarde vai se recusar a ir à faculdade porque seu sonho é seguir os passos do pai postigo e se tornar também poeta (apesar dos conselhos de sua mãe orgulhosamente solitária, Carla, e de seu pai, León, um tipo duvidoso que se dedica a colecionar carros em miniatura).

O poderoso mito da poesia chilena — "somos bicampeões na Copa do Mundo de poesia", diz um personagem, referindo-se aos Nobel conquistados por Gabriela Mistral e Pablo Neruda — é revisitado e questionado por Pru, uma jornalista estrangeira que se torna testemunha acidental deste áspero e intenso mundo de heróis e impostores literários.

Poeta chileno, que confirma o nome de Zambra como um dos principais narradores do continente, é um romance apaixonante sobre poesia, sobre poetas que desprezam o romance, sobre a América Latina, sobre os labirintos da masculinidade contemporânea (as recalcitrantes, as novas, as que estão em transição), sobre os trágicos vaivéns do amor, sobre famílias modernas e fragmentadas, sobre o desejo de pertencimento e, sobretudo, sobre o sentido de ler e escrever no mundo atual.

"Fazia tempo que não ria e me emocionava tanto com um livro." — Rodrigo Fresán

"O autor de *Bonsai* e de outras ficções breves surpreendeu seus leitores com este romance sábio e comovente de mais de quatrocentas páginas sobre uma família não tradicional e os mecanismos da poesia." — Jorge Carrión

"*Poeta chileno* é um livro encantador e raro, escrito com uma simplicidade e liberdade desconcertantes." — Ignacio Echevarría

"O romance mais extenso de Zambra, o mais chileno e universal, aquele que mais fala de literatura sem ser literário, longe de qualquer grandiloquência."
— Alejandra Costamagna

[Compre agora e leia](#)